

F Ó R U M

L I N G U Í S T I C O

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DA UFSC

FLORIANÓPOLIS - VOLUME 16 - NÚMERO 1 - JAN./MAR. 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Ubaldo Cesar Balthazar

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Arnaldo Debatin Neto
VICE-DIRETORA | Silvana de Gaspari

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Sandra Quarezemin
SUB-CHEFE | Mauri Furlan

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

COORDENADOR | Atilio Butturi Junior
VICE-COORDENADORA | Cristine Gorski Severo

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/index> Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 16, n. 1 (2019)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2019 –Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
<http://www.periodicos.ufsc.br>
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-84121. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION

CAPES - Portal de Periódicos - <http://www.periodicos.capes.gov.br>DRJI - Directory of Research Journal Indexing - <http://www.drji.org>Diadorim - <http://diadorim.ibict.br>Dialnet - <https://dialnet.unirioja.es>DOAJ - <https://doaj.org>EBSCO - <http://www.ebsco.com>Genamics JournalSeek - <http://journalseek.net>Latindex - <http://www.latindex.org>Sumários.org - <http://www.sumarios.org>Redib: <https://www.redib.org>

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

VOLUME 16 | NÚMERO 1 | JAN./ MAR. 2019

PESQUISAS EM LINGUÍSTICA FORMAL

ORGANIZAÇÃO: NÚBIA FERREIRA RECH & SIMONE GUESSER

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 16 | n.1 | p. 3462- 3611 | jan./ mar.2019

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Edair Maria Görski . UFSC, Florianópolis, BR | Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR | Leandra Cristina de Oliveira . UFSC, Florianópolis, BR | Maria Inez Probst Lucena . UFSC, Florianópolis, BR | Núbia Ferreira Rech . UFSC, Florianópolis, BR | Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR | Rosângela Pedralli . UFSC, Florianópolis, BR | Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Amanda Machado Chraim . UFSC, Florianópolis, BR | Anderson Jair Goulart. UFSC, Erechim, BR | Camila de Almeida Lara. UFSC, Florianópolis, BR | Cláudia Garibotti Bechler. UFSC, Florianópolis, BR | Domingos Soares. UFSC, Florianópolis, BR | Gabriel Neves Flaquer. UFSC, Florianópolis, BR | Lygia Barbachan Schmitz. UFSC, Florianópolis, BR | Suziane da Silva Mossmann- UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

dail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva** . UFPR, Curitiba, BR | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till** . UFPR, Curitiba, BR | Ana Demeurt . University of Cape Town, África do Sul | **Angela Bustos Kleiman** . UNICAMP, Campinas, BR | Ani Carla Marchesan . UFFS, Chapecó, BR | **Benedito Gomes Bezerra** . UFP, Recife, BR | Benjamin Meisnitzer, Johannes Gutenberg Universität Mainz, GER | **Bento Carlos Dias da Silva** . UNESP, Araraquara, BR | Charles Briggs . UC Berkeley, EUA | **Christina Abreu Gomes** . UFRJ, Rio de Janeiro, BR | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha** . UFPE, Recife, BR | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato** . UNICAMP, Campinas, BR | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza** . UFSM, Santa Maria, BR | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauen** . UNISUL, Tubarão, BR | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho** . UFPI, Terezina, BR | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser**, Universität Konstanz, GER | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura** . UFSC, Florianópolis, BR | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **Jerry Lee**, University of California at Irvine, EUA | João Carlos Cattelan . UNIOESTE, Cascavel, BR | **João Wanderley Geraldi** . UNICAMP, Campinas, BR | José Luís da Câmara Leme . Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, PT | **Leonor Scliar Cabral** . UFSC, Florianópolis, BR | Letícia Fraga . UEPG, Ponta Grossa, BR | **Lilian Cristine Hübner** . PUCRS, Porto Alegre, BR | Lucília Maria Sousa Romão . USP, Ribeirão Preto, BR | **Luiz Francisco Dias** . UFMG, Belo Horizonte, BR | Lurdes Castro Moutinho . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | **Marci Fileti Martins** . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR | Marco Jacquemet . University of San Francisco, EUA | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka** – PUCSP, São Paulo, BR | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio**, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, PT | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão** . UFJF, Juiz de Fora, BR | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira** – UFF, Niterói, BR | **Marília Ana de Moura Aguiar** . UNICAP, Recife, BR | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti** . UFSC, Florianópolis, BR | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz** . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX | Nívea Rohling da Silva . UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel** . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX | Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni**, Universidade Estadual da Pennsylvania, EUA | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff** . UPF, Passo Fundo, BR | **Tommaso Milani**, University of Gothenburg, Suécia | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão** . UFG, Goiânia, BR | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE

Yue Minjun, *'Memory-2' (2000), oil on canvas*
Yue Minjun – China – www.yueminjun.com.cn

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN

Pedro P. V. – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / *Presentación* / Presentation

3471

SIMONE GUESSER E NÚBIA FERREIRA RECH

ENTREVISTA / ENTREVISTA / INTERVIEW

-
- CARTOGRAPHY: vP PERIPHERY, LANGUAGE ACQUISITION AND BEYOND -** 3474
INTERVIEW WITH ADRIANA BELLETTI | *Cartografia: periferia de vP, aquisição de*
linguagem e além –entrevista com Adriana Belletti | *Cartografía: periferia de vP, adquisición y*
más allá - entrevista con Adriana Belletti

SIMONE GUESSER E NÚBIA FERREIRA RECH

ARTIGO / ARTÍCULO / ARTICLE

-
- OBJETOS NULOS/PRONOMES PLENOS E TOPICALIDADE NO PORTUGUÊS** 3482
BRASILEIRO | *Objetos nulos / pronombres plenos y topicalidad en el portugués brasileño*
 | Null objects/full pronouns and topicality in Brazilian Portuguese

SONIA MARIA LAZZARINI CYRINO

-
- PP RELATIVE CLAUSES AND INTERVENTION EFFECTS: COMPARING** 3499
UNERGATIVE AND WEATHER VERS | *Relativas PP e efeitos de intervenção:*
comparando verbos inergativos e meteorológicos | *Relativas PP y efectos de*
intervención: comparación de verbos inergativos y meteorológicos

MARINA R. A. AUGUSTO, ELAINE GROLLA E ERICA DOS SANTOS RODRIGUES

A PERDA DO EFEITO V2 NA HISTÓRIA DO ESPANHOL EUROPEU <i>La pérdida del efecto V2 en la historia del español europeo</i> The loss of V2 effect in the history of European Spanish	3513
---	------

CARLOS FELIPE PINTO

SOBRE AS INTERROGATIVAS CLIVADAS (BÁSICAS) QU E POLARES <i>Sobre las interrogativas hendidas (básicas) qu y polares</i> On wh and polar (basic) interrogative clefts	3530
---	------

RERISSON CAVALCANTE DE ARAÚJO

SOBRE O ESTATUTO E A ESTRUTURA SINTÁTICA DAS CONDICIONAIS FACTUAIS DE SE DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE <i>Sobre el estatuto y la estructura sintáctica de lo factual condicional se del portugués de Mozambique</i> On the syntactic status and structure of the factual if-conditionals of the mozambican portuguese	3545
---	------

VÍCTOR MÉRCIA JUSTINO

ADVÉRBIOS E O MOVIMENTO DO VERBO <i>Adverbios y el movimiento del verbo</i> Adverbs and verb movement	3563
--	------

AQUILES TESCARI NETO

THE EFFECT OF VERBAL AGREEMENT MARKING ON THE USE OF NULL AND OVERT SUBJECTS – A QUANTITATIVE STUDY OF FIRST PERSON SINGULAR IN BRAZILIAN PORTUGUESE | *O efeito da marcação de concordância verbal no uso de sujeitos nulos e pronominais – um estudo quantitativo da primeira pessoa singular no português brasileiro* | El efecto de las marcas verbales de acuerdo en el uso de sujetos nulos y pronominales: un estudio cuantitativo de la primera persona singular en portugués brasileño

3579

EDUARDO CORREA SOARES, PHILIP MILLER E BARBARA HEMFORTH

A REALIZAÇÃO DE SUJEITOS E OBJETOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS URUGUAIO | *La realización de sujetos y objetos pronominales en portugués uruguayo* | The realization of pronominal subjects and objects in Uruguayan Portuguese

3611

LEONOR SIMIONI

ENTREVISTA | *ENTREVISTA* | INTERVIEW



CARTOGRAPHY: vP PERIPHERY, LANGUAGE ACQUISITION AND BEYOND

INTERVIEW WITH ADRIANA BELLETTI *

* **About the interviewee:** Adriana Belletti is professor of Linguistics at the University of Geneva and at the University of Siena. She has been a student and then a researcher at the Scuola Normale Superiore, Pisa, a visiting scholar and research affiliate at the Department of Linguistics of MIT. She has taught in various linguistics departments and research institutes – e.g. UCLA-USA; UFSC-Florianopolis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brazil; Brisbane, Australia; University of Paris-7; DEC-Ecole Normale Supérieure, Paris – and in various international summer institutes – e.g. LSA/USA; GLOW/Girona, Barcelona, Spain; Ealing, ENS-Paris. She has been in several national and international PhD committees. In 1987 she was awarded the Prix Latsis of the University of Geneva. She has participated in a number of research projects – both at the national and international level – and is currently the Principal Investigator of the project Theory, experimentation, applications: long distance dependencies in forms of linguistic diversity, funded by the Italian Ministry for Higher Education. She is a member of the ERC-SynCart project at the University of Geneva. She has been a member of the International Consortium for Linguistics Cambridge - Connecticut - Hyderabad - Nanzan - Siena - Tsing Hua; of the European Action COST/A33, Cross-linguistically robust stages

Simone Guesser (S.G.) and Núbia Ferreira Rech (N.F.R.): What is the importance of Cartographic Syntax for the future of Generative Linguistics?

Adriana Belletti (A.B.): With the Principles & Parameters approach within the so-called GB framework in the eighties and early nineties, the field of formal generative linguistics has experienced a real empirical explosion, so to speak, with innumerable discoveries of similarities and differences manifested by very diverse languages and language families (from Romance to Germanic to East-Asian, Amerindian, Austronesian, Bantu, Ugro-Finnic...). My feeling is that something similar can happen again through the studies in syntactic cartography: the offering of fine-grained analytical tools by the cartographic approach, which design precise and rich maps of different areas of the clause, all built through the simple recursive Merge operation, as made explicit in the minimalist program. Thus, the available maps of the left periphery of the clause (from Rizzi's 1997 seminal paper on, probably the area of the clause analyzed in most details), of the internal morphosyntactic functional spine of the clause (inspired mostly by Cinque's 1999 highly innovative analysis of adverbial classes), of the clause internal discourse related area at the periphery of the verb phrase (see below) – all these available maps open several new questions as to the status and the behavior of different languages with respect to given positions in the maps. We can already see this empirical explosion in the amount of work that is being developed in the frame of syntactic cartography in different language families (RIZZI; CINQUE, 2016; BOCCI; RIZZI, 2017 for overviews).

The new discoveries enrich the empirical domain of the available database in different areas of syntax, morphology, morphosyntax (also with the contribution of work in nano-syntax (STARKE; 2010; PAVEL, 2009...)) and in domains at the interface of syntax with discourse-pragmatics and prosody (BIANCHI; BOCCI; CRUSCHINA, 2016). Through their empirical discoveries, studies in cartographic syntax have generated new research questions that challenge theoretical assumptions and call for constant refinements, in particular due to the innovative work on the interfaces. It is a good feeling to see that not everything has already been discovered and that a lot is still in need of suitable explanations. Syntactic cartography also inspires work and new research trends in language acquisition, suggesting new perspectives (see also below) and a constant dialog between (i) the aim to reach large empirical coverage - thus integrating in the database also acquisition data - and (ii) the search for theoretically sensible and constrained explanations (the latter is indeed the central issue of a large research project run in Europe over the last five years, funded by the European

of Children's Linguistic Performance; of the European Action COST/IS 0804, Language Impairment in a Multilingual Society: Linguistic Patterns and the Road to Assessment. Her fields of research are: theoretical comparative syntax; comparative studies in L1, L2/ bilingual language acquisition and forms of language pathology. E-mail: adriana.belletti@unisi.it. Site : <https://www.unige.ch/lettres/linguistique/collaborateurs/profs/belletti>.

About the interviewers:

Simone Guesser holds a Master's degree in Linguistics from the University of Siena (2007). She has a postgraduate degree in Linguistics (University of Siena - 2007) and PhD in Computer Science, Mathematical Logic and Cognitive Sciences (University of Siena - 2011). Her research interests include grammatical theory - focusing on the syntax of Brazilian Portuguese and other Romance languages -, language acquisition and the relationship between grammatical theory and teaching. She is a professor of undergraduate and master's degree programs at the Federal University of Roraima, tutor of PET-Letras / UFRR, coordinator of LEGAL / PPGL-UFRR (Laboratory of Studies on Grammar and Language Acquisition) and coordinator of the ANPOLL Grammar Theory Working Group (biennium 2018-2020). Email: simoneguesser@yahoo.com.br

Núbia Ferreira Rech holds a Master's degree in Theory and Linguistic Analysis from the Federal University of Rio Grande do Sul (2005) and a PhD in Theory and Linguistic Analysis from the Federal University of Santa Catarina (2009). She developed a postdoctoral research in the same area at the Federal University of Paraná (2017). She is a professor of the Postgraduate Program in Linguistics and the Vernacular Language and Literature Department of the Federal University of Santa Catarina. She participates in the research group "Theory of Grammar and Brazilian Portuguese". She coordinates the project "A study about the syntax and semantics of modals: Brazilian Portuguese and Wapichana financially supported by CNPq (Grant number 424025/2016-7)". She works in the area of Linguistics, with emphasis on Theory and Linguistic Analysis. The scope of her researches includes functional heads as well as topics related to grammar teaching. She is co-coordinator of the Grammar Theory Working Group of ANPOLL (biennium 2018-2020). E-mail: nubiarech@uol.com.br

Research Council, 'From Maps to Principles: Syntactic Cartography and Locality in Adult Grammar and Language Acquisition', directed by Luigi Rizzi).

S.G. and N.F.R. Among your contributions to linguistic studies is the identification of the vP periphery, based on data from post-verbal subjects interpreted as new information focus in Italian. In your opinion, after 14 years of publication of the article *Aspects of the Low IP Area*, what are the main advances that have occurred in studies about the vP periphery?

A.B. It seems that the low part of the clause is indeed implicated in various discourse related processes across languages. Somehow, the identification of its presence and position is less straightforward than in the case of the left periphery of the clause as explicit morphemes are rarely available in this area (recent work on some Arabic dialects may turn out to be relevant in this respect). Nevertheless, a variety of phenomena have found an interesting and principled account by assuming the presence of this discourse-related area of the clause containing positions of focus and topic across languages as diverse as, among others, Malayalam (JAYASEELAN, 2001), Chinese (Tsai, 2015), Italian (also in different constructions such as most notably cleft structures and doubling type phenomena, Belletti 2009, 2015), Brazilian Portuguese (in clefts, GUESSER, 2007, and also in the related *wh-in situ* phenomenology (Kato 2003)), Old Italian (POLETTI, 2006), Sicilian and other dialects (CRUSCHINA, 2012, and ongoing work on the analysis of the *wh-in situ* phenomenon in some Italian dialects exploiting the low vP periphery, as in BONAN, 2018, for example). I think that there is still much to be discovered in this area, also in the perspective of disentangling the aspects that it shares with the clause external one and those that it does not. Principled reasons are most likely to be involved in both possibilities (such as elements that require sentential scope should characteristically only concern the left peripheral area and not low clause internal positions). Among the new questions to ask, one can list the following: does the low area of the clause also contain positions where types of adverbial modifiers can be found, much as it happens in the left periphery? That is, are there also Mod-like positions in this area? Should we expect the same types of elements in these positions? How are the nature and the information content of the focus positions – the clause internal and the clause external one – parametrized across languages? To what extent does the interpretation associated with the focus positions in the clause correlate with a dedicated prosody? To what extent does the prosodic interpretation correlate with presence/absence of a dedicated marker of the relevant interpretation? These are among the numerous questions in the research agenda, some of which are guiding ongoing work, and there are others to come. These new lines of research will, in turn, undoubtedly raise new questions. I consider the fact that new questions have been and are being raised as a positive feature of the proposal and a sign that it continues to be a lively one.

S.G. and N.F.R. What is your opinion towards the introduction of experimental studies in research in theoretical linguistics?

A.B. When I teach an introductory class, one of the first things I tell my students is that (formal, generative) linguists typically make use of 'grammaticality judgments' to arrive at their descriptions of properties of the language(s) they work on; from such descriptions, they may start the attempt to look for explicit theoretical explanations. Since without a good and precise description we can hardly even attempt to start looking for explanatory accounts, the stage of getting grammaticality judgments is a rather crucial one. The ultimate goal of the research in theoretical generative linguistics is to provide an appropriate characterization of our language capacity as human beings (CHOMSKY, 2016 for recent non-technical (re)discussion) in its various manifestations on different levels (syntactic, semantic, phonological, morphological, at the discourse level...); grammaticality judgments are privileged lenses through which an otherwise hardly accessible cognitive capacity can become more accessible.

Given this general background, in order to achieve reliable conclusions, the (formal, generative) linguist must be very careful in asking the speakers the right questions. The questions must not be collected at random but always in a controlled way. In order to make relevant properties of the speaker's internal grammar come out, one should always first have a precise research question in mind, (i.e. a theoretical guiding hypothesis to test), and then one should be extremely careful in formulating the grammaticality question(s) in such a way that the judgments be preferably comparative (i.e. giving pairs of sentences, not sentences in isolation). In this way, the sentences put to test should minimally differ from each other. Ideally, the only variable property should be the one under testing. This, to me, looks a lot like the experimental approach, as we have learned from the scientific method, whose origin

dates back to Galileo. Indeed, I always also tell my students that the task of obtaining grammaticality judgments from speakers is in fact like performing an experiment: no need of a lab with this type of experiment, but clear hypotheses to put to test and controlled experimental material, as in any experiment. Research in generative grammar is thus experimental in nature from its origin, from Chomsky's Syntactic Structures up to now. To quote one example, the so-called 'new comparative syntax' (HAEGEMAN, 1997) - through the micro-comparisons that it makes possible - is also a classical implementation of the experimental approach (Kayne's seminal work is a leading example in this respect, KAYNE, 2000, 2005 and much related work).

From all perspectives, the more controlled, the material to test is, the better. Thus, I could not be more positive and welcoming about the use of explicit experimental methods and the studies they generate in theoretical linguistics. To the extent that these studies ask precise and explicit research questions, as in the proper application of the scientific method, and are precise as to the controlled variables they are putting into test as well as in the analysis of their results, to be performed also through use of precise statistical quantitative measures, to me, this is all more than welcome. It is in fact an enrichment of the classical experimental method, which is at the core of theoretical linguistics as I have tried to characterize above. Within the tradition of generative grammar, linguistics is an empirical science, so the methods of empirical sciences naturally suit it.

S.G. and N.F.R. Do you believe that in the future there may be some kind of integration between different theoretical perspectives of current Linguistics?

A.B. If the shared aim is that of providing a characterization which is close enough to our language capacity as human beings, integrations are always possible and welcome. However, this aim has to be clear at the outset. If one has different aims (e.g. ultimately taxonomic ones, possibly extremely performing ones as in some statistical methods using big data), integrations may be hard. Nevertheless, it would be extremely interesting and potentially rich of consequences if some statistical factors were spelled out properly in the aim of factoring out and disentangling the respective role of the speaker's internal grammar and external conditions. As for the so-called usage-based approaches, integrations seem hard, as it seems to me that they cannot face the most striking property of our human language capacity, which is our linguistic creativity. The probably most amazing manifestation of it is provided by the innumerable examples of the grammatical creativity that young children manifest in the course of acquisition. As is in the experience of anybody working on language acquisition, children often manifest a linguistic behavior that differs from that found in the target language, ultimately from the input that they have most likely been exposed to. Looking at other languages, however, we typically find that children's non-target expressions are in fact possible there. This, to me, is always such an astounding discovery. It is as if children had a search space of grammatical possibilities – the parameters of the P&P approach – and during the course of acquisition they try out some of the available options, most likely under some pressure (possibly grammatical, computational, due to immature memory resources, etc...). The integration of experimental methods, in particular those coming from the psycholinguistic tradition that make use of both online and offline techniques, is already a fact, and a most welcome one, as it is also clear from the answer to the preceding question. Therefore, I think that dealing with grammatical creativity – in general and with children's grammatical creativity in particular – is a crucial challenge. Grammatical creativity should be and it certainly is at the core of the theoretical linguistic research in the tradition I have assumed over the years; it may not be equally central in other current approaches. To me, though, this is what makes theoretical linguistic worthwhile, and a lot so.

If the question had a narrower perspective, and referred to more local integrations, such as aspects of minimalism and aspects of syntactic cartography, my impression is that there is no need of talking about integrations in these cases, as these are just partly different ways to address the same fundamental questions. It is just a matter of different emphasis. On the one hand, there is more emphasis on the heuristic ability to enrich the empirical basis of the general endeavor in aspects of syntactic cartography. On the other hand, there is more emphasis on the reduction of language-specific general assumptions and on their formal simplicity in aspects of minimalism. Both are crucial issues that can perfectly integrate each other and should do so.

S.G. and N.F.R. In what aspects does Brazilian Portuguese present or might present evidence, for the studies that you have developed or have been developing?

A.B. Brazilian Portuguese has been extremely inspiring for my work in theoretical syntax. My work of clefts and ‘answering strategies’ has been nourished by evidence from Brazilian Portuguese and by Simone Guesser’s work in both her MA and her Doctoral dissertation at the University of Siena. Mary Kato has made an original use in her insightful work of some previous proposals of mine about the cartography of the low area of the clause containing dedicated discourse related positions, among which a focus type position (see question 2). According to Kato’s approach, this low area of the clause, sometimes referred to as a vP-periphery, may be exploited to host wh-words in the so-called wh-*in situ* construction, including the way wh-*in situ* is instantiated in Brazilian Portuguese. This idea has been very inspiring for me as it has made visible a far-reaching potential consequence of the approach that I myself had not foreseen, but which fits very well with its general spirit as well as, more specifically, with the analysis of clefts mentioned above, also exploiting the same low area of the clause. Carlos Miotto’s work on the parallelism between the clause external Left periphery as proposed in Rizzi’s (1997) and the clause internal vP-periphery has also contributed to clarify the respective roles of the two areas of the clause, much as Sandra Quarezemini’s work did on the focalization strategies active in Brazilian Portuguese. Maria Cristina Figueiredo Silva’s work on the syntax of subjects in Brazilian Portuguese has been an important source of inspiration for me in refining my understanding of the syntax of postverbal subjects – a central empirical domain of investigation in my work over many years –, its relation with the full vs partial null-subject nature of a language (e.g. Italian vs Brazilian Portuguese) and the special status of unaccusative verbs, in a comparative perspective. As this non-exhaustive list clearly indicates, Brazilian Portuguese and the work by Brazilian Portuguese generative linguists has been quite central and insightful for me, often bringing crucial evidence in support of general ideas and in inspiring important refinements and further developments, and it continues to do so (also in the domain of language acquisition).

S.G. and N.F.R. In your perspective, how can cartographic and L1 and L2 acquisition studies contribute to teaching process in basic education?

A.B. This is a complex question as it affects different plans and dimensions: L1 and L2 acquisition, language teaching, and teaching in a broader sense. Maybe, the latter is what is mainly meant with reference to ‘basic education’ in the last part of the question. Let me try to articulate my answer taking into consideration the different plans.

L1 acquisition studies (including multilingual acquisition where more than one L1 is simultaneously acquired) are the best source of evidence of the fundamental observation that acquiring a native language(s) is not like learning different kinds of abilities or academic subjects. Rather, it is a natural developmental process, to which any child is biologically predisposed. Widespread pre-concepts about language acquisition as mainly an imitation process, based on analogy and frequency factors, are misleading simplifications that overlook the fundamental property of natural languages, namely the fact that they manifest the operation of the Faculty of Language (FL), a core human cognitive capacity. This is the fundamental insight of Chomsky’s cognitive revolution, still a central insight. In this perspective, as I mentioned in one of the previous answers, acquisition studies in the generative tradition systematically show that children are “grammatically creative” in their L1/(multilingual) acquisition: they often end up making use of grammatical constructions that are overall absent or that are infrequent in their target language(s). Interestingly, however, these constructions turn out to be possible in other languages, thus defining a space of possible grammatical options, which is at the core of the parametric approach to language variation.

From a more general perspective, also considering the teaching activity, results from acquisition studies in both L1 and L2 offer the opportunity to teach the practice of the scientific method: any scientific research is grounded on precise research questions, formulated within the frame of explicit theoretical assumptions. Such assumptions make predictions that can be put to test through the conception of well-controlled experimental designs, a point that I have already touched upon in some of my previous answers. Much work on acquisition framed within the guidelines of generative grammar have precisely those properties. Therefore, not only can one inform students about empirical findings on the acquisition of different languages in a comparative perspective, but also

one ends up teaching the fundamental scientific method, which is the only guarantee of serious scientific research, reliable results and progresses. This, to me, is a potentially major contribution.

Cartographic studies offer rich and fine-grained descriptive tools that, on the one hand, allow for subtle cross-linguistic comparisons, and, on the other, invite the formulation of precise descriptive research questions (e.g.: does language x make use of the same cartographically defined positions as language y? to what extent is the left periphery active at age x in language y and, comparatively, in language w? ...). In addition to enhancing our knowledge and understanding of different linguistic systems, cartographic studies also looks to me as a potentially effective starting point for teaching in L2 (L3 etc.) contexts, through well-controlled minimal comparisons. Moreover, the minimal comparisons made possible by crosslinguistic acquisition studies offer special angles through which one can perform the comparative descriptive work, most notably by introducing the time of acquisition dimension (children vs adults, child L2 vs adult L2, multilingual simultaneous acquisition...). The time of acquisition dimension may turn out to be quite relevant in revealing special areas of complexity in linguistic computations and may, in like manner, be able to magnify similarities and differences of linguistic systems. More and more work is currently being produced in L1/L2 acquisition, which is theoretically well-informed and asks precise research questions similarly inspired by the refined descriptive tools and results offered by cartographic studies.

S.G. and N.F.R. What, in your perspective, are the essential ingredients of a work in applied linguistics?

A.B. I would first single out the experimental approach in the way described in the answer to question two and reconsidered in the preceding answer, which crucially requires a precise theoretical and descriptive awareness. In my view, any applied activity requires an in-depth knowledge of the object we want to deal with, more specifically in our case language, human languages, sometimes referred to as natural languages. Applied purposes may be very diverse, they can go from (both L1 and L2) language teaching, to the creation of rehabilitation techniques in forms of language disabilities, to the creation of some application making use of a natural language for computers or smartphones. Let me answer with a metaphor: if you have a physical problem with your heart, you go to see a doctor, preferably a cardiologist. You do so because you know that the cardiologist knows a lot about hearts. If she/he is a good cardiologist, she/he knows about the state of the art in the domain, what is known about the heart and possibly, she/he also carries out some research in the domain her/him-self. The cardiologist will make some proposal (diagnosis, treatment), applying her/his knowledge to your case. Similarly, I think, if you want to implement some forms of application concerning or using a natural language, you should consult a linguist or be yourself a linguist, someone who studies natural languages as the manifestation of a human cognitive capacity. And especially so when your application wants to touch at some deep aspect of the human linguistic capacity, as in the case of teaching, rehabilitating, creatively using a natural language (not just repeating chunks) with a machine.

S.G. and N.F.R. In Brazil, when we speak with expert linguists we use to ask what kind of advice they would give to those who are starting their research trajectory in the area of Linguistics. What kind of advice would you give them?

A.B. I would certainly encourage and channel their interest and the curiosity that their choice reveals into gaining knowledge and understanding of such a central feature of our human nature. Then, I would tell them that, through the study of formal linguistics, both theoretical and experimental, they can access serious research and learn the scientific method, and that these are important acquisitions, no matter what they will like to do next. They may like to pursue graduate studies in theoretical linguistics, but they may also like to do some more applied type of work. In both cases, a good basic knowledge in formal linguistics will be an important enrichment, as they will know something about the complexity of the human language capacity, a capacity that is often just taken for granted and not even noticed. Applied type of work may require their contribution and support as informed linguists in domains such as language teaching and language rehabilitation. Moreover, this type of work can more generally involve activities in which communication in natural language is crucial, as is more and more the case in digital communication, including the development of applications using natural languages. If they want to pursue their studies doing more theoretically oriented work on language(s) I would mostly welcome the idea. On the one side, there is still a lot of empirical discoveries to make cross-linguistically and, on the

other side, there will always be some need of fundamental research in view of potential applications, since, as mentioned earlier, any potentially applied type of work requires as a prerequisite: competence in good fundamental research.

S.G. and N.F.R. Grazie mille! Muito obrigada!

REFERENCES

BELLETTI, A. The focus map of clefts: extraposition and predication'. In: SHLONSKY, U. (ed.). *Beyond functional sequence, the cartography of syntactic structures*, v. 10.. New York: Oxford University Press, 2015. p.42-59.

_____. *Structures and strategies*, New York, Routledge, Leading Linguists Series, 2009.

BIANCHI, V.; BOCCI, G.; CRUSCHINA, S. Focus fronting, unexpectedness, and evaluative implicatures. *Semantics and Pragmatics*, v. 9, n.3, 2016.

BONAN, C. On insituness and (very) low Wh-Positions. The case of Trevigiano. In: SAMO, G.; MARTINI, K.; BOCCI, G. (ed.). *Proceedings of the 1st SynCart Meeting. GG@G, Generative Grammar in Geneva*. Université de Genève, 2018.

CAHA, P. The nanosyntax of case. 2009. PhD (Dissertation) – University of Tromsø, Faculty of Humanities, Social Sciences and Education Center for Advanced Study in Theoretical Linguistics (CASTL), 2009.

CHOMSKY, N. *What kind of creatures are we?* Columbia University Press: New York, 2016.

CRUSCHINA, S. *Discourse-related features and functional projections*. New York/Oxford, Oxford University Press, 2012.

GUESSER, S. *Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in portoghese brasiliano*. 2007. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Cisl, Università di Siena, Siena, Itália., 2007.

HAEGEMAN, L. N-Words, indefinites and the neg criterion. In: FORGET, D.; HIRSCHBÜHLER, P.; MARTINEAU, F.; RIVERO M. L. (ed.). *Negation and polarity. Syntax and semantics*. Benjamins, Amsterdam, 1997. p. 115-137.

JAYASEELAN, K. A. IP-internal Topic and Focus Phrases, *Studia Linguistica*, v. 55, p.39-75, 2001.

KATO, M. A. WH-movement in the history of BrazilianPortuguese. STiL, *Studies in Linguistics*, v. 5, p. 59-77, 2013.

KAYNE, R. On the left edge in ug: a reply to McCloskey. *Syntax*, v.3, p. 44-51, 2000.

_____. (ed.). *Movement and silence*. Oxford University Press, 2005.

POLETTTO, C. Parallel phases: A study on the high and low left periphery of Old Italian. *Phases of Interpretation*, p. 261-295, 2006.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar*, Kluwer: Dordrecht, 1997.

RIZZI, L.; BOCCI, G. The left periphery of the clause – primarily illustrated for Italian. *In*: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C (ed.). *Blackwell companion to syntax*, II edition. Wiley-Blackwell, New Jersey, 2017.

RIZZI, L.; CINQUE, G. Functional categories and syntactic theory. *Annual Review of Linguistics*. v.2, 139-163, 2016.

STARKE, M. Nanosyntax – a short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v.36, n.1, p.1-6., 2009. Available at: <http://ling.auf.net/lingbuzz/001230>.

TSAI, D. (ed.). *The cartography of chinese syntax, The cartography of syntactic structures*, Volume 11, Oxford: Oxford University Press, 2015.



Received in February 15, 2019. Approved in February 20, 2019.

OBJETOS NULOS/PRONOMES PLENOS E TOPICALIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

OBJETOS NULOS / PRONOMBRES PLENOS Y TOPICALIDAD EN EL PORTUGUÉS BRASILEÑO

NULL OBJECTS/FULL PRONOUNS AND TOPICALITY IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Sonia Maria Lazzarini Cyrino*

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Sabe-se que o português brasileiro (PB) permite objetos nulos cujos antecedentes são inanimados. Porém, há certas sentenças que parecem desafiar essa generalização. Essas sentenças também permitem pronomes plenos na posição do objeto. Neste trabalho, defendo que a lacuna nessas sentenças não é o objeto nulo característico do PB, ou seja, não há aí uma elipse de DP. A questão, portanto, é como diferenciá-las (i) daquelas contendo o verdadeiro objeto nulo; e (ii) daquelas que só permitem o pronome pleno. Para discutir essas questões, o trabalho tem como base o arcabouço teórico gerativista e parte de recentes propostas para diferentes tipos de tópico, dentro de uma visão cartográfica (FRASCARELLI; HINTERHÖLZ, 2007). Comparando os objetos nulos do PB com o hebraico (ERTESCHIK-SHIR *et al.*, 2013), assumo que diferentes tipos de tópico devem ser distinguidos em termos de seu papel no discurso. O PB, no entanto, não se assemelha ao hebraico em relação ao fenômeno de queda do tópico. Essa discussão embasa a proposta aqui apresentada acerca da distribuição do objeto nulo e pronome pleno no PB. Os objetos nulos animados vs. não-animados do PB são permitidos de acordo com o tipo de tópico presente na periferia à esquerda. O trabalho pretende contribuir para a discussão sobre a alternância objeto nulo/pronome pleno no PB.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto nulo. Pronome pleno. Português brasileiro.

RESUMEN: Se sabe que el portugués brasileño (PB) permite objetos nulos cuyos antecedentes son inanimados. Sin embargo, hay ciertas oraciones que parecen desafiar esta generalización. Estas oraciones también permiten pronombres completos en la posición del objeto. En este trabajo, sostengo que la brecha en estas oraciones no es el objeto nulo característico de PB, es decir, no hay elipsis de DP. La pregunta, entonces, es cómo diferenciarlos (i) de aquellos que contienen el verdadero objeto nulo; y (ii) de aquellos que solo admiten el pronombre abierto. Para discutir esos temas, este trabajo tiene como base el marco teórico generativista y parte de

* Livre-Docte, Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Este trabalho recebeu o apoio da Bolsa de Produtividade em Pesquisa –CNPq, nível 1B (Processo n. 304574/2017-1). E-mail: cyrino@unicamp.br.

propuestas recientes para diferentes tipos de tópicos, dentro de una visión cartográfica (FRASCARELLI; HINTERHÖLZ, 2007). Comparando los objetos nulos del PB con el hebreo (ERTESCHIK-SHIR *et al.* 2013), asumo que los diferentes tipos de tópicos deben distinguirse en términos de su papel en el discurso. El PB, sin embargo, no se asemeja al hebreo con relación al fenómeno de caída del tópico. Esta discusión está en la base de la propuesta que se presenta acerca de la distribución del objeto nulo y pronombre pleno en el PB. Los objetos nulos animados *versus* no animados del PB se permiten de acuerdo con el tipo de tópico presente en la periferia a la izquierda. Este trabajo tiene la intención de contribuir con la discusión sobre la alternancia objeto nulo / pronombre abierto en PB.

PALABRAS-CLAVE: Objetos nulos. Pronombres plenos. Portugués brasileño.

ABSTRACT: It is a well-known fact that Brazilian Portuguese (BP) allows null objects whose antecedents are inanimate. However, there are certain sentences that seem to defy this generalization. These sentences also allow full pronouns in the position of the object. In the present work, I argue that the gap in these sentences is not the typical null object of BP, that is, there is no DP ellipsis. The question, then, is how to differentiate them (i) from those containing the true null object; and (ii) from those that only allow the full pronoun. To discuss these issues, the present paper follows the generativist framework and builds on recent proposals for different types or topics from a cartographic perspective (FRASCARELLI; HINTERHÖLZ 2007). By comparing BP null objects to Hebrew null objects (ERTESCHIK-SHIR *et al.* 2013), I assume that different types of topics must be distinguished in terms of their role in discourse. BP, however, is not similar to Hebrew with respect to the Topic Drop phenomenon. This discussion grounds the proposal on the distribution of the null object and full pronoun in BP advanced in this work. The paper intends to contribute to the discussion about the null object / full pronoun alternation in BP.

KEYWORDS: Null objects. Full pronouns. Brazilian Portuguese.

1 INTRODUCTION

As it is well known, Brazilian Portuguese (henceforth, BP) allows anaphoric null and overt direct objects, the latter being realized as full pronouns. Full pronouns may have animate or inanimate antecedents, but they are specific (CYRINO, to appear). Null objects, however, have [-animate] antecedents, as has been shown in the literature (DUARTE, 1986; CYRINO, 1994, 1997; among others), see the example in (1):

- (1) a. A Maria rasgou o casaco quando experimentou $\sqrt{\emptyset} / \sqrt{\text{ele}}$.
 the Maria tore the coat when tried it
 ‘Maria tore the coat when she tried it on.’
- b. A Maria beijou o namorado quando encontrou $^*\emptyset / \sqrt{\text{ele}}$.
 the Maria kissed the boyfriend when met him
 ‘Maria kissed her boyfriend when she met him.’

Although the animacy specification of the object is relevant for the realization of the null object in BP as seen in (1), some sentences seem to challenge the generalization stated above, that is, that null objects must have a [-animate] antecedent, as in the following dialog:

- (2) A: Hoje eu levei a Maria no médico.
 today I took the Maria in-the doctor
 ‘Today I took Maria to the doctor.’
- B: A Maria, (ela) sempre reclama quando eu levo $\emptyset$ no médico.
 the Maria she always complains when I take in-the doctor
 ‘Maria always complains when I take her to the doctor.’

The sentence in (2B) is also possible with a full pronoun in object position:

- (3) A Maria, (ela) sempre reclama quando eu levo **ela** no médico.
 the Maria she always complains when I take her in-the doctor
 'Maria always complains when I take her to the doctor.'

However, notice that, differently from (1) above, the antecedent of the object in (3) is in sentence-initial position.

In this paper, I defend that the sentence in (2B) does not have the null object that is peculiar to BP. I show that it is a case of Topicalization. To that end I follow Cyrino's (1994, 1997) work on the null object in BP as a case of DP ellipsis, and I show that there is no DP ellipsis in sentences like (2B); the gap is the result of movement of the topic to a left-periphery position.

The paper is organized as follows: I first briefly introduce the theory of null objects according to Cyrino (1994, 1997), and I present the typology of topics as proposed in recent literature (FRASCARELLI; HINTERHÖLZ, 2007). After that, I present the discussion about null objects in Hebrew as an instance of topic drop by going over the arguments presented in Erteschik-Shir *et al.* (2013). I then show that BP is not like Hebrew with respect to topic drop. Additionally, I show that different topics in BP are sensitive to animacy. Finally, I present my analysis of sentences similar to the one in (3), and I conclude the paper.

2 BP NULL OBJECTS AND ANIMACY

As seen in the introduction, null objects in BP seem to be sensitive to the animacy features of the antecedent. Considering the sentences below, it is possible to ascribe the grammaticality contrasts to the fact that null objects in BP do not allow [+animate] antecedents:

- (4) a. Ivo levou o livro para casa depois que a diretora tinha lido Ø.
 Ivo took the book to house after that the director had read
 'Ivo took the book home after the director had read it.'
- b. Ivo levou o livro para casa depois que a diretora tinha lido **ele**.
 Ivo took the book to house after that the director had read it
 'Ivo took the book home after the director had read it.'
- (4) a.*Ivo levou o aluno para casa depois que a diretora tinha expulsado Ø.
 Ivo took the student to house after that the director had expelled
- b. Ivo levou o aluno para casa depois que a diretora tinha expulsado **ele**.
 Ivo took the student to house after that the director had expelled him
 'Ivo took the student home after the director had expelled him.'

Null objects in BP have certain properties. Cyrino (2016, 2017) show that null objects are possible in several languages, but these elements do not have the specific and peculiar properties of the BP null object. According to the author, these main properties are (CYRINO, 2017): (a) null objects in BP can appear in islands for movement, as opposed to European Portuguese (RAPOSO, 1986) or Chinese (HUANG, 1984) ones; (b) the antecedent of the null object cannot be the matrix subject, as opposed to what has been shown in Turkish (ÖZTÜRK, 2008); (c) null objects in BP allow strict and sloppy readings, a property which is connected to ellipsis (FIENGO & MAY, 1984; among others).

Cyrino (1994, 1997) propose that null objects in BP are, in fact, a phenomenon that can be related to ellipsis. The author shows that, because of their properties, the best analysis for null objects in BP is to understand them as DP ellipsis (see also CYRINO; LOPES,

2016). It is important to notice that ellipses are phenomena in which an unpronounced sequence of categories is possible only if they are licensed (that is, c-commanded) by a functional projection (LOBECK, 1995). Cyrino (2016, to appear) refines her previous proposal and analyzes null objects in BP as direct objects that can be elided if they are DPs c-commanded by the verb (V) that moves up to a functional projection internal to vP, namely, Inner Aspect (InnAsp). Indeed, the latter has been proposed in the literature (see MACDONALD, 2008) in order to syntactically instantiate an object-to-event mapping via an Agree relation between an Aspect head and a (direct object) DP. In this sense, the functional projection Inner Aspect is responsible for the fact that the internal argument can affect the telicity of the predicate (see (6) and (7)), while this is not the case for what is termed Outer Aspect (OutAsp) (8), the latter commonly considered to be merged outside vP.

(6) John ate cake for an hour/#in an hour.

(7) John ate a cake #for an hour/in an hour.

(8) John was eating (a) cake for an hour/#in an hour when...

In the case of BP, in addition to the possibility for VP ellipsis, licensed by (Outer)Aspect, Cyrino (2016, to appear) proposes that null objects are DP ellipsis licensed by the verb that has moved to Inner Aspect. Therefore, for a sentence as (9a) the proposed structure is seen in (9b)¹:

(9) DP ellipsis

- a. A Maria tem lido o livro para as crianças
 the Maria has read the book to the children
 e o Pedro tem também lido Ø para as mães
 and the Pedro has too read to the mothers
 'Maria has been reading the book to the children and Pedro has also been reading (it) to the mothers.'

- b. [_{CP} ... o livro para as crianças...] e o Pedro [_T tem] [_{VPaux} <tem> [_{AdvP} [_{Adv} também] [_{OutAsp} lido [_{vP} [_{InnAsp} [_{InnAsp+V} <lido> [_{VP} <V> [_{DP} ~~o livro~~] para as mães]]]]]

In (9b), the DP *o livro* 'the book' can be elided (represented in strikethrough) because it is licensed by the verb that has moved to the functional projection Inner Aspect (represented in boldface) before it continues to move up to the higher Outer Aspect projection.² The animacy effect is the result of general syntactic processes that have already been proposed in the literature in order to explain phenomena that are sensitive to animacy, such as Differential Object Marking (see ORMAZABAL; ROMERO, 2007; LÓPEZ, 2012; IRIMIA; CYRINO, 2017; ORDÓÑEZ; ROCA, to appear; among others). These proposals postulate that inanimate objects stay *in situ*, whereas animate objects move out of VP and, in the case of languages like Spanish, receive a preposition-like marking *a* for reasons of Case (see the references above):

- (10) a. Vi a la niña.
 Saw to the girl
 'I saw the girl'

¹ In this paper, copies left by movement are represented with angle brackets (<>).

² Cyrino (2016, to appear) assumes a theory of phases as proposed by Carnie (2005), whereby phases must contain (i) only one argument; (ii) a predicative element (V or vP) which introduces the argument; (iii) a temporal operator (a functional category) that locates the predicate and the argument in space and time (that is, Asp or T). In Cyrino's proposal, the licensing of the null object, DP ellipsis, occurs inside the phase that contains the internal argument, the verb and the temporal operator, Inner Aspect. By being in that position, the verb may license the DP ellipsis because this complex constitutes a phase, and the complement of the phase can be sent to Spell Out. The verb, being at the edge of the phase can move up to other functional categories in BP. Therefore, vP ellipsis is licensed by the verb in Outer Aspect (see CYRINO; MATOS, 2016 for vP ellipsis in Portuguese).

- b. Vi el coche.
Saw the car
'I saw the car'

In order to explain BP null objects, Cyrino (2016, to appear), based on Richards (2008), relate animacy features to $[\pm\text{Person}]_{\text{SEP}}^{[1]}$ features. Table 1 shows the animacy/person encoding proposed by the author:

1 st / 2 nd person	[+person]
3 rd person [+animate]	[-person]
3 rd person [-animate]/ Bare plurals	'person-less'

Table 1: [Person] and [animacy] (Adapted from Cyrino, 2016)

In addition to that, the author proposes that there is a functional projection above Inner Aspect, which is responsible for the licensing of [+animate] DPs. Animacy in syntax is, then, the result of the movement of a $\text{DP}_{[\pm\text{Person}]}$ to a position outside VP. On the other hand, DPs that are not specified for this feature remain *in situ*. By being in that position, these DPs may be elided, since they can be licensed as ellipsis by the verb that has moved up to Inner Aspect, as shown in (11a,b) or a pronoun can be used (11c).

- (11) a. Ivo levou o livro para casa depois que a diretora leu **Ø/ele**
Ivo took the book to house after that the director read it
'Ivo took the book home after the director had read (it).'

b. $[_{VP} \text{ a diretora } v [_{\text{InnAspP}} [_{V+Asp} \text{ leu } [_{VP} \langle V \rangle \text{ ~~o livro~~]]]]$
| DP ellipsis licensing |

c. $[_{VP} \text{ a diretora } v [_{\text{InnAspP}} [_{V+Asp} \text{ leu } [_{VP} \langle V \rangle \text{ ele}]]]$

Now, in the case the DP object has $[\pm\text{Person}]$ person features, for example, a 3rd person animate direct object as in (12a), the DP will move up to a higher functional head (dubbed F here); hence, the ellipsis of the DP cannot be licensed (12b).

- (12) a. Ivo levou o aluno pra casa depois que a diretora tinha expulsado ***Ø/ele**.
Ivo took the student to house after that the director had expelled him
'Ivo took the student home after the director had expelled him.'

b. $[_{VP} \text{ a diretora } v [_{FP} \text{ ele}_{[-\text{person}]}] F [_{\text{InnAspP}} [_{V+AspInn} \text{ expulsado } [_{VP} \langle V \rangle \langle \text{ele}_{[-\text{person}]} \rangle]]]$

This way, the animacy effects on the possibility for null objects in BP are explained. Furthermore, the proposal that null object are ellipsis in this language is further backed up by the fact that strict and sloppy readings, a property of ellipsis in general, are also present in this null argument, as mentioned above.

However, as discussed above, there still remain sentences such as (2B), here repeated as (13), which seem to indicate that null objects are possible when the antecedent is animate:

- (13) A Maria, (ela) sempre reclama quando eu levo **Ø/ela** no médico.
the Maria she always complains when I take her in-the doctor.
'Maria always complains when I take (her) to the doctor.'

In what follows, I will show that the proposal for null objects in BP as DP ellipsis when the antecedente is inanimate can be maintained with the investigation of the different types of topics that are possible in the language, and the possibilities of realization of the resumed DP in a topical construction.

3 TYPOLOGY OF TOPICS

The literature proposes different types of topics (FRASCARELLI; HINTERHÖLZ, 2007; ERSTERCHIK-SHIR *et al.*, 2013; among others). Although there is a slight difference in the terms used in the literature, we can think of three types, which I will describe below: (i) *contrastive topics*; (ii) *shifting topics*; and (iii) *familiar/continued topics*.

Moreover, another important question is: how can we identify topics? Usually, topics can be identified by: (i) topicalization (that is, the movement of an element to the front position of a sentence); (ii) clitics, that is, in languages in which clitics or weak pronouns resume a dislocated topic (the former being the so-called ‘Clitic Left Dislocation’, CLLD; the latter, ‘Left Dislocation’, LD), that is, when there is no movement of an element to the front position of the sentence, the topic is base-generated, and there is a pronoun referring back to it; (iii) intonation (including *de-stressing*). I will come back to these distinctive ways of identifying topics below.

Contrastive Topics are those elements in the initial position of the sentence that introduce alternatives that bring no impact into the focal value of the utterance and it creates pairs of opposition or contrast with other topics. Consider the dialog in (14):

(14)A: O Paulo vai visitar a Rosa amanhã?
The Paulo go visit the Rosa tomorrow?
‘Is Paulo going to visit Rosa tomorrow?’

B: **A Rosa**, eu não sei. A Maria, o Paulo vai visitar **Ø** com certeza
the Rosa I not know the Maria the Paulo go visit with certainty
lit. ‘Rosa, I don’t know. Maria is going to visit for sure.’
‘Rosa, I don’t know. Maria is going to visit her for sure.’

This type of topic (represented in boldface in (14B)) allows *Clitic Left Dislocation* (CLLD) in the languages that have the phenomena, for example, European Portuguese (15):

(15) A: Você vai comprar a garrafa de vodka?
You go buy the bottle of vodka?
‘Are you going to buy the bottle of vodka?’

B: A garrafa de vodka, eu não sei.
the bottle of vodka I not know.
A garrafa de whisky, vou comprá-la com certeza.
the bottle of whisky go buy-it.3CL with certainty.
‘The bottle of vodka, I don’t know. But the bottle of whisky, I am going to buy it for sure.’

I will not deal with this type of topic in this paper; I refer the reader to Menuzzi and Roizemberg (2010) and the literature cited therein.

The other type of topic mentioned above is the so-called *Shifting Topic*. In this case, the topic refers to a newly introduced, recently changed or recently resumed constituent in the discourse. It is sometimes referred to as ‘aboutness topic’ (‘what the sentence is about’) or ‘continued topic’. This topic signals a *shift in the conversation*. Examples, where the topic is represented in boldface, are

provided in (16) in European Portuguese (MACHADO, 2010) and (17) in Italian (FRASCARELLI; HINTERHÖLZ, 2007). In the latter language, when the topic is the direct object, it is always resumed by a clitic (CLLD).

- (16) **Sobre a Inês**, não sei se vocês sabem alguma coisa.
 about the Inês not know if you know any thing.
 ‘About Inês, I don’t know if you know anything.’

- (17) **L’ultima unit** *la* sto facendo.
 the last unit it.3CL am doing.
 ‘The last unit, I am doing it.’

Finally, *Familiar Topics/ Continued Topics* are topics that refer to a certain constituent linked to discourse, usually used as a continued topic of conversation. In (18), there is an example from European Portuguese without CLLD, and in (19) an example showing that these topics allow CLLD (MACHADO, 2010, p. 29) in the language. The clitic seems to be optional in European Portuguese, but not in Italian, where CLLD is always obligatory, except for Right Dislocated *Familiar Topics*. In (20) (from FRASCARELLI; HINTERHÖLZ 2007, p. 98), the right-dislocated topic is not resumed by a clitic:

- (18) [...] **o resto que eu vos disse sobre a atuação de D. Pedro**
 the rest that I you.PL.CL said about the performance of D. Pedro
 também sabemos que é verdade [...]
 also know that is true
 ‘as for the rest that I told you about D. Pedro’s performance, we also know that (it) is true’

- (19) [...] **o resto que eu vos disse sobre a atuação de D. Pedro**
 the rest that I you.PL.CL said about the performance of D. Pedro
 também *o* sabemos que é verdade [...]
 also it.3CL know that is true
 ‘as for the rest that I told you about D. Pedro’s performance, we also know that it is true’

- (20) Non ti preoccupare, faccio io **un colpo di telefono**.
 not you worry make I a call of telephone.
 ‘Don’t worry: I will make a phone call.’

Let us now turn to null objects in Hebrew, which Erteschik-Shir *et al.* (2013) have analyzed as being instances of ‘topic drop’.

4 MISSING OBJECTS AS ‘TOPIC DROP’ IN HEBREW

Erteschik-Shir *et al.* (2013) propose that “missing objects” in Hebrew (and Russian) should be analyzed in terms of Information Structure. They specifically propose that these elements in these languages are instances of ‘topic drop’. Consider the dialog in (21) from Hebrew (sentence (2) in ERTESCHIK-SHIR *et al.*, 2013, p. 146):

- (21) A: macata et ha-maftexot?
 found.2SG ACC the-keys
 ‘Did you find the keys?’

- B: ken, macati Ø / otam
 yes found.1SG them

‘Yes, I found them.’

As mentioned previously, there are three ways in which topics can be identified: (i) topicalization (movement); (ii) CLLD or LD (no movement); (iii) intonation.

The authors show the difference between *shifting* and *familiar/continued topics* in Hebrew as evidence for their proposal that “missing objects” are only possible with the latter type of topic in Hebrew. They assume that this difference is due to the presence or absence of movement.

According to the authors, in Hebrew, movement (‘topicalization’) is only possible with *shifting topics*. If a *familiar/continued topic* is present, the sentence is only possible with a pronoun referring back to the topic. This can be done, according to the authors, either by a pronoun *in situ* or by a null pronoun *pro*; the latter being the “missing object”, the ‘topic drop.’

Thus, (22) is an example of a *shifting topic* in Hebrew, where movement is allowed (ERTESCHIK-SHIR *et al.*, 2013, p. 147):

- (22) Dani hevi xalav ve-tapuxim me-ha-super.
 Dani brought milk and-apples de-o-supermercado.
 ‘Dani brought milk and apples from the supermarket.’

a. *(**et ha-xalav**) hu sam ba-mekarer
 ACC o-milk he put in-the-fridge
 Lit. ‘The milk, he put in the fridge.’

b. *hu sam **oto** ba-mekarer
 he put it in-the-fridge

The first sentence in (22) introduces *xalav* ‘milk’ and *tapuxim* ‘apples’. One of the members could be the topic and must be moved to sentence-initial position as in (22a), in boldface. It cannot be referred back with a pronoun, as the continuation in (22b) shows. According to Erteschik-Shir *et al.* (2013), the *shifting topic* is realized through movement and not through LD – in other words, there can be no resumption of the topic by a pronoun.

Hebrew is different from Italian in this sense since the latter requires CLLD for *Shifting Topics*, as we saw above in (17).

As for *familiar/continued topics* in Hebrew, there is a different scenario since movement is not possible, according to the authors. Consider the dialog in (23) from Erteschik-Shir *et al.* (2013, p. 148):

- (23) Dani hevi xalav me-ha-super.
 Dani brought milk de-o-supermercado.
 ‘Dani brought milk from the supermarket.’

a. *(**et ha-xalav**) hu sam ba-mekarer
 ACC o-milk he put in-the-fridge
 Lit. ‘The milk, he put in the fridge.’

b. hu sam **Ø/oto** ba-mekarer
 he put it in-the-fridge

The first sentence in (23) introduces the object *xalav* ‘milk’, making it a *familiar/continued topic*. The continuation of that sentence reveals that movement is ungrammatical – there can be no movement of the object to sentence-initial position. However, either a

pronoun *oto* or a “missing object” is possible as a continuation, as seen in (19b). In other words, in the analysis of Erteschik-Shir *et al.* (2013), the topic can only be realized through LD with an overt or covert pronoun, the latter being an instance of ‘topic drop.’

5 ARE BP NULL OBJECTS INSTANCES OF “TOPIC DROP”?

As discussed above, Erteschik-Shir *et al.* (2013) propose that movement is reserved for *Shifting-topics* in Hebrew, whereas in *Familiar-topics* there is no movement when there is an object gap as an alternative to an overt pronoun. The gap is, in fact, an instance of ‘topic drop’.

BP, however, displays a different behavior since, as I will show, it allows movement of *familiar/continued topics*, and it allows overt pronouns for *Shifting-topics*, the latter being the only possibility when the antecedent is [+animate].

Consider first the dialogs below, where we have *familiar/continued topics*. As opposed to Hebrew, BP allows the topic to move to the initial position of the sentence. Moreover, this is possible regardless of the animacy of the object. See the contrast between (24) and (25):

(24) A: O Ivo trouxe a Lia para a festa, e ela reclamou.
 the Ivo brought the Lia to the party and she complained.
 ‘Ivo brought Lia to the party and she complained.’

B: A Lia, (ela) sempre reclama quando ele leva Ø na festa.
 the Lia she always complains when he takes in-the party.
 Lit ‘Lia, she always complains when he takes to the party.’
 Lia, she always complains when he takes her to the party.’

(25) A: O Ivo trouxe o brinquedo para a festa e deixou (ele) no carro
 the Ivo brought the toy to the party and left it in-the car
 ‘Ivo brought the book to the party and left it in the car.’

B: O brinquedo, ele sempre deixa Ø no carro.
 the toy he always leaves in-the car
 Lit. ‘The toy, he always leaves in the car.’
 ‘The toy, he always leaves it in the car.’

In addition to that, an overt pronoun is also possible, as can be seen in (26) and (27):

(26) O Ivo trouxe a Lia para a festa, e ela reclamou.
 the Ivo brought the Lia to the party and she complained.
 ‘Ivo brought Lia to the party and she complained.’

B: A Lia, (ela) sempre reclama quando ele leva **ela** na festa.
 the Lia she always complains when he takes her in-the party.
 ‘Lia, she always complains when he takes her to the party.’

(27) A: O Ivo trouxe o brinquedo para a festa e deixou (ele) no carro
 the Ivo brought the toy to the party and left it in-the car
 ‘Ivo brought the book to the party and left it in the car.’

B: **O brinquedo**, ele sempre deixa **ele** no carro.
 the toy he always leaves in-the car.
 ‘The toy, he always leaves it in the car.’

As in Hebrew, *shifting topics* in BP may apparently be moved to sentence-initial position. Consider the dialog in (28):

(28) A: Hoje eu trouxe o material completo na escola.
 today I brought the material complete in-the school.
 ‘Today, I brought all the school supplies to school.’

B: **O tablet**, a professora sempre reclama quando eu levo **Ø** na escola.
 the tablet the teacher always complains when I take in-the school.
 Lit. ‘The tablet, the teacher always complains when I take to school.’
 ‘The tablet, the teacher always complains when I take it to school.’

However, as opposed to Hebrew, *shifting topics* may also be resumed by overt pronouns:

(29) A: Hoje eu trouxe o material completo na escola.
 today I brought the material complete in-the school.
 ‘Today, I brought all the school supplies to school.’

B: **O tablet**, a professora sempre reclama quando eu levo **ele** na escola.
 the tablet the teacher always complains when I take it in-the school.
 ‘The tablet, the teacher always complains when I take it to school.’

Furthermore, if this is indeed a case of movement, animate objects are intriguingly impossible, and this fact begs the question of why this is so. Consider the dialog in (30):

(30) A: Hoje eu trouxe as garotas na festa.
 today I brought the girls to-the party.
 ‘Hoje eu levei as garotas na festa.’

B: ***A Lia**, o Ivo sempre reclama quando eu **Ø** levo na festa.
 the Lia the Ivo always complains when I take in-the party.

In this case, only overt pronouns are possible:

(31) A: Hoje eu trouxe as garotas na festa.
 today I brought the girls to-the party.
 ‘Hoje eu levei as garotas na festa.’

B: **A Lia**, o Ivo sempre reclama quando eu levo **ela** na festa.
 the Lia the Ivo always complains when I take her in-the party.
 Lit. ‘Lia, Ivo always complains when I take her to the party.’

A gap is always possible when the object is [-animate], as seen in example (28) above, repeated as (32) below:

(32) A: Hoje eu trouxe o material completo na escola.
 today I brought the material complete in-the school.

‘Today, I brought all the school supplies to school.’

B: **O tablet**, a professora sempre reclama quando eu levo **Ø** na escola.
the tablet the teacher always complains when I take in-the school.

Lit. ‘The tablet, the teacher always complains when I take to school.’

‘The tablet, the teacher always complains when I take it to school.’

In the next section, I will propose an explanation for this animacy sensitivity with respect to topics in BP by assuming Frascarelli and Hinterhölz’s (2007) proposal for their different syntactic properties.

6 ON THE STRUCTURE OF DIFFERENT TOPICS

Frascarelli and Hinterhölz (2007) propose that topics, in spite of their possible multiplicity in the left periphery (as suggested by Rizzi, 1997), obey a strict hierarchy of positions (33). According to the authors, each topic has a different syntax in the way it is realized/resumed in the sentence.

(33) *Topic Hierarchy*

[_{ShiftP} Shifting Topic [_{+aboutness}] [_{ContrP} Contrastive Topic [_{FamP} Familiar Topic

The authors investigated these different types of topics and their realization in Italian and German. In the present paper, I study the realization of object topics in BP. Accordingly, and following Frascarelli and Hinterhölz’s (2007) results for Italian, I propose that BP, another Romance language, realizes *Familiar-topics* in two ways: (i) movement of the DP to the specifier of Familiar Topic Phrase (FamP) and; (ii) merge of *Familiar-topics* in the specifier of FamP and pronoun resumption in object position. *Shifting-topics*, however, are merged directly in the specifier of Shifting Topic Phrase (ShiftP), and they may or not be resumed by pronouns (as it happens CLLD in Italian, or in LD, see below). Therefore, there is no movement for *shifting topics* in BP.

However, this proposal is not sufficient to explain the animacy sensitivity with respect to different topics in BP as we have discussed above. Similar to what happens with *familiar/continued topics*, there is movement; the antecedent can be animate (34a) or not (35a). The structure with the moved topics are represented in (34b) and (35b):

(34) a. A: Hoje eu levei a Maria no médico.
today I took the Maria in-the doctor.
‘Today I took Maria to the doctor.’

B: **A Maria**, ela sempre reclama quando eu levo **Ø** no médico.
the Maria she always complains when I take in-the doctor.
Lit. ‘Maria, she always complains when I take to the doctor.’
‘Maria, she always complains when I take her to the doctor.’

b. [_{FamP} A Maria], ela sempre reclama quando eu levo <a Maria> no médico.

(35) a. A: O Pedro trouxe o livro para a escola.
the Pedro brought the book to the school.
‘Pedro brought the book to school.’

B: **O livro**, ele sempre deixa **Ø** no armário.
the book he always leaves in-the locker.
Lit. ‘The book, he always leaves in the locker.’

‘The book, he always leaves it in the locker.’

b. [_{FamP} O livro], ele sempre deixa <o livro> no armário.

As I proposed above, *familiar/continued topics* can also be merged directly in the specifier of FamP and be resumed by pronouns (as a case of LD) (see FRASCARELLI; HINTERHÖLZ, 2007). In this case, the structures for (36B) and (37B) would be (36b) and (37b):

(36) a. A: Hoje eu levei a Maria no médico.
today I took the Maria in-the doctor.
‘Today I took Maria to the doctor.’

B: A **Maria**, ela sempre reclama quando eu levo **ela** no médico.
the Maria she always complains when I take in-the doctor.
‘Maria, she always complains when I take her to the doctor.’

b. [_{FamP} A Maria], ela sempre reclama quando eu levo ela no médico.

(37) A: O Pedro trouxe o livro para a escola.
the Pedro brought the book to the school.
‘Pedro brought the book to school.’

B: O **livro**, ele sempre deixa **ele** no armário.
the book he always leaves in-the locker.
‘The book, he always leaves it in the locker.’

b. [_{FamP} O livro], ele sempre deixa ele no armário.

However, in BP, when a *Shifting-topic* is present, the possibility for having either a gap or a pronoun is only possible if the antecedent (the topic) is [-animate]. See the contrast between (38) and (39). Considering the proposal that *Shifting Topics* are merged directly in the specifier of ShiftP, see the representations in (38b) and (39b):

(38) [-animate] *Shifting topic*

a. A: Hoje eu trouxe o material completo na escola.
today I brought the material complete in-the school.
‘Today, I brought all the school supplies to school.’

B: O **tablet**, a professora sempre reclama quando eu levo **Ø/ele** na escola.
the tablet the teacher always complains when I take it in-the school.
‘The tablet, the teacher always complains when I take (it) to school.’

b. [_{ShiftP} O tablet] a professora sempre reclama quando eu levo Ø/ ele na escola.

(39) [+animate] *Shifting topic*

a. A: Hoje eu trouxe as garotas na festa.
today I brought the girls in-the party.
‘Hoje eu levei as garotas na festa.’

B: A **Lia**, o Ivo sempre reclama quando eu levo ***Ø/√ela** na festa.
the Lia the Ivo always complains when I take her in-the party.

‘Lia, Ivo always complains when I take her to the party.’

b. [_{ShiftP} A Lia], o Ivo sempre reclama quando eu levo *Ø /√ela na festa.

It is necessary to explain this animacy sensitivity. In the next section, I show that the animacy sensitivity is accounted for in Cyrino’s (2016, to appear) proposal, in which [-animate] object DPs stay *in situ* in BP (as well as in other languages, as shown by DOM effects, see the references above).

7 INTERACTIONS BETWEEN OBJECT ANIMACY AND TOPICALITY

As discussed above, Cyrino (2016, to appear) proposes that anaphoric animate DPs move out of VP and, as a consequence, they cannot be subject to DP ellipsis in BP because, in that position, they are not licensed by the verb that has moved up to a proper licenser, Inner Aspect. Therefore, these animate anaphoric objects need to be realized by overt pronouns. On the other hand, anaphoric inanimate DPs stay *in situ* and can either be elided or realized as full pronouns.

Let us now observe how this proposal interacts with the analysis of different topics in BP as explored in the previous section.

First, let us take the case of *Familiar/continued* topic DPs that are [+animate], such as the one shown in (40B):

(40) [+animate] *familiar/continued topic*

A: Hoje eu levei a Maria no médico.
today I took the Maria in-the doctor.
‘Today I took Maria to the doctor.’

B: A Maria, ela sempre reclama quando eu levo Ø/ela no médico.
the Maria she always complains when I take in-the doctor.
Lit. ‘Maria, she always complains when I take (her) to the doctor.’

In order to allow for the possibility of either the gap or the pronoun in object position, there are two different structures:

(i) Movement (or topicalization, see Kato, 2003) of *Familiar/continued topics* to FamP

Kato (2003) advances an analysis of topicalization as the result of remnant movement of VP fronting, that is, the VP moving to a topic position. This allows for explaining the insensitivity to islands for topicalization in BP. Hence, I build on her analysis and propose that the structure presenting the gap in (40B) corresponds to (41):

(41) [_{FamP} [_{VP} <levar> a Maria]_i] ... eu [_{OutAsp} levo]_j [_{VP} <eu> <[_{VP} <levar> a Maria]_i>] ...

Since BP allows verb movement (at least up to Outer Aspect, see above), fronting (remnant) movement of the VP leaves copies (KAYNE, 1998). In (41), the subject has moved to the specifier of IP, and the verb has moved to Outer Aspect. The object, *Maria*, remains in the fronted VP as the only audible element in FamP topic position. In other words, the gap in one of the options in (40B) corresponds to the inaudible copy of the VP that has moved to the left periphery, leaving the gap as an apparent null object in BP.

(ii) Direct merge of *Familiar/continued topics* in FamP plus occurrence of LD

In order to allow for the second possibility in (40B), that is, the one in which there is a pronoun, I carry out an LD analysis, whereby the topic is merged directly in the specifier of FamP, in the traditional way (see FRASCARELLI; HINTERHÖLZ, 2007), as shown in (42):

(42) [_{FamP} a Maria] ... eu [_{OutAsp} levo]_j [_{VP} <eu> [_F ela]_i] [_{InnAsp} <levo>]_j [_{VP} <levo> <ela_i>] ...

In (42) the [+animate] object is a resumptive pronoun co-referent with the familiar/continued topic that is merged in the left periphery. Since it is [+animate] pronoun, it has to move out of VP, as proposed by Cyrino (2016, to appear).

As for [-animate] object DPs that are *familiar/continued topics*, the same analysis applies, but now the direct object stays *in situ*. Consider (43).

(43) [-animate] *familiar/continued topic*

A: O Ivo trouxe o livro para a escola.
the Ivo brought the book to the school.
'Ivo brought the book to school.'

B: O **livro**, o Ivo sempre deixa Ø/ele no armário.
the book the Ivo always leaves in-the locker.
'The book, Ivo always leaves (it) in the locker.'

Again, there are two possibilities provided by the 'dual' nature of the derivation of *familiar/continued topics* (following FRASCARELLI; HINTERHÖLZ, 2007):

(i) Movement of *Familiar/continued topics* (KATO, 2003) to FamP

As provided in (37) above, the topic will be moved by VP remnant movement to FamP, and there is again a case of apparent null object:

(44) [_{FamP} [_{VP} <deixar_j> o livro]_i] ... o Ivo [_{OutAsp} deixa_j [_{VP} <[_{VP} <o Ivo> <deixar_j> o livro]>] ...

(ii) Direct merge of *Familiar/continued topics* in FamP plus the occurrence of LD

In the same way as above, when *familiar/continued topics* are merged directly in FamP position, a LD pronoun is possible. However, in this situation, the resumptive pronoun stays *in situ* since it is a [-animate] direct object, and the verb moves up to InnAsp and OutAsp:

(45) [_{FamP} o livro] ... deixa_j [_{VP} [_{InnAsp} <deixa_j> [_{VP} <deixa_j> **ele**] ...

Now, a different derivation occurs with *shifting topics*. As pointed out above, they do not allow [+animate] object DPs in BP. Following Frascarelli and Hinterhölz (2007) this type of topic is *always* merged directly in the left periphery position of ShiftP, and they are resumed by pronouns (CLLD in languages like Italian, or LD).

In this case, the null object (DP ellipsis) is possible in BP. This is possible because the resumed topic is [-animate], stays *in situ*, and the DP ellipsis may be licensed by the verb as it moves up to Inner Aspect. See once more the contrast between (46) and (47), repeated from (38) and (39) above for convenience:

(46) [-animate] *Shifting topic*

a. A: Hoje eu trouxe o material completo na escola.
today I brought the material complete in-the school.
'Today, I brought all the school supplies to school.'

B: O **tablet**, a professora sempre reclama quando eu levo Ø/ele na escola.
the tablet the teacher always complains when I take it in-the school.
'The tablet, the teacher always complains when I take (it) to school.'

(47) [+animate] *Shifting topic*

- a. A: Hoje eu trouxe as garotas na festa.
 today I brought the girls to-the party.
 'Hoje eu levei as garotas na festa.'

- B: A Lia, o Ivo sempre reclama quando eu levo *Ø/√ela na festa.
 The Lia the Ivo always complains when I take her in-the party.
 'Lia, Ivo always complains when I take her to the party.'

The fact that *shifting topics* are merged directly in ShiftP explains the contrast. Exactly like in other cases,³ in (47B), the [-animate] DP does not move out of VP, and can either be elided by the verb in Inner Aspect as a case of DP ellipsis (represented in (48) as the overstricken DP) or realized as a full pronoun:

- (48) [ShiftP **o tablet**]... [InnAsp levo [VP <levo> ~~o tablet~~ / **ele**]]...

However, when we have a [+animate] DP, since it moves out of VP, it cannot be elided/licensed by the *v* in Inner Aspect. The only option is then for it to be resumed by a full pronoun:

- (49) [ShiftP **a Maria**]... [**ela** [InnAsp levo [VP <levo> <ela>]]]...

Following the analysis I herein propose, it is possible to explain the animacy effects with different types of direct object topics in BP and sort out the cases of apparent null objects.

8 CONCLUSION

BP has null objects that have a different behavior from the missing objects in Hebrew (or Russian), which have been analyzed as 'topic drop' in the literature. As argued in this paper, the null object in BP has animacy restrictions and, contrary to what happens in Hebrew, for example, it is allowed to occur with *shifting topics*.

On the other hand, *familiar/continued topics* in BP can be realized through movement ('topicalization'), and, therefore, there are no animacy restrictions. Consequently, the sentence in (50) constitutes an apparent case of BP null object. Indeed, they have as the object gap the result of the topicalization of *familiar/continued topics*, and so they are not cases comparable to those of the Hebrew 'topic drop'.

- (50) A **Maria**, (ela) sempre reclama quando levo Ø/**ela** no médico.

The next step in this research is to look for independent evidence for different types of topics in BP, such as evidence stemming from different phenomena based on a thorough investigation of oral corpora. If what I propose in this paper is in the right track, such future investigation should support the analysis here advanced.

REFERENCES

CARNIE, A. A phase-geometric approach to multiple marking systems. In: MCGINNIS, M.; RICHARDS, N. *Perspectives on phases*. MIT Working Papers in Linguistics, v. 49, p. 87-102, ^[L]_[SEP]2005.

³ This analysis could also probably apply to the case in (45), with the DP ellipsis of the resumptive pronoun. I leave the issue for further study.

CYRINO, S. *O objeto nulo no português brasileiro: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1994.

_____. *O objeto nulo no português brasileiro: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

_____. Animacy and null objects in Brazilian Portuguese. Paper presented at the *Stony Brook University Department of Linguistics Colloquium Series*. February 26, 2016.

_____. On animacy restrictions for the null object in Brazilian Portuguese. In: HELLAN, L. ; MALCHUKOV, A.; CENNAMO, M. *Contrastive studies in verbal valency*. Amsterdam: John Benjamins, 2017. p. 279-298.

_____. O objeto nulo no português brasileiro: sincronia e diacronia. In: ROBERTS, I.; KATO, M; GALVES, C. *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*, to appear.

_____.; LOPES, R. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese. *The Linguistic Review*, v. 33, n. 4, p. 483-502, 2016.

DUARTE, E. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. 1986. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1986.

ERTSCHIK-SHIR, N; IBNBARI, L.; TAUBE, S. Missing objects as topic drop. *Lingua*, v. 136, p. 145-169, 2013.

FIENGO, R.; MAY, R. *Indices and identity*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1994.

FRASCARELLI, M.; HINTERHÖLZ, R. Types of topics in German and Italian. In: SCHWABE, K.; WINKLER, S. *On information structure, meaning and form: generalization across languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 87-116.

HUANG, C-T. J. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic inquiry*, v. 15, n.4, p. 531-574, 1984.

IRIMIA, M.; CYRINO, S. Unifying differential marking: from Brazilian Portuguese to adpositional DOM. *Revue Roumaine de Linguistique*, LXII v. 4, p. 411-426, 2017.

LOBECK, A. *Ellipsis: functional heads, licensing and identification*. New York: Oxford University Press, 1995.

LÓPEZ, L. *Indefinite objects: scrambling, choice functions, and differential marking*. Cambridge: MIT Press, 2012.

KATO, M. Null objects, null resumptives and VP-ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: QUER, J. *et al. Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 131-154.

KAYNE, R. Overt vs. Covert Movement. *Syntax*, v. 1, p. 128-191, 1998.

MACDONALD, J. *The syntactic nature of inner aspect: a minimalist perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

MACHADO, D. M. S. *O tópico no discurso oral: Anotação de diferentes tipos de tópico num corpus de discurso oral*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) –

Universidade do Porto, Porto, 2010.

MENUZZI, S.; ROIZEMBERG, G. Tópicos contrastivos e contraste temático: um estudo do papel discursivo da “articulação informacional”. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 52, n. 2, p. 233-253, jul./dez. 2010.

ORDOÑEZ, F.; ROCA, F. Differential Object Marking (DOM) and clitic subSpecification in Catalanian Spanish. In: GÁLLEGO, A. *The Syntactic Variation of Spanish Dialects*. Oxford: Oxford University Press, to appear.

ORMAZABAL, J.; ROMERO, J. The object agreement constraint. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 25, n. 2, p. 315-347, 2007.

ÖSTÜRK, B. Non-configurationality: free word order and argument drop in Turkish. In: BIBERAUER, T. *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 411-440.

RAPOSO, E. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 373-390.

RICHARDS, M. . Defective agree, case alternations and the prominence of person. In: RICHARDS, M.; MALCHUKOV, A. *Scales*. Linguistische Arbeits Berichte, Universität Leipzig, v. 86, p. 137-161. 2008.

RIZZI, L. 1997. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. *Elements of grammar*. Dordrecht: Springer, 1997. p. 281-337.



Received in August 23, 2018. Approved in February 2, 2019.

PP RELATIVE CLAUSES AND INTERVENTION EFFECTS: COMPARING UNERGATIVE AND WEATHER VERBS

RELATIVAS PP E EFEITOS DE INTERVENÇÃO: COMPARANDO VERBOS
INERGATIVOS E METEOROLÓGICOS

RELATIVAS PP Y EFECTOS DE INTERVENCIÓN: COMPARACIÓN DE VERBOS
INERGATIVOS Y METEOROLÓGICOS

Marina R. A. Augusto*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Elaine Grolla**

Universidade de São Paulo

Erica dos Santos Rodrigues***

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

ABSTRACT: The asymmetry between subject and object relative clauses has been attested in processing studies with adults (WANNER; MARATSOS, 1978; WARREN; GIBSON, 2002) and children (UTZERI, 2007; ADANI; SEHM; ZUKOWSKI, 2012). From the perspective of language acquisition, Friedmann, Belletti and Rizzi (2009) have suggested a formal treatment for this asymmetry in terms of intervention, and Costa *et al.* (2015) have expanded the proposal to PP relatives, considering data from European Portuguese. This study broadens that discussion by means of an elicitation experiment with 4 and 5-year-old children,

* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente na graduação e na pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integrante da equipe do LAPAL – Laboratório de Processamento e Aquisição da Linguagem da PUC-Rio. Bolsista do Prociência da FAPERJ/UERJ. E-mail: marinaaug@uerj.br.

** Doutora em Linguística pela Universidade de Connecticut e livre docente pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP) e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral (DL/USP). É coordenadora do Laboratório de Estudos em Aquisição de Linguagem (LEAL/USP) e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: egrolla@usp.br.

*** Doutora em Letras (2006). Docente do Depto. de Letras da PUC-Rio desde 1992, com atuação na graduação e no PPG em Estudos da Linguagem. Integrante da equipe do LAPAL - Laboratório de Processamento e Aquisição da Linguagem e do INCog- Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Neurociências e Cognição, na PUC-Rio. E-mail: ericasr@puc-rio.br.

speakers of Brazilian Portuguese. We contrast PP relatives with unergative verbs, showing intervention, and weather verbs, without intervention. Statistically significant differences between the types of verbs were obtained for younger children. We suggest that processing costs related to the availability of alternative less complex structures in the language is a major factor to be considered. This factor may impact the explanatory power of the intervention hypothesis.

KEYWORDS: Language acquisition. Intervention effects. PP Relatives.

RESUMO: A assimetria entre relativas de sujeito e de objeto tem sido atestada nos trabalhos sobre processamento com adultos (WANNER; MARATSOS, 1978; WARREN; GIBSON, 2002) e em aquisição da linguagem (UTZERI, 2007; ADANI; SEHM; ZUKOWSKI, 2012). No âmbito da aquisição, Friedmann, Belletti e Rizzi (2009) sugeriram um tratamento formal, em termos de efeitos de intervenção e Costa *et al.* (2015) expandiram o alcance da proposta para relativas PP, considerando dados do português europeu. Este trabalho amplia essa discussão, a partir de um estudo de eliciação com crianças de 4-5 anos falantes de português brasileiro, contrastando relativas PP, com verbos inergativos, com intervenção, e meteorológicos, sem intervenção. Nossos resultados indicam diferenças entre esses tipos de verbos para crianças mais novas. Sugere-se que o alcance explicativo da hipótese da intervenção pode ser impactado ao se considerarem custos de processamento na produção vinculados à disponibilidade de estruturas alternativas, menos complexas, na língua.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem. Efeitos de intervenção. Relativas PP.

RESUMEN: La asimetría entre relativas de sujeto y de objeto ha sido atestada en los trabajos sobre procesamiento con adultos (WANNER, MARATSOS, 1978, WARREN, GIBSON, 2002) y en los de adquisición del lenguaje (UTZERI, 2007; ADANI; SEHM; ZUKOWSKI, 2012). En el ámbito de la adquisición, Friedmann, Belletti y Rizzi (2009) sugirieron un tratamiento formal, mediante la noción de efectos de intervención, y Costa *et al.* (2015) ampliaron el alcance de esa propuesta para relativas PP. En este trabajo se extiende esta discusión, a partir de un estudio de elicitación con niños de 4-5 años, hablantes de portugués de Brasil, en que se contrastan relativas PP con verbos inergativos - con intervención y verbos meteorológicos, sin intervención. Nuestros resultados indican que hay diferencias entre esos tipos de verbos para niños más pequeños. Se sugiere que el alcance explicativo de la hipótesis de la intervención puede ser impactado si se consideran costos de procesamiento en la producción vinculados a la disponibilidad de estructuras alternativas, menos complejas, en la lengua.

PALABRAS CLAVE: Adquisición del lenguaje. Efectos de intervención. Relativas PP.

1 INTRODUCTION

Processing and acquisition studies have pointed out that object extraction is harder to cope with than subject extraction in Wh-interrogatives or relative clauses formation. Thus, adults find subject relative clauses (SubjRCs, such as (1)) easier to process than direct object relatives clauses (DORCs, such as (2))¹ (WANNER; MARATSOS, 1978; TRAXLER; MORRIS; SEELY, 2002; WARREN; GIBSON, 2002; GIBSON *et al.*, 2005). The same holds for child language: children seem to have more difficulty to comprehend and to produce DORCs than SubjRCs (DE VILLIERS *et al.*, 1979; GOODLUCK; TAVAKOLIAN, 1982; HAMBURGER; CRAIN, 1982; CORRÊA, 1995; LABELLE, 1990; GUASTI; CARDINALLETTI, 2003; UTZERI, 2007; BELLETTI; CONTEMORI, 2010; ADANI; SEHM; ZUKOWSKI, 2012; GROLLA; AUGUSTO, 2016; MARTINI *et al.*, 2018):

- | | | |
|-----|---|----------|
| (1) | The girl [that ____ invited the boy]... | (SubjRC) |
| (2) | The girl [that the boy invited ____]... | (DORC) |

The processing literature has addressed the issue for the adult population in terms of (i) distance between the filler and the gap, and (ii) the nature of the intervening element (WANNER; MARATSOS, 1978; GORDON; HENDRICK; JOHNSON, 2001, 2004;

¹ Studies in language acquisition have mainly referred to subject and object relative clauses as SS, SO, OS, OO, where the syntactic position of the head of the RC is identified both in relation to the main clause and in relation to its position inside the RC. For ease of exposition, it is often common also to identify the type of RC based only on the position of the head inside the RC. Although it seems a little awkward, as brought up by one of the reviewers (since the syntactic function of the RC is of an adjoined nominal modifier), in this study we follow the literature referred in the paper and adopt SubjRCs and DORCs as a reference to the syntactic function of the head inside the RC.

GORDON; HENDRICK; LEVINE, 2002). The longer the distance between the filler and the gap, the harder it is to process the RC. Moreover, the similarity between the head of the RC and intervening elements affects processing, causing an interference effect.

A strikingly similar reasoning has recently been proposed by Friedmann, Belletti and Rizzi (2009) in order to account for the asymmetry between SubjRCs and DORCs in language acquisition in terms of differences between children's and adults' grammars in dealing with object A'-dependencies. The difficulty with DORCs is ascribed to the presence of an intervener – the subject of the RC (the boy, in (2)) – between the original position of the relativized element and its final landing site. See section 1 for further details on these proposals.

Based on Friedmann, Belletti and Rizzi (2009), Costa *et al.* (2015) have shown that PP relative clauses (PPRCs) (3) (example (1) in Costa *et al.* (2015)) are also as hard as DP DORCs for children. Drawing on data from European Portuguese (EP), the authors propose that the presence of a DP intervener seems to make the task harder regardless of the fact that a PP or a DP has been moved.

- (3) Mostra-me o menino (em) que o macaco toca.² (EP)(PPRC)
 Show me the boy on that the monkey touches
 'Show me the boy the monkey touches (on)'

The present study focuses on the production of PPRCs by Brazilian Portuguese-speaking children and aims to contribute to the debate about the role intervention elements play in explaining children's data, as argued for by Friedmann, Belletti and Rizzi (2009). Thus, the present study has two aims: (i) to provide results for Adjunct PPRCs differentiated in terms of the presence of an intervener – an issue not dealt with in the literature yet; and (ii) to argue that it is not possible to ignore processing demands in explaining children's data.

We point out that a theory in terms of differences in child and adult grammars, such as Friedmann, Beletti and Rizzi's, ends up overloading the grammar unnecessarily. Processing limitations widely observed in different adult populations may already capture, in terms of developing processing abilities, the difficulties children show.

In the experiment we have conducted, two types of verbs have been contrasted: intransitive (unergative) and impersonal weather verbs. In Portuguese, sentences with intransitive verbs in PPRCs present a DP intervener subject (4), whereas sentences with weather verbs present an expletive *pro* subject (5).

- (4) Eu escolho os castelos (em) que/onde o vampiro mora pp ____.
 I choose the castles in that/where the vampire lives
 'I choose the castles where the vampire lives.'

- (5) Eu escolho as cidades (em) que/onde *pro* chove muito pp ____.
 I choose the cities in that/where *pro* rains a lot
 'I choose the cities where it rains a lot.'

The predictions are then that sentences with intransitive verbs – which show a DP intervening subject – will be harder for children to produce than their counterparts with weather verbs, which display a null subject, thus not an intervening DP subject.

The remainder of this paper is organized as follows. In Section 1, the main accounts in the psycholinguistics literature and the proposal by Friedmann, Belletti and Rizzi (2009) as well as the results obtained in Costa *et al.* (2015) are presented. Section 2 presents the experiment conducted on PPRCs, with and without an intervening element, with Brazilian Portuguese-speaking children. A discussion about the role intervening elements play in explaining children's data is also provided. The last section brings our final remarks.

² Preposition omission is attested in children's production, which is considered to be an additional strategy children resort to in order to cope with harder dependencies. Costa *et al.* (2015) also brings data from child Hebrew, but for the purpose of this study, we will focus on data from European Portuguese only. See next section for a more detailed presentation of these data.

2 COMPLEXITY OF RELATIVE CLAUSES AND INTERVENING ELEMENTS

In psycholinguistic literature, the different demands imposed by relative clauses are dealt with in terms of the distance between the filler and the gap and the nature of the intervening element. Regarding distance, memory cost has been considered, as Phillips, Kazanina and Abada (2005) emphasize in the following passage:

[...] it is [...] clear from the psycholinguistic literature that shorter wh-dependencies are preferred over longer wh-dependencies, all other things being equal. Processing a wh-filler leads to the creation of an incomplete syntactic dependency, and the prediction of a thematic-role assigner, typically a verb that will allow completion of the dependency. This syntactic prediction must be maintained in working memory, and it is assumed that the cost of maintaining this prediction (memory cost or storage cost) increases as additional linguistic material is processed, leading to a distance-sensitive cost function. When the thematic-role assigning verb is processed, the filler must be integrated with the verb to complete the dependency. It is assumed that the process of integration requires a fixed amount of resources for performing the syntactic and semantic integration itself, plus an amount of resources for first reactivating the filler in working memory that is proportional to the distance between the filler and the verb. Thus, the completion of the filler-gap dependency is also assumed to involve a distance-sensitive cost function [...] The preference for shorter wh-dependencies under this approach is therefore a special case of a general attempt to minimize the usage of working memory resources at each step of processing. (PHILLIPS et al., 2005, p.48-409).

The distance factor accounts for part of the difficulty to produce DORCs over SubjRCs. Moreover, it has also been observed that DORCs with a relativized DP having an intervening full DP as the subject of the relative clause are harder to process than DORCs with a null or pronominal subject. This difficulty can also be explained based on processing difficulties. According to Gordon and colleagues (GORDON; HENDRICK; JOHNSON, 2001, 2004; GORDON; HENDRICK; LEVINE, 2002), when the head NP and the embedded NP are of the same type (e.g., both are common nouns or proper names), an interference effect occurs due to the load of maintaining both NPs retained in memory during processing. This load would be lessened if the embedded NP is an indexical pronoun.

The literature on language acquisition has recently resorted to this interference of an NP subject in order to explain children's attested difficulty with DORCs from a formal perspective. Friedmann, Belletti and Rizzi (2009) have proposed that DORCs are harder for children than SubjRCs due to the presence of the intervening subject – D NP1 – between the head of the relative clause (D NP2) and the gap inside the object relative clause (<D NP2>):

- (6) ... the boy₂ that the girl₁ invited <the boy₂>
 D NP₂ R ... D NP₁ <D NP₂>

The problem arises if both the target and the subject are lexically restricted. When either the intervener or the target does not carry a lexical restriction, as in free relatives or in the presence of an impersonal *pro* subject (in languages that allow it such as Hebrew (7)), children show adult behavior, less difficulty (FRIEDMANN; BELLETTI; RIZZI, 2009, example (12) in the original, p. 75):

- (7) Tare li et ha-sus she-mesarkim oto.
 Show to-me ACC the-horse that-brush-pl him
 'Show me the horse that someone is brushing.'

Based on the Relativized Minimality Principle (RIZZI, 1990)³, Friedmann, Belletti and Rizzi (2009) argue that the extent to which the principle would apply differs for adults and children. Adults are able to handle structures where the features of the intervener

³ In a configuration like (i) "a local relation between X and Y fails if the intervener Z bears a certain structural similarity to X, or, more precisely, Z belongs to the same structural type as X" (FRIEDMANN; BELLETTI; RIZZI, 2009, p. 82).

(i) X... Z... Y

and the target are in an inclusion relation, but children require disjunction of the features (chart provided by the authors, schema (29), p. 84):

(8)	Adult grammar	Child grammar	
a) +A +A <+A>	*	*	(identity)
b) +A,+B..... +A <+A,+B>	ok	*	(inclusion)
c) +A +B <+A>	ok	ok	(disjunction)

The results from Hebrew-speaking children tested for comprehension and production of SubjRCs and DORCs, reported in Friedmann, Belletti and Rizzi (2009), seem to support their proposal. According to the authors: “subject relatives were comprehended significantly better than object relatives, $t(52) = 9.06$, $p < .001$.” Additionally, when no intervening element was present, as in free relatives, “group-level performance ... was above chance”, as well as for “object relatives with the arbitrary *pro* [which] were comprehended significantly better than the headed object relatives, $t(21) = 5.93$, $p < .0001$.”

As far as production is concerned, the authors state that: “There were significantly more grammatical productions of subject relatives than of object relatives, $t(21) = 3.01$, $p < .01$,” Hebrew-speaking children avoided DORCs, resorting to subject relative clauses, free relatives, impersonal *pro* subjects, resumptive pronouns and resumptive DPs. Inadequate responses in which reversed theta roles are instantiated were also found.

More recently, Costa *et al.* (2015) have shown that PP relative clauses (see (3) above) are also as hard as DP direct object relative clauses for children, based on data from European Portuguese (EP) as well as Hebrew. They argue then that the presence of a DP intervener makes the task harder regardless of the fact that a PP or a DP is moved. Moreover, the grammatical function of the PP (adjunct or complement) is also irrelevant.

The authors point out though that, in EP, the rate of success in producing PPRCs is similar to the rate of success in producing DORCs, once preposition omission is controlled for. Costa *et al.* (2015) argue that preposition omission is independent of intervention effects, constituting an additional strategy to cope with harder dependencies. Compare (9) and (10):

- (9) ... o menino **em** que o macaco toca. (EP)(PPRC)
 ... the boy on that the monkey touches.
 ‘... the boy the monkey touches (on).’
- (10) ... o menino que o macaco toca. (EP) (PPRC)
 ... the boy that the monkey touches. (preposition omission)
 ‘...the boy the monkey touches (on).’

Table 1 (Table 2, in the original paper) shows the percentage of the production of target responses, considering both standard PPRCs and PPRCs with preposition omission in EP (COSTA *et al.*, 2015, p. 40):

	Target DP Object Relatives	Target PP Object Relatives + P-omission Relatives
4-year-olds	21.7%	17.6%
5-year-olds	29.2%	30.6%

Table 1: rates of production of relative clauses in child EP (4 year-olds, N=20, 5-year-olds N=20).

Table 1 shows that the rates of production of DORCs and PPRCs are similar once relatives with preposition omission are taken as target responses. Based on these results, the authors conclude that PPRCs are also impacted by the presence of an intervening element and that relatives with preposition omission should also be considered in order for a clearer picture to be obtained.

Turning now to BP, we observe that this language also makes use of preposition omission in PPRCs not only in child language but also in adult language. Thus, it seems relevant also to consider this type of strategy as used by children. This will be taken into account in the experiment conducted with Brazilian Portuguese-speaking children in a production task aiming at eliciting adjunct PPRCs with intransitive and weather verbs.

These extremely interesting data on child language indicates that there is indeed some asymmetry between SubjRCs and DORCs in children's production and comprehension data; so intervention effects seem to be operative. Both processing accounts and a theory in terms of feature disjunction can explain children's linguistic behavior. Our study will further expand the range of data and languages studied, bringing the results of an experiment – conducted with Brazilian Portuguese-speaking children – which elicits PPRCs with intransitive and weather verbs.

The next section presents the experiment.

3 EXPERIMENT: CONTRASTING INTRANSITIVE AND WEATHER VERBS IN PPRCS

An elicitation task was designed for the production of adjunct PPRCs with intransitive and weather verbs sentences. In adjunct PPRCs with intransitive verbs, there is a DP intervener (see (4), repeated as (11)), whereas in adjunct PPRCs with weather verbs, there is a *pro* subject, thus not an intervening DP (see (5), repeated as (12)):

- (11) Eu escolho os castelos (em) que/onde **o vampiro** mora pp____.
 I choose the castles in that/where the vampire lives.
 'I choose the castles where the vampire lives.'

- (12) Eu escolho as cidades (em) que/onde **pro** chove muito pp____.
 I choose the cities in that/where *pro* rains a lot.
 'I choose the cities where it rains a lot.'

The prediction is that sentences with intransitive verbs – which show a DP intervening subject – will be harder for children to produce than their counterparts with weather verbs, which display a null subject, thus not an intervening DP subject.

Our research questions are then the following:

- (i) Will PPRCs with intransitive verbs – with a DP intervener – induce fewer target-responses than PPRCs with weather verb sentences – with no intervener – in children's production?
- (ii) Are there specific strategies that children acquiring BP resort to in order to avoid PPRCs with interveners?

The independent variables of the experiment were (i) the type of verb used in an eliciting preamble: intransitive verb and weather verb; (ii) age of the participants: 4 and 5-year-old children; adults (as a control group).

All the participants saw the two conditions of the first variable (within-subjects factor) and there were 6 trials for each condition. Each participant answered a total of 12 items. There were also 3 pre-test trials for the children to get familiarized with the task. The dependent variable was the number of target-responses (relative clauses with or without preposition) produced for each condition.

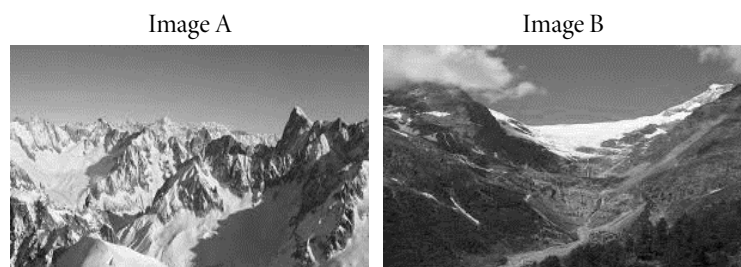
Method:

Participants: Thirty (30) children, divided into two age groups, participated in the experiment: (i) 4 year-olds (3;11-4;9/Mean age:4;2/6 male); (ii) 5 year-olds (4;11-5;10/Mean age:5;4/8 male). The control group was constituted by fifteen (15) undergraduate students (mean age: 22 years old/ 8 male).

Task and procedure:

The production of relative clauses was evaluated using an elicitation task in which participants heard a brief description involving two elements of the same kind and had to answer a question indicating their preference towards one of them. The task was performed as a game: images representing the two elements were exhibited side by side in a computer screen while the eliciting text was orally presented. The game consisted in verifying if a Genius of the Lamp could guess the preference of the child. After the child completed the target sentence, the choice of the Genius was shown, and the experimenter initiated a new trial. The example below illustrates the weather verb. The complete list of stimuli used for each condition is provided in Appendix 1.

- (13) *Experimenter: Veja essas montanhas. Neva muito nessas montanhas aqui (imagem A) e neva pouco nessas outras montanhas (imagem B). Que montanhas você escolhe? Conte para o Gênio.*
(Look at these mountains. It snows heavily in these mountains here (image A) and it snows little in these other mountains (image B). Which mountains do you choose? Tell the Genius.)



Expected child response: Eu escolho as montanhas (em) que/onde neva muito/pouco. (I choose the mountains (in) which/where it snows a lot/a little).

Results

The elicitation task was highly effective, with children and adults producing a large number of relatives. Below, we present the types of responses provided by our subjects:

Standard Relative (target-response)

- (14) a. ... os estádios em que o Brasil jogou (L. 18 years)
 ... the stadiums in that the Brazil played
 ‘...the stadiums where Brazil has played.’
- b. ... as praias em que venta muito (J. 19 years)
 ... the beaches in that winds a lot
 ‘... the beaches where it winds a lot.’

Chopped Relative (preposition omission) (target-response)

- (15) a. ... *as praias que o golfinho nada* (S. 4;8 years)
 ... the beaches that the dolphin swims
 '... the beaches where the dolphin swims.'
- b. ... *as florestas que não neva* (J. 5;8 years)
 ... the forests that not snow
 '... the forests where it doesn't snow.'

Topic-subject (plural agreement)

- (16) ... *as montanhas que não nevam* (S. 4;8 years)
 ... the mountains that not snow^{3rd person plural}
 '... the mountains where it doesn't snow.'

Use of PPs/adjectives/gerunds

- (17) a. ... *os castelos do vampiro* (M. 4;1 years)
 ... the castles of the vampire
 '... the vampire's castles'
- b. ... *as montanhas com pouca neve* (F. 5;10 years)
 ... the mountains with little snow
 '... the mountains with little snow'
- c. ... *as almofadas limpas* (B. 5;7 years)
 ... the cushions clean
 '... the clean cushions'
- d. ... *as praias ventando pouco* (M.; 3;11 years)
 ... the beaches winding little
 '... the beaches where it is winding a little'

Change of verb – subject relative

- (18) a. ... *as praias que têm golfinho* (B. 4;9 years)
 ... the beaches that have dolphin
 '... the beaches where there are dolphins.'
- b. ... *as montanhas que são mais geladas* (T. 3;11 years)
 ... the mountains that are more cold
 '... the mountains that are colder.'

Non-valid response (no response, echo response, singular antecedent)

- (19) a. ... não sei (D. 3;8 years)
... don't know
'...I don't know.'
- b. ... *neva mais* (H. 5;7 years)
... snows more
'... snows a lot.'
- c. ... *a floresta que não neva* (B., 5;1 years)
... the forest that not snow.
'...the forest where it doesn't snow.'

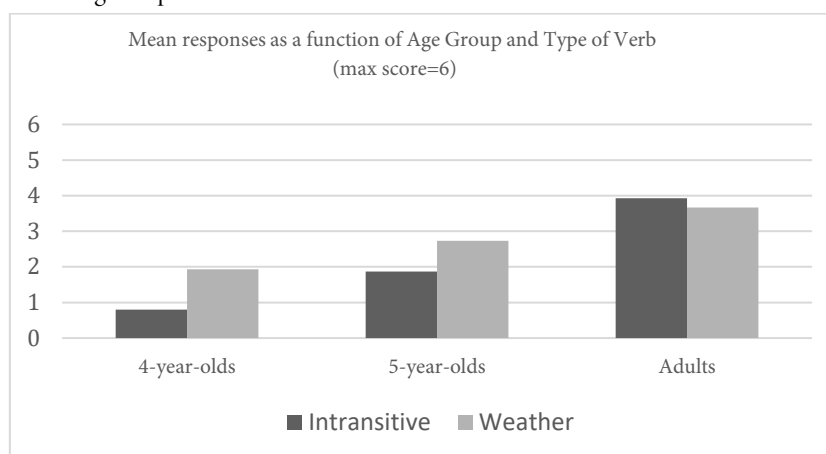
The percentages of the main types of responses are presented in table 2:

	4 year-olds		5 year-olds		Adults	
	Intr.	Weather	Intr.	Weather	Intr.	Weather
Standard (with and without Prep)	13,95%	32,22%	36,84%	45,56%	74,68%	61,11%
Plural agreement	N/A	15,56%	N/A	18,89%	N/A	31,11%
PP	58,14%	13,33%	31,58%	1,11%	24,05%	2,22%
Change of verb	18,60%	28,89%	6,58%	12,22%	1,27%	5,56%
Others	9,3%	10%	25%	22,22%	-	-

Table 2: Percentages of the main types of responses

We would like to point out that a distinct behavior concerning the production of PPRCs target-responses with intransitive and weather verbs is more salient for 4-year-olds than for 5-year-olds (see statistical results below). Table 2 also shows that both 4 and 5-year-olds (as well as adults) resort to the topic-subject (plural agreement) construction for weather verbs. Particularly for 4-year-olds, the use of simple PPs is the preferred option for intransitive verbs. However, it is also a common strategy for both 5-year-olds and adults.

We turn now to the mean of target responses for adults and children:



Graph 1: mean target responses by age group and type of verb (N=45)

The rate of target responses increases with age for both types of verbs. 4-year-olds present the lowest rates of target responses, especially for intransitive verbs that display DP interveners.

An ANOVA calculated on the target-responses considered *Type of verb* (intransitive or weather verb) as a within-subjects factor and *Group* (4, 5-year-olds and adults) as a between-subjects factor. A significant effect for *Group* was obtained ($F(2,42) = 17,9$ $p < 0,000002$). No main effect for *Type of Verb* ($F(1,42) = 3,50$ $p < 0,068$) or an interaction between *Group* and *Type of Verb* ($F(2,42) = 1,93$ $p < 0,157$) were obtained.

Pairwise comparisons show, though, significant difference between intransitive and weather verbs for 4-year-olds ($t(14)=2,54$ $p < 0,0235$ (2-tail)/ $p < 0,012$ (1-tail)), but just a tendency for 5-year-olds when considering a 1-tailed test ($t(14)=1,71$ $p < 0,1087$ (2-tail)/ $p < 0,054$ (1-tail)). No difference was obtained for adults ($t(14)=0,42$ $p < 0,6813$ (2tail)).

4 DISCUSSION

Going back to our research questions, let us first restate them: (i) Will PPRCs with intransitive verbs – with a DP intervener – give rise to fewer target-responses than PPRCs with weather verb sentences – with no intervener – in children's production?, and (ii) Are there specific strategies that children acquiring BP resort to in order to avoid PPRCs with interveners?

It is possible to answer the first question affirmatively. There are significantly more PPRCs target-responses with weather verbs than with intransitive verbs, particularly for 4 year-olds; for 5 year-olds, there is a tendency in this direction. No difference was observed for adults.

In relation to the second research question, Table 2 indicates that the answer is 'yes'. 4 year-olds present a large proportion of PP responses for intransitive verbs (58%) (*Eu escolho os castelos do vampiro/I choose the castles of the vampire*). 5 year-olds also make use of this strategy, but to a lesser extent (31%). When we consider weather verbs, the rate of PP responses drops to 13% for 4 year-olds and to 1% for 5 year-olds. For this kind of verb, we detected a developmental trend in the use of an innovative structure in BP, the topic-subject (plural agreement) construction, with 4 year-olds producing 15% of them, 5 year-olds producing 19% and adults, 31%. It is also worth pointing out a change of nearly 30% on verb responses for 4-year-olds for weather verbs (*eu escolho as montanhas que tem/têm um monte de neve/I choose the mountains that have a lot of snow*).

In sum, the use of PPs for intransitive verbs and topic-subject construction for weather verbs stand out. PPs are favored over an RC. In what follows, we turn our attention to the topic-subject (plural agreement) construction, which was frequently produced by our participants:

- (20) *Eu escolho as cidades que chovem muito.*
 I choose the cities that rain_{3rd person plural} a lot
 'I choose the cities where it rains a lot.'

This construction is derived from a left-dislocated structure, where the locative or temporal left-dislocated DP triggers verbal agreement (AVELAR; GALVES, 2011; MUNHOZ; NAVES, 2012; PILATI; NAVES, 2012). This can be clearly seen when the dislocated element is plural. The dislocated element 'loses' its preposition, and what is observed in the left periphery is a DP element:

- (21) *Essas cidades chovem muito.*
 these cities rain_{3rd person plural} a lot
 'It rains a lot in these cities.'

The structure without left-dislocation ((22) below) has a locative PP in canonical position, and there should be a null expletive in subject position triggering singular agreement on the verb:

- (22) *pro Chove muito nessas cidades.*
 pro rains a lot in these cities
 'It rains a lot in these cities.'

The relative clause formed from the left-dislocated structure in (21) is deprived of an intervening element, being actually a SubjRC⁴:

- (23) *Eu escolho as cidades_i que [aP _____i [TP chovem [AdvP muito]]]*
 I choose the cities that rain_{3rd person plural} a lot
 'I choose the cities where it rains a lot.'

As mentioned before, both adult and child speakers produced this kind of structure in our study, although children produced it at lower rates. Previous experimental studies on weather verbs conducted with adult speakers of BP (COSTA, 2013; COSTA; AUGUSTO; RODRIGUES, 2014) have also found that speakers produce and accept them.

5 GENERAL DISCUSSION

The distinct behavior concerning structures with or without intervening elements has been treated in the majority of the acquisition studies in the literature by means of the stricter version of Relativized Minimality (FRIEDMANN; BELLETTI; RIZZI, 2009), presented above. However, we would like to point out that this explanation does not seem to capture the whole picture. On one hand, it does not explain the relatively high rate of production of relatives with interveners (around 30% in studies focusing on DORCs; about 14% with intransitive verbs in the present study with the younger children). If children are constrained as Friedmann, Belletti and Rizzi (2009) claim, we should expect them to produce no relatives with interveners or at least, much lower rates than what was attested. On the other hand, structures without interveners should be produced at higher rates, what was not obtained in this study for PPRCs with weather verbs (32% for 4 year-olds and 45% for 5 year-olds).

Moreover, the availability of different alternative structures able to express the content that RCs convey also add to the picture. It is not possible to refer to intervention effects for production data without considering valid alternatives the language provides for each type of RC. PPRCs with intransitive verbs gave rise to simpler structures (simple PPs) more often than PPRCs with weather verbs, for which plural agreement structures stood as one of the preferred alternatives. Younger children stick more frequently to simpler structures than older children, but adults also make use of these alternatives considerably (24% of simple PPs for PPRCs with intransitive verbs in this study). They also usually resort to more pragmatically felicitous alternatives when prompted to produce RCs, as passives are often reported as an alternative in DORCs.⁵

An alternative explanation that seems more feasible is that children (as well as adults, to some extent) resort to simpler structures whenever possible in order to lessen the burden of processing, as widely attested in processing literature for adults (GENNARI; MACDONALD, 2009; CORRÊA; AUGUSTO; MARCILESE, 2018). It is thus questionable the extent to which an overextension of grammar principles, overloading the grammar unnecessarily, should be favored over processing complexity as an adequate explanation for the kind of results found in language acquisition studies.

⁴ The projection aP has been proposed to host left-dislocated elements (see MIYAGAWA, 2010).

⁵ Usually, when DORCs are elicited, two images are presented side by side, for example, in one of them the grandma hugs the boy and in the other the grandpa hugs the boy. The experimenter asks the participant which boy he would rather be. The expected answers will be: I would rather be the boy that the grandma/grandpa hugs. Observe that in this scenario, there are two potential agents, grandma and grandpa. This is one type of context where a full passive sentence is felicitous as it focuses on the agent chosen (see O'BRIEN; GROLLA; LILLO-MARTIN, 2005 for more discussion). Additionally, the passive also maintains 'the boy' as the topic (I'd rather be the boy that is hugged by the grandma/grandpa). This might be a contributing factor as to why adults frequently resort to this strategy.

6 FINAL REMARKS

This paper aimed at contributing to the debate on the distinction between children's production of different types of relative clauses in terms of the presence of intervening elements (FRIEDMAN; BELLETTI; RIZZI, 2009). It has been shown that RCs without intervening elements (such as SubjRCs) are better comprehended than RCs with intervening elements (such as DORCs). Several studies have also shown that children provide higher rates of target responses when producing RCs with no intervening elements, resorting to different strategies in order to avoid those RCs with intervening elements. Such state of affairs has been shown to extend to PPRCs, also presenting an intervening element (COSTA *et al.*, 2015).

In this paper, we focused on PPRCs and the possibility of having or not an intervening element. Adjunct PPRCs were elicited, contrasting intransitive verbs (with an intervening subject) and weather verbs (without intervening subject and with expletive *pro*). Our results from this task, administered to 4 and 5 year-olds as well as a group of adults (as a control group), showed that a distinct behavior is attested for 4 year-olds, with more target responses for weather verbs PPRCs, which have no intervening elements. A closer look at the breakdown of responses showed that children resort to different strategies both for PPRCs with intervening elements as well as for PPRCs without them, suggesting that PPRCs are costly structures and production data must be considered in relation to the possible alternative structures each language provides. Simple PPs were often a way-out for producing a valid response for an expected PPRC with intransitive verbs. Topic-subject constructions, typical of Brazilian Portuguese, were also productive for an expected PPRC with weather verbs.

Our proposal is that resorting to less complex structures is a processing strategy, affecting both children and adults. RCs processing costs, which stem from different sources (type of RC, presence and nature of interveners, distance between filler and gap), seem a more promising alternative over a formal account, which overloads the grammar unnecessarily.

REFERENCES

- ADANI, F.; SEHM, M.; ZUKOWSKI, A. How Do German children and adults deal with their relatives. In: STAVRAKAKI, S.; LALITI, M.; KONSTANTINOPOULOU, P. (ed.). *Advances in language acquisition*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012. p. 14-22.
- AVELAR, J.; GALVES, C. Tópico e concordância em PB e PE. In: COSTA, A.; BARBOSA, P.; FALÉ, I. (org.) XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos selecionados. Lisboa: APL, 2011. p. 49-65.
- BELLETTI, A.; CONTEMORI, C. Intervention and attraction. on the production of subject and object relatives by Italian (young) children and adults. In: COSTA, J.; CASTRO, A.; LOBO, M.; PRATAS, F. (ed.). *Language acquisition and development: Proceedings of GALA 2009*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 39-52.
- CORRÊA, L. M. S. An alternative assessment of children's comprehension of relative clauses. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 24, n. 3, p. 183-203, 1995.
- _____; AUGUSTO, M. R. A.; MARCILESE, M. Competing analyses and differential cost in the production of non-subject relative clauses. *Glossa: a journal of general linguistics*, v., n.1, p. 1-22, 2018.

COSTA, I. de O. Verbos meteorológicos no plural em orações relativas do português brasileiro: sintaxe e processamento. 2013. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____; AUGUSTO, M. R. A.; RODRIGUES, E. dos S. Verbos meteorológicos flexionados no plural e a hipótese da inacusatividade biargumental: explorando a sintaxe do Português Brasileiro. *Veredas* (UFJF. Online), v. 18, p. 257-280, 2014.

COSTA, J. ; FRIEDMANN, N. ; SILVA, C.; YACHINI, M. The acquisition of PP relatives in Hebrew and European Portuguese: another window into the atoms of intervention. In: HAMANN, C.; RUIGENDIJK, E. (Eds.), *Language acquisition and development: Proceedings of GALA 2013*. Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2015. p.35-48.

de VILLIERS, J.; TAGER-FLUSBERG, H.; HAKUTA, K.; COHEN, M. Children's comprehension of relative clauses. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 8, p. 499-518, 1979.

FRIEDMANN, N.; BELLETTI, A.; RIZZI, L. relativized relatives. types of intervention in the acquisition of A-Bar dependencies. *Lingua*, v. 119, n.1, p. 67-88, 2009.

GENNARI, S.; MACDONALD, M. E. Semantic indeterminacy in object relative clauses. *Journal of Memory and Language* 58. 161–187, 2008.

GIBSON, E.; DESMET, T.; GRODNER, D.; WATSON, D.; KO, K. reading relative clauses in English. *Cognitive Linguistics*, v. 16, n.2, p. 313-353, 2005.

GOODLUCK, H.; TAVAKOLIAN, S. Competence and processing in children's grammar of relative clauses. *Cognition*, v.11, n.1, p. 1-27, 1982.

GORDON, P. C.; HENDRICK, R.; JOHNSON, M. Memory interference during language processing. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 27, n. 6, p. 1411–1423, 2001.

_____.; _____.; _____. Effects of noun phrase type on sentence complexity. *Journal of Memory and Language*, v. 51, n.1, p. 97–114, 2004.

_____.; _____. LEVINE, W. H. Memory-load interference in syntactic processing. *Psychological Science*, v.13, n. 5, p. 425–430, 2002.

GROLLA, E.; AUGUSTO, M. absolute constructions in Brazilian Portuguese and *Relativized Minimality Effects in Children's Productions*. In: *Proceedings of GALANA VI - Generative Approaches to Language Acquisition North America*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2016. p. 36-47.

GUASTI, M. T.; CARDINALETTI, A. Relative clause formation in romance child production. *Probus*, v.15, n.1, p. 47-88, 2003.

HAMBURGER, H.; STEPHEN, C. Relative acquisition. In: KUCZAJ, S. (ed.) *Language development: syntax and semantics*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1982. p. 245-274.

LABELLE, Marie. Predication, Wh-Movement and the development of relative clauses. *Language Acquisition*, v.1, n.1, p. 95-119, 1990.

MARTINI, K.; BELLETTI, A. ; CONTEMORI, C.; RIZZI, L. On the role of lexical restriction and intervention in production: A new angle on the subject-object relatives asymmetry, *Proceedings of the 1st SynCart Workshop "From maps to principles"*, Special Issue of Generative Grammar in Geneva (GG@G), v. 11, 2018.

MIYAGAWA, S. Why agree? Why move? Unifying agreement-based and discourse configurational languages. *Linguistic Inquiry Monograph* 54, MIT Press, 2010.

MUNHOZ, A.; NAVES, R. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 245-265, 2012.

O'BRIEN, K.; GROLLA, E.; LILLO-MARTIN, D. Long passives are understood by young children. *Proceedings of the 30th Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadia Press, v. 30, 2005, p. 441 – 451.

PHILLIPS, C.; KAZANINA, N.; ABADA, S. H. ERP effects of the processing of syntactic long-distance dependencies. *Cognitive Brain Research*, v. 22, n. 3, p. 407-428, 2005.

PILATI, E. N. S.; NAVES, R. R. Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito no português brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 2., São Paulo, 2012. (Comunicação oral).

RIZZI, L. Relativized minimality. Cambridge, MA: The MIT Press, 1990.

TRAXLER, M. J.; MORRIS, R. K.; SEELY, R. E. Processing subject and object relative clauses: evidence from eye movements. *Journal of Memory & Language*, v. 47, n.1, p. 69-90, 2002.

UTZERI, I. The Production and the acquisition of subject and object relative clauses in italian: a comparative experimental study. *Nanzan Linguistics*, Special Issue 3, v. 1, p. 283-313, 2007.

WANNER, E.; MARATSOS, M.. An ATN approach to comprehension. In: HALLE, M.; BRESNAN, J.; MILLER, G. A. (ed.). *Linguistic theory and psychological reality*. Cambridge, MA: MIT Press, 1978. p. 119–161.

WARREN, T.; GIBSON, E. The influence of referential processing on sentence complexity. *Cognition*, v. 85, p. 79-112, 2002.

Acknowledgements

We would like to thank the reviewers for valuable comments and suggestions. Any remaining errors are our own responsibility. We would also like to thank the children who participated in this study and the daycares for their hospitality. This research has been partially funded by the grants: FAPERJ (Prociência/2017) to the first author, and CNPq (308397/2017-7) to the second author.



Received in September 20, 2018. Approved in November 30, 2018.

A PERDA DO EFEITO V2 NA HISTÓRIA DO ESPAANHOL EUROPEU

LA PÉRDIDA DEL EFECTO V2 EN LA HISTORIA DEL ESPAÑOL EUROPEO

THE LOSS OF V2 EFFECT IN THE HISTORY OF EUROPEAN SPANISH

Carlos Felipe Pinto*

Universidade Federal da Bahia

RESUMO: Diversos trabalhos em diversas perspectivas teóricas indicaram que a ordem de constituintes do espanhol antigo era diferente da ordem do espanhol atual, o que levou os pesquisadores, no quadro da gramática gerativa, a considerarem o espanhol antigo uma gramática V2. Neste artigo, proponho uma discussão sobre como a mudança gramatical de uma gramática V2 para uma gramática não V2 acontece na história do espanhol, considerando os pressupostos dos estudos diacrônicos no quadro gerativista que consideram a aquisição da linguagem o lugar central da mudança linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Ordem de palavras. Movimento do verbo. Efeito V2. Espanhol antigo.

RESUMEN: Muchos trabajos que asumen distintas perspectivas teóricas señalan que el orden de constituyentes del español antiguo era distinto al orden del español actual, lo que llevó a que los investigadores ubicados en el marco de la gramática generativa analizaran el español antiguo como una gramática V2. En este artículo, propongo una discusión en torno a cómo se da el cambio gramatical de una gramática V2 hacia una gramática no V2 en la historia del español, tomando para ello aportaciones de los estudios diacrónicos en el marco generativista que consideran la adquisición de la lengua el lugar central del cambio lingüístico.

PALABRAS CLAVE: Orden de palabras. Movimiento del verbo. Verbo Segundo. Español antiguo.

* Doutor em Linguística pela UNICAMP. Professor Adjunto de Língua Espanhola. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. E-mail: cfpinto@ufba.br. Dedico este trabalho à saudosa Prof^a. Dr^a. Ilza Ribeiro, com quem pude ter muito diálogo e aprendizagem sobre ordem de palavras, efeito V2 e mudança linguística. Certamente, todos os erros que persistirem são de minha inteira responsabilidade.

ABSTRACT: Several works in many theoretical perspectives indicated that the word order in old Spanish was different from the order of the current Spanish, which led the researchers in the frame of generative grammar to consider old Spanish as a V2 grammar. In this article, I propose a discussion to describe the grammatical change from a V2 grammar to a non-V2 grammar in the history of Spanish considering the presuppositions of the diachronic studies in the generative framework that consider language acquisition as the central place of linguistic change.

KEYWORDS: Word order. Verb movement. Verb Second. Old Spanish.

1 INTRODUÇÃO

Como diversos estudos preocupados com a mudança linguística no quadro da gramática gerativa têm proposto a partir de Lightfoot (1979; 1991), a aquisição da linguagem é o lugar da mudança devido a uma fixação de parâmetros diferente da fixação paramétrica da geração anterior. A fixação paramétrica diferenciada deve-se a uma mudança no ambiente linguístico no qual as duas gerações adquiriam a sua língua, o que proporciona que a criança interprete o parâmetro dos dados linguísticos de forma diferente da geração anterior.

Como discutido por sociolinguistas desde o trabalho pioneiro de Weinreich, Labov e Herzog (1968), os falantes/ouvintes não vivem em comunidades de fala homogêneas¹. Pelo contrário, aprendem e usam a língua em contextos heterogêneos, e fatos de bilinguismo e diglossia relevam que os falantes sabem mais que um único sistema gramatical. Numa outra perspectiva, Kroch (1989) discute uma proposta de modelagem estatística da mudança linguística; porém, levanta um problema metodológico central para estudo diacrônico das línguas, pontuando, essencialmente, que não é possível fazer uso de um modelo experimental, ou seja, recorrer à intuição e ao julgamento do falante, como nos estudos sincrônicos, e que os dados que se tem nem sempre refletem com exatidão a língua falada na época, tendo em vista que várias questões entram em jogo na análise do texto escrito. As ponderações de Kroch (1989) para uma proposta de modelagem estatística (e, portanto, formalista) podem ser relacionadas com as de Weinreich, Labov e Herzog (1968) no sentido de que, assim como há heterogeneidade na língua atual, teria havido heterogeneidade em qualquer fase passada, o que impõe desafios à pesquisa em linguística histórica e mudança linguística.

Nesse sentido, Paixão de Sousa (2004) comenta que não é adequado que as pesquisas em sintaxe diacrônica, mesmo dentro de um quadro formalista como a gramática gerativa, ignorem os fatos históricos. Paixão de Sousa (2004, p. 18-19 - grifos da autora) diz: “[e]ntendo que um texto escrito será antes de tudo um objeto histórico (concreto, se quisermos), pois é produzido, recebido, preservado e investigado em circunstâncias historicamente construídas”. Nesse mesmo espírito, Paixão de Sousa (2006, p. 36) acrescenta:

No caso da documentação sobre as línguas, os dados históricos principais são os registros escritos que chegam até nós. Ora, esses registros representam um fragmento dos acontecimentos. Mais que isso: um fragmento daquilo que um determinado contexto histórico julgou relevante registrar; que um segundo momento histórico julgou importante preservar; e que um terceiro momento histórico considerou pertinente examinar. Trazendo esse problema mais para perto, isso significa que como documentação das línguas espanholas medievais temos acesso, hoje, aos fragmentos da língua escrita nas cortes cristãs – por exemplo, os códigos de leis e outros documentos legais; as crônicas históricas dos feitos dos reis cristãos. Importantes e interessantíssimos fatos linguísticos nos são revelados por estes testemunhos; não podemos esquecer, entretanto, que há todo um universo de fatos linguísticos contemporâneos a eles, e aos quais não temos acesso por meio de documentação – porque tais fatos nunca foram registrados. Não foram julgados dignos de registro em sua época; ou não foram considerados dignos de preservação.

Em outras palavras, mesmo que a preocupação da linguística gerativa seja a mente (a configuração e o funcionamento da faculdade da linguagem), quando esse modelo teórico é deslocado de uma análise sincrônica para uma análise diacrônica (e passa a pensar como os valores paramétricos podem ser alterados de uma geração para outra), os fatos históricos, como os pontuados por Paixão

¹ Esse fato é reconhecido e assumido pelo próprio Chomsky (1986).

de Sousa (2004, 2006), não podem ser simplesmente abstraídos da investigação linguística. Se a mudança linguística acontece, de fato, no momento da aquisição da linguagem, que, embora seja biologicamente guiada pela faculdade da linguagem, está deterministicamente relacionada com o ambiente linguístico, os processos históricos que constituem o ambiente devem ser incluídos fatidicamente na análise linguística.

Mattos e Silva (2008) comenta que há uma diferença entre linguística diacrônica e linguística histórica. A primeira estaria detida na análise das mudanças internas ao sistema; a segunda levaria em conta o contexto social em que tais mudanças ocorreram. No entanto, é possível concluir, pela posição de Paixão de Sousa (2004; 2006), que, mesmo nos quadros formalistas, uma análise meramente diacrônica, nessa distinção feita por Mattos e Silva (2008), pode fornecer resultados incompletos, parciais e até mesmo não verdadeiros do processo de mudança linguística.

Por exemplo, Charlotte Galves, em comunicação pessoal, comenta que na história do português há uma mudança linguística retratada nos textos que não se deve a uma mudança de gramáticas pela aquisição da linguagem, ou seja, a um parâmetro que mudou devido a uma fixação paramétrica diferente da fixação da geração anterior, mas a uma mudança no centro de prestígio de Portugal na época. Isto é, como a escrita era privilégio de poucos, quando o centro letrado e escritor mudou, a língua registrada também mudou. Se o investigador não tem essa informação, pode considerar os fatos da história da língua como um *continuum* linguístico, quando, na verdade, houve uma interrupção e substituição linguísticas.

Assim, mesmo que este trabalho se insira no quadro gerativista, é mister um conhecimento da sócio-história do espanhol especificamente e, em alguma medida, das línguas românicas e germânicas em geral para que uma boa análise diacrônica da sintaxe do espanhol seja feita.

Em trabalhos anteriores (PINTO, 2011, 2015, 2018), enfatizei algumas diferenças gramaticais entre o espanhol antigo e o espanhol atual, apontando as principais diferenças entre as duas fases da língua com relação à ordem de constituintes, levantei a questão de que o espanhol antigo apresentava variação gramatical, sugerindo a existência de um processo de competição de gramáticas entre uma gramática V2 e uma gramática não V2 semelhante à gramática atual, e propus uma análise formal para a gramática atual e para a gramática V2 do espanhol antigo.

Neste artigo, apresentarei uma proposta para explicar a perda do efeito V2 ao longo da história do espanhol. Como consequência da proposta de que havia duas gramáticas na fase antiga, a hipótese de partida é que não houve uma mudança paramétrica com relação ao movimento do verbo entre uma fase e outra, mas, sim, a eliminação de uma das gramáticas, no caso, da gramática V2.

O artigo está organizado da seguinte forma: além desta introdução, que é a primeira parte do texto, na segunda parte, faço uma breve apresentação de como a mudança gramatical é entendida no quadro da teoria da gramática; na terceira parte, retomo os dados que evidenciam a existência de um efeito V2 no espanhol antigo; na quarta parte, discuto como essa gramática V2 pode ter desaparecido na história do espanhol europeu; na última parte, faço algumas considerações residuais, apontando para questões de investigações futuras.

2 A TEORIA DA GRAMÁTICA E A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Ao situar a língua como um objeto mental, novas considerações precisam ser feitas sobre a mudança linguística. Lightfoot (1993) faz uma exposição de como a mudança linguística é abordada em outros modelos, como o neogramático e o estruturalista, que propunham a mudança linguística a partir de leis universais e generalizantes, e propõe, com base em seus trabalhos anteriores (LIGHTFOOT, 1979, 1991), que a mudança linguística se dá na aquisição da linguagem, a partir da fixação de parâmetros.

A proposta central do autor (LIGHTFOOT, 1979, 1991) é que a língua muda quando a criança não fixa os parâmetros de acordo com a gramática da geração anterior. Esse ponto é matizado por Roberts e Roussou (2003, p. 13): se fixação correta de parâmetros significar fixar os parâmetros de modo que a gramática convergente seja idêntica à gramática adulta, há uma contradição entre o

problema lógico da mudança linguística e o problema lógico da aquisição da linguagem, porque a previsão que se faz é que as línguas não mudariam nunca. Roberts e Roussou (2003) propõem, então, que a aquisição da linguagem seja um processo fracamente determinístico, ou seja, a criança deve fixar os parâmetros de forma consistente com o *input* e não com a gramática adulta. Os autores salientam, no entanto, que, quase sempre, há convergência com a gramática adulta.

Lightfoot (1998, 2006) propõe que haja pistas nas quais os aprendizes se guiam para a fixação de parâmetros no processo de aquisição da linguagem. Segundo Lightfoot (2006, p. 149), uma pista é algum tipo de estrutura, elemento da gramática, derivado do *input*. A criança ouve o dado e faz uma análise dele. O processo é concluído com a fixação do parâmetro em questão a partir do *input* recebido e da análise feita pela criança².

Um exemplo de pistas para aquisição pode ser obtido a partir das línguas V2. Lightfoot (1991; 1995; 2006) propõe que a pista que uma criança tem para saber que sua língua é uma língua V2 é a existência de um constituinte qualquer, independentemente de qualquer função gramatical ou papel temático, em primeira posição, seguido imediatamente pelo verbo. No entanto, quando a pista não é clara, podem não fixar o parâmetro segundo a gramática adulta.

Kroch (2001) discute a perda do efeito V2 no francês antigo e mostra que uma oração, como a ilustrada em (1), a seguir, pode receber tanto uma análise V2 como uma análise não V2, como se observa em (2) na sequência:

- (1) Si firent grant joie la nuit.
então fizeram grande alegria à noite (KROCH, 2001, p. 710)
- (2) a. Análise V2:
[CP si [C firenti] [IP pro ti grant joie la nuit]]
b. Análise não V2
[IP si [IP pro firent grant joie la nuit]] (KROCH, 2001, p. 710)

Como o francês antigo era uma língua de sujeito nulo (ADAMS, 1987a; 1987b), as orações subordinadas com ordem V-O podem indicar que o verbo se moveu para C°, como em (2a) ou que o verbo permaneceu em I°, como em (2b). Se o aprendiz não tiver nenhuma evidência a mais de que o verbo se moveu para C°, ou seja, um dado em que outro elemento ocupe a primeira posição, o aprendiz pode analisar a oração em (1) como (2a) ou como (2b). E assim a mudança linguística começa a ser desencadeada.

Como foi exposto anteriormente, a mudança linguística, nessa perspectiva é desencadeada a partir da fixação de parâmetros de forma diferente da gramática anterior, decorrente da alteração no ambiente linguístico, que não é o mesmo do ambiente da geração anterior, no qual os aprendizes adquirem sua língua³. Além disso, vários trabalhos também têm proposto que nem todas as mudanças linguísticas são explicadas diretamente a partir de uma fixação paramétrica diferente. O próprio Lightfoot (1991) discute esse aspecto e comenta que não é possível explicar parametricamente, por exemplo, por que o inglês recebeu influências do francês e não de outra língua. Contudo, afirma que, embora essas situações não possam ser explicadas a partir de um modelo mentalista, causam alteração do ambiente linguístico, que é o que vai fazer com que a língua mude. Logo, a mudança acontece de forma abrupta e não gradual e é o resultado da substituição de gramáticas, de forma discreta e descontínua. As possíveis gradações devem ser explicadas a partir de outras questões.

² Várias questões aparecem aqui: qual a quantidade de dados necessária para a fixação do parâmetro? Até que momento a criança espera para fixar o parâmetro? O que acontece se a criança não ouve a pista parâmetro? Roberts e Roussou (2003) discutem algumas dessas questões e propõem que a criança tenha um mecanismo de segurança que, em caso de não encontrar evidências para o parâmetro, fixa a opção menos marcada. Essa discussão retoma aspectos cruciais da configuração da faculdade da linguagem e a famosa metáfora dos disjuntores. Nessa perspectiva, a criança já nasce com uma opção paramétrica fixada e somente a alterará se encontrar pistas nos dados para isso.

³ Um dos pareceristas anônimos comenta que os dados em (1) sugerem uma mudança desencadeada pela ambiguidade do dado (ou seja, a criança faz uma reanálise do parâmetro) e não por uma mudança no ambiente. No entanto, acredito que a reanálise só pode ser efetivada com uma mudança no ambiente, seja por contato, seja por frequência. Ou seja: se o ambiente linguístico da geração posterior não é diferente do ambiente linguístico da geração anterior, a geração seguinte não tem nenhuma razão para realizar reanálise do parâmetro, uma vez que a mudança gramatical nunca é autônoma (endógena).

Um exemplo muito interessante de que a mudança linguística é abrupta foi trazido por Kroch (1989) quando discutiu estatisticamente a perda do efeito V2 na história do francês com base nos dados de Adams (1987a, 1987b), mostrando que, quando o verbo para de se mover para C°, uma série de outras propriedades também são perdidas (por exemplo, ordem O-V sem clítico, inversão V-S) e a contraparte derivada de uma gramática não V2 (por exemplo, construções de CLLD, ordem S-V) é incrementada. Se a mudança fosse naturalmente gradual, o que se esperaria, nesse cenário do francês, é que primeiro o verbo deixasse de se mover até C°, depois outra propriedade fosse diminuindo e assim por diante, o que de fato não acontece quando um parâmetro é fixado de forma diferente da geração anterior.

A discussão anterior deixa claro que há uma complexa relação entre aspectos cognitivos/mentais e sócio-históricos que precisam ser muito bem observados no estudo da mudança linguística. Kroch (2001) faz uma esclarecedora discussão sobre a questão mostrando que, embora a mudança paramétrica seja abrupta, fatores como diglosia entre uma variedade de mais prestígio e uma variedade de menos prestígio, por exemplo, podem fazer com que haja uma aparente gradualidade na mudança linguística⁴.

Diversos estudos anteriores sobre a mudança da ordem de palavras enfatizaram as diferenças entre espanhol antigo e o espanhol atual (RIVERO, 1992; FONTANA, 1993). Porém, não explicaram como as diferenças gramaticais se manifestaram. A principal contribuição do presente artigo é propor uma explicação de como a mudança gramatical aconteceu no espanhol europeu a partir do quadro teórico da gramática gerativa, apresentado, nesta seção, o que será discutido proximamente na terceira seção.

3 O ESPANHOL ANTIGO E O EFEITO V2⁵

O espanhol europeu tem sido dividido em pelo menos três momentos na perspectiva mais tradicional (LAPESA, 1981; CANO AGUILAR, 1997): Espanhol Antigo (até o século XV); Espanhol Clássico (séculos XVI e XVII); Espanhol Moderno (a partir do século XVIII). No entanto, Eberenz (1991) levanta a discussão de se essa periodização em três etapas distintas entre si seria efetivamente comprovada. Eberenz (1991) faz uma detalhada discussão sobre a (ausência de) periodização em diversos trabalhos e comenta que qualquer periodização da língua precisa considerar fatos internos e que os níveis de análise podem ter uma periodização independente. Após sua análise, Eberenz (1991) conclui que o espanhol teria tido duas fases com três momentos: espanhol antigo (entre 1200 e 1450), espanhol médio (entre 1450 e 1650) e espanhol moderno (a partir de 1650). A questão aqui é que as duas primeiras etapas se caracterizariam como etapas estáveis, enquanto que o espanhol médio seria uma fase de transição (ou seja, não seria uma etapa distinta às outras duas, mas o momento de transição entre elas). Por fim, Flores e Melis (2015) propõem que tenha havido uma outra mudança no espanhol europeu a partir do século XIX, que não é considerada na periodização porque os estudos a partir do século XVIII são escassos.

Vários trabalhos dentro quadro gerativista têm mostrado que as línguas românicas antigas apresentavam uma gramática V2: Ribeiro (1995) para o português, Fontana (1993) para o espanhol, Adams (1987a) para o francês, Benincà (1995) para os dialetos italianos. Salvi (2001), Benincà (2006) e Mensching (2012) ainda mostram que havia variação linguística nessa fase das línguas românicas entre uma gramática V2 e uma gramática não V2.

Como discutido recentemente com muita aceitação, línguas V2 têm sido uma etiqueta utilizada para classificar aquelas línguas nas quais o verbo finito aparece na segunda posição na oração e é precedido exclusivamente por um único constituinte, seja qual for a sua função sintática. Considerando os dados do espanhol antigo, que apresentam bastante ordem V1, deve-se considerar a proposta de Fontana (1993) de que as línguas V2 não devem ser entendidas rigorosamente como verbo em segunda posição linear e as

⁴ O caso do PB pode ilustrar a questão. É sabido que a próclise é categórica na gramática do PB falado. Contudo, nos textos escritos, a gramática padrão determina o uso da ênclise em alguns contextos. Se daqui a alguns anos esses textos escritos, mesmo os de redes sociais, que podem refletir uma oralidade nos termos de Marcuschi (2000), forem analisados, será observada uma variação entre ênclise e próclise que reflete, na verdade, a diglosia existente no PB e não uma variação gramatical no *stricto sensu*. Esse fato é reforçado, inclusive, pelos contextos de hipercorreção, em que as pessoas forçam a ênclise, mas sem saber empregá-la corretamente.

⁵ A discussão deste artigo está baseada em Pinto (2011), em que se encontram informações sobre a quantidade de dados e as fontes. Há trabalhos, como Kayser (1999), Rinke (2009) e Sitaridou (2016), que discordam da análise de que as línguas românicas antigas tenham sido línguas V2.

propostas de Vikner (1995) e Benincà (2006) de que línguas V2 devem ser entendidas como línguas de movimento do verbo para CP⁶. Nesse sentido, propus, em Pinto (2011; 2016), que haveria línguas V2 rígidas e línguas V2 frouxas.

Como discuti em trabalhos anteriores, o espanhol antigo apresentava uma gramática V2 simétrica, ou seja, uma língua V2 que exibe o efeito V2 tanto em orações principais como em orações subordinadas, o que fica evidenciado a partir dos exemplos de (3) a (6), a seguir, retirados de Pinto (2011, p. 255):

- (3) a. armas odiosas tomaste, matando a tu madre Clitemestra
b. como agora fezieron el maestre don Pero Núñez
- (4) a. E esta carta otorga la abatissima Sancha García, [...]
b. si corazon has.
- (5) a. y así comienzo el espiritu por las medulas descender:
b. que no puede mi paciencia tolerar [...]
- (6) a. si el deudor otros bienes tuviese
b. porque este cuerpo muchas lágrimas ha dejado a sus parientes: y amargos dolores.

Os exemplos em (3) ilustram a ordem V2 em oração matriz e oração subordinada; os exemplos em (4) ilustram a ordem O-V sem retomada clítica em oração matriz e oração subordinada; os dados em (5) ilustram a ordem Aux-S-V; os dados em (6) ilustram construções de *object shift*. O conjunto de dados de (3) a (6) oferecem evidências de que o verbo, no espanhol antigo, movia-se para CP⁷.

Com relação à ordem O-V, o uso ou não do clítico resumptivo é um aspecto que distingue claramente línguas V2 de línguas não V2 e pode servir facilmente de evidência para contrastar as línguas informativamente. Diferentemente do espanhol atual - que só exibe a ordem O-V em dois contextos informativos, sendo que, em apenas um deles, ou seja, na focalização, o objeto não pode ser retomado pelo clítico (na tematização, a retomada pelo clítico é obrigatória) -, o espanhol antigo exibia a ordem O-V sem clítico, em qualquer contexto informativo, seja neutro, seja de tematização ou de focalização (como os contextos de focalização não oferecem evidências para o ponto em discussão, já que não permitem a presença do clítico também na variedade atual, não são trazidos para o debate)⁸. Vejam-se, por exemplo, os trechos em (7) e (8) a seguir:

- (7) Conosçuda cosa sea a quantos esta carta vieren commo nos don Per Alffonso, por la gracia de Dios abbat de Trianos, e nos, el conuento dese mismo lugar, ffazemos camio conuusco, Nunno Perez, fiio de don Pero Perez de Ssant Ffagunt, e con Leonor Fferrandez, uostra muger. Nos, abbat e conuento sobredichos **damos** a uos, Nunno Perez e Leonor Ferrandez, uostra muger, la nostra vina que yaz enas Vegas, çerca Villazan, que a por

⁶ Desde o trabalho de Rizzi (1997), o CP passou a ser entendido como um campo complexo com várias projeções, o que acomoda perfeitamente qualquer análise de que em qualquer tipo de língua V2, seja simétrica ou assimétrica, o verbo se move para CP. Para maiores discussões, ver os trabalhos de Vikner (1995), no qual se faz um prenúncio da análise do CP como um campo, e os trabalhos de Pinto (2011; 2016), no qual se faz uma discussão sobre o V2 em diferentes línguas, considerando o projeto da cartografia das estruturas sintáticas.

⁷ Por questões de espaço e objetivo, não é possível apresentar toda a análise neste artigo. Indico a leitura de Pinto (2011, 2015) para maiores detalhes da análise do espanhol antigo como uma língua V2. O que vale a pena dizer aqui é que, embora esteja de acordo com Fontana (1993) no fato de que o espanhol antigo era uma língua V2, discordamos na análise apresentada: para Fontana (1993), o efeito V2 simétrico do espanhol era realizado em IP; para Pinto (2011, 2015), o efeito V2 simétrico do espanhol era realizado em CP.

⁸ O parecerista anônimo sugere a indicação do clássico trabalho de Rizzi (1997), que oferece uma clara distinção sintática entre tópico e foco. No entanto, como argumentei em Pinto (2011), o trabalho de Rizzi (1997) só tem relevância, nesse sentido, para as línguas não V2, em que o sujeito tem uma posição pré-verbal exclusiva para si. Como será comentado mais adiante, Taraldsen (1986) e Cinque (1995) mostram que *Clitic Left Dislocation* (CLLD) e efeito V2 são valores opostos para o mesmo parâmetro, ou seja, ou uma língua tem V2 ou tem CLLD. Rizzi (1997) trabalha com o italiano atual, que possui CLLD e, claramente, não se comporta como uma língua V2. Portanto, a distinção de Rizzi (1997) não se aplicaria à discussão trazida aqui.

linderos: de primera parte e de seguda parte uos, Nunno Perez e Leonor Ferrandez, de terceira Sancha Martinez, de quarta parte la rreguera que uien de las Fontanielas.

Et esta vina asi commo es determinada, vos **damos** por heredit e por iuro de heredit con todas sus pertenencias, asi commo la nos auemos con todos quantos derechos nos e nostro monesterio y auemos e deuiemos auer en esta vina sobredicha.

Et esta vina uos **damos** en cambio por tres terras e vn vinnal.

O exemplo em (8) representa um trecho de uma carta de doação de uma vinha. Quando o sintagma nominal referente à vinha “la nostra vina” aparece a primeira vez, acontece a ordem V-O. No segundo período, “esta vina” é o tópico/tema da oração e aparece na ordem O-V sem a retomada clítica. O mesmo acontece no terceiro período. Como fica claro pelo fragmento, “esta vina” não pode ser considerada um foco, tendo em vista que não há contraste com nenhuma outra propriedade que esteja sendo dada. Mais uma vez, o segundo e o terceiro trecho, no espanhol atual, só seriam possíveis com a retomada pelo clítico.

- (8) El cual ese dia con los discipulos a la ribera andaba y vio el hataud que estaba lanzado de las ondas y dijo a sus siervos **tomad** este hataud con toda diligencia y trahed lo a la villa el cual como hiciesen el medico abrio y vio dentro una doncella apostada y ornada de ornamentos reales muy hermosa yaciente casi muerta y espantado dice o buena doncella porque sois as’ desamparada: y vio de bajo de su cabeza puesta copia de oro: y debaxo de la pecunia una carta escrita: y dice sepamos que contiene la carta. la cual como abriese fallo un titulo escrito.

cualquier que este hataud **hallare** pido que haya los diez marcos de oro: y los otros diez de para la sepultura.

No exemplo em (8), “este hataud” aparece na ordem V-O durante a narração. Contudo, na transcrição da mensagem da carta, observa-se a ordem O-V. É difícil imaginar que “este hataud”, nesse contexto, possa ser interpretado como um elemento tematizado, mesmo que seja um tópico pendente. Pelo que se observa do fragmento, o tópico pendente é toda a oração relativa livre “cualquier que este hataud hallare”; “este hataud”, dentro desse contexto, pode ser entendido como um elemento neutro, já que não representa a informação nova com relação ao que deve ser achado nem representa a informação conhecida, porque não aparece anteriormente no contexto da mensagem da carta nem é sobre o que se fala. No espanhol atual, o objeto direto, nesse contexto, aparece obrigatoriamente na ordem V-O.

4 A PERDA DO EFEITO V2 NA HISTÓRIA DO ESPANHOL⁹

A mudança na ordem de palavras, especialmente na posição linear do verbo na oração, na história do espanhol, não é quantitativa, mas qualitativa. Isso implica que a posição linear do verbo não foi alterada. O espanhol, nas duas fases, apresentava variação entre as ordens V1 e V2, com uma pequena porcentagem de ordem V>2, que, segundo interpreto, pode estar sendo obscurecida pelo fato de que ambas as fases são línguas de sujeito nulo. O que mudou, então, foi a posição que o verbo ocupa na estrutura oracional. Como já comentei repetidas vezes, o espanhol antigo apresentava variação gramatical entre uma gramática parecida com a atual e uma gramática V2. Logo, o movimento do verbo era diferente na gramática V2. Na gramática V2 do espanhol antigo, o verbo ocupava uma posição mais alta, ou seja, movia-se até CP (mais especificamente até o núcleo Fin^o); no espanhol atual, o verbo ocupa uma posição intermediária, ou seja, move-se até IP (mais especificamente até Agr^o ou T^o). Nesta seção, portanto, discutirei minha hipótese sobre a eliminação da gramática V2 que desencadeava movimento do verbo para CP, manifestando o efeito V2 na fase antiga do espanhol. Em primeiro lugar, discutirei a posição linear do verbo; em seguida, discutirei questões sobre a posição do sujeito; por fim, discutirei a minha hipótese efetivamente sobre a influência da ordem O-V na mudança linguística.

⁹ Diversos trabalhos mostram que a mudança gramatical no espanhol acontece entre os Séculos XV e XVI (LAPESA, 1981; EBERENZ, 1991). Os dados de Fontana (1993), assim como os meus de Pinto (2011), sobre o efeito V2, confirmam essa proposta. Nesse sentido, recomenda-se que o leitor tenha em mente que a gramática V2 do espanhol existe até o Século XV e que, após esse período, só se registra a gramática não V2.

4.1 A POSIÇÃO LINEAR DO VERBO

Em primeiro lugar, como argumentei em Pinto (2011, 2015), a diferença entre as duas fases do espanhol não é quantitativa, mas, sim, qualitativa. Observem-se as Tabelas 1 a 3, a seguir:

Tabela 1: Distribuição geral da posição do verbo na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
V1	44,77	55,88	51,61	47,89	49,48	57,02	52,65	53,28	51,96
V2	42,18	40,04	42,06	43,68	41,76	37,26	42,93	42,93	41,48
V>2	12,93	3,74	5,55	8,70	8,70	5,50	4,21	6,64	6,12

Fonte: Pinto (2011)

Tabela 2: Distribuição da posição do verbo em orações matrizes na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
V1	31,62	40,92	36,01	38,40	43,35	44,80	35,49	38,99	41,93
V2	48,76	53,63	54,88	49,50	44,37	46,59	57,72	52,30	49,16
V>2	19,43	5,27	8,91	12,00	12,24	8,51	6,63	8,55	8,67

Fonte: Pinto (2011)

Tabela 3: Distribuição da posição do verbo em orações subordinadas na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
V1	59,07	64,29	59,40	53,37	54,12	64,00	64,81	68,90	71,90
V2	34,94	32,66	36,13	40,25	39,77	31,75	26,44	26,44	27,48
V>2	5,82	2,90	3,93	6,30	6,01	3,78	2,49	4,52	1,37

Fonte: Pinto (2011)

A Tabela 1 mostra que, em quase todo o tempo, a proporção das ordens V1, V2 e V>2 permanece semelhante, com uma leve predominância da ordem V1 sobre a ordem V2. O Século XVI destaca-se dos demais pelo fato de que as porcentagens das ordens V1 e V2 são bem parecidas e a ordem V>2 destaca-se da ordem V>2 dos demais períodos. As Tabelas 2 e 3 mostram que a ordem V2 é preferida nas orações matrizes e a ordem V1 é preferida nas orações subordinadas. Merecem destaque o Século XII, XV e XVI, quando a ordem V>2 é bastante produtiva. Como o espanhol atual ainda é uma língua de sujeito nulo, a quantidade de ordem V>2 permanece baixa.

A semelhança quantitativa pode ser explicada porque o espanhol antigo era uma língua de movimento do verbo para CP, podendo desencadear o movimento de um XP para a primeira posição, além de ser uma língua de sujeito nulo. Com a perda da gramática V2

entre os Séculos XV e XVI, o espanhol continua exibindo a ordem V-S (talvez por uma influência árabe)¹⁰, ao contrário do que aconteceu com o francês, que perdeu a inversão do sujeito quando perdeu a restrição V2 e, posteriormente, perdeu a propriedade de sujeito nulo (o que pode gerar o aumento da ordem V>2).

As principais diferenças entre as duas fases são que o espanhol antigo tinha a possibilidade de ênclise com verbos finitos, a falta de restrição ao frontamento de constituintes para a primeira posição da oração, ordem Aux-S-V e construções de *object shift*. A explicação parece ser que o movimento do verbo é diferente em cada fase. No espanhol antigo, como nas demais línguas V2, o verbo faz um movimento longo para C°, devido ao requerimento de realização fonológica de Fin* (ROBERTS, 2004). No espanhol atual, o verbo faz um movimento curto até IP e o campo CP é usado somente para efeitos informativos de tematização e focalização.

4.2 REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA POSIÇÃO DO SUJEITO NA MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Em Pinto (2011), assumindo a hipótese de Fontana (1993), que diz que o que mudou nas duas fases do espanhol não foi o movimento do verbo, mas as características da posição pré-verbal, aponte que o problema poderia ser abordado de duas maneiras: a) alguma coisa em algum aspecto da gramática do espanhol mudou previamente e fez com que o campo pré-verbal fosse reanalisado posteriormente; b) um aumento na quantidade de ordem S-V fez com que a posição pré-verbal fosse reanalisada exclusivamente como uma posição A e daí outras coisas mudaram na gramática do espanhol.

A segunda opção é automaticamente descartada pelos resultados da posição do sujeito na história do espanhol, como se observa na Tabela 4:

Tabela 4: A posição do sujeito na história do espanhol

	Século XII	Século XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
S-V	78,04	74,94	71,34	72,86	77,22	57,87	60,69	64,00	73,87
V-S	21,96	25,06	28,66	27,14	22,78	42,13	39,31	36,00	26,13

Fonte: Pinto (2011)

Como a Tabela 4 anterior mostra, não houve alteração na distribuição dos sujeitos entre os Séculos XII e XVI. A mudança na frequência da posição do sujeito se dá entre os Séculos XVII e XVIII e é no sentido contrário. Ou seja, a ordem S-V, entre os Séculos XII e XVI, é sempre a preferida (uma média de 75% dos dados com sujeito realizado) e entre os Séculos XVII e XVIII há um leve aumento na quantidade de ordem V-S.

Fernández-Ordóñez (2009) propõe que a mudança do espanhol de uma língua V2 para uma língua S-V se deva ao excessivo uso da posição pré-verbal para focalização do sujeito com consequente desgaste discursivo dessa posição. Se essa hipótese estivesse correta, dois resultados, pelo menos, seriam esperados: 1) um aumento gradativo na ordem S-V, o que não se verifica, como já dito; 2) a posição pré-verbal estaria disponível para sujeitos que representassem um foco informativo (já que a posição está discursivamente desgastada, qualquer elemento poderia ocupá-la), o que não se verifica no espanhol atual¹¹. Com relação ao segundo aspecto, há ainda dois problemas: a) uma implicação séria para a aquisição da linguagem no sentido de que a criança estaria sensível a propriedades discursivas para adquirir a gramática da língua (nesse caso, ainda assim há evidências prosódicas para a restrição da posição pré-verbal, já que o acento nuclear neutro no espanhol é alinhado com a posição mais encaixada da estrutura); b) se a posição

¹⁰ Meyer-Hermann (1988) discorda dessa questão. No entanto, em Pinto (2011) argumento que esse parece ter sido o caso quando se faz uma análise panromânica.

¹¹ O trabalho de Zubizarreta (1998) deixa claro que o espanhol realiza foco informativo de sujeito em posição pós-verbal de maneira categórica. Para uma discussão recente da questão, ver Ruas (2017).

pré-verbal está discursivamente desgastada, espera-se que a ordem S-V se torne categórica e que outros recursos apareçam para cobrir os usos da ordem V-S, o que também não é verificado no espanhol atual¹².

A hipótese de que o aumento da ordem S-V causou a perda do efeito V2 no espanhol só poderia ser plausível se fosse constatado um aumento na porcentagem de sujeito e um decréscimo na porcentagem de outros constituintes em primeira posição na ordem V2:

Tabela 5: XP em primeira posição entre os Séculos XII e XVII

	Sujeito	Outro XP
Século XII	45,99	54,01
Século XIII	55,76	44,24
Século XIV	59,17	40,83
Século XV	43,66	56,34
Século XVI	48,80	51,20
Século XVII	43,49	56,51

Fonte: Pinto (2011)

A Tabela 5 acima mostra que a porcentagem de sujeitos em primeira posição aumenta do Século XII para o Século XIV, mas cai do Século XIV para o Século XV, mantendo-se mais ou menos igual até o Século XVII. Se a hipótese de que um aumento da ordem S-V foi o que causou a perda do efeito V2 estivesse correta, o que deveria ser registrado era um aumento gradativo da ordem S-V ao longo do tempo e uma acentuação nesse aumento a partir do Século XVI, como Antonelli (2011) registra na história do Português sintetizado na Tabela 6:

Tabela 6: Orações matrizes com ordem linear V2 no português

	S-V	XP-V-S
Século XVI	52,39	47,61
Século XVII	44,21	55,79
Século XVIII	81,75	18,25
Século XIX	84,82	15,18

Fonte: Pinto e Antonelli (2014)¹³

Antonelli (2011) destaca que, nos textos escritos até o fim do Século XVII, parece não haver uma preferência por orações com sujeito pré-verbal ou por orações com um elemento não sujeito precedendo o verbo. De fato, a média de frequência gira em torno de 50%

¹² Pinto (2008) mostra que a clivagem é pouco preferida no espanhol, diferentemente do que acontece com o PB (português brasileiro) justamente por causa da alta produtividade da ordem V-S para focalização do sujeito.

¹³ Em Pinto e Antonelli (2014) são sintetizados os resultados de Pinto (2011) e Antonelli (2011).

para as duas opções de ordem de palavras. Em contraste a esse padrão, o que se observa a partir do Século XVIII é uma curva de aumento na frequência da ordem S-V. Como se vê, orações com ordem S-V passam a ser mais empregadas, com um índice de 81,75% no Século XVIII e 84,82% no Século XIX, resultando no decréscimo de estruturas de *fronteamento* com inversão do sujeito.

4.3 O PAPEL DA ORDEM O-V NA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Nesta subseção, apresentarei a proposta que acredito que tenha efetivamente desencadeado a perda do efeito V2 na história do espanhol. Como os advérbios e elementos adverbiais em primeira posição não oferecem evidências para a questão, já que podem ser analisados tanto pela gramática V2 como pela gramática não V2, é necessário isolar os objetos que possuem clítico a fim de contrastar a ordem O-V com e sem retomada clítica, uma vez que, como indicaram Taraldsen (1986) e Cinque (1995), efeito V2 e CLLD são valores diferentes para o mesmo parâmetro. A Tabela 7 mostra a porcentagem de objetos que podem ser recuperados por um clítico em primeira posição¹⁴.

Tabela 7: Objetos com clítico *versus* sem clíticos em primeira posição entre os Séculos XII e XVI¹⁵

	Com clítico		Sem clítico	
	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>
Século XII	7	25,00	21	75,00
Século XIII	7	18,44	31	81,56
Século XIV	2	16,67	25	83,33
Século XV	4	12,50	28	87,50
Século XVI	5	33,33	10	66,67
Século XVII	5	45,46	6	54,54

Fonte: Pinto (2011)

Até o Século XV, há uma flutuação na ocorrência de ordem O-V com e sem retomada clítica. No Século XVI há uma queda da ordem O-V sem o clítico. Mesmo que a porcentagem de sujeitos não tenha crescido em relação à porcentagem de outros constituintes em primeira posição, a porcentagem de objetos diretos e indiretos fronteados sem clíticos, que são um dos principais elementos que, de fato, oferecem evidência para a criação de que houve um movimento do verbo para CP, decresceu consideravelmente entre os Séculos XV e XVII.

Os dados da Tabela 7 levantam o questionamento de se realmente havia um processo de competição de gramáticas no espanhol antigo tal como venho propondo. Parece que, se um dado permanece com uma frequência de mais de 80% por três séculos e a forma complementar permanece com uma frequência de menos de 20%, esses dados não estão realmente competindo.

Lightfoot (1991, 2006), a partir da teoria de *cues* (dicas), propõe que a criança precisa encontrar pistas de um determinado parâmetro no ambiente linguístico para que esse parâmetro possa ser fixado. Roberts e Roussou (2003) propõem a existência de um mecanismo de segurança na faculdade da linguagem que determina que, se uma determinada pista não é encontrada, a opção não marcada, ou seja, a mais econômica do parâmetro é automaticamente selecionada. No caso do efeito V2, a pista que a criança tem, segundo Lightfoot (1995), para saber que sua língua é V2, é o fato de que o verbo pode ser precedido por qualquer tipo de constituinte.

¹⁴ Hernanz e Brucart (1987) mostram que o espanhol, diferentemente de outras línguas como o catalão, só possui clíticos para retomar objetos diretos e indiretos.

¹⁵ Os dados da ordem O-V são poucos porque os dados da fonte original estavam relacionados com a ordem de constituintes de maneira geral, o que deixa uma pequena quantidade de dados exclusivos de ordem O-V.

Kroch (2001) propõe, como mostrei anteriormente em (1) e (2), que a perda do efeito V2 no francês se deve a uma reanálise de orações que linearmente podem ser produzidas tanto por uma gramática V2 como por uma gramática não V2. Como a criança não tem mais evidências de que a sua gramática é V2, analisa a oração como não V2. No caso do espanhol antigo, os principais fatos que evidenciavam sintaticamente para a criança que essa língua tinha uma gramática V2 eram a ordem O-V sem duplicação clítica e o fronteamento de partes de constituintes. Sujeitos, advérbios/sintagmas adverbiais e alguns complementos circunstanciais não ofereciam pista para a aquisição do movimento do verbo.

Em termos meramente estruturais, acredito que a mesma explicação de Kroch (2001) para o francês possa ser dada para o espanhol: como caiu o número de objetos diretos e indiretos fronteados sem clíticos, a criança perdeu as evidências para analisar os elementos em primeira posição como derivados de movimento para alguma posição do CP, fazendo com que a língua fosse reanalisada como uma gramática não V2 e, conseqüentemente, perdesse (ou tivesse uma redução brusca) a ordem Aux-S-V, perdesse as construções de *object shift* e *stylistic fronting* etc. Como todas essas construções estão relacionadas, quando se perde o movimento do verbo, as demais construções são perdidas automaticamente. Possivelmente, uma questão estilística ou de frequência entre os Séculos XV e XVI tenha feito com que esses dados ficassem menos robustos e, no Século XVII, a gramática já havia sido reanalisada como uma gramática de movimento do verbo até IP.

Isso implica que, após analisar sua língua como uma língua não V2, a criança somente irá frontear constituintes com valores discursivos marcados. E, ao frontear objetos diretos e indiretos que sejam o tópico da oração, a nova geração fará uso do redobro com o clítico já que esse tópico não pode se mover para uma posição de operador. Os dados em (9), de Pinto (2011, p. 287), oferecem uma evidência a esse fato, considerando que em todos os exemplos aparece o mesmo verbo: “pertener”.¹

- (9) a. e de todos los derechos que a ellas **perteneçen**, (1303)
- b. reparar et fazer todo reparamiento et fortifficamiento que al dicto muro **pertenescce** en la endrecha de la dicta su casa... (1381)
- c. que yo aya o me **pertenescsa** aver (1467)
- d. con todo lo que a la dicha casa le **pertenece**, (1593)

Os dados em (9) consideram o comportamento dos objetos do verbo “pertener” entre os Séculos XIV e XVI. No Século XIV, os objetos indiretos “a ellas” e “al dicto muro” aparecem em posição pré-verbal sem redobro do clítico, como se vê pelos exemplos (9a) e (9b). No Século XV, no lugar da forma tônica “a mi” sem redobro, como já havia sido registrado em outros contextos, aparece a forma átona “me”, como se vê no exemplo (9c). O exemplo (9d) mostra que, no Século XVI, o objeto indireto fronteadado já aparece redobrado com o clítico equivalente. É interessante notar o contraste entre (9b) e (9d), que apresentam o mesmo contexto, o mesmo tipo de construção; em ambas, o objeto fronteadado é idêntico, mas em uma é redobrado e em outra não.

Em termos sócio-históricos, embora acredite que a configuração das línguas românicas medievais tenha recebido uma forte influência de outras línguas com as quais teve contato (com os povos germânicos no geral e com os povos árabes no caso das línguas da Península Ibérica), não sei em que medida os fatos históricos puderam influenciar na perda do efeito V2 na história do espanhol. A koineização durante a Reconquista parece não ter sido um fator que influenciou na perda do efeito V2, tendo em vista que, segundo Meyer-Hermann (1988), tanto as zonas sob influência árabe como as que não tiveram influência árabe apresentavam a mesma configuração com relação à ordem V-S. Pelo contrário, como apontado por Tuten (2003), durante os Séculos XI e XII, muitos francos migraram para a Península, o que pôde ter reforçado o efeito V2. Além disso, se o efeito V2 é panromânico, ou seja, uma influência germânica nas línguas românicas como um todo, e se os germânicos ocuparam toda a península, mesmo os dialetos moçárabes do sul deveriam exibir uma configuração V2. O fato de que o castelhano começou a se expandir para o sul no Século X não deve ter influenciado diretamente a perda do efeito V2 em tempos mais tarde já que as línguas que foi absorvendo deviam exibir a mesma configuração.

Eberenz (1991) propõe que qualquer periodização da língua espanhola que pretenda incluir fatos extralinguísticos deve relacioná-los com os fatos intralinguísticos. De fato, o final do Século XV e o começo do Século XVI representam um divisor de águas na história da Europa: a constituição dos estados nacionais, o início das grandes navegações e, no caso da Península Ibérica, a expulsão

dos árabes e judeus. Como diversos estudos (por exemplo, LAPESA, 1981; EBERENZ, 1991; FONTANA, 1993; CANO AGUILAR, 1997; CARRETER e TUSÓN, 1998 etc) mostraram, a língua espanhola moderna começou a se configurar de fato no Século XVI. Nesse sentido, parece haver realmente uma coincidência entre história interna e história externa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentei, de maneira sintética, uma proposta de explicação para a perda do efeito V2 na história do espanhol europeu, considerando a aquisição da linguagem como o lugar central da mudança linguística.

O gerativismo está preocupado com o processo de aquisição da linguagem, em como os seres humanos nascem com uma faculdade da linguagem no mesmo estágio e adquirem línguas diferentes a depender da comunidade linguística na qual estão incluídos. Nesse modelo teórico, a aquisição da linguagem é o lugar central da mudança linguística: a língua muda porque um parâmetro foi fixado de forma diferente do parâmetro da geração anterior. A diferença na fixação paramétrica se dá porque o ambiente linguístico sofreu alguma alteração, que pode ser causada por diversos motivos, entre eles o contato de línguas, o que gera uma reanálise do parâmetro por parte da criança, dado que a pista do parâmetro não está clara da mesma forma que estava para a geração anterior.

Pelo que tudo indica, a configuração sintática do espanhol antigo (e das demais línguas românicas) pode ser decorrente de um contato de línguas: os povos germânicos transmitiram o efeito V2 para as línguas românicas. Algum processo de transmissão linguística irregular pode ser identificado na caracterização do efeito V2 do espanhol antigo, que é diferente do efeito V2 das línguas germânicas atuais e também é diferente do efeito V2 das línguas germânicas antigas. Segundo Hinterhölzl e Petrova (2010), as línguas germânicas antigas eram línguas V1 nas quais o verbo era usado para fazer uma divisão informativa na oração: a informação velha era colocada em posição pré-verbal e, assim, o efeito podia ser V2 desencadeado ocasionalmente se houvesse um XP antes do verbo. O espanhol antigo, por outro lado, apresentava bastante produtividade na ordem V1 e, quando apresentava ordem V2, não fazia distinção do estatuto informativo do XP em primeira posição. Isso mostra que os falantes românicos da Península Ibérica aprenderam a regra de fronteamento de constituinte, mas não aprenderam a regra que determinava, nas línguas germânicas, que somente um XP contendo algum traço do tipo [+informação conhecida] poderia estar em primeira posição.

Com relação à perda do efeito V2 na história do espanhol, acredito que os Séculos XV e XVI tenham sido cruciais para o fenômeno. Alguma alteração no ambiente linguístico naquele momento fez com que as crianças perdessem as evidências de que estavam expostas a uma gramática V2. A minha explicação para isso, ao contrário de Fernández-Ordóñez (2009), não é que um aumento na frequência dos sujeitos pré-verbais fez com que o espanhol passasse de uma língua V2 para uma língua S-V tendo em vista que a proporção de ordem S-V não aumenta ao longo da história (pelo contrário, diminui nos Séculos XVII e XVIII) e que a posição pré-verbal nunca foi utilizada para focos informativos, como acontece atualmente no PB e, possivelmente, também no espanhol caribenho. Na abordagem que propus, a perda do efeito V2, no espanhol antigo, está associada à diminuição do fronteamento de objetos diretos e indiretos, independentemente de sua função informativa, sem retomada pelo clítico. Como o sujeito e os complementos preposicionados não possuem clíticos que os dupliquem, não oferecem evidência para identificar se o XP em primeira posição havia sido movido ou concatenado. Como os objetos diretos e indiretos possuem tais clíticos, o aparecimento desses constituintes em primeira posição, sem o uso do clítico, oferece à criança uma pista de que sua língua tem um traço EPP em SpecFinP e que qualquer constituinte pode ocupar a primeira posição da oração. Com a redução dos dados com esses elementos, talvez por uma mera questão quantitativa e/ou estilística (ou até mesmo informativa, no sentido de que, casualmente, objetos começam a aparecer menos como o tópico do discurso), a criança não tem mais essas evidências e passa a analisar sua língua como uma língua não V2.

A análise apresentada até aqui levanta algumas questões, sendo duas delas relacionadas com aspectos estruturais e uma relacionada com aspectos sócio-históricos, a serem desenvolvidas em pesquisas futuras.

A primeira questão estrutural tem a ver com a quantidade de dados da ordem O-V e seu papel na aquisição. Faz-se necessário que a proposta que apresentei seja melhor explorada, com mais dados, e que também se considere o valor informativo desses objetivos

fronteados, uma vez que dados de focalização não fornecem evidências para a mudança linguística pela qual o espanhol europeu passou.

A segunda questão estrutural está relacionada com a discussão dos parâmetros como um conjunto de propriedades relacionadas. Propus aqui que a redução na ordem O-V sem retomada pelo clítico tenha sido a principal evidência para a perda do efeito V2 na história do espanhol, não obstante o fato de ter mencionado que outras propriedades estavam relacionadas ao parâmetro V2. É preciso analisar, em trabalhos futuros, se as outras propriedades não desempenharam nenhum papel na mudança linguística. Ilza Ribeiro, em comunicação pessoal, sugeriu que a diminuição na ordem O-V sem retomada seja um corolário da mudança linguística assim como a alteração em outras propriedades relacionadas. Se Ilza Ribeiro estiver correta, outro aspecto (no caso, orações subordinadas com duplo complementizador, o que impediria o movimento do verbo na oração subordinada¹⁶) foi o gatilho para a mudança, e não a diminuição da ordem O-V.

Com relação à questão sócio-histórica, Kroch (2001) mostra que a perda do efeito V2 na história do inglês se deve ao contato entre duas variedades, sendo uma V2 e outra não V2. Assumi até aqui que o efeito V2 é um fenômeno panromânico, que estava espalhado em toda a Península Ibérica e que a Reconquista não desempenhou nenhum papel na mudança linguística. Esse aspecto, entretanto, precisa ser examinado com maior cuidado, porque o contato com diversas línguas árabes no sul, a partir do século VIII, pode ter tornado aquelas variedades românicas diferentes das variedades do norte, o que pode ter contribuído para a redução na produtividade de orações claramente V2 (o que obscureceria as pistas para as novas gerações), provocando a mudança linguística a partir de um processo de koineização das variedades do norte com as do sul, no sentido do que apontou Tuten (2003).

Dessa forma, este artigo, apesar de esclarecedor, em lugar de conclusivo, é motivador para novas, instigantes e intrigantes questões estruturais e sócio-históricas.

REFERÊNCIAS

ADAMS, M. *Old French, null subjects and verb second phenomena*. 1987a. Ph.D. Dissertation, University of California, 1987a.

_____. from old french to the theory of pro-drop. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 5, n. 1, p. 1-32, 1987b.

ANTONELLI, A. *Sintaxe de posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BENINCÀ, P. A detailed map of the left periphery of medieval romance. In: ZANUTTINI, R. et al. (org.). *Negation, tense and clausal architecture: cross-linguistics investigations*. Washington: Georgetown University Press, 2006. p. 53-86.

_____. Complement clitics in medieval romance: the tobler-mussafia law. In: BATTYE, A.; ROBERTS, I. (org.). *Clause structure and language change*. New York/Oxford: OUP, 1995. p. 325-344.

CANO AGUILAR, R. *El español a través de los tiempos*. Madrid: Arco/Libros, 1997.

CARRETER, F. L.; TUSÓN, V. Principales Etapas en la formación del español. In: _____. *Lengua española*. 2 ed. Salamanca: Anaya, 1995. p.71-76.

¹⁶ Medeiros (2018), ao estudar a ordem de palavras na história do português, mostra que o português arcaico era uma língua V2 simétrica, passando a uma língua V2 assimétrica no período clássico, culminando numa língua não V2 a partir do século XVIII. Seguindo a proposta de Ilza Ribeiro, esperaria-se que o espanhol tenha passado pelo mesmo caminho que o português, tornando-se uma língua V2 assimétrica antes mesmo de se tornar uma língua não V2. Fernández-Ordóñez (2009) cita Cho (1997), que propõe uma análise de que o espanhol antigo era uma língua V2 assimétrica. Chega o momento, então, de entender se a análise de Cho (1997) não contraria a de Fontana (1993), ou, pelo contrário, complementam-se, indicando subfases na história do espanhol antigo.

- CHO, E. *La topicalización y sus restricciones sintácticas en la Primera Crónica General de España de Alfonso X*. 1997. Tesis Doctoral, Universidad Autónoma de Madrid, 1997.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- CINQUE, G. Bare quantifiers, quantified NPs, and the notion of operator at S-structure. In: _____. *Italian syntax and Universal Grammar*. New York: CUP, 1995. p. 104-120.
- EBERENZ, R. Castellano antiguo y español moderno: reflexiones sobre la periodización en la historia de la lengua española. *Revista de Filología Española*, n. LXXI, p. 79-106, 1991.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, I. Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí. *Alcanate*, v. VI, p. 139-172, 2008-2009.
- FLORES, M.; MELIS, C. Periodización del español. Evidencia para una tercera etapa evolutiva. *Études Romanes de BRNO*, v. 36, p. 11-28, 2015.
- FONTANA, J. M. *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*. 1993. Ph.D Dissertation, University of Pennsylvania, 1993.
- HERNANZ, M. L.; BRUCART, J. M. *La sintaxis. Principios teóricos. La oración simple*. Barcelona: Crítica, 1987.
- HINTERHÖLZL, R.; PETROVA, S. From V1 to V2 in West Germanic. *Lingua*, v. 120, issue 2, p. 315-328, 2010.
- KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (org.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 699-730.
- _____. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, v. 1, p. 199-244, 1989.
- KAYSER, G. A ordem das palavras e a posição do verbo finito no português antigo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ORGANIZADO POR MOTIVO DOS VINTE ANOS DO PORTUGUÊS NO ENSINO SUPERIOR. 1999. Budapeste. *Actas*. Budapeste: Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade Etövs Loránd, 1999. p. 248-259.
- LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. 9. ed. Madrid: Gredos, 1981.
- LIGHTFOOT, D. *How new languages emerge*. Cambridge: CUP, 2006.
- LIGHTFOOT, D. Cue-based acquisition and change in grammars. In: _____. *The development of language, acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 144-177.
- _____. Why UG needs a learning theory: triggering verb movement. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (Orgs.). *Clause structure and language change*. New York/Oxford: OUP, 1995. p. 31-52.
- LIGHTFOOT, D. Uma ciência da história?. *D.E.L.T.A.*, v. 9, n. 2, p. 275-294, 1993.
- _____. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1991.
- _____. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MARCUSCHI, L. A.. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V.. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MENSCHING, G.. Old romance word order: a comparative minimalist analysis. In: GALVES, Charlotte *et al.* (org.). *Parameter theory and linguistic change*. Oxford: OUP, 2012. p.21-42.

MEYER-HERMANN, R.. ¿Se debe la posposición del sujeto en el español a una influencia árabe?. *Revista de Filología Española*, v. LXVIII, p. 67-96, 1988.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Lingüística histórica. In: PFEIFFER, C.; NUNES, J. H. (org.). *Linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-48.

_____. *Língua barroca: sintaxe e história no português nos anos 1600*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PINTO, Carlos Felipe. Variação na ordem O-V no espanhol antigo: evidências de um processo de competição de gramáticas a partir do contato entre línguas. In: CARVALHO, Danniel; SOUSA, Lilian Teixeira de (Org.). *Gramática Gerativa em perspectiva*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 133-158.

_____. Força ilocucionária, CP cindido e efeito V2. In: MARTINS, M. Aarco Antoni. o *et al.* (oOrg.). *Estudos linguísticos: textos selecionados/ABRALIN 2013*. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 206-224.

_____. Algunas observaciones sobre el efecto V2 en el español antiguo. In: LÓPEZ IZQUIERDO, M.; CASTILLO LLUCH, M. (Org.). *El orden de palabras en la historia del español y otras lenguas iberorromances*. Madrid: Visor Libros, 2015. p. 49-82.

_____. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

_____. *Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PINTO, C. F.; ANTONELLI, A. O efeito V2 na história do espanhol e do português. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, p. 163-197, 2014.

RINKE, E. Verb placement in Old Portuguese. In: DUFTER, A.; JACOBS, D. (org.). *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 309-332.

RIVERO, M. L. Clitic and NP Climbing in Old Spanish. In: CAMPOS, H.; MARTINEZ-GIL, F. (org.). *Current studies in spanish linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1992. p. 241-282.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (org.). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

ROBERTS, I. The C-System in brythonic celtic languages, V2 and the EPP. In: RIZZI, L. (org.). *The Structure of CP and IP. The cartography of syntactic structures*. v. 2. Oxford: OUP, 2004. p. 297-328.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

RUAS, S. *Aquisição da ordem de palavras do espanhol mexicano como L2 por falantes adultos brasileiros*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SALVI, G. The two sentence structures of early Romance. In: CINQUE, G.; SALVI, G. (org.). *Current Studies in Italian syntax*. Amsterdam: Elsevier, 2001. p. 297-312.

SITARIDOU, I. Against V2 in Old Spanish. In: El orden de palabras en las lenguas iberorrománicas medievales, 2016, Girona. *Conferências*. Disponível em: <http://habilis.udg.edu/~lidiagc/OrdenDePalabras/OrdenDePalabras/organizacion.htm>. Acesso em: 21 jan. 2018.

TARALDSEN, Knut. On verb second and the functional content of syntactic categories. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (org.). *Verb second phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 7-25.

TUTEN, D. *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

VIKNER, S. *Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

WEINREICH, U.; LABOV, W. ; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (org.). *Directions for Historical Linguistics: a symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, focus, and word order*. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1998.



Recebido em 05/02/2019. Aceito em 27/02/2019.

SOBRE AS INTERROGATIVAS CLIVADAS (BÁSICAS) QU E POLARES¹

SOBRE LAS INTERROGATIVAS HENDIDAS (BÁSICAS) QU Y POLARES

ON WH AND POLAR (BASIC) INTERROGATIVE CLEFTS

Rerisson Cavalcante*

Universidade Federal da Bahia

RESUMO: Este artigo descreve as interrogativas clivadas básicas, que não têm recebido atenção na literatura. Estudos sobre clivagem concentram-se nos usos declarativos, e estudos sobre perguntas consideram “interrogativas clivadas” aquelas em que a cópula é omitida ou em que o QU antecede a cópula, que corresponderiam à clivada invertida, não à clivada básica. Aqui, o foco é sobre interrogativas com a estrutura “É __ que...?”. A partir de dados levantados na rede e de julgamentos de intuição, o trabalho descreve propriedades das clivadas básicas QU e polares, discutindo fatos inesperados, como a inaceitabilidade das clivadas QU em perguntas indiretas e a interpretação de pergunta parcial nas clivadas polares. O trabalho propõe uma análise baseada em movimento focal sem checagem do traço [+Wh]. Por fim, discute também a natureza da pressuposição (de existência ou de unicidade/exaustividade) codificada pelas clivadas, mostrando que clivadas QU e polares oferecem evidências contraditórias quanto a esse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Interrogativas clivadas. Interrogativas polares. Interrogativas QU. Pressuposição. Português Brasileiro.

RESUMEN: Este trabajo describe las interrogativas hendidas básicas, estructuras que no han recibido la debida atención en los estudios del área. Los estudios sobre escisión se concentran en los tipos declarativos; y estudios sobre preguntas consideran “interrogativas hendidas” solamente aquellas estructuras en las que se omite la cópula o en que el QU antecede a la cópula, que correspondería a la hendida invertida y no a la hendida básica. Aquí, el foco está sobre interrogativas con estructura “¿Es __ que ...?”. A partir de datos encontrados en Internet y de juicios de intuición, este trabajo describe propiedades de las hendidas básicas QU y polares, discutiendo hechos inesperados, como la agramaticalidad de las hendidas QU en preguntas indirectas y la interpretación de pregunta parcial en las hendidas polares. Se propone un análisis basado en movimiento focal sin motivación del trazo [+Wh].

¹ Este trabalho foi apresentado no Encontro do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática da ANPOLL, em junho de 2018, na Universidade Federal de Santa Catarina, dentro do III Encontro Internacional de Sintaxe, Semântica e Interfaces (EISSI).

* Mestre em Letras pela UFBA. Doutor em Letras pela USP. Professor Adjunto de Linguística da UFBA. E-mail: rerissonaraujo@yahoo.com.br.

Por último, se discute la naturaleza de la presuposición (de existencia o de unicidad/exhaustividad) codificada por las hendidas, mostrando que hendidas QU y polares ofrecen evidencias contradictorias en cuanto a ese fenómeno.

PALABRAS-CLAVE: Interrogativas hendidas. Interrogativas polares. Interrogativas QU. Presuposición. Portugués Brasileño.

ABSTRACT: The article describes the behavior of the basic interrogative clefts in Brazilian Portuguese, which have not received much attention in the literature. Studies on cleft sentences usually focus on declarative ones; and studies on interrogatives consider “cleft questions” to be those in which the copula is omitted or in which the WH phrase precedes the copula, which correspond to inverted clefts, not basic clefts. In this paper, I focus on WH and polar interrogatives with the structure “*É ___ que*” (‘is ___ that’). By analyzing data collected from Internet and from acceptability judgments, the paper describes WH and polar clefts’ properties, discussing unexpected facts such as the unacceptability of WH clefts in indirect questions and the interpretation of partial question in polar clefts. It offers an analysis based on focal movement with no [+Wh] triggered movement. Finally, it also discusses the nature of the presupposition (of existence or of uniqueness / exhaustivity) presupposition encoded by clefts, unveiling that WH clefts and polar clefts offer contradictory evidence about this phenomenon.

KEYWORDS: Cleft interrogatives. Cleft polar questions. Cleft WH questions. Presupposition. Brazilian Portuguese.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresento uma descrição preliminar de um tipo de sentenças interrogativas do português brasileiro (PB) que não costuma ser abordado na literatura. Trata-se das interrogativas clivadas de tipo básico, em que o constituinte interrogado aparece ensanduichado entre a cópula e o complementizador.

A literatura sobre a clivagem costuma se concentrar apenas nas clivadas do tipo declarativo. Estas, no PB, podem ser de três tipos principais (cf. BRAGA; KATO; MIOTO, 2009): (i) as **clivadas básicas**, em que um constituinte focalizado é ensanduichado entre a cópula e o complementador, no padrão “*É X que...*”, como em (1); (ii) as **clivadas invertidas**, em que o constituinte clivado é movido adicionalmente para antes da cópula, com a ordem “*X é que...*”, como em (2); (iii) e as **clivadas sem cópula**, como em (3).

Clivadas declarativas

- (1) Clivadas básicas
 - a. *É/Foi [João] que pagou a conta de luz.*
 - b. *É/Foi [a conta de luz] que pagou João.*
- (2) Clivadas invertidas
 - a. *[João] é/foi que pagou a conta.*
 - b. *[A conta de luz] é/foi que João pagou.*
- (3) Clivada sem cópula
 - a. *[João] que pagou a conta.*
 - b. *[A conta de luz] que João pagou.*

Mas a clivagem não é possível apenas em sentenças declarativas. O PB permite a clivagem em tipos sentenciais não-declarativos, como em interrogativas e em imperativas. Quanto às imperativas, um trabalho que aborda a clivagem nessas estruturas, ainda que brevemente, é o de Cavalcante e Simioni (2015). Os autores apontam que a clivada sem cópula é possível em ordens como réplica contrastiva a outro imperativo, como em (4), em que ocorre simultaneamente a rejeição da ordem prévia e a devolução da ordem para o interlocutor original. Curiosamente, nesse caso, o verbo deve ficar na forma subjuntiva. A forma indicativa prejudica a interpretação imperativa e favorece uma interpretação declarativa. As clivadas básicas e as invertidas, por outro lado, não parecem ser possíveis no contexto imperativo.

- (4) A: Abra a porta!
B: Eu não... VOCÊ que abra/*abre a porta!

(CAVALCANTE; SIMIONI, 2015, p. 307)

Diferentemente das imperativas, as interrogativas clivadas são bastante estudadas em português (cf. LOPES ROSSI, 1996; MIOTO; KATO, 2005; SELL, 1998, 2003, dentre outros), porém, o que tais estudos costumam chamar de “perguntas clivadas” são sentenças como (5a) e (5b), que não correspondem a versões interrogativas das clivadas básicas, mas a versões, respectivamente, das clivadas invertidas (com o elemento QU movido para antes da cópula) e da clivada sem cópula.

- (5) “Interrogativas clivadas” tratadas na literatura:
a. **Quem** é/foi que pagou a conta? (pergunta clivada invertida)
b. **Quem** que pagou a conta? (pergunta clivada sem cópula)

As perguntas com a estrutura equivalente às clivadas básicas, com o constituinte interrogado ensanduichado entre a cópula e o complementador, não têm ocupado a atenção das descrições do PB. A existência dessa estrutura sequer é citada na maioria dos estudos sobre interrogativas. Por isso, neste trabalho, tenho o objetivo de apresentar uma descrição preliminar das propriedades sintáticas e semânticas das **interrogativas clivadas básicas**.

O primeiro traço interessante sobre essas construções é que elas não são possíveis apenas nas interrogativas QU, como em (6), mas também nas interrogativas polares, como em (7), algo que é surpreendente, considerando-se que as interrogativas polares são perguntas sobre toda proposição e não apenas sobre uma parte dela, enquanto a clivagem tem uma função relacionada ao destaque de um dos elementos do enunciado. Como veremos na seção 4 deste artigo, a combinação dessas duas propriedades faz com que as clivadas polares tenham um comportamento intermediário: são perguntas parciais, que indagam sobre constituintes, mas requerem respostas do tipo sim/não.

Interrogativas clivadas pouco tratadas na literatura:

- (6) Interrogativas clivadas básicas QU
a. Foi **quem** que pagou a conta?
b. Foi **o que** que você comprou?
- (7) Interrogativas clivadas básicas polares
a. Foi **Pedro** que pagou a conta?
b. Foi **um livro** que você comprou?

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, faço um levantamento da (breve) literatura prévia sobre o tema; na seção 3, apresento as características das perguntas clivadas do tipo QU e faço uma proposta de derivação sintática dessas construções; na seção 4, descrevo as perguntas clivadas do tipo polar, estendendo a elas a análise apresentada na seção anterior; na seção 5, discuto o que os dados das perguntas clivadas apontam com relação às hipóteses sobre a pressuposição semântica codificada pelas sentenças clivadas em geral; e, na seção 6, concluo o texto.

2 LITERATURA PRÉVIA SOBRE O TEMA

Como apontado na seção anterior, é ampla a literatura linguística sobre a clivagem em geral (cf. por exemplo, MODESTO, 2001) e sobre as interrogativas clivadas mais especificamente (cf. LOPES ROSSI, 1996; MIOTO; KATO, 2005; SELL, 1998, 2003), mas, curiosamente, os trabalhos focam exclusivamente nas perguntas clivadas com a estrutura de clivadas invertidas e/ou de clivadas sem cópula.

O trabalho clássico de Lopes Rossi (1996) sobre as interrogativas QU na diacronia do português, por exemplo, trata amplamente das perguntas clivadas invertidas e das sem cópula, mas sequer cita as perguntas clivadas *básicas*, apesar de comparar as *perguntas clivadas invertidas* com as *clivadas declarativas básicas*.

Num levantamento bibliográfico inicial sobre o tema, as perguntas clivadas básicas, quando citadas, aparecem apenas como comentários bastante secundários, não recebendo maior atenção dos pesquisadores. Entre os poucos trabalhos que citam tais estruturas estão Sell (2003), Kato e Ribeiro (2009) e Ambar (2005).

A dissertação de Sell (1998) sobre interrogativas no PB cita exemplos de perguntas clivadas básicas, mas não chama atenção para as diferenças de ordem entre a cópula e o QU clivado e, no restante do trabalho, trata como “perguntas clivadas” apenas aquelas com a estrutura invertida, sem qualquer menção às diferenças na ordem.

Também é possível construir sentenças interrogativas WH clivadas em PB, nas quais se pode interrogar sobre qualquer argumento ou adjunto da sentença declarativa correspondente (57a):

- (57) a. A Maria comeu biscoito na escola ontem.
 b. Foi *quem* que comeu biscoito ontem na escola?
 c. Foi *o que* que a Maria comeu ontem na escola?
 d. Foi *quando* que a Maria comeu biscoito na escola?
 e. Foi *onde* que a Maria comeu biscoito ontem?

(SELL, 1998, p. 27, itálicos no original)

Já na tese da mesma autora (SELL, 2003), em que há ampliação da descrição dos dados das interrogativas, não há referência a tal tipo de perguntas, o que mostra como as perguntas clivadas básicas têm passado despercebidas em grande parte da literatura especializada em interrogativas.

Kato e Ribeiro (2009), tratando do português antigo e moderno, citam a possibilidade de perguntas clivadas básicas no PB, como em (8), salientando que seriam encontradas facilmente na linguagem infantil². Mas, no restante do trabalho, as autoras também não focam nessas estruturas.

- (8) a. *é quem que* tá tocano o violão? (Luana, 02; 03. 22)
 b. *é que que* tá gravano? (Luana, 02; 03. 22)
 c. *foi quem que* foi na loja? (Luana, 02; 04. 03)

(KATO; RIBEIRO. 2009, p. 132, itálicos no original)

Quanto à possibilidade dessa estrutura no português europeu (PE), Kato e Ribeiro (2009) não se posicionam explicitamente, mas a ausência dessa informação em um contexto de descrição comparativa entre as duas línguas sugere que elas seriam tidas como agramaticais no PE.

Entretanto, Ambar (2005), trabalhando com o PE, também aponta a existência de perguntas clivadas em dois formatos: as invertidas, a que ela se refere como **clivadas com o WH movido**, e as básicas, que ela chama de **clivadas com o WH in situ**. O termo usado pela autora é curioso, uma vez que o pronome interrogativo claramente se encontra em uma posição fora do VP em que seria gerado. Os

2 Não está claro no texto se as autoras querem, com isso, implicar que essas construções estariam ausentes na fala adulta.

dados em (9) abaixo são dela. Mas, apesar de apontar a existência desse tipo de dados, no restante do artigo, dedicado a restrições do tempo verbal entre a cópula e o verbo da relativa livre, a autora não trata especificamente dessas estruturas, dando atenção apenas às clivadas declarativas e às clivadas interrogativas invertidas.

- (9) a. Foi o quê que o João comprou?
 b. Foi quem que o João encontrou?
 c. ?Foi que livro que o João comprou?

(AMBAR, 2005, p. 97)

Algo interessante é que Ambar (2005) considera marginal o dado em (9c), com um constituinte interrogativo *D-linked*³, que parece ser aceitável no PB. Voltarei a esse ponto na seção 3.

Quanto ao inglês, as perguntas clivadas básicas QU não são aceitáveis, uma vez que as interrogativas QU dessa língua devem atender à configuração [WH aux], com o preenchimento das posições de especificador e de núcleo do CP, mas Horn (1981), ao discutir o *status* semântico ou pragmático da leitura de exaustividade (cf. seção 5) das clivadas, apresenta exemplos com versões interrogativas (polares) de clivadas básicas, como em (10). Mas, novamente, o trabalho dele não se concentra nessas estruturas, apresentando-as apenas como um teste sobre o possível valor pressuposicional da leitura de exaustividade⁴.

- (10) a. It was a pizza that Mary ate.
 b. Was it a pizza that Mary ate?

(HORN, 1981, p. 4)

A pouca atenção da literatura sobre as perguntas clivadas básicas, mesmo no PB, é possivelmente uma consequência da sua (ao menos aparente)⁵ menor produtividade em termos quantitativos em relação aos demais tipos de clivadas e de interrogativas. Mas essa menor produtividade é uma das justificativas para essa descrição (preliminar) das propriedades dessa construção neste artigo, pois a produtividade baixa não corresponde a uma marginalidade dessas estruturas, que soam perfeitamente aceitáveis. Elas devem, então, (e esta é a hipótese que assumo) ter uma distribuição mais limitada por serem mais especializadas, por codificarem alguma função distinta da realizada pelas perguntas não-clivadas e pelas perguntas clivadas invertidas ou sem cópula.

Na próxima seção, descrevo as interrogativas clivadas QU. Na seção seguinte, as clivadas polares.

3 Interrogativos não-D-linked (non-Discourse-linked) são aqueles em que o pronome interrogativo corresponde a todo o NP/DP, dispensando um elemento nominal como restritor, pois incluem em seu significado a restrição. São os casos de itens como quem, quando, o que, onde, que já incorporam em seus significados os traços de pessoa, tempo, coisa e lugar. Interrogativos D-linked (Discourse-linked) são aqueles em que o pronome interrogativo funciona como um determinante ou modificador, necessitando a presença de um elemento nominal para funcionar como seu restritor, de modo que esse nominal se refere a um conjunto de referentes previamente disponíveis no discurso. São os casos de que___ e quanta___ e qual___, por exemplo.

4 A questão é se uma sentença como (10a) pressuporia que “uma pizza” foi a única coisa que Mary comeu. Horn (1981) aponta que a versão interrogativa (assim como a negativa) – um dos testes clássicos de pressuposição semântica – mostra que esse não é o caso. Nota-se, entretanto, que ainda assim é possível que a estrutura pressuponha que existe um x, tal que x tenha sido a única coisa que Mary comeu (cf. seção 5).

5 Assumo como indicio dessa baixa produtividade quantitativa a ausência de informações sobre essa estrutura em diversos estudos de interrogativas e de clivadas feitos com base em corpora.

3 AS INTERROGATIVAS QU CLIVADAS BÁSICAS

Partindo do fato de que as referências ao fenômeno são escassas ou inexistentes mesmo em trabalhos que lidam com *corpora* diacrônicos e sincrônicos, busquei, para a realização desta pesquisa, fazer um levantamento de dados de perguntas clivadas a partir de dados da Internet, utilizando o sistema de busca do Google, e a partir de julgamentos de aceitabilidade de sentenças construídas.

É revelador que os dados escritos desse fenômeno, levantados na Internet, sempre são em situações que relatam ou simulam diálogos ou oralidade, como transcrição de perguntas e respostas de entrevistas, comentários com valor de réplicas em fóruns ou em sites de notícias.

Os dados levantados e os testes apontaram o seguinte quadro:

(i) As clivadas QU básicas frequentemente ocorrem com tópicos pré-sentenciais, geralmente de natureza oracional e com grande extensão, como nos exemplos em (11). Note-se que, em (11a), o tópico não corresponde ao sujeito da cópula, mas ao complemento do verbo *tirar*. E a entonação mais natural dada a essa sentença envolve uma clara pausa antes da cópula.

- (11) a. *A foto do meu filho morto circulando cheio de sangue, foi quem que tirou?* A médica?⁶
 b. Ministério Público: *Em dinheiro então só para ficar bem claro, foi quanto que o senhor pagou?*⁷

(ii) As interrogativas QU clivadas não indagam sobre informações inteiramente novas, mas conhecidas ou parcialmente conhecidas, como mostram os exemplos em (11) e também em (12). Note-se que mesmo o exemplo (12b) soa como um pedido para que o ouvinte repita uma informação já apresentada anteriormente. Certamente, trata-se de uma característica relacionada com a anterior.

- (12) a. E sabe pq odiamos o PT, pq ele enganou a todos, fez de ético, xingou Collor, Sarney, FHC e fez pior que todos eles, afundou o país. Ou vc acha que a situação que nos encontramos *foi quem que causou?*⁸
 b. Quando eu pedi para senhora ficar com a menina dois meses para ir visitar os parentes do Scott, *foi quem que interpretou mal?*⁹

(iii) Entretanto, apesar de serem indagações sobre algo previamente conhecido, as interrogativas QU clivadas não têm valor de perguntas-eco, como mostram os exemplos anteriores e como mostra o contraste em (13), abaixo.

- (13) A: João almoçou com [ruído].
 B: João almoçou *com quem?* (pergunta eco)
 B': #Foi com *quem* que João almoçou?

(iv) Apesar de não serem perguntas-eco, em muitos casos essas interrogativas parecem desempenhar uma função retórica, no sentido de que a resposta já parece ser não apenas previamente conhecida pelos interlocutores, mas perfeitamente evidente pela situação dada, como mostram os exemplos anteriores em (11) e (12) e os exemplos adicionais em (14). Reforça essa intuição o fato de que, em boa parte dos dados, como em (14a), a resposta é oferecida imediatamente pelo próprio falante.

⁶ Bessa (2016).

⁷ TRIBUNAL.... (2012).

⁸ Pereira (2017).

⁹ Mary (2014, p. 79).

- (14) a. Tinham dois candidatos. Se você coloca embaixo das portas das casas cartas anônimas dizendo que Titor e Célio são bandidos, *foi quem que colocou?* Os nossos adversários.¹⁰
 b. Eiiii se encontraram a prefeitura na falência esse ano, *foi quem que deixou????* Se a anos estamos sem remédios nos postos, quem que deixou assim???¹¹

(v) Não parece haver restrição ao tipo de QU que pode ser clivado. Tais interrogativas ocorrem com *quem* (cf. (11a), (12), (14)) e *o que* (cf. (15a))¹², *quanto* (cf. (11b)), *quando* (cf. (15b)), *como* (cf. (15c)), *qual* (cf. (15d)).

- (15) a. É **o que** que tá acontecendo?
 b. Essa denúncia junto à corregedoria *foi quando que aconteceu?* Faz muito tempo?¹³
 c. Mas é **como** que você conseguirá manter seu blog sempre atualizado se faltar ideias sobre o tema dos conteúdos?¹⁴
 d. A: Boa tarde diz o banco que já foi aprovado a compra mais aqui pra min aparece pagamento em revisão isso eu vejo com meu banco ou e vc aí?
 B: Oi amigo, *foi qual dia que voce pagou??*¹⁵

A aceitabilidade de exemplos como (15d) contrasta com o julgamento de marginalidade dado por Ambar (2005) a (9c), com um sintagma *D-linked*, o que mostra uma possível diferença entre o PB e o PE.

(vi) Outra característica relevante é que tais clivadas QU parecem ser marginais ou inaceitáveis como perguntas encaixadas, como mostra o contraste em (16). Isso é inesperado, porque a clivada invertida e a clivada sem cópula são boas no mesmo contexto, como mostram os dados em (17).

- (16) a. Você perguntou **quem** começou a Lava Jato. (perg. indireta não-clivada)
 b. *Você perguntou (que) *foi quem que começou a Lava Jato*. (perg. indireta clivada básica)
- (17) a. Você perguntou **quem que** começou a Lava Jato. (perg. indireta clivada sem cópula)
 b. Você perguntou **quem foi que** começou a Lava Jato. (perg. indireta clivada invertida)

(vii) Por outro lado, as interrogativas QU clivadas são aceitáveis no CP encaixado **não-interrogativo** de perguntas matrizes, como em (18), algo inesperado. É interessante que, mesmo quando ocorre em posição encaixada, o elemento clivado e a cópula ainda podem ser antecidos por tópicos, como em (12a), repetido em (18b).

¹⁰ Duarte (2009).

¹¹ POR... (2017)

¹² Os dados com interrogativo o que, apesar de serem julgados perfeitamente aceitáveis, são os mais difíceis de serem encontrado em buscas na web, por causa do formato “é o que que”. Em muitos casos, a ferramenta de busca ignora a cópula na apresentação dos resultados. Em outros casos, apresenta resultados com repetição do interrogativo, como em “o que é, o que é que...”. Ou, ainda, dá resultados com sequências que não pertencem à mesma sentença, em que há alguma pontuação separando frases distintas.

¹³ TRIBUNAL... (2011).

¹⁴ 8 FONTES... (2015).

¹⁵ Em: <https://bit.ly/2PLIDCv>

- (18) a. Vc acha que *foi quem que começou a lava jato*? Começou com a fiscalização da Receita Federal em um lava jato (daí nome) em Curitiba, onde pra ter o faturamento declarado, teria que lavar uns 10 mil carros por dia [...]¹⁶
 b. [...] (...) Ou vc acha que [_{tópico} *a situação que nos encontramos*] *foi quem que causou*?

Note-se que, mesmo que o QU esteja no CP não-interrogativo encaixado, o seu escopo é amplo, sobre a sentença matriz. Dados como (18) enriquecem o quadro conhecido quanto ao movimento QU em perguntas matrizes, quando o QU está ligado a uma posição encaixada. É reconhecido na literatura que, nesses casos, o movimento é opcional: o QU pode ser movido para o CP matriz, como em (19a), ou permanecer *in situ* (mas ainda com escopo amplo), como em (19b), mas que não pode sofrer movimento apenas parcial, parando no CP intermediário não-interrogativo, como em (19c). Os dados em (18) mostram que o movimento parcial é possível, desde que o CP não-interrogativo realize uma clivada básica (cf. também (19d)).

- (19) a. **Quem** você acha [que Pedro beijou ___]?
 b. Você acha [que Pedro beijou **quem**]?
 c. *Você acha [**quem** (que) Pedro beijou ___]?
 d. Você acha [que foi **quem** que Pedro beijou ___]?

Como dar conta desse movimento parcial do pronome interrogativo, mas com escopo amplo sobre a matriz? Parece-me que a melhor forma de tratar esses dados seja considerar que eles, de fato, **não envolvem um movimento interrogativo parcial**. Do ponto de vista do traço interrogativo, os dados em (18) possuem simplesmente um QU *in situ* de modo semelhante a (19b), que não tem seu movimento acionado na sintaxe visível. O escopo amplo é fruto do mesmo mecanismo que explica tal escopo quando o QU sequer deixa o VP, como em (18b), ou quando permanece no IP no caso de um QU sujeito. Uma análise possível é o tradicional movimento encoberto em LF.

A posição do QU na periferia da sentença encaixada (declarativa), em (18), é desencadeada por um movimento focal (não interrogativo), para checar o traço de uma categoria de foco do CP encaixado (declarativo). O movimento (adicional) para a checagem do traço [+Wh] deve ocorrer apenas em LF, assim como ocorreria em (19b).

Essa análise prevê corretamente a inaceitabilidade da clivagem básica em perguntas encaixadas, como em (16b). Se a posição deslocada do QU em perguntas clivadas é resultado de um movimento focal e não de um movimento interrogativo, então o traço [+interrogativo] do CP selecionado por verbos como *perguntar* permanece sem ser checado/valorado¹⁷, o que faz também que os requerimentos de c-seleção do verbo matriz não sejam atendidos: um verbo como *perguntar* exige um CP interrogativo como complemento e não há nenhum elemento com traço interrogativo nas posições mais altas do sistema CP em (16b). Isso não é um problema para as sentenças em (18), justamente porque o CP encaixado é declarativo e deve ser interpretado como tal.

A análise também prevê corretamente a diferença entre o PB e o inglês. As interrogativas clivadas QU são inaceitáveis em inglês por causa do movimento obrigatório para checagem do traço interrogativo/Wh antes de LF, o que faz com que um elemento QU no inglês não possa permanecer na posição intermediária, à direita da cópula, mas precise se mover o especificador mais alto. Na próxima seção, aponto que essa análise também consegue dar conta de uma assimetria aparentemente inesperada entre os dados de clivadas QU e de clivadas polares em perguntas indiretas.

Nessa seção, apresentei uma visão geral das propriedades das interrogativas clivadas básicas QU. Na próxima seção, descrevo as propriedades das interrogativas clivadas básicas polares.

¹⁶ CHINA... (2018)

¹⁷ Ou o que a sua versão favorita da teoria de movimento disser.

4 PERGUNTAS CLIVADAS BÁSICAS POLARES

Nesta seção, descrevo as propriedades das interrogativas clivadas polares. A existência desse tipo de sentença é algo, a princípio, inesperado, dado o fato de que as perguntas polares têm como característica definidora a função de indagar sobre toda a proposição e não apenas sobre uma parte dela, enquanto a clivagem tem a função de destacar um constituinte específico da sentença.

Devido à maior dificuldade de levantar dados de perguntas polares através de pesquisas no Google, uma vez que o elemento ensanduichado, não sendo um QU, pode ser qualquer sintagma DP ou PP, os dados desta seção são constituídos, majoritariamente, de exemplos construídos e julgados por intuição.

Os dados descritos nesta seção apontam para as seguintes características das clivadas polares:

(i) Apesar de serem polares e terem respostas do tipo sim/não como réplicas esperadas, esse tipo de interrogativa não indaga sobre todo o evento, apenas sobre o constituinte clivado, como apontam os exemplos em (20).

- (20) a. Foi **Pedro** que pagou a conta?
 b. Foi **um livro** que você comprou?
 c. Foi **com Joana** que você saiu?

(ii) Diferentemente das polares comuns, as clivadas polares introduzem uma pressuposição de veracidade da parte não focalizada da sentença, como pode ser visto no contraste em (21) e (22). Em (21), uma resposta negativa não diz nada sobre a possibilidade de outro aluno ter obtido a nota máxima. A negativa é compatível com uma situação em que outro aluno obteve a nota máxima e com a situação em que ninguém a obteve, mas deixa em aberto qual seria o caso. Já a resposta negativa a (22) rejeita apenas a informação de que Pedro teria tirado nota dez, mas mantém a expectativa de quem alguma pessoa obteve tal nota.

- (21) Pergunta polar não-clivada
 A: Pedro tirou 10 na prova? (sem pressuposição)
 B: Não.

- (22) Pergunta polar clivada
 A: Foi **Pedro** que tirou 10 na prova? (com pressuposição)
 B: Não. (= Logo, foi outra pessoa que tirou 10.)

(iv) Assim como vimos na seção anterior para as perguntas clivadas QU, as clivadas polares não são boas como perguntas eco, como mostra o contraste em (23).

- (23) A: Eu dei flores pra Jair.
 B: Você deu **flores** pra Jair? (polar eco não-clivada: ok)
 B': #Foi/foram **flores** que você deu pra Jair? (polar clivada: ruim)

(v) Em sentenças encaixadas, as clivadas polares parecem ter menos restrições do que as clivadas QU. As polares clivadas são aceitáveis em perguntas indiretas, como mostram os dados em (24). Esse é o comportamento oposto ao das clivadas QU.

- (24) a. João perguntou se *Pedro viu você no shopping*. (polar não-clivada encaixada)
 b. João perguntou se *foi **Pedro** que viu você no shopping*. (polar clivada encaixada)

(v) Mas também são aceitáveis em CPs **declarativos** encaixados de perguntas matrizes. Nesse ponto, o comportamento é o mesmo das clivadas QU.

- (25) a. Você acha que *foi Pedro que você viu no shopping*?
 b. Você acha que *foi Paulo que tirou dez na prova*?

Como dar conta dessa diferença entre as clivadas QU e as clivadas polares quanto aos contextos subordinados? Na seção anterior, aponte que as clivadas QU são inaceitáveis em encaixadas interrogativas (perguntas indiretas), mas aceitáveis em encaixadas declarativas quando a sentença matriz é interrogativa (pergunta direta). As clivadas polares são aceitáveis nos dois tipos de contextos. A questão a ser respondida é: o que faz com que as clivadas polares sejam boas em mais contextos do que as clivadas QU?

Assumo que a análise oferecida para as clivadas QU na seção anterior pode ser aplicada também às clivadas polares e explica as diferenças entre elas. A derivação de uma clivada polar também envolve o movimento de um constituinte por motivos de focalização. A motivação não envolve a checagem de traços [+Wh] ou [+interrogativo], uma análise bastante intuitiva, levando em conta que os constituintes clivados nas polares não possuem traços interrogativos.

Nesse cenário, a aceitabilidade de dados como (24b) em oposição à inaceitabilidade de (16b) se deve ao fato de que os requisitos de seleção do verbo matriz *perguntar* (que pede um CP interrogativo como complemento) são satisfeitos de modo independente pelo complementador interrogativo *se* presente na clivada polar. Na clivada QU, isso não ocorre, pois o CP encaixado não possui um complementador inerentemente interrogativo; o complementador *que* precisaria entrar em uma relação de concordância com um pronome interrogativo movido para satisfazer o requerimento seletional do verbo matriz.

Considero, portanto, que a análise proposta na seção anterior faz a previsão correta sobre o comportamento de clivadas polares em perguntas indiretas, o que serve como evidência adicional em favor dessa análise.

Na próxima seção, discuto aspectos das propriedades semânticas dessas construções. Especificamente, discuto as propriedades dos dois tipos de perguntas clivadas básicas quanto à questão da pressuposição que introduzem.

5 TIPO DE PRESSUPOSIÇÃO DAS SENTENÇAS CLIVADAS

Nesta seção, discuto a contribuição semântica das interrogativas clivadas básicas à luz de duas hipóteses existentes na literatura prévia com relação à natureza da pressuposição codificada pelas sentenças clivadas declarativas.

5.1 PRESSUPOSIÇÃO DE UNICIDADE OU DE EXISTÊNCIA

Com relação às propriedades semânticas das sentenças clivadas (declarativas), há um debate na literatura (BÜRING; KRIZ, 2013; POLLARD; YASAVUL, 2016; MENUZZI, 2017) sobre qual seria a natureza da pressuposição codificada por esse tipo de sentença.

Diversos autores relacionam a função da clivagem com o estabelecimento da interpretação de exaustividade (cf. MODESTO, 2001; TEIXEIRA; MENUZZI, 2015), compreendida como “[...] *uma inferência pela qual uma única entidade (ou um único grupo de entidades) satisfaz a predicação expressa pela clivada*” (TEIXEIRA; MENUZZI, 2015, p. 59). Ou seja, sentenças como (26) a seguir não expressariam apenas que Sue convidou Fred, mas também que não há nenhuma outra pessoa que tenha sido convidada por Sue.

- (26) a. It was Fred (that) Sue invited.
 b. Foi Fred que Sue convidou.

Büring e Kriz (2013) defendem especificamente que as clivadas codificam essa unicidade ou exaustividade do predicado através de uma *pressuposição* semântica, não como parte do conteúdo asseverado, como mostra o contraste em (27) a seguir entre a clivada e uma sentença com *only*, em que a unicidade/exaustividade é parte do conteúdo asseverado:

- (27) a. #Bob knew she invited Fred, but he didn't know *it was Fred she invited*.
 b. Bob knew she invited Fred, but he didn't know *she only invited Fred*.

(BÜRING; KRÍŽ, 2013)

Pollard e Yasavul (2016), por outro lado, desafiam a posição tradicional sobre a leitura de unicidade e defendem que as clivadas não expressam a exaustividade do predicado, como mostraria o dado abaixo, que tem um valor contrastivo, mas não exaustivo.

- (28) A: Did you hear, Bob got an NSF grant!
 B: Well, actually, *it was Rob*. And Mike got one, too!

(POLLARD; YASAVUL, 2016)

Pollard e Yasavul (2016) propõem, então, alternativamente, que a função da clivagem é “[...] *to (further) specify an antecedent discourse referent (DR) that the speaker considers to be insufficiently specified*”¹⁸. Ainda segundo eles, a interpretação de exaustividade das clivadas viria apenas em contextos de respostas a perguntas QU, como mostra o contraste em (29) com relação a uma resposta não-clivada e uma clivada. Isso ocorreria porque a função da clivada de especificar um antecedente não inteiramente especificado resultaria na clivada identificar a pluralidade que é o antecedente.

- (29) Who went to CLS?
 a. Greg and Dan. I don't know if anyone else did. / Scott did, too.
 b. It was Greg and Dan. #I don't know if anyone else did. / #Scott did, too.

A pressuposição codificada pelas clivadas poderia ser vista, então, como uma pressuposição de existência, não de unicidade/exaustividade, como defendido também por Horn (1981).

Trabalhando com dados do PB, Menuzi (2017) usa o item *só/somente* como teste para verificar se as clivadas pressupõem exaustividade ou existência do predicado. Uma vez que *somente* expressa necessariamente a ideia de exclusão de alternativas, diz o autor, esse item não deveria ser aceitável com clivadas se estas já codificam exaustividade. Os dados em (30), porém, mostram que, ao contrário da previsão, o item *somente* é compatível com a clivagem, podendo modificar o constituinte clivado.

- (30) a. [...] Foi (somente) o seu gesto de grandeza que lhe rendeu um lugar numa história com tantos personagens mais importantes que ele.
 b. [...] Mas foi (somente) a enorme pressão popular que nos levou agora ajudar as vítimas do tsunami.

(MENUZZI, 2018, p. 209, 211)

Com base neste teste, Menuzzi (2018) conclui, então, que as clivadas do PB não codificam necessariamente pressuposição de unicidade/exaustividade do predicado, mas sim pressuposição de existência.

Na próxima subseção, discuto o que os dados das clivadas interrogativas básicas dizem sobre esse fenômeno.

¹⁸ “[...] especificar (adicionalmente) um referente discursivo (DR) antecedente, que o falante considera estar insuficientemente especificado” (tradução minha).

5.2 PRESSUPOSIÇÃO EM PERGUNTAS CLIVADAS

Diante do quadro apresentado na subseção anterior, discuto, nesta subseção, o que os dados de interrogativas clivadas apontam sobre a pressuposição expressa pelo fenômeno da clivagem.

Quanto às clivadas polares, a comparação entre estas e as polares simples em (31) mostra que a clivagem acrescenta, pelo menos, uma pressuposição de existência do predicado, como apontado na seção 3, o que é o esperado.

- | | | |
|------|-------------------------------------|------------------------------------|
| (31) | a. Pedro tirou 10 na prova? | (polar simples; sem pressuposição) |
| | b. Foi Pedro que tirou 10 na prova? | (polar clivada; pressuposição) |

O fato de que as perguntas clivadas não indagam sobre uma informação inteiramente nova, mas sobre algo parcialmente conhecido, é compatível com a proposta de Pollard e Yasavul (2016) de que a sua função é especificar a identidade de um referente discursivo não satisfatoriamente identificado.

No entanto, ainda é preciso definir se a pressuposição em (31b) é apenas existencial ou se há também um pressuposto de unicidade ou exaustividade. (31a) e (31b) parecem diferir também no aspecto de que uma resposta positiva à primeira não sugere que Pedro tenha sido a única pessoa a tirar dez, enquanto uma resposta positiva a (31b) parece indicar ou antes confirmar a expectativa do autor da pergunta sobre Pedro ter sido a única pessoa a obter essa nota. Isso não é compatível com a posição de Pollard e Yasavul (2016) de que a leitura de exaustividade viria apenas de contextos em que a clivada é usada como resposta a perguntas QU, pois aqui a leitura estaria presente em um contexto interrogativo (não declarativo responsivo) e não relacionado a um QU.

Aplicando, porém, o teste de Menuzzi (2018), os dados mostram que as clivadas polares aceitam o advérbio *somente*. Assim, as clivadas polares codificariam apenas pressuposição existencial, confirmando a posição de Pollard e Yasavul (2016) e de Menuzzi (2018).

- | | |
|------|--|
| (32) | a. Foi <i>só</i> / <i>somente</i> Pedro que tirou 10 na prova? |
| | b. <i>Só</i> / <i>somente</i> foi Pedro que tirou 10 na prova? |
| | c. Foi <i>só</i> / <i>somente</i> Paulo que pagou a inscrição? |
| | b. <i>Só</i> / <i>somente</i> foi Paulo que pagou a inscrição? |

No entanto, a situação é diferente no caso das perguntas QU. Na sua versão não-clivada, as interrogativas QU já expressam uma pressuposição existencial. Sentenças como (33) já pressupõem a existência de um referente que sature o predicado.

- | | | |
|------|--|--|
| (33) | a. <i>Quem</i> tirou dez na prova? | (Pressuposto: alguém tirou dez na prova) |
| | b. <i>Quem</i> pagou a conta? | (Pressuposto: alguém pagou a conta) |
| | c. <i>O que</i> Maria comprou? | (Pressuposto: Maria comprou algo) |
| (34) | a. Foi <i>quem</i> que tirou dez na prova? | (Pressuposto: alguém tirou dez na prova) |
| | b. Foi <i>quem</i> que pagou a conta? | (Pressuposto: alguém pagou a conta) |
| | c. Foi <i>o que</i> que Maria comprou? | (Pressuposto: Maria comprou algo) |

Nesse sentido, se a conclusão anterior sobre as perguntas clivadas polares estiver correta, os dados apresentam o resultado curioso de que as clivadas QU expressariam a mesma pressuposição que suas contrapartes QU não-clivadas: (33a) e (34a) pressupõem que alguém tirou dez na prova; (33b) e (34b) pressupõem que alguém pagou a conta, etc.

Mas, se as perguntas QU não-clivadas já expressam pressuposição existencial, por que haveria perguntas QU **clivadas**? Mais especificamente, qual poderia ser a contribuição semântica trazida pela clivagem às interrogativas? Como capturar a diferença entre os dados em (33) e em (34)? Entre os dados em (35a) e (35b)?

- (35) a. *Quem* tirou a foto do meu filho morto? (QU não-clivada)
 b. Foi *quem* que tirou a foto do meu filho morto? (QU clivada)

As perguntas clivadas polares e as QU trazem, então, evidências aparentemente contraditórias entre si. As clivadas polares fornecem evidência em favor de uma análise em termos de pressuposição existencial. Já as perguntas clivadas QU trazem evidência em favor de uma análise em termos de pressuposição de unicidade/exaustividade. Outra evidência em favor disso é que as perguntas clivadas QU parecem resistir ao acréscimo do advérbio *só/somente*, como mostram os exemplos em (35).

- (35) a. #Foi *só/somente* quem que tirou a foto do meu filho morto?
 b. #A foto do meu filho morto, foi *só/somente* quem que tirou?
 c. #*Só/somente* foi quem que tirou a foto do meu filho morto?
 d. #A foto do meu filho morto, *só/somente* foi quem que tirou?

O objetivo desta discussão não é oferecer uma resposta para esse problema quanto à pressuposição em clivadas interrogativas de diferentes tipos, mas sim apresentar o problema para a comunidade linguística, de modo a ampliar o debate sobre clivagem e pressuposição. Na fase atual da pesquisa, não tenho como apresentar uma solução para a questão. Mas apresento o esboço de uma ideia sobre o tema. Como apontei na seção 3, as clivadas QU parecem ser usadas em contextos em que a identidade do referente do pronome é conhecida ou parcialmente conhecida, o que não ocorre necessariamente nas perguntas não-clivadas. Assumindo, com Pollard e Yasavul (2016), que a função da clivagem é “*especificar (ainda mais) um referente que o falante considera insuficientemente especificado*”, é possível propor que as perguntas clivadas QU são diferentes das perguntas QU não-clivadas exatamente quanto a esta função: as perguntas QU não-clivadas solicitam a identificação de um referente que se assume como existente; as clivadas QU solicitam uma especificação adicional de um referente que se assume como existente e **já parcialmente especificado** no discurso.

6 CONCLUSÃO

Este artigo teve dois objetivos principais. Primeiro, realizar a descrição preliminar das construções interrogativas com a estrutura equivalente às clivadas básicas no PB, uma vez que a literatura sobre clivagem só costuma tratar das clivadas declarativas e a literatura sobre as interrogativas só lida com aquelas que possuem a estrutura equivalente às clivadas invertidas e as clivadas sem cópula.

O segundo objetivo foi discutir o que as perguntas clivadas básicas (polares e QU) podem dizer sobre o debate quanto ao status da pressuposição codificada nas sentenças clivadas. Como vimos, as interrogativas clivadas fornecem evidências contraditórias, uma vez que as clivadas polares parecem favorecer uma análise em termos de pressuposição existencial, mas as perguntas clivadas QU parecem ser incompatíveis com esse tratamento.

Este é um estudo preliminar sobre o tema, cuja investigação deverá, se possível, prosseguir em trabalhos futuros. Considero que ainda está em aberto a questão do modo de codificação da pressuposição em clivadas interrogativas e em não-interrogativas, incluindo as diferenças quanto aos dois tipos de interrogativas clivadas básicas. Outra questão relacionada a esse tema é o comportamento das perguntas QU clivadas invertidas e clivadas sem cópula. Estas se comportam como as clivadas QU básicas ou como as perguntas QU não-clivadas? No segundo caso, que parece o mais provável, isso pode sugerir que o movimento do QU para a posição mais alta da estrutura envolve apenas movimento Wh, sem passar pela posição de foco intermediária em que estaciona o QU das clivadas básicas. A ausência desse passo da derivação poderia ser responsável pela diferença semântica.

Outros dois temas em aberto para a pesquisa sobre as clivadas interrogativas básicas são o desenvolvimento diacrônico dessas estruturas e o comportamento dialetal. Do ponto de vista diacrônico, por exemplo, qual é a relação delas com as perguntas clivadas invertidas? As perguntas clivadas básicas se desenvolveram a partir de uma perda do movimento Wh obrigatório, sendo, portanto, posteriores ao surgimento das perguntas clivadas invertidas? Ou elas derivam diretamente das clivadas declarativas, antecedendo, assim, as perguntas clivadas invertidas? Do ponto de vista dialetal, essas estruturas apresentam diferenças em dialetos distintos do português? As diferentes prosódias que caracterizam os dialetos brasileiros afetam a distribuição e aceitabilidade dessas construções? Elas se comportam diferentemente no PB e no PE em outros aspectos além da aceitabilidade com constituintes D-linked? São questões para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AMBAR, M. Clefts and tense asymmetries. In: DI SCIULLO, A. M. *UG and External Systems: Language, Brain and Computation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 95-128.
- BRAGA, M. L.; KATO, M.; MIOTO, C. As construções Q no português brasileiro falado. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. do. (org). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença*. Campinas: Unicamp, 2009. p. 237-289.
- BÜRING, D.; KRIZ, M. It's That, and That's It! Exhaustivity and homogeneity presuppositions in clefts (and definites). *Semantics & Pragmatics*, v. 6, p. 1-29, 2013.
- CAVALCANTE, R. ; SIMIONI, L. A ordem VS em sentenças imperativas do português brasileiro. *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 304-315, jul./dez. 2015.
- HORN, L. Exhaustiveness and the semantics of clefts. *Proceedings of NELS*, v. 11, p. 125-142, 1981.
- KATO, M. Two focus positions in the history of Brazilian Portuguese. *ReVEL*, edição especial n. 10, p. 19-41, 2015.
- KATO, M.; RIBEIRO, I. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese. In: DUFTER, A.; JACOB, D. *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 123-154.
- LOPES ROSSI, M. A. G. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do Português*. 1996. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- MENUZZI, S. Sobre a pressuposição das clivadas. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 46, p. 200-221, 2018.
- MIOTO, C.; KATO, M. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da ABRALIN*, v. 4, n. 1 e 2, p. 171-196, dez. 2005.
- MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- POLLARD, C.; YASAVUL, M. Anaphoric clefts: the myth of exhaustivity. *Proceedings of CLS 2014*, Chicago, 2016.
- SELL, F. *Estudo das interrogativas do português brasileiro em teoria gerativa*. 1989. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- SELL, F. *As interrogativas do português brasileiro: perguntas e respostas*. 2003. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FONTES DOS DADOS UTILIZADOS

8 FONTES de ideias para posts no seu blog corporativo. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/fontes-de-ideias-para-posts/>. Acessado em 9 de fevereiro de 2018.

BESSA, P. Tati Quebra Barraco posta desabafo sobre morte do filho: 'Eu quero justiça'. *Ego*, 13 dez. 2016. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/12/tati-quebra-barraco-faz-desabafo-na-web-e-cobra-eu-quero-justica.html>. Acesso em: 30 mar. 2019.

CHINA: Mercedes-Benz teria recebido oferta de perfis de seus próprios clientes e das concorrentes. *Assobrav*. Disponível em: <https://www.assobrav.com.br/noticias/china-mercedes-benz-teria-recebido-oferta-de-perfis-de-seus-proprios-clientes-e-das-concorrentes/>. Acessado em 8 de fevereiro de 2018.

DUARTE, Flávio. Prefeito de Satuba volta a acusar adversário político na morte de vice. *Alagoas 24 horas*. Disponível em: <http://www.alagoas24horas.com.br/689642/prefeito-de-satuba-volta-a-acusar-adversario-politico-na-morte-de-vice/>. Acessado em: 06 de fevereiro de 2018.

MARY, Donna. Quando o amor toca o coração. [s.l.]: Clube dos Autores, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=0MIFBQAAQBAJ&pg=PA88&lpg=PA88&dq=%22foi+quem+que%22&source=bl&ots=cRy4qa-hdp&sig=zXkfbeihPVDufTqPwgwIDKMgTII&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiW-bnZ0ujXAhWjJlAKHYZBCPwQ6AEIWzAM#v=onepage&q=%22foi%20quem%20que%22&f=false>. Acessado em: 06 de fevereiro de 2018

PEREIRA, Joelma. Abaixo-assinado pelo impeachment de Gilmar, Lewandowski e Toffoli supera 500 mil apoiadores. *Congresso em foco*. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/abaixo-assinado-pelo-impeachment-de-gilmar-lewandowski-e-toffoli-se-aproxima-de-500-mil-apoiadores/#comment-3296880142>. Acessado em: 06 de fevereiro de 2018.

POR 15 votos a 6, Câmara de Volta Redonda rejeita contas do Neto. *Diário do Vale*. Disponível em <https://diariodovale.com.br/politica/por-15-votos-a-6-camara-de-volta-redonda-rejeita-contas-do-neto/#comment-132779>. Acessado em 11 de fevereiro de 2018.

TRIBUNAL de Justiça do Rio Grande do Sul TJ-RS - Apelação Crime: ACR 70044138733 RS - Inteiro Teor. Disponível em <https://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/20956866/apelacao-crime-acr-70044138733-rs-tjrs/inteiro-teor-20956867>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2018.

TRIBUNAL de Justiça do Rio Grande do Sul TJ-RS - Recurso em Sentido Estrito : RECSENSES 70042717371 RS – Inteiro Teor. Disponível em: <https://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/20235265/recurso-em-sentido-estrito-recsenses-70042717371-rs/inteiro-teor-20235266>. Acessado em 11 de fevereiro de 2018.



Recebido em 20/09/2018. Aceito em 17/12/2018.

SOBRE O ESTATUTO E A ESTRUTURA SINTÁTICA DAS CONDICIONAIS FACTUAIS DE *SE* DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE¹

SOBRE EL ESTATUTO Y LA ESTRUCTURA SINTÁCTICA DE LO *SE* FACTUAL CONDICIONAL
DEL PORTUGUÉS DE MOZAMBIQUE

ON THE SYNTACTIC STATUS AND STRUCTURE OF THE FACTUAL *IF*-CONDITIONALS OF
THE MOZAMBIKAN PORTUGUESE

Víctor Mércia Justino*

Universidade Eduardo Mondlane

RESUMO: Este artigo discute o estatuto e a estrutura sintática das condicionais factuais de *se* do português de Moçambique. Os resultados da aplicação de testes sintáticos às factuais mostram que podem ser integradas ou periféricas. Deste modo, são distintas das factuais de outras línguas, como o inglês, que são consideradas apenas periféricas (HAEGEMAN, 2003; BHATT; PANCHEVA, 2006). Do ponto de vista estrutural, as integradas ocupam uma posição relativamente baixa que é a de adjunção a VP e as periféricas, pelo contrário, posições altas na frase, em adjunção a CP ou TP (HAEGEMAN, 2003; LOBO, 2003). Para darmos conta das integradas antepostas, com base em argumentos empíricos, defendemos que são geradas por *Move* do interior do TP da matriz, onde são geradas, para a posição de especificador de tópico, por topicalização da oração adverbial condicional, na linha de Duarte (1987, 1996) e Valmala (2009), contrariando a hipótese de que são geradas por *Merge* (LOBO, 2003; IATRIDOU, 1991).

PALAVRAS-CHAVE: Condicionais factuais. Estatuto sintático. Estrutura sintática. Português de Moçambique.

RESUMEN: En este artículo se analiza el estatuto y la estructura sintáctica de lo factual condicional del portugués de Mozambique (PM). Los resultados de la aplicación de pruebas sintáticas a los factuales muestran que pueden ser integradas o periféricas. De este modo, son distintas de las factuales de otros idiomas, como el inglés, que se consideran sólo periféricas (HAEGEMAN, 2003; BHATT; PANCHEVA, 2006). Desde el punto de vista estructural, las integradas ocupan una posición relativamente baja que es la de adjunción a VP y las periféricas, por el contrario, posiciones altas, en adjunta a CP o TP (HAEGEMAN, 2003; LOBO, 2003). Para dar cuenta de las integradas antepuestas, con base en argumentos empíricos, defendemos que son generadas por *Move* desde el interior del TP de la matriz, donde son generadas, para la posición de especificador de tópico, por topicalización de la oración adverbial condicional, en la línea de Duarte (1987, 1996) y Valmala (2009), contrariando la hipótesis de que son generadas por *Merge* (LOBO, 2003; IATRIDOU, 1991).

¹ Este trabalho é parte da minha tese de doutoramento (JUSTINO, 2018b), financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, que me concedeu a bolsa de estudos.

* Doutor em Linguística Portuguesa pela Universidade de Lisboa. É professor de Língua Portuguesa, Sintaxe e Linguística Descritiva do Português na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. E-mail: victormerciajustino@gmail.com.

PALABRAS CHAVE: Condicionales factuales. Estatuto sintáctico. Estructura sintáctica. Português de Moçambique.

ABSTRACT: This paper discusses the syntactic status and structure of the factual if-conditionals of the Mozambican Portuguese (MP). The results of the application of standard tests to distinguish between integrated and peripheral conditionals show that MP factual conditionals behave differently from those found in other languages because they may be integrated or peripheral, whereas for example in English, factual conditionals are always peripheral (HAEGEMAN, 2003; BHATT; PANCHEVA, 2006). Structurally, integrated conditionals are merged as VP adjuncts and typically surface in this relatively low position. Peripheral conditionals are merged higher in the clausal structure, as left or right adjuncts to CP or TP (HAEGEMAN, 2003; LOBO, 2003). It is argued that MP integrated *se*-initial conditionals are generated by Move from the matrix TP where they are generated to Spec, TopP, by means of topicalization of the conditional adverbial clause, hence becoming *se*-initial conditionals. This is in line with Duarte (1987, 1996) and Valmala (2009), against the hypothesis that they are generated by Merge (LOBO, 2003; IATRIDOU, 1991).

KEYWORDS: Factual conditional. Syntactic status. Syntactic structure. Mozambican Portuguese.

1 INTRODUÇÃO

O Português de Moçambique (PM) é uma variedade do português falado, de acordo com os dados do Censo de 2007, por cerca de metade da população moçambicana, como L1 (10,7%) ou como L2 (39,7 %) (CHIMBUTANE, 2012). Para além do português, que é a língua oficial, são faladas, em Moçambique, mais de vinte línguas bantu.

O presente artigo tem como objetivos aferir o estatuto sintático das condicionais factuais de *se* do PM e apresentar a estrutura sintática de cada tipo sintático de condicionais factuais.

Uma condicional é factual ou real quando a correlação entre a subordinada e a principal é dada como um facto (1); ou quando apenas a subordinada adverbial é que descreve um facto (2).

- (1) Se não vou correr nas manhãs, estou com um grupo de amigos. (JR41, JUSTINO, 2011)
- (2)
 - a. Se nesse campo festivo que é o desporto rei marchamos para a violência, começo a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária»_{par=2}
 - b. Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (PP)

As factuais como a de (1), correlativas de eventos ou situações (JUSTINO, 2018a, de acordo com Telmo Mória (c.p)), têm uma implicação temporal-aspetual particular, daí poderem ser parafraseáveis por *quando ou sempre que*:

- (3) *Quando/Sempre que* não vou correr nas manhãs, estou com um grupo de amigos.

Por sua vez, os exemplos em (2) são de factuais episódicas. Nas factuais episódicas, o conector *se* pode comutar com os conectores factivos: *como, já que, visto que, dado que* ou afins (4).

- (4)
 - a. *Já que/Como* nesse campo festivo que é o desporto rei marchamos para a violência, começo a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária».
 - b. *Já que/Como/ Visto que* o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.

É de notar que, no grupo das episódicas, distinguem-se as genéricas das não genéricas. Ao contrário de (4a), não genérica, uma genérica é uma frase caracterizadora (4b). O antecedente desta condicional descreve propriedades reais, em todos os intervalos de tempo, de uma espécie de planta, “o narciso”, (‘os narcisos são sempre plantas e, como tal, pertencem ao reino vegetal’).

Assim, este estudo toma como objeto os três subtipos de factuais: as correlativas de eventos/situações (1), as episódicas (2a) e as genéricas universais (2b).

Neste trabalho, os dados empíricos (condicionais factuais) foram obtidos através da combinação de métodos de pesquisa. Por um lado, os dados foram obtidos através da pesquisa de *corpus* em diferentes *corpora* eletrônicos do PM, nomeadamente o *subcorpus* Moçambique do CRPC², o *corpus* Moçambula do projeto AC/DC³ e o *corpus* África⁴, e não eletrônicos, o *corpus* de Justino (2011), e, por outro, através de tarefas de produção provocada e juízos de gramaticalidade aplicadas a 25 sujeitos universitários moçambicanos⁵.

A descrição dos dados mostra que, no PM, há condicionais factuais integradas e periféricas. Do ponto de vista estrutural, as integradas ocupam uma posição relativamente baixa, que é a de adjunção a VP. Mas as integradas antepostas são derivadas por *Move* do interior do TP da matriz, onde são geradas, para a posição de especificador de tópico. As periféricas são adjuntas a posições altas na frase, CP ou TP, e são geradas por *Merge* externo, à direita ou à esquerda destas categorias funcionais.

O presente trabalho encontra-se estruturado como se segue: na secção 1 caracterizamos, descritivamente, a oposição condicionais integradas/condicionais periféricas; na secção 2, exploramos o estatuto sintático das condicionais factuais do PM; na secção 3, apresentamos, de forma esquemática, as estruturas sintáticas dessas condicionais. Finalmente, na secção 4, apresentamos as principais conclusões.

2 OPOSIÇÃO CONDICIONAIS INTEGRADAS VS CONDICIONAIS PERIFÉRICAS

Paralelamente à distinção que é feita para as orações subordinadas adverbiais em geral, em diferentes línguas (QUIRK *et al.*, 1985; RENZI; SALVI, 1991; BOSQUE, DEMONTE, 1999; LOBO, 2003, 2013), as orações subordinadas adverbiais condicionais de *se* podem ser integradas (ou centrais) ou periféricas (HAEGEMAN, 2002, 2003, e.o). Essencialmente, as condicionais integradas distinguem-se das periféricas por manifestarem comportamentos diferentes em relação a fenómenos que envolvem o escopo⁶: i) dependência do T(empo) da matriz, ii) resposta a interrogativas *Qu-*, iii) negação e operadores de foco, iv) estruturas clivadas, v) posição, vi) quantificadores e pronomes ligados, vii) lacunas parasitas, e viii) interrogativas e negativas alternativas (HAEGEMAN, 2002, 2003, 2004; LOBO 2003, 2013, e.o.).

Baseando-nos nestes fenómenos sintáticos, apresentamos de seguida, de um ponto de vista descritivo, a oposição sintática entre condicionais integradas e condicionais periféricas.

2.1 ESCOPO DE T (OU DEPENDÊNCIA DE T MATRIZ)

De acordo com Haegeman (2002, 2003), as orações condicionais integradas são temporalmente dependentes da oração matriz, no sentido em que a situação descrita na condicional toma como Ponto de Perspetiva Temporal (PPT) (KAMP; REYLE, 1993) o tempo

² *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/portugal/>

³ Acesso a *Corpora* / Disponibilização de *Corpora*, disponível em: <https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO>

⁴ Disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/corpusafrica/index.php?action=cqpeact=advanced>

⁵ Para mais detalhes sobre os dados e metodologia de pesquisa, ver Justino (2018a, 2018b).

⁶ O efeito de escopo sugere que as integradas são dependentes da frase matriz, enquanto as periféricas são independentes da frase a que estão associadas (HAEGEMAN, 2002, 2003).

da matriz (SILVANO, 2002; GONÇALVES; CUNHA; SILVANO, 2010).⁷ No exemplo (5), o Presente do Indicativo (cf. *tire*) tem obrigatoriamente uma referência temporal futura, que é determinada a partir do tempo da matriz (cf. *will be*).

- (5) If your back-supporting muscles tire (*future*), you will be at increased risk of lower-back pain.
(HAEGEMAN, 2003, p. 320)

Com efeito, Haegeman (2003, p. 320) defende que, quando o tempo da subordinada está no escopo de T matriz, como em (5), é possível formar uma frase em que o operador *if/se* pode ser expandido para *if and when/se e quando*:

- (6) *If and when* your back-supporting muscles tire, you will be at increased risk of lower-back pain.

As condicionais periféricas, pelo contrário, não são temporalmente subordinadas ao T da oração matriz, ou seja, a situação descrita na periférica não integra necessariamente o mesmo domínio temporal da situação matriz, podendo a sua localização temporal ser determinada a partir do tempo de enunciação (GONÇALVES *et al.*, 2013). Isto é ilustrado em (7a), em que a referência temporal da periférica, no futuro, é distinta da que é expressa na matriz, e em (7b), em que a referência temporal da periférica, no presente, é a mesma da que é expressa na matriz.⁸

- (7) a. If I'm no longer going to be arrested for possessing cannabis for my own consumption [...], shouldn't I be able to grow my own? (HAEGEMAN, 2003, p. 321)
b. If we are so short of teachers, why don't we send our children to Germany to be educated? (HAEGEMAN, 2002, p. 124)

Assim, ao contrário do que acontece com as integradas (6), nas periféricas, não é possível expandir a frase subordinada para *se e quando*.

- (8) **If and when* we are so short of teachers, why don't we send our children to Germany to be educated? (HAEGEMAN, 2003, p. 321)

2.2 ESCOPO DA NEGAÇÃO

As condicionais integradas (9), mas não as periféricas (10), estão dentro do escopo da negação da frase matriz (cf. HAEGEMAN, 2003; LOBO, 2003, 2013).⁹

- (9) Eu não deixava de trabalhar *se ganhasse a lotaria*. (LOBO, 2003, p. 444) (= não era se ganhasse a lotaria que deixava de trabalhar; possível continuação: deixava se ficasse muito doente).
(10) ?*Não podemos ficar descansados *se o Zé já não mora aqui*. (= só se o Zé está na prisão). (LOBO, 2003, p. 444)

⁷ Na linha destes autores (GONÇALVES; CUNHA; SILVANO, 2010; SILVANO, 2002), a definição de dependência temporal articula os conceitos de PPT (KAMP; REYLE, 1993) - intervalo de tempo a partir do qual uma situação é perspectivada - e *domínio temporal* (DECLERK, 1991) - intervalo de tempo ocupado por uma situação ou conjunto de situações temporalmente relacionadas entre si através de formas verbais. Nesse sentido, a oração subordinada integrada e a frase matriz partilham o mesmo domínio temporal.

⁸ Com dados como o de (7b) conclui-se que nem sempre que o tempo da encaixada e o da matriz coincidem se verifica dependência temporal, embora vários trabalhos tenham assumido, do ponto de vista sintático, que tal coincidência configura um caso de dependência temporal (AMBAR, 1992b; LANDAU, 2004, para as subordinadas completivas). Para uma discussão das limitações teóricas e empíricas desta aceção de tempos (in)dependentes, ver Duarte, Gonçalves e Santos (2012), Gonçalves *et al.* (2013) e Marques *et al.* (2015).

⁹ Relativamente à frase (10), note-se que sem a continuação "só se o Zé está na prisão", a frase seria gramatical com a interpretação de condicional integrada. Mas, nesse caso, a presença do Zé seria condição para se ficar descansado e não o contrário. A continuação "só se o Zé está na prisão" força a leitura em que o Zé é um fator de insegurança e não de tranquilidade, ou seja, a leitura em que a oração condicional está fora do escopo da negação na matriz.

2.3 RESPOSTA A INTERROGATIVAS QU-

As condicionais integradas podem ocorrer como resposta a interrogativas QU- (11).

- (11) – Em que circunstâncias/condições é que o Zé compraria um carro novo?
– Se fosse aumentado. (LOBO, 2003, p. 152)

As periféricas, pelo contrário, nunca podem constituir-se como alvo de uma interrogativa QU- (12).

- (12) – Em que circunstâncias/condições podemos ficar descansados?
– *?Se o Zé já não mora aqui. (LOBO, 2003, p. 445)

2.4 FOCALIZAÇÃO COM ‘SÓ’ OU ‘APENAS’

Nas condicionais integradas, um marcador de foco exclusivo (como *only* ou *só/apenas*) na oração matriz tem escopo sob a subordinada condicional (13a), enquanto, nas periféricas, o marcador de foco na matriz não tem escopo sob a oração encaixada (13b) (LOBO, 2002, 2013).

- (13) a. Eu só deixava de trabalhar se ganhasse a lotaria (= era só se ganhasse a lotaria que eu deixava de trabalhar) (LOBO, 2013, p. 2034)
b. *Só/até podemos ficar descansados se o Zé já não mora aqui. (LOBO, 2003, p. 445)

2.5 CLIVAGEM

As condicionais integradas (14a), mas não as periféricas (14b), podem ser clivadas.

- (14) a. Era *se fosse aumentado* que o Zé compraria um carro novo. (LOBO, 2003, p. 151)
b. *É *se o Zé já não mora aqui* que podemos ficar descansados. (LOBO, 2003, p. 444)

2.6 QUANTIFICADORES E PRONOMES LIGADOS

As condicionais integradas (15a), mas não as periféricas (15b), podem estar sob o escopo de um quantificador na frase matriz.

- (15) a. *No one* will answer the phone if *he* thinks it's his supervisor. (HAEGEMAN, 2003, p. 323)
b. Why does *no one* answer the phone, if *he* probably thinks it's his supervisor? (HAEGEMAN, 2003, p. 323)

Na frase (15a), o pronome pessoal sujeito da subordinada tanto pode referir-se a uma entidade específica saliente no discurso como pode ser uma variável ligada pelo quantificador *no one*. De modo a explicar o contraste entre (15a) e (15b) quanto à possibilidade de o pronome ser ou não ligado pelo quantificador, Haegeman (2003) defende que, em (15a), o pronome na condicional integrada é c-comandado pelo DP sujeito da matriz.¹⁰ Na frase (15b), o pronome pessoal tem uma referência independente, *i.e.*, não é ligado pelo quantificador *no one*, por isso a subordinada não está no domínio de c-comando do sujeito da oração matriz.

¹⁰ A definição de c-comando assumida pela autora é a seguinte: "I assume that bound pronouns must be c-commanded by their binder (SAFIR, 1984; HAIK, 1984; MAY, 1986; HORNSTEIN, 1984 ETC.). A c-commands B if A is a sister of a constituent dominating B." (HAEGEMAN, 2003, p. 323).

2.7 LACUNAS PARASITAS

De acordo com Haegeman (2002, 2003), as condicionais integradas permitem legitimar lacunas parasitas (16a). Nas condicionais periféricas, pelo contrário, não são legítimas lacunas parasitas (16b).

- (16) a. Este é o homem_i que se conhecesse [Ø]_i ias amar [Ø]_i.
b. *Este é o artigo_i que eu vou receber [Ø]_i hoje se, como dizes, ele me enviou [Ø]_i ontem.

Relativamente a (16b), Haegeman (2003) considera que, uma vez que a periférica não está integrada na oração matriz, não há legitimação de lacunas parasitas. A condicional, contendo a lacuna parasita, e a matriz, contendo o vestígio, não formam um tipo de “predicado complexo”, isto é, a subordinada condicional não constitui um evento complexo com a oração matriz (HAEGEMAN, 2002)¹¹. Para (16a), considera-se “[...] that complex predicate formation is only possible if the predicate of the associated clause c-commands the constituent with which it composes and which contains the parasitic gap” (HAEGEMAN, 2002, p.135).

2.8 POSIÇÃO

Para Lobo (2013), as orações adverbiais integradas podem ocorrer em posição final sem marcação prosódica particular (17a), enquanto as periféricas só podem ocorrer em posição final se forem antecedidas de pausa ou quebra entoacional, a que corresponde geralmente uma vírgula na escrita (17b).¹²

- (17) a. O Zé compraria um carro novo *se fosse aumentado*. (LOBO, 2003, p. 151)
b. Podemos ficar descansados *(||) *se o Zé já não mora aqui*. (LOBO, 2003, p. 443)

2.9 INTERROGATIVAS E NEGATIVAS ALTERNATIVAS

As condicionais integradas podem ocorrer em estruturas interrogativas alternativas (18a) e em estruturas negativas alternativas (18b).

- (18) a. O Zé compraria um carro novo *se fosse aumentado* ou *se lhe concedessem um empréstimo?* (LOBO, 2003, p. 153)
b. O Zé não compraria um carro novo *se fosse aumentado, mas sim se lhe concedessem um empréstimo*. (LOBO, 2003, p. 153)

As condicionais periféricas, no entanto, não podem ocorrer em estruturas interrogativas alternativas (19a) nem em estruturas negativas alternativas (19b).

- (19) a. *Podemos ficar descansados *se o Zé já não mora aqui* ou *se a porta está fechada?* (LOBO, 2003, p. 446)
b. *Não podemos ficar descansados *se o Zé já não mora aqui, mas sim se a porta está fechada*. (LOBO, 2003, p. 446)

Neste trabalho, assumimos a oposição entre condicionais integradas e condicionais periféricas, consoante respondam de forma positiva ou negativa, respetivamente, aos testes sintáticos acima descritos.

¹¹ Esta definição de predicado complexo é uma definição particular, que nada tem a ver com os casos de reestruturação ou união de orações e que decorre do facto de a subordinada constituir um evento complexo com a matriz.

¹² Em relação às periféricas, veja-se também Haegeman (2004, p. 68): “Peripheral adverbial clauses are typically prosodically set off from the associated clause by comma intonation, usually signaled by a comma in writing. Sometimes, however, the peripheral adverbial clause is typographically set off as if it were an independent clause.”

No Quadro 1 apresentam-se os elencos dos diferentes testes e o modo como distinguem entre si os dois tipos de condicionais.

Tipologia sintática de Condicionais	Testes Sintáticos								
	Escopo de T	Escopo da neg.	Resp. inter. Qu-	Escopo de op. de foc.	Cliva-gem	Quant. e pron. ligados	Lacuna parasit.	Inter. e neg. altern.	Posiç. final sem pausa
<i>Integradas</i>	+	+	+	+	+	+	+	+	+
<i>Periféricas</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Quadro 1: Sumário dos diferentes testes e do modo como distinguem os dois tipos de condicionais

3 COMPORTAMENTO SINTÁTICO DAS CONDICIONAIS FACTUAIS DO PM

Da leitura do trabalho de Haegeman (2003), conclui-se que existe uma articulação entre a tipologia semântica e a tipologia sintática das condicionais. A autora defende que as hipotéticas (que designa por *premise-conditionals*) são integradas e as factuais (que designa por *event-conditionals*) são periféricas. As condicionais contrafactuais não foram objeto de análise nesse estudo, mas Lobo (2003, 2013) defende que estas condicionais se comportam como adverbiais integradas: podem estar sob o escopo da negação matriz e de marcadores de foco; admitem a clivagem, podem ocorrer como resposta a interrogativas QU- e em interrogativas alternativas e negativas alternativas.

É partindo do pressuposto de que existe uma articulação entre a tipologia semântica e a sintática (integradas/periféricas) que passaremos a explorar o comportamento sintático das condicionais factuais do PM.

Conforme já referido, Justino (2018a) assume que as condicionais factuais podem distribuir-se em correlativas de eventos/situações (1), episódicas (2a) e genéricas universais (2b). Assim, na aplicação dos testes com vista a aferir o estatuto sintático das condicionais factuais, foram considerados estes três subtipos de condicionais.

Os resultados obtidos através da aplicação dos diferentes testes sintáticos às condicionais factuais do PM são resumidos no quadro a seguir:

Subtipos de factuais	Testes Sintáticos								
	Escop. de T	Escop. da neg.	Respo. inter. Qu-	Escop. de op. de foc.	Cliva-gem	Quant. e pron. ligad.	Lacun. paras.	Inter. e neg. altern.	Pos. final sem pausa
Correlativas de eventos	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Genéricas universais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Episódicas	-	-	-	-	-	- / +	-	-	- / +

Quadro 2: Comportamento sintático dos diferentes subtipos de orações condicionais factuais

Estes resultados permitem fazer as seguintes generalizações:

As factuais correlativas de eventos/situações são integradas. Tal justifica-se por poderem ocorrer no escopo de T matriz (20), da negação matriz (21), de operadores de foco (22) e de quantificadores na frase matriz (23) – indicando que a subordinada condicional está no domínio de c-comando destes operadores – e ainda por poderem legitimar lacunas parasitas (24) e ocorrer em posição final sem pausa (25).

- (20) Se a cabeça não funciona_{presente}, o corpo é que sofre_{presente}. (cf. também *Se e quando* a cabeça não funciona, o corpo é que sofre).
- (21) Não saíamos às 12h *se entrávamos às 7*. (= não era se entrávamos às 7 que saíamos às 12h; possível continuação: era se entrávamos às 5 que saíamos às 12h)
- (22) Só saíamos às 12h *se entrávamos às 7*. (= é só se entrávamos às 7 que saíamos às 12h)
- (23) [Nenhum aluno]_i saía às 12h *se pro_i entrava às 7*.
- (24) a. Se (= sempre que) um casal não tem filhos, adopta-os.
b. *O que_i é que, se um casal não tem [Ø]_i, adopta [Ø]_i?*
- (25) Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa *se as coisas não correr bem*. (Corpus África)

As factuais genéricas universais são periféricas. Estas factuais escapam ao domínio de c-comando de operadores de foco (26)¹³, de negação (27), de T matriz (28) e de quantificadores (29); bem como não legitimam lacunas parasitas (30) nem ocorrem em posição final sem pausa (31a) e mesmo com pausa, são melhores se tiverem obrigatoriamente uma entoação suspensiva ou uma prosódia que indique que a oração condicional está extraposta (31b).

- (26) ??O narciso só pertence ao reino vegetal *se é uma flor*. (= é só se o narciso é uma flor que pertence ao reino vegetal)
- (27) #O narciso não pertence ao reino vegetal *se é uma flor*. (= não é se o narciso é uma flor que pertence ao reino vegetal)
- (28) **Se e quando* o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.
- (29) *[Todo o narciso]_i pertence ao reino vegetal *se pro_i é uma flor*.
- (30) a. Se as andorinhas são pássaros, então voam.
a'. **O que_i é que se as andorinhas são [Ø]_i, [Ø]_i voam*.
a''. **O que_i é que [Ø]_i voam, se as andorinhas são [Ø]_i*.
- (31) a. ??O narciso pertence ao reino vegetal *se é uma flor*.
b. O narciso pertence ao reino vegetal || *se é uma flor*.

¹³ Nesse sentido, não podem ser clivadas: ?É (apenas) *se o narciso é uma flor* que pertence ao reino vegetal.

As factuais episódicas são periféricas. Estas factuais ocorrem fora do escopo de T matriz (32), da negação (33), de marcadores de foco (34) e de quantificadores, na oração matriz (35); não são legítimas lacunas parasitas (36) nem sempre ocorrem em posição final sem pausa (37)¹⁴.

- (32) **Se e quando* os residentes da Vila de Boane sofrem restrições de água, então algo pode ter sucedido.
- (33) *Como é que não lhe cortou se o branco chegou até aqui? (= não foi se o branco chegou até aqui que como é que lhe cortou?)
- (34) a. *Apenas/só como é que lhe cortou *se o branco não chegou até aqui?*
b. *?Algo pode não ter sucedido *se os residentes da Vila de Boane sofrem restrições de água.*
- (35) Como é que [alguém]_i pode desenvolver desta forma *se pro_i sofre com o seu próprio dinheiro?*
- (36) a'. Se, como dizes, me enviaste o trabalho, vou vê-lo esta noite.
a'. **O que é que se, como dizes, me enviaste [Ø], vou ver [Ø] esta noite?*
- (37) a. Começo a pensar que estamos próximo de uma «Nação Pária» *se nesse campo festivo marchamos para a violência.*
b. *É porque existe uma língua de que nós somos falantes *se sabemos de tudo isso.*

Assim, no grupo das condicionais factuais, podemos distinguir as factuais integradas das factuais periféricas. O comportamento semântico distinto das condicionais factuais favorece esta conclusão. Efetivamente, as factuais que classificámos como integradas modificam o evento descrito na matriz, o que se traduz numa maior coesão interfrásica. Isto é observado pelo facto de a subordinada constituir a causa direta do que é descrito na matriz (38):

- (38) a. Se falta chuva, morre-se de sede. Se vem, morre-se afogado. (= *É por faltar a chuva que se morre de sede.../ Morre-se de sede. Isto acontece por causa de faltar chuva.*).
b. Se a cabeça não funciona, o corpo é que sofre. (*O facto de a cabeça não funcionar pode fazer com que o corpo é que sofre*).

Quando a subordinada não constitui a causa direta (39), mas sim uma circunstância/razão que leva o falante a concluir ou dizer algo (40a), ou motivação para um ato de fala (40b) (QUIRK *et al.*, 1985; LOPES, 2012), observa-se um escasso grau de integração sintática na matriz.

- (39) a. Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (#O facto de o narciso ser uma flor faz com que pertença ao reino vegetal.)
b. Se sabemos a língua portuguesa é porque a aprendemos na escola. (= **Aprendemos na escola. Isto acontece por sabermos a língua portuguesa*)
c. O branco, se não chegou até aqui como é que cortou (= **É por o branco não ter chegado até aqui que como é que lhe que cortou?*)
- (40) a. Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (= *O narciso é uma flor, digo isto porque pertence ao reino vegetal.*)
b. Se vocês os expulsaram, porque querem que nós vivamos com eles? (= *Porque querem que nós vivamos com eles? E pergunto isto porque vocês os Expulsaram.*)

¹⁴ Factuais episódicas como a frase (37a) admitem ocorrer em posição final sem pausa porque podem adquirir a leitura hipotética (cf. Começo a pensar que estamos próximo de uma «Nação Pária» *se nesse campo festivo marchamos* (= *marchamos*) *para a violência.*).

O que acabámos de descrever está correlacionado com a distinção semântica entre condicionais de *causa-efeito* (ou de conteúdo) e condicionais de *premissa-conclusão* (*dedutivas*, *epistémicas* ou *de ato de fala*) (HAEGEMAN, 2002, 2003). A nosso ver, factuais integradas enquadram-se nas do tipo *causa-efeito*, como já demonstrado em (38), e as periféricas, no segundo tipo (cf. *Se o narciso é uma flor, é porque pertence ao reino vegetal*).

Além disso, há a considerar a afinidade (ou o paralelismo) semântico com outras construções adverbiais. Por exemplo, as factuais do tipo correlativo, que se comportam como adverbiais integradas, são equivalentes a temporais de *quando*, que, na literatura são classificadas como integradas (cf. HAEGEMAN, 2009; LOBO, 2003, 2013) (41). Por sua vez, algumas factuais que se comportam como periféricas são equivalentes às causais introduzidas por *já que* (42):

- (41) a. *Quando* falta chuva, morre-se de sede.
b. *Quando* a cabeça não funciona, o corpo é que sofre.
- (42) a. *Já que* o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal.
b. *Já que* nesse campo festivo marchamos para a violência, começo a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária»

Na literatura, este tipo de causais (42) são caracterizadas como adverbiais periféricas (LOBO, 2001, 2003, 2013; LOPES, 2012; QUIRK *et al.*, 1985).

Posto isto, concluímos que no PM as condicionais factuais podem ser integradas e periféricas, tal como acontece com as factuais do PE (JUSTINO, 2018b). São integradas as condicionais factuais correlativas de eventos e periféricas, as factuais genéricas e episódicas. Nesse sentido, são distintas das factuais de outras línguas, como o inglês, que são consideradas apenas periféricas (HAEGEMAN, 2003; BHATT; PANCHEVA, 2006).

Do ponto de vista estrutural, as factuais correlativas de eventos/situações, por estarem sob o escopo da negação matriz, de marcadores de foco, e de T matriz; e por poderem ser clivadas ou ocorrerem em posição final sem pausa ou quebra entoacional, ocuparão uma posição relativamente mais baixa na estrutura da frase, que pode ser a posição de adjunção a VP (cf., entre outros, HAEGEMAN, 2003; LOBO, 2003). As condicionais factuais genéricas universais e episódicas, pelo contrário, por não poderem estar sob o escopo da negação matriz e de operadores de foco; não poderem ser clivadas nem sempre poderem ocupar a posição final, só podem ser adjuntas a posições mais altas na estrutura da frase, CP ou TP.

4 ESTRUTURA SINTÁTICA DAS CONDICIONAIS INTEGRADAS E PERIFÉRICAS FACTUAIS DO PM

Na secção anterior, ficou definido que, no PM, existem duas classes sintáticas de adverbiais condicionais factuais: as integradas e as periféricas. Assim, nesta secção, vamos apresentar, de forma esquemática, as estruturas sintáticas dessas condicionais.

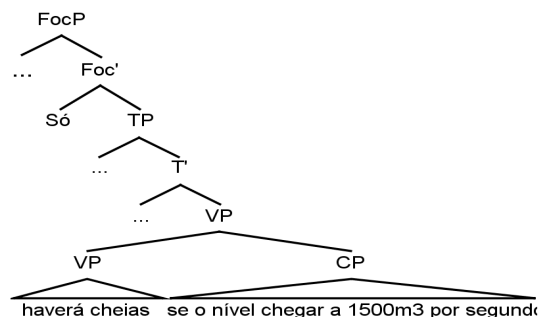
4.1 CONDICIONAIS INTEGRADAS

As condicionais integradas podem ocorrer à direita (43a) ou à esquerda (43b), em relação à frase matriz.

- (43) a. Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa *se as coisas não correr bem*. (*Corpus África*)
b. *Se não vou correr nas manhãs*, estou com um grupo de amigos. (JR41, JUSTINO, 2011)

Para as condicionais **integradas à direita**, a configuração estrutural que assumimos é a que se segue em (44), em que a subordinada é adjunta a VP da oração matriz, na linha de trabalhos que adoptaram os mesmos critérios para definir uma oração adverbial integrada (HAEGEMAN, 2003, 2004, 2009; LOBO, 2003, 2006).

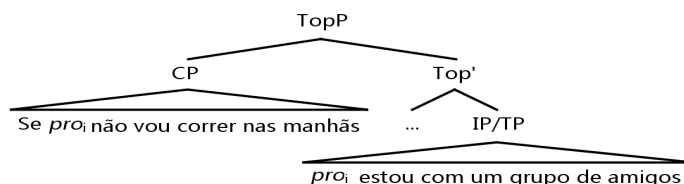
- (44) Estrutura sintática de uma condicional integrada à direita: *Só haverá cheias se o nível chegar a 1500m³ por segundo.*



Esta configuração estrutural permite dar conta de, por exemplo, a oração adverbial integrada poder estar sob o escopo de advérbios de foco, da negação matriz, e do sujeito da matriz; isto é, estar no domínio de c-comando desses constituintes.

Para as adverbiais **integradas à esquerda**, propomos que se encontram numa posição alta relativamente à matriz, que aqui assumimos ser a posição de especificador de tópico, na linha da proposta adotada por outros autores, como Valmala (2009, p. 957).

- (45) Exemplo de uma condicional adverbial integrada à esquerda: *Se não vou correr nas manhãs*, estou com um grupo de amigos.



Por um lado, consideramos que as condicionais integradas antepostas são o tópico (43b) e (45), porque podem ocorrer em pares de pergunta-reposta como tópico da frase, o que é evidenciado quer pela posição à esquerda quer pelo facto de retomarem informação já introduzida na pergunta (AMBAR, 1992a; LOBO, 2003, 2013):

- (46) A: O que acontece se não vou correr nas manhãs?
B: *Se não vou correr nas manhãs*, estou com um grupo de amigos.

Além disso, ocorrerem em posição inicial seguidas de uma pausa (47) (VALMALA, 2009).

- (47) *Se não vou correr nas manhãs*, estou com um grupo de amigos. (JR41, JUSTINO, 2011)

Por outro lado, a questão que se coloca é de saber se, em (45) (como por, e.g., *Se não vou correr nas manhãs*, estou com um grupo de amigos.), a adverbial integrada é gerada à esquerda por *Merge* externo, tal como é assumido por Lobo (2003), ou por *Move*, tal como se assume, para as condicionais de *se*, em Valmala (2009) e ainda para as condicionais integradas do PE por Justino (2018b).

A frase (51a) é extraída dos dados naturais (de *corpora*). As restantes foram adaptadas a partir de frases de *corpora* em que a adverbial se encontra à esquerda. Todas estas frases foram testadas com falantes do PM, que admitiram a leitura correferente entre os sujeitos.¹⁶

Em segundo lugar, no PM, as factuais integradas, enquanto constituintes que podem ser derivados por *Move*, podem reconstruir sob a negação na posição inicial (52a')¹⁷:

- (52) a. Uma pessoa não é pobre *se é casada*. (= é pobre noutras circunstâncias)
 a'. *Se a pessoa é casada, não* é pobre. (= é pobre noutras circunstâncias)

Por fim, o movimento da adverbial integrada da posição interna ao domínio do IP, onde é gerado, para a periferia à esquerda (50) é suportada pela possibilidade de uma interpretação de *sloppy identity* do pronome possessivo que ocorre na elipse do VP de (51) (HAEGEMAN, 2003; VALMALA, 2009).¹⁸

- (53) Se o seu artigo foi aceite, o João vai à conferência e a Maria também vai. ([-/VP = [t] à conferência se o seu artigo foi aceite).
 a) A Maria vai à conferência se o artigo do João foi aceite. (*strict reading*)
 b) A Maria vai à conferência se o artigo dela foi aceite. (*sloppy reading*)

A leitura *sloppy* mostra que a adverbial condicional está abaixo do TP do primeiro membro coordenado, daí ter sido apagada no segundo membro coordenado: (O João irá à conferência se o seu artigo for aceite e a Maria também irá ~~à conferência se o seu artigo for aceite~~).

4.2. CONDICIONAIS PERIFÉRICAS

As condicionais periféricas também podem ocorrer em posição final (54) ou em posição inicial (55).

- (54) a. Como é que podemos desenvolver desta forma *se sofremos com o nosso dinheiro?* par=1
 b. Como é que iria justificar a gravidez *se o meu marido nunca me forneceu a semente?*(CRPC)
- (55) a. *Se o narciso é uma flor*, pertence ao reino vegetal.
 b. *Se sabemos a língua portuguesa* é porque a aprendemos na escola.

¹⁶ Adoptando o modelo de tarefa de interpretação de sujeitos, usados em alguns trabalhos (cf., por exemplo, CANCEIRO, 2016) (cf. (i)), foram recolhidos juízos de correferência de doze linguistas moçambicanos. Os resultados dos seus juízos são apresentados no quadro abaixo.

(i) Perde igualmente a sua validade se a carne for vendida ou distribuída aos empregados como forma de compensar o seu labor.

O que perde a sua validade?

- a. A carne
 b. Outra coisa
 c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

Resultados da tarefa:

Frase 51a			Frase 51b			Frase 51c		
a. Leitura Correfer.	b. Leitura Disjunta	c. Leituras a. e b.	a. Leitura Correfer.	b. Leitura Disjunta	c. Leituras a. e b.	a. Leitura Correfer.	b. Leitura Disjunta	c. Leituras a. e b.
7	1	4	7	3	2	10	0	2

¹⁷ Note-se que estas condicionais também admitem a reconstrução atualmente analisada em termos de cópia:

- i. [Se *pro*_i não cumprir as suas promessas]_i, Dhlakama_i demite-se [se *pro*_{i/j} não cumprir as suas promessas]_i.
 ii. [Se *pro*_i se fizesse ao mar]_i não mais *pro*_i voltaria a terra [se *pro*_i se fizesse ao mar]_i.

¹⁸ Os exemplos são adaptados do inglês (cf. HAEGEMAN, 2003, p.324), por falta de exemplos com elipse do VP nos dados considerados.

- i. If his paper is accepted, John will go to the conference and so will Mary.
 a. Mary will go to the conference if John's paper is accepted.
 b. Mary will go to the conference if her paper is accepted.

Em certas periféricas, embora seja possível a adjunção à esquerda e à direita, parece que uma delas é a mais natural, ou seja, é menos marcada do que a outra. As condicionais de atos de fala, como as frases de (55), são preferencialmente periféricas à direita. Tal pode observar-se por nem sempre admitirem facilmente a ocorrência em posição inicial¹⁹:

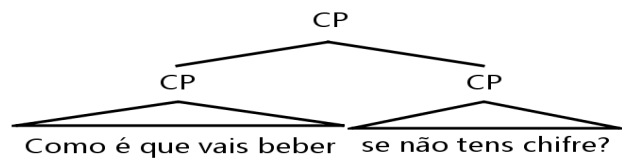
- (56) a. ?*Se sofremos com o nosso dinheiro, como é que podemos desenvolver desta forma?*
 b. ?*Se o meu marido nunca me forneceu a semente, como é que iria justificar a gravidez?*
 c. *Se o branco não chegou até aqui || como é que lhe cortou?*

Ao contrário das periféricas de (56), as genéricas universais e episódicas de nexos dedutivos (55) são preferencialmente periféricas à esquerda (57), uma vez que não podem ocorrer em posição final sem ou com uma pausa.

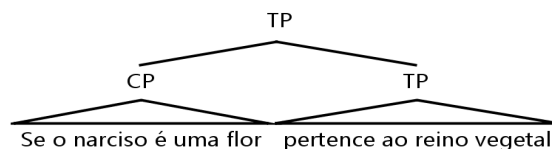
- (57) a. **O narciso pertence ao reino vegetal (||) se o narciso é uma flor.*
 b. *(É porque) *a aprendemos na escola (||) se sabemos a língua portuguesa.*

Assim, e pelo que ficou anteriormente exposto, para as **periféricas à direita**, exemplos como os de (54), a sua representação estrutural é a que se apresenta em (58). Já para as **periféricas à esquerda**, frases como as de (55), a sua representação estrutural é a que se apresenta em (57).

- (58) Estrutura de uma condicional periférica à direita. Exemplo: *Como é que vais beber se não tens chifre?*



- (59) Estrutura de uma condicional periférica à esquerda. Exemplo: *Se o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.*



Em (58) e (59), assumimos que as periféricas, na estrutura da frase, encontram-se adjuntas à direita ou à esquerda de categorias funcionais altas, CP ou TP. Tal permite dar conta de a adverbial periférica estar geralmente fora do domínio de c-comando do sujeito da frase matriz:

- (60) a. *Como é que [o animal]_i vai beber se *pro*_i/*ele*_i não tem chifres.*
 b. *Se [o narciso]_i é uma flor, *pro*_i pertence ao reino vegetal.*

¹⁹ As periféricas que podem com facilidade ocorrer na posição inicial (56c) têm sempre uma pausa a separá-las da oração subordinada.

Nas periféricas (60), os sujeitos das suas orações podem ser correferentes. No entanto, em nenhum dos casos há uma relação configuracional de c-comando do sujeito da matriz para com o sujeito da subordinada. Em (60a), sendo a oração matriz um CP, o seu sujeito não é nó irmão da subordinada que contém o sujeito pronominal. Em (60b), estando a subordinada adverbial adjunta à esquerda da matriz por *Merge* externo, o seu sujeito está sempre fora do domínio de c-comando do sujeito da matriz.

As estruturas sintáticas propostas para as periféricas permitem igualmente dar conta do facto de estas condicionais escaparem ao domínio de c-comando da negação matriz (61) e de marcadores de foco (62).

- (61) a. #?Como é que não vais beber *se tens chifres*? (= vais beber noutras circunstâncias)
 b. #**Se o narciso_i é uma flor*, não pertence ao reino vegetal. (= pertence aoreino vegetal noutras circunstâncias)
- (62) a. *Apenas como é que vais beber *se tens chifres*.
 b. #*Se o narciso_i é uma flor*, só pertence ao reino vegetal. (= é só se o narciso é uma flor que pertence ao reino vegetal)

Estes dados demonstram que os operadores de negação e de foco, na oração matriz, não têm escopo sobre a subordinada adverbial periférica à direita (cf. (61a) e (62a)), nem à esquerda (61b) e (62b). É de notar ainda que exemplos como o de (61b) apontam para as periféricas não reconstruírem sob a negação na posição inicial, sendo, deste modo, geradas por *Merge* externo e não por *Move*.

Outra propriedade que permite demonstrar que as periféricas são adjuntas a CP ou TP diz respeito à impossibilidade de legitimarem lacunas parasitas:

- (63) a. Como é que vou ver o trabalho se não mo enviaste?
 a'. **O que_i é que como é que vou ver [Ø]_i se não me enviaste [Ø]_i?*

Seguindo Haegeman (2003), em (63), não são legítimas lacunas parasitas porque a adverbial contendo a lacuna parasita não é adjunta a VP da oração matriz.

Para terminar, refira-se que por não admitirem fenómenos que envolvem a focalização, como a clivagem, as periféricas têm inerentemente o traço [+ pressuposicional] e de informação conhecida (LOBO, 2001, 2003), ou seja, são tópicos.²⁰ Repare-se que elas não podem constituir-se como resposta a interrogativas *Qu-* enquanto foco informacional (64). Podem, no entanto, se antes forem interpretadas como um constituinte correspondente ao sintagma *QU-*, com a interpretação de tópicos (65).

- (64) – Em que circunstâncias é que o narciso pertence ao reino vegetal?
 – *Pertence ao reino vegetal *se é uma flor*.
- (65) – Em que circunstâncias é que o narciso pertence ao reino vegetal?
 – *Se é uma flor*, pertence... (não sei se noutras circunstâncias também pertencerá)

Em suma, as factuais periféricas podem ser adjuntas a CP ou TP tanto à esquerda como à direita. As factuais genéricas são preferencialmente periféricas à esquerda, enquanto as episódicas (de ato de fala ou de nexos dedutivos) são preferencialmente periféricas à direita.

²⁰ De acordo com Lobo (2003, p. 193), as orações adverbiais que têm inerentemente o traço [+ pressuposicional] serão sempre mapeadas/projectadas fora de TP.

5 CONCLUSÕES

Neste trabalho, por um lado, aferimos o comportamento sintático das condicionais factuais do PM, e, por outro, apresentámos a estrutura sintática destas condicionais.

Os resultados da aplicação dos diferentes testes sintáticos às condicionais factuais permitem depreender que, nas factuais, há condicionais que se comportam como integradas e aquelas que se comportam como periféricas. O estatuto integrado ou periférico parece estar correlacionado com o nível de dependência semântica entre as duas orações. Uma maior dependência semântica da adverbial relativamente à matriz corresponde à sintaxe das integradas, enquanto uma menor ou nenhuma relação semântica entre antecedente e conseqüente corresponde à sintaxe das periféricas. Por outro lado, estes resultados deixam em aberto a possibilidade de as condicionais do PM – e do PE (JUSTINO 2018b) serem distintas das condicionais de outras línguas, como o inglês, para as quais se defende que são apenas periféricas (cf. HAEGEMAN, 2003; BHATT, PANCHEVA, 2006), ainda que a análise de dados de *corpora* nestas línguas possa vir a revelar possibilidades não referidas na literatura.

Relativamente à estrutura sintática, assumimos que as integradas ocupam posições relativamente baixas na estrutura da frase que é a de adjunção a VP. No PE, Lobo (2003 e trabalhos subsequentes) defende que as integradas à esquerda são geradas por *Merge* externo, por, entre outras razões teóricas, *Merge over Move* e, empíricas, ausência de efeitos de reconstrução. Neste trabalho, e com base em argumentos empíricos, defendemos que as integradas antepostas são geradas por *Move* do interior do TP da matriz, onde são geradas, para a posição de especificador de tópico, por topicalização da oração adverbial condicional, na linha de Duarte (1987, 1996) e Valmala (2009).

As periféricas são adjuntas a posições altas na frase, CP ou TP, e são geradas por *Merge* à direita ou à esquerda destas categorias funcionais.

REFERÊNCIAS

AMBAR, M. *Para uma sintaxe da inversão sujeito verbo em português*. Colibri: Lisboa, 1992a.

AMBAR, M. Temps et structure de la phrase en portugais. In: OBENAUER, H; ZRIBI-HERTZ, A. (ed.). *Structure de la phrase et théorie du liage*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1992b. p. 29-49.

BHATT, R; PANCHEVA, R. Conditionals. In: EVERAERT, M., van RIEMSDIJK, H. (ed.). *The blackwell companion to syntax*. Blackwell, Boston e Oxford, v.1, p. 638-687, 2006.

BISKUP, P. Adjunction, Condition C, and the Background Adjunct Coreference Principle. In: BAUMER, D., MONTERO, D., SCANLON, M. (ed.). WCCFL, 25., 2006, Somerville. *Proceedings [...]*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 96-104.

BOSQUE, I; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Espasa Calpe: Madrid, 1999.

CANCEIRO, N. *Relações referenciais entre sujeitos em estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais em português europeu*. 2016. 237f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

CHIMBUTANE, F. *Panorama linguístico de Moçambique: Análise dos dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007*. Maputo, Moçambique: INE, 2012.

DECLERK, R. *Tense in English: Its structure and use in discourse*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1991.

DUARTE, I. *A Construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. 1987. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1987.

DUARTE, I. Topicalização em português europeu: uma análise comparativa. In: DUARTE, I; LEIRIA I. (ed.). CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS, 1., 1996, Lisboa. *Actas do [...]*. Lisboa: APL/Edições Colibri, 1996. p. 327-360.

DUARTE, I.; GONÇALVES, A.; SANTOS, A. L. Infinitivo flexionado, independência temporal e controlo. In: COSTA, A.; FLORES C.; ALEXANDRE, N. (ed.). *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2012. p. 217-23.

GONÇALVES, A.; CUNHA, L. F.; SILVANO, P. Interpretação temporal dos domínios infinitivos na construção de reestruturação do português europeu. In: BRITO, A. M. et al. (ed.). *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisbon: APL, 2010. p. 435-447.

GONÇALVES, A. et al. Sequências de tempos em completivas finitas: restrições semânticas e efeitos na aquisição. In: *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, 2013. p. 433-452.

HAEGEMAN, L. Anchoring to speaker, adverbial clauses and the structure of CP. *Georgetown University Working Papers in Theoretical Linguistics* 2, 2002, p. 117-180.

HAEGEMAN, L. Conditional clauses: external and internal syntax. *Mind and Language*, v.4, n. 18, p. 317-339, 2003.

HAEGEMAN, L. The syntax of adverbial clauses and Its consequences for topicalisation. *Antwerp Papers in Linguistics*, n. 107, p. 61-90, 2004.

HAEGEMAN, L. The movement analysis of temporal adverbial clauses. *English Language and Linguistics*, n. 13, p. 385-408, 2009.

IATRIDOU, S. *Topics in conditionals*. 1991. 179 f. Tese (Doutorado) – PhD dissertation, M.I.T, Cambridge, 1991.

JUSTINO, V. *A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no Português de Moçambique*. 2011. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

JUSTINO, V. Tipologia semântica das condicionais no português de Moçambique. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n. 4, 2018a, p. 98-116. Disponível em: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a35> . Acesso em: outubro 2018

JUSTINO, V. *As Condicionais de 'se' no português de Moçambique e no português europeu*. 2018b. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018b.

- KAMP, H.; REYLE, U. From discourse to logic. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.
- LANDAU, I. The scale of finiteness and the calculus of control. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 22, p. 811-877, 2004.
- LOBO, M. Para uma sintaxe das orações causais do português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2001, p. 291-306.
- LOBO, M. *Aspectos da sintaxe das orações adverbiais do português*. 2003. 452f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.
- LOBO, M. Dependências temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do Português. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1 e 2, 2006. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo055.pdf>. Acesso em: maio 2015.
- LOBO, M. Subordinação adverbial. In: RAPOSO *et al.* (ed.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 1879-2057.
- LOPES, C. M. Contributos para o estudo de construções condicionais não canónicas no PEC. *Diacrítica*, Universidade do Minho, v. 23, n. 1, p. 149-170, 2009.
- MARQUES, R. *et al.* Sequence of tenses in complementation structures: lexical restrictions and effects on language acquisition. In: KLASSEN, R.; LICERAS, J. M.; VALEBZUELA, E. (ed.). *Hispanic Linguistics at the crossroads. theoretical linguistics, language acquisition and language contact*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015. p. 69-88. DOI: <https://doi.org/10.1075/ihll.4.04mar>.
- QUIRK *et al.* *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman, 1985.
- REINHART, T. *Anaphora and semantic interpretation*. Londres: Croom Helm, 1983.
- RENZI, L; SALVI, G. (org.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. II. I sintagmi verbale, aggettivale, avverbiale. Lasubordinazione. Bologna: il Mulino, 1991.
- SILVANO, P. *Sobre a semântica da sequência de tempos em português europeu*. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Minho, Braga, 2002.
- VALMALA, V. On the position of central adverbial clauses. In: ASJU, 18., 2009, p. 951-970.



Recebido em 20/09/2018. Aceito em 30/09/2018.

ADVÉRBIOS E O MOVIMENTO DO VERBO¹

ADVERBIOS Y EL MOVIMIENTO DEL VERBO

ADVERBS AND VERB MOVEMENT

Aquiles Tescari Neto*

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Os advérbios têm sido utilizados em larga escala, em Gramática Gerativa, como diagnósticos para o movimento do verbo e de outros constituintes da oração, uma vez que ocupam posições rígidas e fixas na estrutura oracional. Com o avanço das pesquisas do Programa Cartográfico e consequente assunção de uma estrutura oracional enriquecida, é pertinente perguntar quais advérbios seriam de fato diagnósticos fidedignos para o movimento do verbo. O trabalho tem, então, por objetivo principal, valendo-se especialmente de dados do português brasileiro, mostrar a pertinência da utilização de advérbios baixos como testes para o movimento do verbo à flexão nessa língua. Será revisitada a literatura pertinente no intuito de mostrar por que advérbios baixos são bons diagnósticos à subida do verbo temático (tanto em sua forma finita, como no infinitivo, gerúndio e particípio). Num segundo momento, o trabalho apresentará argumentos contra a assunção de advérbios altos ou sentenciais como diagnósticos à subida do verbo em português do Brasil. Nessa língua, portanto, somente advérbios baixos podem ser tomados como diagnósticos, dado que os altos (ou sentenciais) não podem aparecer em posição sentencial final, independentemente da forma do verbo temático considerada.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe Gerativa. Cartografia. Movimento do verbo. Advérbio, Diagnóstico.

RESUMEN: Los adverbios han sido utilizados en gran medida, en la Gramática Generativa, como diagnósticos del movimiento del verbo y de otros constituyentes de la oración, ya que ocupan posiciones rígidas y fijas en la estructura de la oración. Con el avance de las investigaciones de la Cartografía sintáctica y, consecuentemente, al asumir una estructura de oración enriquecida, es pertinente preguntar qué adverbios ofrecerían diagnósticos fidedignos para el movimiento del verbo. Aprovechando especialmente los datos del portugués de Brasil, este trabajo evidencia la relevancia del uso de adverbios bajos como pruebas del movimiento del verbo a la flexión. Se consultan estudios pertinentes con el fin de mostrar por qué los adverbios bajos son buenos diagnósticos de la subida del verbo temático (tanto en su forma finita, como en el infinitivo, gerundio y participio) en el portugués de Brasil. En un segundo momento, se presentan argumentos en contra de la idea de que adverbios altos o oracionales son diagnósticos a la subida del verbo en portugués de Brasil. En este idioma, por lo tanto, sólo los adverbios bajos pueden tomarse como diagnósticos, dado que los altos (o sentenciales) no pueden aparecer en posición sentencial final, independentemente de la forma del verbo temático considerado.

PALABRAS CLAVE: Sintaxis generativa. Cartografía. Movimiento del verbo. Adverbio. Diagnóstico.

¹ Agradeço a leitura de Francisco Forfero Pataquiva, Matthew Sant'Anna, Andrés Caraballo, Igor Pina, Jéssica Carola Lopes e Paola Padula, e os questionamentos levantados a uma primeira versão deste texto. Agradeço também aos participantes da mesa sobre cartografia sintática, no GT-TG (Florianópolis, junho de 2018) pelas questões apresentadas (sobretudo a Núbia Rech e a Luigi Rizzi). O trabalho se beneficiou sobremaneira das contribuições dos pareceristas da *Forum Linguístico*, com sua leitura atenta, críticas e sugestões. Naturalmente, se erros passaram despercebidos, a culpa é minha. Agradeço à FAPESP por apoiar a minha pesquisa (processo 2016/20853-6).

ABSTRACT: In the Principles and Parameters Theory, adverbs have been widely used as diagnostics for V raising since they occupy rigid and fixed positions in the structure of the clause. The Cartographic Program – and the assumption of enriched structures for the sentence and its major phrases – brings about an important question regarding the place of adverbs in the theory of verb movement: which adverbs would indeed count as reliable diagnostics for verb raising? The main goal of this work is to present data supporting the view that low adverbs are bona fide diagnostics for verb raising to the inflectional domain in Brazilian Portuguese. The relevant literature will be revisited so as to show why low adverbs are good diagnostics for the movement of different forms of the thematic verb in this language. In addition to that, some arguments will be presented against the assumption of “high” sentence adverbs as diagnostics for verb raising in the language considered. Therefore, in Brazilian Portuguese only low adverbs can be taken as diagnostics for verb raising since high adverbs cannot appear in the sentence-final position, regardless of the verb form taken into consideration.

KEYWORDS: Generative Syntax. Cartography. Verb raising. Adverbs. Diagnostics.

1 INTRODUÇÃO

Em sintaxe gerativa, os sintagmas adverbiais (AdvPs) têm sido evocados como diagnósticos precisos para movimentos de constituintes, especialmente o verbo (V) temático e seus argumentos, pelo menos desde o trabalho de Pollock (1989) sobre a explosão da projeção de IP (o sintagma da flexão). Os AdvPs que Pollock considerou como “adjuntos de VP” (os advérbios “baixos”, também denominados “left-edge adverbs” – como, por exemplo, os advérbios de modo (*bem, cuidadosamente*, etc.)) – têm, desde então, sido considerados diagnósticos fidedignos para o movimento do verbo à flexão, justamente por ocuparem uma posição muito próxima àquela onde o V é “gerado”, podendo, assim, indicar se ele teria ou não deixado o sintagma verbal e se movido à flexão (cf., dentre (tantos) outros, POLLOCK, 1989; BELLETTI, 1990; GALVES, 1993, 1994; SILVA, 1996; COSTA, 1996, 1998; CINQUE, 1999, 2004; MODESTO, 2000; BRITO, 1999, 2001; SILVA, 2001; LAENZLINGER, 2002, 2011; LAENZLINGER; SOARES, 2005; SILVA, 2009; CYRINO, 2013; TESCARI NETO, 2013). Entende-se, então, por que a teoria gerativa tem dado importância capital aos adverbiais.²

Para além de sua importância no conjunto das discussões sobre a categoria dos advérbios em uma teoria formal e sua vinculação com o movimento de constituintes, o trabalho de Pollock (1989) foi de fundamental relevância para pelo menos outros dois grandes desenvolvimentos cruciais da teoria gerativa atual. Em primeiro lugar, para o debate sobre a natureza da flexão, seus átomos constituintes e a variação entre as línguas, discussão que ganha destaque anos mais tarde com o trabalho de Cinque (1997, 1999), em perspectiva translinguística, que, ao explodir o IP ainda mais, identificando as quase cerca de 30 categorias atômicas de modo, tempo e aspecto das mais variadas classes semânticas – conforme discutido na seção 3 – abriu caminho também para um resgate das discussões sobre os universais linguísticos de Greenberg, desta vez em perspectiva gerativista. Em segundo lugar, Pollock (1989) foi de fundamental importância para o debate sobre a natureza categorial dos quantificadores ditos flutuantes, bem como a sua integração à estrutura (se como advérbios ou como produto de encalhe pelo movimento de seu NP associado – cf. as discussões de Sportiche (1988), Bobaljik (1995, 2001), Doetjes (1997), Giusti (1991), Cardinaletti e Giusti (1991), Fitzpatrick (2006), Vicente (2006), Lacerda (2012, 2016), Vicente e Quadros Gomes (2013), Tescari Neto (2013), dentre tantos outros).

Seguindo a mesma linha de Pollock (1989), Cinque (1999) – ao reconhecer que o espaço IP seria constituído por cerca de 30 projeções, cada uma potencialmente hospedando um advérbio de importe semântico específico – inaugura um novo modo de abordar a questão da subida do V: quais dessas cerca de 30 classes de AdvPs posicionados em Especificadores (Spec) distintos poderiam ser consideradas diagnósticos fidedignos para o movimento do V? Ao final do trabalho, deverá ficar claro que apenas os AdvPs ditos baixos i.e., os adjuntos de VP – como os advérbios de modo (*bem, calmamente, cuidadosamente*), por exemplo – podem ser tomados como diagnósticos para o movimento de V à flexão em português brasileiro (PB): o V temático não poder se mover à esquerda de AdvPs altos (ou sentenciais) nessa língua. Um mergulho na cartografia das estruturas sintáticas vai ao encontro,

² Por vezes utilizarei o termo mais abrangente “adverbiais” pelo fato de, especialmente em Cinque (1999, 2004), não só os advérbios propriamente ditos (i.e., as formas terminadas em “-mente” em italiano e português; os sintagmas nominais *hoje, ontem*; os pronomes locativos *aqui, ali, aí*, o advérbio irrealis *talvez*, dentre outros comumente arrolados em gramáticas tradicionais na classe dos “advérbios”), como também qualquer sintagma (XP) que venha a desempenhar funções “adverbiais” – lexicalizando, assim, o conteúdo de uma das projeções funcionais da hierarquia apresentada mais adiante em (2), na seção 3 –, poderem ser utilizados como diagnósticos para o movimento do V.

portanto, do que já nas décadas de 80 e 90 se dizia sobre o uso de advérbios como diagnósticos para movimentos: AdvPs baixos/“de VP” são diagnósticos confiáveis (cf. POLLOCK, 1989; GALVES, 1994).

O trabalho se organiza da seguinte forma. Na seção 2, traço um breve histórico da categoria flexão, uma vez que está vinculada diretamente à subida do verbo. Na sequência, apresento as ideias gerais proposta de Cinque (1999), que constitui o nicho teórico que norteará as discussões do trabalho. Na seção 4, mostro por que, em PB, os advérbios baixos são diagnósticos fidedignos à subida do V, independentemente de sua forma (V finito, infinitivo, gerúndio, particípio). Os advérbios altos, conforme veremos na seção 5 – revisitando Tescari Neto (2015) –, não podem ser considerados diagnósticos em PB: não podem aparecer em posição sentencial final, nem são recuperáveis pelo VP elíptico em PB. Na seção 6, aparecem as considerações finais.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A CATEGORIA “FLEXÃO” E SUA VINCULAÇÃO COM O MOVIMENTO DO V

A Sintaxe Gerativa já desde o seu início (cf. CHOMSKY, 1957) entende que a estrutura da oração não pode ser reduzida apenas a uma configuração envolvendo o sujeito e o predicado. Em *Syntactic Structures*, Chomsky (1957) já postulava uma posição entre o sujeito e o predicado para acomodar os verbos modais, os auxiliares, bem como a pouca flexão de que dispõe a morfossintaxe do V em inglês. Belletti (2001), ao traçar o histórico do tratamento dado à flexão na teoria gerativa, explica que, não obstante a inclusão, já em *Syntactic Structures*, de uma posição que acomodasse a flexão entre o sujeito e o predicado, os anos 60 e 70 teriam obscurecido seu papel, dada a prática comum de reduzir a representação da estrutura da oração à regra de reescrita padrão $[S \rightarrow NP VP]$, que não incluía uma posição para a flexão.

Foi somente com o advento da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) que a *flexão* voltou a receber atenção pela gramática gerativa, sendo considerada a categoria mediadora da relação sujeito-predicado (BELLETTI, 2001). Determinou-se que o nó funcional da *flexão* portaria informações gramaticais de tempo, modo, aspecto e concordância. A estrutura da oração passou a ser esquematizada através da regra de reescrita da seguinte forma: $[S \rightarrow NP Infl VP]$, tendo a categoria flexão (Infl) como mediadora da relação sujeito-predicado. Um importantíssimo passo ulterior foi dado com Chomsky (1986), por reconhecer que o esquema X' (“X barra”) fosse estendido também às categorias funcionais da oração. A arquitetura da oração, tal qual assumida pelo Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), encontra suas raízes praticamente já na representação oferecida em Chomsky (1986), com uma projeção funcional para o complementador (CP), uma projeção para a flexão (IP), além da projeção lexical do verbo (VP), onde seriam atribuídos os papéis temáticos. Ulteriormente, o Programa Minimalista incorporou o sintagma vP à estrutura, originalmente proposto em Larson (1988).

A incorporação da flexão à estrutura da oração (com a teoria de Princípios e Parâmetros) desencadeou uma investigação mais precisa acerca de sua própria natureza, na segunda metade dos anos oitenta, que se estendeu pela década de 90. Essa investigação se deu, conforme Belletti (2001), em consequência de questionamentos conceituais e empíricos que começaram a aparecer nos debates sobre esta categoria. Em termos conceituais, indagou-se sobre a adequação da assunção de um núcleo único, Infl (*inflection* ‘flexão’): como a teoria poderia lidar com o impasse gerado pela assunção deste único núcleo constituído, porém, por um conjunto de diferentes traços semânticos, quais, Tempo, Modo e Aspecto? De um ponto de vista empírico, a análise de Emonds (1978) sobre a posição do verbo em relação à negação voltou a ser debatida, desta vez em termos da subida do V à flexão. O artigo seminal de Pollock (1989), já citado, teve importante papel neste contexto, ao explicar que as diferenças entre o inglês e o francês, com respeito à colocação do V em relação a certos AdvPs e à negação, poderiam ser explicadas em termos do movimento do V à flexão em francês, mas não em inglês. Os dados em (1), de Pollock (1989: 367) ilustram a questão, mais especificamente o posicionamento de V em relação ao AdvP baixo (i.e., adjunto de VP) *often/souvent* ‘frequentemente’.

- (1) a. *John kisses often Mary (inglês)
 John beija frequentemente Mary
 ‘John beija frequentemente Mary’

- a' Jean embrasse souvent Marie (*français*)
 Jean abraça frequentemente Marie
 'Jean abraça frequentemente Marie'
- b. John often kisses Mary (*inglês*)
 John frequentemente beija Mary
- b'. *Jean souvent embrasse Marie (*français*)
 Jean frequentemente abraça Marie

As sentenças em (1) sugerem – assumindo-se que o advérbio baixo *often/souvent* ‘frequentemente’ se adjunja a VP, por tomar por escopo o processo verbal – que o V temático necessariamente se move à flexão em francês (confrontar a agramaticalidade de (1b’) com a gramaticalidade de (1a’)), mas não em inglês (cf. a agramaticalidade de (1a), que sugere o movimento do V, com a gramaticalidade de (1b), que sugere a permanência de V no domínio temático). As representações das derivações envolvendo as sentenças (1a,b’) em (1), do francês, são apresentadas nas figuras 1 e 2, assumindo-se aqui uma representação pré-pollockiana de INFL, retomada no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995).

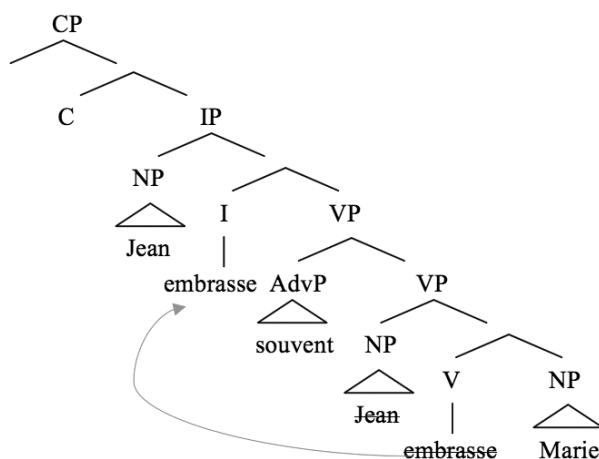


Figura 1: Representação de (1a')

Fonte: Elaboração própria

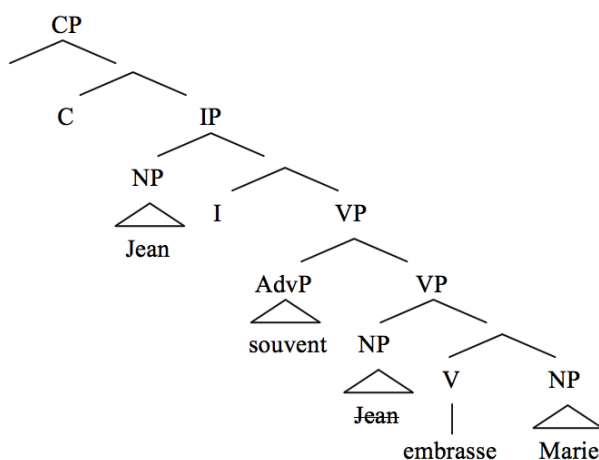


Figura 2: Representação de (1b')

Fonte: Elaboração própria

Se se aceita, portanto, a premissa pollockiana segundo a qual os AdvPs estão fixos na estrutura – premissa essa que recebe ulterior motivação empírica em Cinque (1999) –, há razão para aceitar como válida a utilização do posicionamento do V em relação a AdvPs

como recurso diagnóstico para detectar o movimento do V à flexão³. Uma pergunta importante se coloca, tendo em vista as investigações cartográficas com ulterior enriquecimento das estruturas: se há, no *Middlefield* ou espaço IP, cerca de 30 projeções funcionais, cada uma potencialmente hospedando um AdvP em seu especificador, que advérbios utilizar como diagnósticos para o movimento do verbo? Conforme se verá nas próximas seções, a ideia de Galves (1993, 1994) de que o verbo se move a uma posição medial da flexão em PB será mantida. Será mantida também a premissa dessa autora segundo a qual, “Para que se possam encontrar provas a favor ou contra o movimento do verbo, deve-se observar o comportamento dos advérbios de modo, gerados em adjunção a uma projeção de V.” (GALVES, 2001, p. 109). Antes, porém, de avançar no estudo do movimento do verbo e sua diagnose por meio dos advérbios da hierarquia universal, faz-se necessária uma breve apresentação do modelo cartográfico de Cinque (1999).

3 DA CARTOGRAFIA DE CINQUE (1999): A HIERARQUIA UNIVERSAL DE ADVÉRBIOS

Tendo em vista a distribuição relativa de advérbios de classes semânticas distintas, valendo-se de dados de línguas das mais diversas famílias, Cinque propôs que a “flexão” (o “IP” ou “TP” – também conhecido como *Middlefield*) seria constituído pelas seguintes categorias funcionais, realizadas ou não foneticamente via AdvPs, em Spec, ou núcleos funcionais (“X°s”).

(2) A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais do *Middlefield*:

[*francamente* Modo_{Ato} de fala > [*surpreendentemente* Modo_{Mirativo} > [*felizmente* Modo_{Avaliativo} > [*evidentemente* Modo_{Evidencial} > [*provavelmente* Modalidade_{Epistêmica} > [*uma vez* T_{Passado} > [*então* T_{Futuro} > [*talvez* Modo_{Irrealis} > [*necessariamente* Modalidade_{Necessidade} > [*possivelmente* Modalidade_{Possibilidade} > [*normalmente* Asp_{Habitual} > [*finalmente* Asp_{Tardivo} > [*tendencialmente* Asp_{Predisposicional} > [*novamente* Asp_{Repetitivo(I)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(I)} > [*de/com gosto* Modalidade_{Volitiva} > [*rapidamente* Asp_{Accelerativo(I)} > [*já* T_{Anterior} > [*não ... mais* Asp_{Terminativo} > [*ainda* Asp_{Continuativo} > [*sempre* Asp_{Contínuo} > [*apenas* Asp_{Retrospectivo} > [*(dentro) em breve* Asp_{Aproximativo} > [*brevemente* Asp_{Durativo} > [(?) Asp_{Genérico/Progressivo} > [*quase* Asp_{Prospectivo} > [*repentinamente* Asp_{Incoativo(I)} > [*obrigatoriamente* Modo_{Obrigação} > [*à toa* Asp_{Frustativo} > [(?) Asp_{Conativo} > [*completamente* Asp_{SingCompletivo(I)} > [*tudo* Asp_{PlurCompletivo} > [*bem* Voz > [*cedo* Asp_{Accelerativo(II)} > [*do nada* Asp_{Incoativo(II)} > [*de novo* Asp_{Repetitivo(II)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(II)} > ... (CINQUE, 1999, p.106; CINQUE, 2006)⁴

Cinque assume, com Pollock (1989), que os advérbios de (2), alocados em Spec distintos, ocupam posições fixas, a não ser que algum traço da estrutura informacional (Tópico, Foco, etc.) tenha de ser valorado, motivo pelo qual têm sido tradicionalmente utilizados como diagnósticos de movimentos.

Para chegar à hierarquia em (2), o autor vale-se de testes de precedências e transitividade envolvendo advérbios de classes semânticas distintas. Assim, se um dado AdvP_A precede (“>”) um dado AdvP_B, que precede, por sua vez, um AdvP_C, por transitividade infere-se que o AdvP_A precede o AdvP_C:

- (3) a. AdvP_A > AdvP_B
b. *AdvP_B > AdvP_A

- (4) a. AdvP_B > AdvP_C
b. *AdvP_C > AdvP_B (Portanto: AdvP_A > AdvP_B > AdvP_C)

³ Para além do teste envolvendo AdvPs, há ainda outros testes que têm sido igualmente utilizados para diagnosticar o movimento de V. Por exemplo, a sua posição em relação à negação e quantificadores flutuantes (cf. Galves, 1994; Silva, 1996; Modesto, 2000, dentre outros). Galves (1994) e Silva (1996) mostram que os quantificadores flutuantes não são decisivos como diagnósticos à subida do verbo em PB. Tescari Neto (2013), com argumentos independentes, também sugere que esse teste não é fidedigno (não apenas para o português, como também pelo menos em inglês). Por razões de espaço, não explicitamos essas razões aqui.

⁴ Essa versão para o PB é baseada em Tosqui & Longo (2004), Santana (2005, 2007) e Tescari Neto (2013).

Os dados abaixo, em (5-6), ilustram essa metodologia cartográfica comumente utilizada na determinação de hierarquias: os testes de precedência e transitividade. Nessas sentenças, esse expediente se aplica a AdvPs do italiano. Assim, em (5), o AdvP de ato de fala *francamente* 'francamente' precede o AdvPs avaliativo *purtroppo* 'infelizmente'. Já em (6), o avaliativo *purtroppo* precede o epistêmico *probabilmente* 'provavelmente'. Por transitividade, conclui-se que *francamente* precede *probabilmente*, conforme a hierarquia em (2). Os dados em (5-6) são de Cinque (1999: 12).

(5) *AdvP ato de fala > AdvP avaliativo*

- a. Francamente ho purtroppo una pessima opinione di voi
 Francamente eu-tenho infelizmente uma péssima opinião de vocês
 'Francamente eu infelizmente tenho uma péssima opinião sobre vocês'
- b. *Purtroppo ho francamente una pessima opinione di voi
 Infelizmente eu-tenho francamente uma péssima opinião sobre vocês

(6) *AdvP avaliativo > AdvP epistêmico*

- a. Gianni ha per fortuna probabilmente accettato
 Gianni tem felizmente provavelmente aceitado
 'Gianni felizmente provavelmente aceitou'
- b. *Gianni ha probabilmente per fortuna accettato
 Gianni tem provavelmente felizmente aceitado

O expediente aplicado a (5-6) – e aos demais AdvPs de (2) para determinar-lhes a ordem – é também estendido aos núcleos funcionais (de diversas línguas). (7), por exemplo, apresenta Vs ditos “auxiliares” em inglês (7a) e espanhol (7b) (cf. CINQUE, 1999: 57), os quais têm sido considerados categorias nucleares da Flexão:

- (7) a. These books have been being read all year
 Esses livros têm estado sendo lidos todo ano
 'Esses livros têm sido lidos todo o ano'
- b. Esos libros han estado siendo leídos todo el año
 Esses livros têm estado sendo lidos todo o ano
 'Esses livros têm sido lidos todo o ano'

Em (7), *have* 'ter' (a) e *han* (b) lexicalizam o núcleo de tempo; *been* (7a) e *estado* (7b), o aspecto perfeito; *being* (7a) e *siendo* (7b), o progressivo; o verbo lexical, dada a construção passiva, lexicaliza (derivacionalmente) a Voz (*read*, in (a) e *leídos*, em (b)). De (7), é possível inferir a seguinte ordenação parcial (cf. (8)):

(8) Tempo > AspPerfeito > AspProgressivo > Voz ... (> V) (CINQUE, 1999: 57)

Cinque oferece mais evidências para a ordenação dos núcleos funcionais (cf. CINQUE, 1999, cap. 3) para, ao final, mostrar que os advérbios se assemelham aos núcleos funcionais em termos de número, ordem relativa e classes semânticas. Advérbios ocupam, portanto, uma posição de especificadores únicos de núcleos funcionais distintos. Assim, no caso da modalidade epistêmica, tomando como exemplo o inglês, o advérbio *probably*, se presente na numeração, ocuparia a posição de Spec do modal *must* 'poder', em seu uso epistêmico.

A assunção da proposta cartográfica de Cinque – para a qual, como vimos, coloca cerca de 30 advérbios no *Middlefield* – nos leva a repetir a pergunta feita na seção anterior: “Quais AdvPs podem ser utilizados como ‘diagnósticos’ para a subida do V à flexão? Qualquer AdvP? AdvPs ‘baixos’, i.e., advérbios normalmente tomados como adjuntos de VP – aqueles que, em termos de hierarquia

de Cinque, são os mais próximos ao VP –? AdvPs ‘altos’ (ou sentenciais)?” Na seção seguinte discuto a validade dos AdvPs como diagnósticos para a subida do V à flexão, trazendo alguns exemplos.

4 OS ADVÉRBIOS ‘BAIXOS’ (OU DE VP)

Já mencionamos desde o início do texto que a tradição gerativista assume que advérbios baixos (também denominados *left-edge adverbs* (COSTA, 2008) são diagnósticos confiáveis para o movimento do verbo, por serem adjuntos de VP (ver, para isso, AMBAR, 1989; POLLOCK, 1989; BELLETTI, 1990; GALVES, 1993, 1994; SILVA, 1996; COSTA, 1996, 1998; MODESTO, 2000; SILVA, 2001; BRITO, 1999, 2001; MATOS; CYRINO, 2001; CYRINO; MATOS, 2002; AMBAR *et al.*, 2004; COSTA; GALVES, 2002; COSTA; SILVA, 2006; CYRINO, 2013). Se pensarmos na hierarquia de AdvPs (CINQUE, 1999) – cf. (2) –, esperamos que, uma vez que, em PB, a forma finita do V temático deve se mover à esquerda do advérbio baixo *completamente* (cf. (9)), deverá se mover também, em virtude da restrição sobre o movimento nuclear (TRAVIS, 1984), à esquerda de todos os advérbios que seguem *completamente* na hierarquia, ou seja, deverá necessariamente e obrigatoriamente se mover à esquerda do AdvP plural completivo (*tudo*), do AdvP de modo (*fluentemente*) e do AdvP acelerativo II (*cedo*). Os dados em (10a,b,c) ilustram o movimento obrigatório de V por sobre esses últimos AdvPs, o que corrobora as previsões da hierarquia:

- (9) a. *O João completamente acabou seu trabalho. (*Asp_{SingCompletivo}*)
 a'. *O J. completamente seu trabalho acabou.
 b. O João acabou completamente o seu trabalho. (GALVES, 2001: 109)
 c. O João acabou o seu trabalho completamente.
- (10) a. O João (*tudo) fez (tudo) com paciência. (*Asp_{PlCompletivo}*)
 b. O João (*fluentemente) fala (fluentemente) francês (fluentemente) (Voz)
 c. O João (*cedo) acordou (cedo). (*Asp_{Acelerativo(II)}*)

De (9-10), conclui-se também que há movimento obrigatório do V finito, em PB. Do ponto de vista da Cartografia, (9-10) mostram que AdvPs (muito) “baixos” são diagnósticos confiáveis para detectar a subida do V, o que confirma a posição da tradição gerativista acerca do papel dos advérbios baixos ou advérbios de VP na teoria do movimento do V.

Se voltarmos à hierarquia em (2), observaremos que a projeção que domina imediatamente *Asp_{SingCompletivo}P*, em cujo especificador temos *completamente*, é a projeção “*Asp_{Conativo}P*”. Cinque (1999) não identificou um adverbial que, nas línguas românicas, pudesse lexicalizar o conteúdo semântico de tal projeção; identificou, contudo, o núcleo funcional correspondente – o que não nos leva, porém, muito adiante. A projeção que domina imediatamente a do aspecto conativo é *Asp_{Frustrativo}P*, cujo adverbial correspondente seria *à toa/em vão*, em PB. Conforme mostra (11), *à toa* também parece não poder preceder a forma finita do V, o que significa que o movimento do V sobre esse adverbial também é obrigatório:

- (11) a. */??O José à toa fez seu trabalho
 b. O José fez à toa seu trabalho/ O José fez seu trabalho à toa

C-comandando o AdvP frustrativo *à toa*, temos o de modalidade de raiz *obrigatoriamente*, que ocupa a posição de [Spec, Mod_{Obrigaç}]. (12a) mostra que o movimento do V finito por sobre esse AdvP não é obrigatório:

- (12) a. O João obrigatoriamente fará o seu trabalho⁵
 b. O João fará obrigatoriamente o seu trabalho

Conclui-se, portanto, que em PB o movimento do V finito é obrigatório à esquerda da projeção de aspecto aspecto frustativo (*à toa*) e de todas as projeções funcionais c-comandadas por ela. À esquerda de *obrigatoriamente*, a julgar por (12a), tal movimento já não é mandatório.

(9-12) são sentenças que envolvem a forma finita do V. A figura a seguir representa o movimento da forma finita do V, que deixa o domínio temático em direção ao *Middlefield*. Repare que o movimento é obrigatório até que o V ultrapasse $\text{Asp}_{\text{Frustrativo}}^0\text{P}$, em cujo especificador se encontra o advérbio *à toa*.

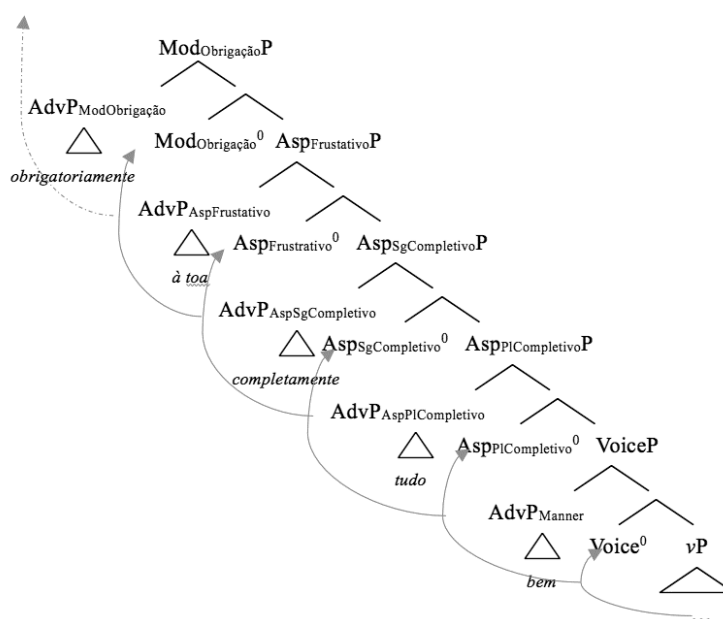


Figura 3: o movimento do V finito em PB

Fonte: Elaboração própria

⁵ Um dos revisores questionou a proposta teórica aqui assumida, a Cartografia Sintática, em vista da assunção, pelo programa, das cerca de trinta projeções para IP. De acordo com o parecer, o trabalho deveria considerar um “universo” em que as referidas projeções poderiam não existir. Deixando de lado a questão filosófica – importante para os epistemólogos, contudo, acerca da natureza das entidades descritas pelos cientistas (ver a esse respeito FOUREZ, 1995; BORGES NETO, 2004) –, é importante lembrar que a Linguística contemporânea, reconhecida como “ciência piloto” no conjunto das Humanidades, emerge, com Saussure, sob a premissa de que “o ponto de vista cria o objeto” (1977, p. 15). Nesse sentido, pelo menos a nível conceitual, justifica-se a escolha da Cartografia como marco teórico do trabalho. Para além disso, conforme argumentado aqui, diferentes formas verbais sobem a alturas diferentes. Essas posições distintas são marcadas, na estrutura, pelos advérbios das mais distintas classes – tomados como diagnósticos não só para a subida do verbo, como também para a determinação da altura a que diferentes formas vão. Diferentemente, contudo, do que foi apontado no parecer, *advérbios não se movem sozinhos* – ideia já bastante consensual, entre os teóricos (cf. POLLOCK, 1989 e, na esteira deste, BELLETTI, 1990; CINQUE, 1999, 2004; LAENZLINGER, 2002; LAENZLINGER; SOARES, 2005) – a não ser os que vão à periferia esquerda (ver, a esse respeito, RIZZI, 2004; GARZONIO; POLETTI, 2014). Se desconsiderássemos a hierarquia de Cinque não seria possível vislumbrar as diferenças que emergem, na gramática do PB, relativamente à altura a que formas verbais distintas sobem. Tais diferenças seriam dificilmente capturadas por abordagens concorrentes, que considerariam, nas palavras do parecer, um “um universo [...] [em] que não se aceita essa ‘explosão’ [de categorias de IP].” Uma análise que assumiria esse “universo”, contudo, certamente encontraria problemas ao tentar dar conta das diferenças detectadas aqui. (Na verdade, aliás, considerando tal “universo”, essas questões sequer seriam colocadas – “o ponto de vista cria o objeto”, na citação saussuriana feita acima –, haja vista que o referido “universo” não faz distinção pormenorizada entre advérbios baixos.)

Não há, ademais, incompatibilidade entre os resultados das pesquisas em Cartografia e os princípios de economia tão caros ao programa minimalista. A esse respeito, é feito o seguinte questionamento no parecer: “como justificar uma arquitetura de gramática com tanto ‘peso’ para derivações, com muitas categorias funcionais (mais de trinta!)?” É válido trazer à discussão Chomsky (1995, p. 24) que claramente menciona, a propósito da assunção de projeções funcionais – para além de C, T, v no domínio da oração –, que a postulação de categorias funcionais deve ser justificada seja em termos teóricos seja em termos morfofonológicos e semânticos. As projeções da hierarquia de Cinque (1999), aqui utilizadas, são todas justificadas não só em termos teóricos como também em termos morfofonológicos (são atestadas translinguisticamente em trabalhos não apenas de gerativistas como também sobretudo no de tipologistas). A Cartografia assume o princípio do “One Feature, One Head” (KAYNE, 2005) e, nesse sentido, somente postula categorias de importe semântico-pragmático (a maioria delas descritas independentemente em trabalhos de tipologistas). Ademais, independentemente do que quer que seja que signifique, no texto do parecer, “tanto peso para as derivações”, é importante ter claro que eficiência computacional não é, *jámais*, sinônimo de movimento nuclear (KOOPMAN; SZABOLCSI, 2000, p. 37). É computacionalmente eficiente um sistema que conta com uma única estrutura de base, válida para todas as línguas, em que as derivações são sempre construídas da mesma forma, i.e., com o mesmo tipo de movimentos (seja de remanescente, seja sintagmático (com ou sem pied-piping) se tais movimentos são performatados sempre da mesma forma). Por fim, é importante lembrar que princípios de localidade (RIZZI, 1990, 2004) são ingredientes básicos em derivações cartográficas: nesse sentido, a alegação de que em Cartografia as derivações sejam “pesadas” acaba por não fazer sentido.

A propósito dos diferentes significados de (12a/b) e (16a/b), mais adiante, esses diferentes significados têm a ver com o fato de que o mesmo item lexical, *obrigatoriamente*, teria duas posições de merge, a depender de sua semântica (ver a esse propósito, Cinque (1999, p. 92) – a respeito de *spesso* ‘frequentemente’, em italiano, p.ex. – e Cinque (2004)). O *obrigatoriamente* em questão aqui é o *obrigatoriamente* baixo, modal de raiz. A ordem *obrigatoriamente* V favorece a interpretação de orientado para o sujeito para o *obrigatoriamente* (“Será obrigatório da parte do João ...”). No entanto, a sentença continua ambígua porque ainda permitiria a interpretação de modal de raiz ao advérbio, embora a interpretação de orientado para o sujeito seja a preferencial, pelo fato de o V subir a T em PB.

Se modificamos a forma do verbo, como em (13-15), em que temos o V no infinitivo, em uma oração-complemento de *odiar/desejar*, percebemos que os julgamentos se mantêm para o frustrativo *à toa* e os advérbios por ele c-comandados:

- (13) a. *À toa fazer seu trabalho, o João odeia (*Asp_{Frustrativo}*)
 b. Fazer à toa seu trabalho, o João odeia
- (14) a. *Completamente acabar seu trabalho, o João deseja (*Asp_{SingCompletivo}*)
 a'. *Completamente seu trabalho acabar, o João deseja
 b. Acabar completamente o seu trabalho, o João deseja
 c. Acabar o seu trabalho completamente, o João deseja
- (15) a. (*Tudo) fazer (tudo) com paciência, o João pretende (*Asp_{PlCompletivo}*)
 b. (*Fluentemente) falar (fluentemente) francês (fluentemente), a Mara deseja (*Voice*)
 c. (*Cedo) limpar (cedo) a casa, o Eduardo odeia (*Asp_{Celerativo(II)}*)

Repare, contudo, que *obrigatoriamente*, o AdvP que precede *à toa* na hierarquia – e que, portanto, o c-comanda –, dessa vez, i.e., com a forma infinitiva, apresenta comportamento distinto em relação ao V na forma finita: *obrigatoriamente* não pode preceder o infinitivo em questão:

- (16) a. *Obrigatoriamente fazer o trabalho, o João detesta
 b. Fazer obrigatoriamente o trabalho, o João detesta

Há, então, diferenças em relação à altura que as formas finita e infinitiva do V sobem, em PB, se tomarmos como diagnósticos os advérbios baixos⁶.

Relativamente ao V no particípio, teríamos de distinguir o particípio passado ativo do passivo, bem como o particípio absoluto (BELLETTI, 1990; CINQUE, 1999). Dadas as limitações de espaço, ilustrarei o movimento do particípio passado ativo, por entre advérbios baixos, nos exemplos a seguir:

- (17) O João terá (obrigatoriamente) feito (obrigatoriamente) o trabalho (*Mod_{Obrig}*)
- (18) O João terá (em vão) feito (em vão) o trabalho (*Asp_{Frustrativo}*)
- (19) O João terá (completamente) acabado (completamente) o trabalho (*Asp_{SingCompletivo}*)
- (20) O João terá (*tudo) feito (tudo) com paciência (*Asp_{PlCompletivo}*)
- (21) O João terá (*bem) limpadado (bem) o chão (*Voz*)
- (22) O João terá (*cedo) acordado (cedo) (*Asp_{Acclerativo(II)}*)

⁶ Um dos pareceristas anônimos colocou uma questão muito interessante relativamente à diferença entre formas finitas e não finitas. Há que se perguntar se tal diferença, nas palavras dele, “não poderia estar relacionada à questão da finitude mesma”. Na verdade, o verbo na forma finita curiosamente sobe menos, em PB, se considerarmos o movimento obrigatório do V: o verbo infinitivo precisa obrigatoriamente subir mais em PB, necessariamente ultrapassando *obrigatoriamente*, ao passo que o V finito deve apenas ultrapassar *em vão*. A investigação deve ser estendida aos advérbios mediais para se precisar, com clareza, a altura dos movimentos opcionais e verificar se a conjectura apontada pelo colega está correta: é de esperar que, sendo o V finito dotado do traço [+ tense], ele tenha de se mover mais. Mas, por outro lado, não seria estranho se a forma infinitiva se movesse a alturas mais altas, uma vez que, tendo em vista que o infinitivo é [- tense], o V nessa forma talvez tenha de valorar traços de modo, p.ex., avançando a alturas ainda maiores. Essa questão é bastante intrigante e, no estado atual da investigação, é difícil oferecer uma resposta conclusiva. Por fim, uma vez que parece não haver relação semântica entre a altura do movimento do V e o tipo de forma verbal há que se verificar, como apontado corretamente pelo colega, se as diferentes alturas não teriam “relação com a estrutura da informação”.

(17-22), com o verbo temático no particípio, exibem um comportamento diferente do das sentenças (9-16), com a forma finita e infinitiva do V: enquanto essas últimas duas formas de V obrigatoriamente se movem à esquerda de *à toa/em vão*, que lexicaliza o aspecto frustrativo – o infinitivo sobe, na verdade, um nó acima, ainda, como vimos, movendo-se obrigatoriamente acima do advérbio de modalidade raiz *obrigatoriamente* –, a forma do particípio passado ativo do verbo deve se mover de maneira obrigatória, em PB, à esquerda de *tudo*: repare que se o AdvP *completamente* figura à esquerda do particípio, a sentença é apenas “marginal” (19), mas não agramatical (como acontece com os advérbios c-comandados por *completamente* em (20-22)). Comportamento semelhante ao do infinitivo – ao menos se considerarmos a subida do V temático por entre os advérbios mais baixos – tem o V no gerúndio (em subordinadas adverbiais), como se vê nos exemplos seguintes abaixo, em que o verbo deve obrigatoriamente ultrapassar o modal de raiz *obrigatoriamente*:

- (23) (*Obrigatoriamente) fazendo (obrigatoriamente) o seu trabalho, o Eduardo agrada a todos (Mod_{Obrig})
- (24) (*Em vão) fazendo (em vão) o seu trabalho, o Eduardo sempre se cansa (Asp_{Frustrativo})
- (25) (*Completamente) acabando (completamente) o seu trabalho, o E. estará pronto aos desafios (Asp_{SingCompletivo})
- (26) (*Tudo) fazendo (tudo) com paciência, o E. agrada a todos (Asp_{PlCompletivo})
- (27) (*Bem) limpando (bem) o chão, o E. deixa o espaço mais aprazível (Voz)
- (28) (*Cedo) acordando (cedo), o E. já deixa tudo em ordem (Asp_{Accelerativo(II)})

Obviamente um exame que leve em conta os advérbios mediais e os altos se faz necessário para detectar as diferenças entre o infinitivo e o gerúndio, i.e., até que altura da hierarquia cada forma verbal deve obrigatoriamente subir. Como estamos considerando apenas os advérbios mais baixos da hierarquia, não é possível detectar tal diferença.

Essa variação no que diz respeito à altura a que diferentes formas do V temático sobe na sequência funcional onde estão “pendurados” os AdvPs parece não ter uma explicação semântica óbvia: se o posicionamento do V em relação a advérbios de diferentes classes dependesse da semântica do AdvP em questão, esperar-se-ia o mesmo comportamento para a forma finita e infinitiva do verbo relativamente ao advérbio frustrativo, contrariamente aos fatos. (13) e (16), repetidas abaixo, mostram que a forma infinitiva do verbo deve se mover mais do que a forma finita (cf. (11a,b) e (12a,b)), também repetidas abaixo, por conveniência): enquanto o V finito tem de subir à esquerda de *à toa* (o advérbio frustrativo), a forma infinitiva tem ainda de se mover por sobre *obrigatoriamente*, necessariamente:

- (13) a. *À toa fazer seu trabalho, o João odeia
- b. Fazer à toa seu trabalho, o João odeia
- (16) a. *^{/?}Obrigatoriamente fazer o trabalho, o João detesta
- b. Fazer obrigatoriamente o trabalho, o João detesta
- (11) a. *^{/?}O José à toa fez seu trabalho
- b. O José fez à toa seu trabalho/ O José fez seu trabalho à toa
- (12) a. O João obrigatoriamente fará o seu trabalho
- b. O João fará obrigatoriamente o seu trabalho

Se se recorre a uma teoria que propõe que os advérbios sejam adjungidos a projeções na estrutura da oração, tendo em vista uma representação minimalista (cujos átomos seriam as projeções VP, vP, TP e CP), os diferentes julgamentos de (9-28) não poderiam ser explicados a não ser que se recorresse a expedientes *ad hoc* para esclarecer (i) por que o verbo V deve se mover por sobre *à toa* e todos os advérbios por ele c-comandados, mas não necessariamente por sobre *obrigatoriamente*, apesar de todos esses advérbios serem tomados como adjuntos de VP em tais análises; e para (ao menos) descrever (ii) o diferente comportamento das formas do V temático finito e do particípio passado (ativo) e do infinitivo e do gerúndio: de todas as formas do V temático aqui investigadas, em PB, o

particípio passado ativo é a forma que deve subir menos, ultrapassando o advérbio *tudo*, necessariamente, com resultados marginais para a ausência de movimento por sobre *completamente*. O V finito tem de se mover obrigatoriamente ainda dois nós acima, ultrapassando *em vão*. O gerúndio e o infinitivo têm ambos de se moverem pelo menos por sobre *obrigatoriamente*. Mas um exame ulterior ainda se faz necessário, para determinar as diferentes alturas dos movimentos obrigatórios dessas duas formas verbais⁷. Um tratamento cartográfico desses casos dá conta de pelo menos precisar essas diferenças em termos da posição que cada AdvP ocupa na hierarquia de Cinque. Naturalmente, estudos futuros deverão explicar o porquê de tais diferenças, o que naturalmente não é uma tarefa simples.

Como conclusão parcial, temos o seguinte: (i) há movimento obrigatório do V em PB (conforme já largamente mencionado na literatura aqui citada); (ii) há diferença na altura do movimento a depender da forma do verbo: as formas do infinitivo e o gerúndio devem subir mais; (iii) os advérbios baixos são diagnósticos bons, em PB, para a subida do V a uma projeção da flexão.

5 E OS ADVÉRBIOS ALTOS?

Até o momento estamos seguros de que AdvPs baixos são diagnósticos confiáveis para a subida de V à Flexão. Os dados do PB apresentados na seção anterior sugerem, à luz da teoria assumida, que, independentemente da forma do V temático, este deve deixar o domínio lexical e se mover ao *Middlefield*. Contudo, à medida que o V sobe a projeções mais altas, um paradoxo crucial à teoria do movimento do V vai sendo desenhado, fato já apontado em Tescari Neto (2015): AdvPs altos não podem aparecer à direita de V, quando em posição final (ver (29)), muito embora paradoxalmente possam, se um constituinte os seguir (ver (30)).

(29) *O João mente provavelmente

(30) O José comia provavelmente arroz

Como também mostrado naquele trabalho (Tescari Neto, 2015), advérbios baixos podem figurar em posição sentencial final, sem impor riscos à gramaticalidade da sentença:

(31) O João mente ainda/bem/sempre/etc

Parece ser justo tomar a gramaticalidade de (31) e a agramaticalidade de (29) para sugerir que o V finito não pode se mover à esquerda de AdvPs altos (29), mas apenas à esquerda de AdvPs baixos (31) em PB.⁸

Repare que, se alterarmos a forma do V temático, os julgamentos se mantêm:

(32) O João tinha mentido *(,) provavelmente

(33) Fazer seu trabalho *(,) provavelmente, o João odeia

(34) Fazendo seu trabalho *(,) provavelmente, o João agrada a todos

⁷ Pesquisa em andamento, realizada no IEL/UNICAMP, no conjunto das atividades do projeto PIBIC-EM “A formação científica de alunos do ensino médio através da metodologia da gramática gerativa: posição das formas nominais do verbo e cartografia sintática”, apoiado pela PRP/UNICAMP/FAPEX/CNPq/FAPESP, realizado por Caroba Lopes, Costa e Alves (2019), tem por objetivo determinar justamente as diferentes alturas a que cada uma dessas formas sobe em PB.

⁸ Repare que (i), a seguir, é gramatical. Sua derivação envolve, entretanto, etapas diferentes das envolvidas em (29). Em (i), o V teria subido a uma posição da flexão, necessariamente abaixo de *provavelmente*. Na sequência, esse advérbio se moveria a uma posição na periferia esquerda (RIZZI, 1997, 2004), possivelmente [Spec,ModifierP], para valorar o traço criterial de “modificação” associado àquela posição. Após o movimento do AdvP, haveria um movimento massivo do remanescente a uma posição de Tópico, acima daquela à qual o AdvP teria subido:

(i) O João mente, provavelmente

- (32-34) mostram, portanto, que, de fato, AdvPs altos não podem figurar em posição sentencial final, a menos que estejam de-acentuados (CINQUE, 1999) – tal qual sugerido, nos exemplos acima, pela vírgula. Sendo assim, a derivação de (30) – pelo menos em PB – não poderá envolver o movimento de V por sobre *provavelmente*, tal qual sugerido em (30'), a seguir.

- (30') [AgrP O José_j [Agr comia_i [TP provavelmente [TP ~~O~~ José_j [T ~~comia~~_i [VP [~~O~~ José_j [V ~~comia~~_i [arroz]]]

Repare que em (30''), o advérbio *provavelmente* não é sequer recuperável pelo VP elíptico, no segundo membro da coordenação, o que significa que a derivação proposta em (30'), envolvendo o movimento do V à esquerda de *provavelmente* não é, de certo, a opção mais correta.

- (30'') O José comia provavelmente arroz e a Maria também comia [-]
 a. [-]: ~~comia~~ arroz
 b. [-]: *provavelmente arroz

Se a representação em (30'), que envolve o movimento do V finito por sobre *provavelmente*, não pode corresponder à derivação correta de (30), em PB, isso significa dizer que o V finito *não se move acima de advérbios altos* nessa língua. Noutras palavras, conforme já mostrado em Tescari Neto (2015) para o V finito – ideia ampliada aqui, ao considerar o gerúndio, o infinitivo e o particípio passado ativo –, AdvPs altos não podem ser utilizados, em PB, como diagnósticos para o movimento do V à flexão e alguma outra alternativa deverá ser oferecida para a derivação de (30)⁹.

6 À GUISA DE CONCLUSÃO

O objetivo do trabalho foi argumentar que AdvPs de VP (ou advérbios baixos) são diagnósticos fidedignos para o movimento do verbo à flexão, em PB, independentemente da forma do verbo (se finito, infinitivo, gerúndio ou particípio (passado ativo)). Diferentes formas do verbo sobem a alturas distintas em PB. Assim, o verbo finito deve obrigatoriamente ultrapassar o advérbio de aspecto frustrativo *à toa/em vão*, mas não o advérbio de modalidade de raiz *obrigatoriamente*. Já o particípio passado ativo deve se mover pelo menos por sobre *tudo*, obrigatoriamente – sendo que a ausência do movimento por sobre *completamente* dá lugar apenas à marginalidade da sentença. O infinitivo e o gerúndio devem se mover acima de *obrigatoriamente* e todos os outros advérbios que o seguem na hierarquia. Estudos futuros deverão de alguma forma tentar explicar por que diferentes formas verbais sobem a alturas diferentes mesmo dentro de uma mesma língua.

Em linhas gerais, argumentamos que AdvPs baixos são bons diagnósticos para a subida do V a posições da flexão. A utilização de AdvPs altos como diagnósticos em PB (fato já discutido em Tescari Neto (2013, 2015) e testado, dessa vez aqui, com o gerúndio, o infinitivo e o particípio) não seria, portanto, uma atitude metodologicamente correta.

REFERÊNCIAS

- AMBAR, M. Sobre a posição do sujeito, movimento do verbo e estrutura da frase. *Actas do 5º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 1989, p. 369-399.
- AMBAR, M.; NEGRÃO, E.V.; VELOSO, R.; GRAÇA, L. Tense domains in BP and EP – vP, CP and phases. In: ABOH, E. et al. (ed.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 1-24.

⁹ Estaria fora do escopo do presente trabalho uma explanação sobre a derivação da sentença (30), para o que remete-se o leitor a Tescari Neto (2013, 2015).

BELLETTI, A. *Generalized verb movement*. Turim: Rosenberg & Sellier, 1990.

_____. Agreement Projections. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Malden/Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 482-510.

BOBALJIK, J. *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. PhD Dissertation, MIT, 1995.

_____. *Floating Quantifiers: Handle with Care*. Ms. University of Connecticut, 2001. Disponível em: <http://bobaljik.uconn.edu/papers/FOI.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRITO, A.M. Concordância, estrutura de frase e movimento do verbo no português europeu, no português brasileiro e no Português de Moçambique. In: FARIA, I.H. (org.) *Lindley Cintra: homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa: Cosmos, 1999. p. 332-365.

_____. Clause Structure, Subject Positions and Verb Movement. About the position of sempre in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: D'HULST, Y.; ROORYCK, J.; SCHROTEN, J. (ed.) *Romance Languages and Linguistic Theory 1999: selected papers from 'Going Romance 1999'*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 63-86.

CARDINALETTI, A.; GIUSTI, G. Partitive “ne” and the QP-Hypothesis: a case study. *University of Venice WPL*, n.1, p.19, 1991. Disponível em: <http://lear.unive.it/bitstream/10278/411/1/cardinaletti.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.

CARROBA LOPES, J.; COSTA, J.; ALVES, L. *A formação científica de alunos do ensino médio através da metodologia da gramática gerativa: posição das formas nominais do verbo e cartografia sintática*. [Projeto de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC-EM) em andamento]. Campinas: PRP/UNICAMP/FAEPEX/CNPq/FAPESP, 2019.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague/Paris: Mouton, 1957.

_____. *Barriers*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986.

_____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.

CINQUE, G. Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective. *University of Venice Working Papers in Linguistics*, v.7, n.1, p.2, 1997.

_____. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: OUP, 1999.

_____. Issues in adverbial syntax. *Lingua*, v. 114, p. 683-710, 2004.

COSTA, J. Adverb positioning and V-movement in English. *Studia Linguistica*, 50 (1), 1996, p. 22-34.

COSTA, J. *Word order variation: a constraint-based approach*. PhD Dissertation, Leiden University, 1998.

_____. Adverbs and the Syntax-Semantics Interplay. *Estudos Linguísticos*, v.2, p.13-25, 2008.

COSTA, J.; GALVES, C. External subjects in two varieties of portuguese: evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, C. *et al.* (ed.). *Proceedings of Going Romance 2000*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 109-125.

COSTA, J.; SILVA, M.C.F. Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos*, v. 35, p. 95-109, 2006.

CYRINO, S. On richness of tense and verb movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V. *et al.* (ed.) *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 297-318.

CYRINO, S.M.L.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, v.1, n.2, p.177-195, 2002.

DOETJES, J. *Quantifiers and selection: on the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English*. PhD Dissertation, Leiden University/ HAG, The Hague, 1997.

EMONDS, J. The verbal complex V'-V in French. *Linguistic Inquiry*, v.9, n.2, p.151-175, 1978.

FITZPATRICK, J.M. *The syntactic and semantic roots of floating quantification*. PhD Diss., MIT, 1996. Disponível em: <http://dspace.mit.edu/handle/1721.1/37420>. Acesso em: 31 mar. 2019.

FOUREZ, G. *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

GALVES, C. O Enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 387-408.

_____. V-movement, levels of representation and the Structure of S. *Letras de Hoje*, v. 96, p.35-58, 1994.

_____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GARZONIO, J.; POLETTTO, C. When low are high: on adverb movement in abruzzese. *Quaderni di lavoro ASIt*, v.17, p. 19-34, 2014.

GIUSTI, G. The Categorical Status of Quantified Nominals. *Linguistische Berichte*, v. 136, p. 438-454, 2001. Disponível em: <http://dspace-unive.cilea.it/bitstream/10278/748/1/Giusti%2003.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.

KAYNE, R. *Movement and silence*. New York: Oxford University Press, 2005.

KOOPMAN, H.; SZABOLCSI, A. *Verbal complexes*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.

LACERDA, R. *Quantificadores flutuantes no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística), USP, 2012.

_____. Rebel without a Case. In: ORDÓÑEZ, F.; KATO, M. (ed.) *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford: OUP, 2016.

LAENZLINGER, C. A Feature-based theory of adverb syntax. *GG@G (Generative Grammar in Geneva)*, v. 3, p. 67-105, 2012.

_____. *Elements of comparative generative grammar: a cartographic approach*. Padova: Unipress, 2011.

LAENZLINGER, C.; SOARE, G. A cartographic approach to the Romance mittelfeld. *Rivista di Grammatica Generativa*, v. 30, p. 17-69, 2005.

LARSON, R. K. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v.19, p. 335-391, 1988.

MATOS, G.; CYRINO, S.M.L. Elipse de VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. *Boletim da ABRALIN*, v. 26, special issue, p. 386-390, 2001.

MODESTO, M. *On the identification of null arguments*. PhD Dissertation, USC, 2000.

POLLOCK, J-Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n.3, p. 365-474, 1989.

RIZZI, L. *Relativized minimality*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

_____. The fine structure of left periphery. In: HAEGMAN, L. (ed.). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997. p. 282-337.

_____. Locality and left periphery. In: BELLETTI, A. (ed.) *Structures and beyond: the cartography of syntactic structures – v.3*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 223-251.

SANTANA, M. S. *A sintaxe do advérbio*. Dissertação de mestrado, UFRJ, 2005.

_____. Sintagmas adverbiais como especificadores de projeções funcionais. *Linguística*, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 189-202, 2007.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA, M.C.F. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

SILVA, G. V. *Word order in Brazilian Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.

SILVA, C. R. T.. Morfologia flexional e movimento do verbo em português: por uma análise unificada a partir da proposta vickneriana. *Revista do GELNE*, v. 11, p. 1-18, 2009.

SPORTICHE, D. A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry*, v.19, n.3, p. 425-449, 1988.

**THE EFFECT
OF VERBAL AGREEMENT
MARKING ON THE USE OF NULL AND
OVERT SUBJECTS –
A QUANTITATIVE STUDY
OF FIRST-PERSON
SINGULAR IN BRAZILIAN
PORTUGUESE**

O EFEITO DA MARCAÇÃO DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO USO DE SUJEITOS NULOS E PRONOMINAIS - UM ESTUDO QUANTITATIVO DA PRIMEIRA PESSOA SINGULAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

EL EFECTO DE LAS MARCAS VERBALES DE ACUERDO EN EL USO DE SUJETOS NULOS Y PRONOMINALES: UN ESTUDIO CUANTITATIVO DE LA PRIMERA PERSONA SINGULAR EN PORTUGUÉS BRASILEÑO

Eduardo Correa Soares*

Universidade Federal de Santa Catarina

Philip Miller**

Université Paris Diderot

Barbara Hemforth***

Université Paris Diderot/Centre National de la Recherche Scientifique

* Federal University of Santa Catarina (UFSC) – Graduate School of Linguistics (PPGL) – Laboratory of Language and Cognitive Processes; Coordination Program of the Improvement of Higher Level Personnel (CAPES). soares_ec@yahoo.com.br.

** University of Paris VII Denis Diderot – CLILLAC-ARP. philip.miller@univ-paris-diderot.fr.

*** University of Paris VII Denis Diderot – LLF; French National Center for Scientific Research (CNRS). barbara.hemforth@linguist.univ-paris-diderot.fr.

ABSTRACT: In a corpus study and two acceptability experiments, we investigated whether there is a preference for null or overt subjects with ambiguous (syncretic) and exclusive (unambiguous) verbs in Brazilian Portuguese (BP). Previous literature has proposed that BP (i) is deactivating the “Avoid Pronoun Principle” and (ii) is a partially pro-drop language, whose morphosyntactic contexts for null subjects are restricted. The corpus study and the acceptability experiments show that there is an effect of person syncretism in the verbal paradigm on the relative frequency of null subjects and on the acceptability of sentences with null subjects in the first-person singular: there is a tendency to avoid ambiguity due to null subjects with ambiguous verb forms, but only in contexts with competing antecedents. These results are analyzed in the light of a general theory of anaphora resolution (ARIEL, 1990, etc.), as resulting from a calculation taking into account the accessibility of potential antecedents and the cost of the anaphoric form (ALMOR, 1996).

KEYWORDS: Null Subject. Verbal paradigm. Ambiguity. Anaphora resolution.

RESUMO: Em um estudo de corpus e em dois experimentos de aceitabilidade, investigamos se existe uma preferência por sujeitos nulos ou pronominais com verbos ambíguos (sincréticos) ou exclusivos (não-ambíguos) no Português Brasileiro (PB). A literatura propõe que o PB (i) está desativando o “Princípio Evitar Pronome” e (ii) é uma língua parcialmente “pro-drop”, cujos contextos morfosintáticos para sujeitos nulos são restritos. Nosso estudo de corpus e os experimentos de aceitabilidade mostram que há um efeito do sincretismo de pessoas no paradigma verbal sobre a frequência relativa de sujeitos nulos e sobre a aceitabilidade de sentenças com sujeitos nulos na primeira pessoa do singular: há uma tendência a evitar ambiguidade para sujeitos nulos com formas verbais ambíguas, mas apenas em contextos em que há competição de antecedentes. Esses resultados são analisados à luz de uma teoria geral da resolução da anáfora (ARIEL, 1990, etc.), como resultado de um cálculo levando em conta a acessibilidade dos antecedentes potenciais e o custo da forma anafórica (ALMOR, 1996).

PALAVRAS-CHAVE: Sujeitos nulos. Paradigma verbal. Ambiguidade. Resolução anafórica.

RESUMEN: En un estudio con base en corpus y dos experimentos de aceptabilidad, investigamos si existe una preferencia por sujetos nulos o pronominales con verbos ambiguos (sincréticos) o exclusivos (no ambiguos) en portugués brasileño (PB). En los estudios del área, se propuso (i) que se está desactivando en PB el “Principio Evite Pronombres” y (ii) que el PB es una lengua parcialmente “pro-drop”, cuyos contextos morfosintáticos para sujetos nulos se han restringido. Nuestro estudio con base en corpus y en los experimentos de aceptabilidad, sugere que existe un efecto del sincretismo de personas en el paradigma verbal sobre la frecuencia relativa de sujetos nulos y sobre la aceptabilidad de oraciones con sujetos nulos en la primera persona del singular: existe una tendencia a evitar la ambigüedad de sujetos nulos con formas verbales ambiguas, pero solo en contextos en los que hay competición de antecedentes. Se analizan estos resultados a la luz de una teoría general de la resolución de la anáfora (ARIEL, 1990, etc.), como resultado de un cálculo que tiene en cuenta la accesibilidad de los antecedentes potenciales y el costo de la forma anafórica (ALMOR, 1996).

PALABRAS CLAVE: Sujeto nulo. Paradigma verbal. Ambigüedad. Resolución de la anáfora.

1 INTRODUCTION

The present paper is concerned with the inflectional system and the use of null and pronominal first-person singular subjects in Brazilian Portuguese [henceforth, BP]. In some languages, agreement-marked verbs may be redundant with the expression of their respective pronominal subjects. However, in many languages, verbal paradigms present ambiguous (syncretic) forms, which do not explicitly reveal the subject of the sentence. Example (1) illustrates this situation in BP. The first verb in the sentence, *dei* “give.PST.1SG”, explicitly marks the subject in the inflection; while the second verb, *estava* “be.IMP.1SG/3SG”, is an ambiguous form, which is compatible with both first and third-person singular subjects.

- (1) como ex-funcionário do Tribunal de Contas, na época inclusive que _ *dei*
 as ex-employee of. the court of accounts at.the time including that _ give.PST.1SG
 a primeira entrevista, eu *estava* no Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro.
 the first interview I be.IMP.1SG/3SG at.the court of accounts of.the state of.the Rio de Janeiro.

“As a former employee of the Court of Auditors, at the time at which [I₁] gave the first interview, I₁ was at the Court of Auditors of the State of Rio de Janeiro”(NURC-RJ, “Inquiry_r_52”)

This paper focuses on the interaction of overt morphological verbal markings in BP and their effect on the realization and interpretation of overt and null subjects. The specific goals of this paper are two-fold: (i) to investigate the relation between the verbal paradigm and the use of null and overt first-person singular subjects using quantitative methods; and (ii) to offer a theoretical account for the findings, which attempts to integrate two competing approaches to explain preferences of choice between overt pronouns and null subjects.¹ The first is the Generative account, in which most of the literature on BP null subjects has been couched for the past 40 years (see, for instance, DUARTE, 1995; KATO; NEGRÃO, 2000; *inter alia*). The second is the anaphora-resolution account, which is widely used in the study of null and pronominal subjects in other languages (see GIVÓN, 1983; ARIEL, 1990; ALMOR, 1996; DE LA FUENTE *et al.*, 2016, *inter alia*).

Within the Generative tradition, there are two general approaches to so-called ‘pro-drop’ in BP, one diachronic, the other synchronic. These can be taken to be complementary. According to the diachronic approach, there is an ongoing change in the pro-drop parameter towards obligatory phonological realization of subject pronouns (TARALLO, 1983, among others); according to the synchronic approach, present-day BP is a partial pro-drop language (HOLMBERG *et al.*, 2009; BIBERAUER *et al.*, 2010, *inter alia*).² When BP is compared to other standard pro-drop Romance Languages (for instance, European Portuguese [EP], Spanish and Italian), it appears that the linguistic contexts in which null subjects are allowed are indeed scarcer (DUARTE, 1995; KATO, 1999; BARBOSA *et al.*, 2005, *inter alia*). These restrictions on the use of null subjects are taken to be a by-product of the impoverishment of morphological markings in BP, (often referred to as “Taraldsen’s generalization”, TARALDSEN, 1980; RIZZI, 1986; ROBERTS, 2014; SIMONENKO *et al.*, 2017).

In the present paper, the first-person singular ambiguous (syncretic) and exclusive (non-syncretic) forms are used to investigate the effect of verbal morphology on the use of null and overt subjects. The data discussed here are taken to be a synchronic cut in the history of BP. The results found in both the corpus and the experimental studies do not seem to fully support previous theories on BP. An alternative approach, based on the theory of Anaphora Resolution, is presented and shown to better explain the data.

2 AGREEMENT INFLECTION IN PRESENT-DAY BRAZILIAN PORTUGUESE

BP has substantially modified its inflectional system when compared to previous stages of the language, to other varieties of Portuguese or to other Romance Languages (Italian and Spanish, for instance) (see DUARTE, 1995; KATO, 1999; KATO; NEGRÃO 2000, *inter alia*). Table 1 below summarizes the paradigm of verbal inflectional markings in present-day BP. In Table 2, the verbal paradigm of earlier stages of BP is presented for the sake of comparison (these forms were used at the beginning of the XIXth century).³ In both tables, the forms are given for the verb *falar*, ‘to speak’.

¹ See, e.g., Carminatti (2002) for a similar attempt to combine these two traditions.

² As Sérgio Menuzzi (p. c.) has pointed out, though these two positions do not exclude each other, they were not put forward as compatible in the literature and no specific framework within which they might form a single combined diachronic and synchronic hypothesis has been proposed. Specifically, researchers defending the ‘partial pro-drop’ analysis have mainly argued for this position against the idea that BP was becoming a non-null subject language of the English type.

³ See the Tycho Brahe project (available at <http://www.tycho.iel.unicamp.br/tycho/prfpml/fase2/index.html>) for an overview of the multiple changes in BP during the past two centuries.

Person and Number	TT (exclusive)	TT (ambiguous)
1st singular	<i>falo</i>	<i>falava</i>
2nd singular	<i>fala</i>	<i>falava</i>
3rd singular	<i>fala</i>	<i>falava</i>
1st plural (a gente)	<i>fala</i>	<i>falava</i>
1st plural (nós)	<i>falamos</i>	<i>falávamos</i>
2nd plural	<i>falam</i>	<i>falavam</i>
3rd plural	<i>falam</i>	<i>falavam</i>

Table 1: The Verbal Paradigm in Present-day BP

Source: adapted from Soares (2017, p. 20)

Person and Number	TT (exclusive)	TT (ambiguous)
1st singular	<i>falo</i>	<i>falava</i>
2nd singular	<i>falas</i>	<i>falavas</i>
3rd singular	<i>fala</i>	<i>falava</i>
1st plural	<i>falamos</i>	<i>falávamos</i>
2nd plural	<i>falais</i>	<i>falavais</i>
3rd plural	<i>falam</i>	<i>falavam</i>

Table 2: The Verbal Paradigm in Earlier Stages of BP

Source: adapted from Soares (2017, p. 20)

As shown in Table 1, present-day colloquial BP presents three forms for the present tense and two for the imperfect past tense if, for the first-person plural, only the form *a gente fala/falava* (literally “the people speak/spoke”) is taken into consideration (the *nós* forms, with the *-mos* suffix, are infrequently used in present-day colloquial BP; they are typical of higher register). The main difference between this paradigm and earlier stages of BP, written prescriptive BP, and EP is that second-person singular and plural markings (*-s* for singular and *-is* for plural), as well as first-person plural (*-mos*), are standard in those varieties.⁴ The impoverishment in verbal morphology of present-day BP is well reported in the literature (see DUARTE, 1995; KATO, 1999; KATO; NEGRÃO, 2000, among others). However, it is rarely pointed out that there is variation in the first-person singular according to the verbal tense. Specifically, there is a unique, distinctive inflectional marking of first-person singular in the present (*falo*) and preterite (*falei*) tenses and in those ‘compound’ tenses which are built using the present and preterite tenses of the auxiliary verbs “ter” and “ir” (*tenho falado* and *vou falar*, for example); all other tenses are not exclusively marked for first-person singular, as in, for example, the imperfect (*falava*), the conditional (*falaria*), the periphrastic conditional (*ia falar*), in the indicative; and in the present (*fale*), the future (*falará*) and the imperfect (*falasse*), in the subjunctive; as well as in all the remaining compound forms with the auxiliary *ter* “have” (*tinha falado*, etc). In this light, we distinguish two Tense Types: those in which there is a distinctive inflectional form between first and third person will be called ‘exclusive’ (i.e., non-syncretic); those in which there is no formal distinction will be called ‘ambiguous’ (i.e., syncretic).

Null subjects in current spoken BP combine with any of the verb forms in Table 1 above, although they are becoming rare in certain discourse persons. Kato (1999), for instance, has pointed out that the first and second persons and the referential third are almost never null. Many other researchers have reported, however, that the change in BP has not equally affected each discourse person. This was first pointed out by Negrão (1990), a study based on an oral corpus collected in a public school in São Paulo. Similarly, based on a study of popular written plays, Duarte (1993, 1995, 2000), shows an asymmetry across discourse persons over the period in which BP has become different from EP. Duarte’s hypothesis is that the impoverishment of the inflectional paradigm, shown in Table 1, along with the deactivation of the “Avoid Pronoun Principle” [APP], caused an increase in the number of overt subjects from 20% in the second quarter of the XIXth century to 74% in the 90s.⁵ However, she points out that the increase in the number of overt pronominal subjects is far more drastic in the first and second person than in the third person, as summarized in Figure 1 below.

⁴ The forms in earlier stages of BP shown in Table 2 mostly overlap with EP and prescriptive written BP. It is sufficient to know that, despite a few exceptions (due to syncretic forms), there exists one exclusive marking for each person and number.

⁵ The Avoid Pronoun Principle is a principle according to which pronouns should not be used whenever they are not required (Chomsky 1981).

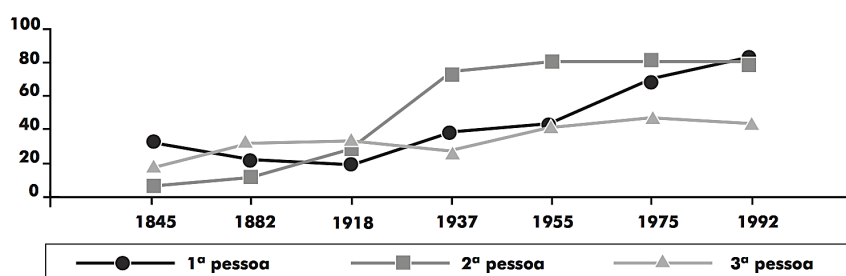


Figure 1: Percentage of Overt Subjects according to Discourse Person

Source: Duarte (2015, p. 97)

As Jeffrey Runner (p.c.) has pointed out, it is clear that the use of overt subjects with the second person increased precipitously after 1918. This coincides with the decrease (and virtual disappearance) of specific inflectional morphological marking in verbs in the second discourse persons. However, the increase in the relative number of first-person overt subjects, which clearly occurred from 1955 on, cannot be linked to impoverishment, since the first-person singular has maintained the same inflection patterns, as shown in Tables 1 and 2.

Duarte (1995, p. 48) explicitly notes that the impoverishment in the inflectional paradigm does not produce gradual and uniform effects across each discourse person. She suggests that the imbalance observed may be a trace of the previous status of BP as a pro-drop language resisting the deactivation of the APP, but she does not propose a more specific explanation. Any attempt to base such an explanation on redundancy (i.e., the idea that there is a preference for avoiding redundancy, so that subject pronouns are avoided as long as they are redundant with inflectional markings, see, e.g., Fernandez-Soriano, 1989) runs into problems. It cannot account for the change affecting the first person, as there is no corresponding decrease in redundancy of inflectional marking since the inflectional marking has not changed over time. The purpose of this paper is to see to what extent further corpus research and psycholinguistic experimentation might shed some light on the question.

3 NULL SUBJECTS AND IMBALANCED DISTRIBUTION IN GENERATIVE GRAMMAR

The idea of the so-called pro-drop parameter was originally introduced into the Generative tradition by Perlmutter (1971), based on null subject languages like Spanish, Italian, Serbo-Croatian, etc. The distinction between pro-drop and non-pro-drop languages was, at least for some languages and some approaches, claimed to be a difference as to how the subject position is filled: a pronoun in subject position, which is either deleted or unpronounced in null-subject languages, or obligatorily pronounced in non-pro-drop languages (see, e.g., CHOMSKY 1981). The generalization about the impoverishment of the agreement paradigm and the absence of null subjects initially appeared robust across many languages (see ROBERTS; HOLMBERG, 2010; ROBERTS, 2016; for overviews).

As early as the 80s, the correlation between rich agreement morphology and the pro-drop parameter was called into question (see GILLIGAN 1987, for an overview of this discussion in the 80s). Basically, the existence of languages in which co-referential null subjects are permitted with verbs whose agreement morphology is completely absent, such as Japanese, Mandarin and Thai, challenges the parametric co-occurrence of rich verbal morphology and null co-referential subjects. The concept of 'impoverishment' has been reformulated a number of times in terms of richness of agreement morphology (RIZZI, 1982), morphological uniformity (JAEGGLI; SAFIR, 1989), undistinctive morphology (ROHRBACHER, 1994) and syncretism (RIZZI, 2002). However, mixed systems, such as that of BP, always create a problem for such approaches and certainly counting and comparing the number of ambiguous forms across languages, as proposed in some of them, does not provide a reasonable account for the observed data.

BP has played a major role in this discussion since the 1980s, when Tarallo (1983) claimed that it was undergoing a change in the pro-drop parameter. During the 1980s and 1990s, much research further contributed to this claim, suggesting that BP is a “live sample” of parametric change or a “partial pro-drop language”.

In general, the crucial motivation for the change of BP toward non-pro-drop status has been claimed to be the impoverishment of verbal inflectional morphology, as described in Section 2. Recent literature proposes two possible explanations as to how this impoverishment has affected the possibility of having a null subject in BP: (i) because it is no longer distinctive and strong, the inflectional marking does not have the proper features to license the null pronoun in subject position (HOLMBERG *et al.*, 2009); (ii) differently from standard pro-drop languages, in which the inflectional marking is the subject and satisfies the syntactic requirements of the sentence, the inflectional marking in BP is no longer sufficient to check the features of subject position, such as the EPP feature, and an overt pronoun is obligatory to fill the position and check the relevant features (KATO, 1999; BARBOSA *et al.*, 2005).⁶ Assuming either position suppose that these requirements apply across the board. That is, one would not expect that any specific tense or any person is more likely to be expressed with overt pronouns than any. Among the various positions in the literature trying to explain the change, none really allow to understand why there is an imbalance across persons.

4 ANAPHORA RESOLUTION AND NULL SUBJECTS

In the literature on anaphora resolution, it is generally assumed that there is a reverse mapping principle between antecedent accessibility (or salience) and anaphor explicitness that guides resolution: more accessible (salient) antecedents are retrieved by less complex and less informative anaphoric forms (ARIEL, 1990, 1994, 2001; GUNDEL *et al.*, 1993; GROSZ; SNIDER, 1986; ALMOR, 1996, 1999; among many others).⁷ Earlier functional approaches observed that in English, for example, an unstressed personal pronoun is more likely to refer to the referent of the object of the preceding sentence than to the referent of a complement within that object, for which a full NP is preferred, as shown in (3).

- (2) I bought a computer with an external battery,
 (a) but it/#the computer was stolen. [it = the computer]
 (b) but the battery/#it was stolen. [it = the battery]

In her particularly influential 1990 book, Ariel proposes a detailed relationship between the complexity/explicitness of the referential form and the accessibility of the antecedent, which she calls the Accessibility Marking Scale (ARIEL, 1990, p. 73). The scale was further elaborated by Arnold (1998, p. 19), whose version is given in Figure 2.

As shown in Figure 2, the Scale of Accessibility provides an account for the preferences noted in (3): the intuitively most accessible referent in (3), the computer, is preferably retrieved by an unstressed, lower ranked pronoun in continuation (3a); in continuation (3b), a less accessible antecedent, the battery, is preferably recovered by a short definite description, which is higher in the hierarchy as it is more explicit and complex.

For the BP facts under investigation here, the four lowest levels are relevant. Basically, Ariel (1990) states that null pronouns are less complex and explicit than overt pronouns so that they have a very strong bias toward the most accessible antecedents.

⁶ The EPP feature is the Minimalist Program version of Chomsky (1981)'s Extended Projection Principle, according to which every sentence must have a subject.

⁷ For the purposes of the present paper, we do not need to distinguish between the various definitions of accessibility and salience that have been proposed in the literature mentioned above, as they all share the common relevant idea that less specified forms are used to refer to more accessible / more salient antecedents.

	Marking Scale	Examples
L o w	Full name + modifier	Joan Smith, the president
	Full ('namy') name	Joan Smith
	Long definite description	The tall and authoritative president
	Short definite description	The president
	Last name	Smith
	First name	Joan
	Distal demonstrative + modifier	that hat we bought last year
	Proximal demonstrative + modifier	this hat we bought last year
	Distal demonstrative + NP	that hat
	Proximate demonstrative + NP	this hat
H i g h	Distal demonstrative	that
	Proximate demonstrative	this
	Stressed pronoun + gesture	SHE (plus gesture)
	Stressed pronoun	SHE
	Unstressed pronoun	she
	Cliticized pronoun	(no examples in English)
	Extremely High Accessibility Markers	gaps, including pro, PRO and <i>wh</i> -traces, reflexives, and Agreement

Figure 2: Ariel (1990)'s Scale of Accessibility as revised by Arnold (1998)

Source: Arnold (1998, p. 19)

5 REASSESSING THE CORPUS DATA

In this section, the results of a reanalysis of a corpus of oral interviews (NURC-RJ) are reported. This corpus was previously analyzed by Duarte (1995). The new analysis was carried out for two main reasons: (i) from a data perspective, some of the criteria used to exclude certain data were too restrictive, such as the fact that no “contrastive” subjects were taken into consideration; and (ii), from a technical perspective, thanks to new analytical toolkits, such as new statistical packages, relevant factors and correlations might be discovered that could not have been discovered at the time (see, for instance, GRIES, 2015, for a critical point of view on previous corpus studies without inferential statistical analysis and for arguments in favor of using (generalized) linear mixed models in this sort of analysis). Nine interviews carried out in the 70s and nine interviews from the 90s were analyzed. Overall 8032 inflected clauses were gathered. We included the cases in which the subject was either co-referential or generic (following DUARTE, 1995, cf. p. 36) but also the cases of categorical null subjects (e.g., affirmative answers and fixed expressions) and categorical overt subjects (e.g., contrastive subjects, pronouns with numerals, such as *nos duas* ‘the two of us’, etc.), which Duarte excluded. Null expletive and presentational third-person subjects were excluded, in line with Duarte.

5.1 METHODOLOGICAL CONSIDERATIONS

The corpus research presented here was carried out using the following procedure in order to guarantee unbiased results. First, eighteen texts were selected from the NURC-RJ corpus. The criterion used to select these texts was the availability of the audio file, so that in dubious cases the primary source of the data would be available for verification (about 0.5% of the data was in fact verified). The second step was automatically annotating the transcriptions (also available on the NURC-RJ website). The automatic parser

VISL-Portuguese was used to fully annotate the eighteen texts.⁸ The sentences with null subjects were manually collected⁹. Afterwards, the sentences with full pronominal forms were collected through searches on each form (*eu, tu/você*, etc). These data were descriptively analyzed in qualitative and quantitative terms. Finally, an inferential analysis was carried out using logistic regressions with the *glmer* function of the *LanguageR* package in R, applying the logit linking function with Laplace approximations¹⁰.

The analysis started by splitting the cases according to the standard classification by discourse person of the subject. This was followed by a classification of the verbal inflection according to its Tense Type, taking into consideration only the agreement markers which are explicitly marked in present-day BP (cf. Table1 above)¹¹.

5.2 RESULTS

The results found in the present study are generally compatible with those found in the previous literature (e.g., NEGRÃO, 1990; DUARTE, 1995). The crucial case for evaluating the effects of the impoverishment of verbal morphology on the choice between overt and null subjects in present-day BP is the first-person singular inflectional marking system. Contrary to second-person markers, which systematically converge with the third person, leading to the precipitous increase in the number of overt subjects discussed for Figure 1 above, first-person subjects differ according to Tense Type, as shown in Table 1. Some tenses have an exclusive marking for first-person singular, others are ambiguous. If verbal inflectional marking is a significant factor in the choice between an overt or a null subject, the Tense Type of the verb should be a significant factor in the choice of null vs. overt subjects for the first-person singular. But it should not interact with the third discourse person singular and plural, since the forms for these are systematically ambiguous with those of the second discourse singular and plural, irrespective of the Tense Type of the verb. The results obtained in this study partially support this prediction, as shown in Figure 3 below.

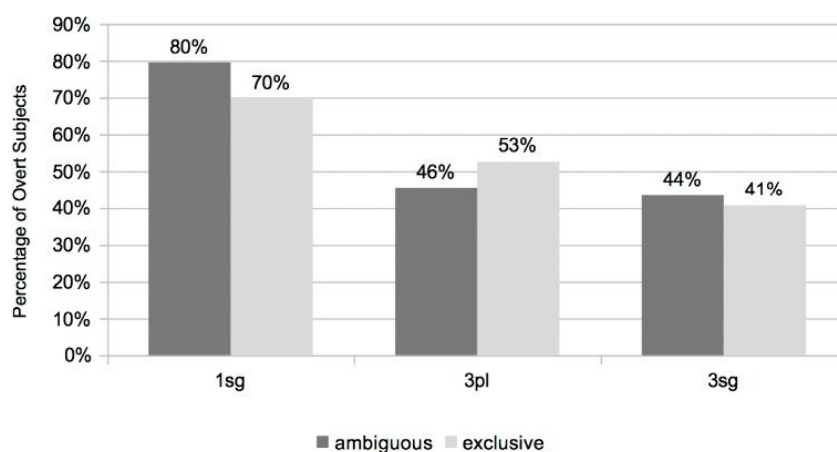


Figure 3: Percentage Overt Subjects according to Overt Inflectional Marking

Source: Soares (2017, p. 50)

⁸ More precise information about the annotation tool is available on the website of the project: <http://visl.sdu.dk/visl/about/>. This tool is part of the project *Floresta Sintá(c)tica* ("Syntactic Treebank"), a collaboration between Linguatca and the VISL project. It contains texts in Portuguese (from Brazil and Portugal) annotated (analyzed) automatically by the parser PALAVRAS (BICK 2000) and reviewed by linguists.

⁹ The first author of this paper collected the clauses with null subjects. Each clause was further sorted according to twelve independent criteria (only two of which are reported in this paper). This means that each case was examined twelve times (guaranteeing the quality of the data).

¹⁰ The models included the interviewed speaker as a random factor, as suggested by Gries (2015). See also Baayen *et al.* (2008), Bates and Maechler (2009), Bates *et al.* (2015) for details.

¹¹ Due to an oversight, incidentally lexically ambiguous past verb forms from verb classes where they are not usually ambiguous (such as *soube* "know.PST.1SG/3SG", *disse* "say.PST.1SG/3SG", *quis* "want.PST.1SG/3SG" and *trouxe* "take.PST.1SG/3SG"), were not classified in the ambiguous verb tense group as they should have been. We did not take the trouble to correct this as such occurrences add up to only a very small number of cases (less than .1% of the data).

In order to correctly interpret Figure 3, it should be noted that 1sg, 3pl and 3sg denote discourse persons (not inflectional markings). Ambiguous vs. exclusive marking distinguishes those Tense Types in which the inflectional marking is the same (ambiguous) or different (exclusive) for the first singular and third singular discourse persons. This same distinction is applied for all three discourse persons reported here although exclusive marking only concerns 1sg. It is important to keep in mind, however, that 3sg person marking is always ambiguous between at least the second and third discourse persons. Also, for 3pl, there is no possible ambiguity with the 1st person. Exclusive vs. ambiguous refers to the distinction between Tense Types that is relevant to the 1sg and 3sg.

The number of first-person singular overt subjects is overall higher than the third-person singular and plural. Ambiguous (syncretic) marking seems to have a small influence on the overall number of overt pronouns: across condition, about 5% more subjects were overt in ambiguous verbal Tense Types than in exclusive verbal Tense Types. Noticeably, the effect of the ambiguous Tense Types is not uniform across inflectional markings:

First-person singular subjects were more frequently overt when followed by a verb in an ambiguously marked Tense Type than when followed by a verb in a non-ambiguously marked Tense Type. This 10% difference suggests that the ambiguously marked Tense Types favors the use of overt subjects in the first-person singular, although it does not transparently affect the third persons in the same way. For third person, the effect is inverted in 3pl and is numerically weaker for 3sg.

A logistic regression model with Discourse Person (1sg, 3sg, 3pl) and Verbal Tense Type (ambiguous, exclusive) as fixed Factors indicates that the person marking contributes in a significant way to the choice between overt and null subjects (first-person singular vs. third-person plural: β : -2.055 SE: 0.30 z-value: -6.850 and p-value: 7.38e-12; first person singular vs. third-person singular: β : -2.265 SE: 0.186 z-value: -12.180 p-value: < 2e-16). We also found a significant main effect of the factor Verb Tense Type (β : -0.648 SE: 0.149 z-value: -4.349 p-value: 1.37e-05) with fewer overt pronouns for exclusively marked tenses. A significant interaction was established between Verb Tense Type and Discourse Person, presumably because Verb Tense Type showed an inverse pattern for third-person plural as regards the Tense Type (more overt subjects in exclusively marked verbal tenses) compared to first and third-person singular (β : 0.613 SE: 0.195 z-score: 3.146 and p-value: 0.00165). Finally, the intercept term, which was the first-person singular in ambiguously marked tenses, was significant (β : 2.662 SD: 0.216 z-value: 12.327 p-value: < 2e-16), showing a preference for the use of overt subjects.

5.4 DISCUSSION

An effect of inflectional marking was found: when the first-person singular is used in a Tense Type that does not exclusively reveal the discourse person of the subject, the overt form is preferred to the null form. The combination of first-person singular together with an ambiguous Tense Type is statistically significant. Importantly, overt subjects were more frequent for first-person singular in ambiguous Tense Types (as predicted by an impoverished morphology hypothesis) but also were they for exclusive Tense Types. In this, the corpus findings suggest that impoverishment has led to a bias in favor of maximal informativeness in present-day BP. The effect of Verb Tense Type on third persons did not show a clearly interpretable pattern with respect to the impoverishment hypothesis¹².

6 EXPERIMENTAL EVIDENCE

Given the results obtained in the corpus research, two experiments were carried out in order to test whether ambiguous markings influence the acceptability of null and overt subjects in a more controlled environment. In Experiment 1, exclusive vs. ambiguous verbal marking was tested by varying the tense of a subordinate clause verb whose subject was always first-person singular. The results of the first experiment suggested that one aspect of the design, the presence of competing animate antecedents, might have

¹² The apparently contradictory effect for third persons can in fact be explained away in a broader context, though it is beyond the scope of this paper to do so. See Soares (2017, chap. 1).

been relevant. This led us to run a second experiment where materials were designed to rule out any effects of competition. The results of the experiments partially confirm the predictions made from the corpus analysis but suggest that the crucial factor is ambiguity of reference, rather than ambiguity of marking *per se*.

6.1 EXPERIMENT 1: EXCLUSIVE VS AMBIGUOUS MARKING

The purpose of Experiment 1 was to adjudicate between the predictions made by classical generative accounts and the findings of the corpus investigation, by checking whether the choice between ambiguous and exclusive Tense Types does or does not have an effect on the acceptability of null and overt subjects. Specifically, the corpus study would lead us to expect an interaction, with null subjects being more acceptable with exclusive Tense Type and overt subjects being more acceptable ambiguous Tense Type. By contrast, the classical generative accounts lead us to expect the acceptability of overt subjects to be higher across the board, irrespective of Tense Type, as redundancy is not assumed to continue to have an effect when the system becomes impoverished.

6.1.1 Material design

The purpose of this experiment was to investigate whether the preference for a null or an overt 1st person singular subject pronoun is influenced by inflectional marking on the verb, specifically by whether the Tense Type is ambiguous or exclusive. The materials were thus constructed on the basis of two binary factors, namely the status of the subject, which can be null or overt, and the status of the Tense Type, which can involve exclusive or ambiguous marking:

- (i) Tense Type: exclusive vs. ambiguous
- (ii) Subject: null or overt

This led to the four conditions illustrated in the following segments:

- (a) exclusive+null: Eu divulguei ('I published.1SgPst')
- (b) exclusive+overt: Divulguei ('published.1SgPst')
- (c) ambiguous+null: Eu ia divulgar ('I was.going.1/3SgImpft to.publish')
- (d) ambiguous+overt: Ia divulgar ('was.going.1/3SgImpft to.publish')

Each experimental item took the form a short dialogue. Speaker A's turn provides a context making the relevant experimental sentence, uttered by Speaker B, sound as natural as possible. This context was composed of two sentences: an introductory sentence followed by a second sentence with an indirect temporal interrogative introduced by *quando* 'when', asking when an event took place. Speaker B's answer to that question displayed the four conditions in a temporal adjunct subordinate clause, also introduced by *quando*, as in (3) below:

(3) **Context:**

A – A Maria estava muito nervosa. Você sabe quando ela ficou mais calma?

"Mary was very nervous. Do you know when she's got calmer?"

Conditions (a) and (b)

B – Eu_i tranquilizei a Maria quando eu_i/__i divulguei os resultados do exame.
I calm.down.PST.1SG the Maria when I publish.PST.1SG the results of.the exam.

"I calmed Mary down when I published the results of the exam."

Conditions (c) and (d)

B – Eu_i tranquilizei a Maria quando eu_i/__i ia divulgar os resultados do exame.

I calm.down.PST.1SG the Maria when I was.going.to publish.INF the results of.the exam.

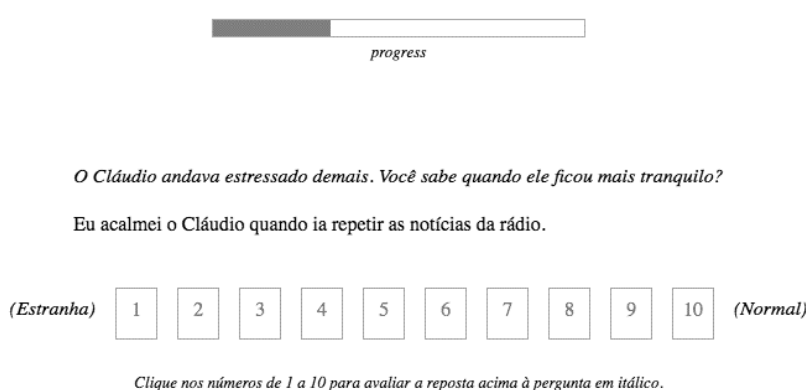
"I calmed Mary down when I was going to publish the results of the exam."

Twenty-four items of this type were created for this experiment, based on a previous experiment carried out for different purposes (FERNANDES *et al.*, 2018)¹³.

6.1.2 Procedure

Participants read the sequence of two turns. They were asked to judge the acceptability of the answer in the context provided on a Likert scale from 1 to 10, cf. Figure 4 for a typical stimulus.¹⁴ They were told to use the full scale according to how natural (“Normal”) or strange (“Estranha”) the answer seemed in the context of the question. After judging acceptability, the participants were asked about the interpretation of the relevant subject – null or overt – in a closed yes-no question task, cf. Figure 5.

Figure 4: Screen sample – Judgment Task



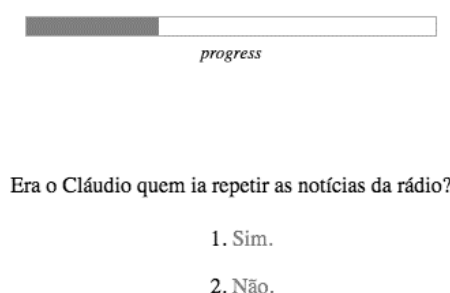
O Cláudio andava estressado demais. Você sabe quando ele ficou mais tranquilo?

Eu acalmei o Cláudio quando ia repetir as notícias da rádio.

(Estranha) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 (Normal)

Clique nos números de 1 a 10 para avaliar a resposta acima à pergunta em itálico.

Figure 5: Screen Sample – Closed Question Task



Era o Cláudio quem ia repetir as notícias da rádio?

1. Sim.

2. Não.

All participants voluntarily participated in the experiments on the IbexFarm platform ([http:// spellout.net/ibexfarm](http://spellout.net/ibexfarm), DRUMMOND, 2014). The experiment started with four practice items and took about 30 minutes to complete. The target-items were randomly interspersed with 52 distractors, in such a way as to insure that any two target-items were separated by at least two

¹³ Fernandes *et al.* (2018) showed that the specific context provided for these items is heavily biased with respect to the preferred interpretation of the empty subject of the subordinate clause in B's answer: on average, 80% of responses to an antecedent choice task were for the subject of the matrix, viz, the first-person singular in the present case. The verbs used in the subordinate clauses were explicitly chosen to not show any intrinsic implicit causality bias: outside the specific context of this experiment, all of them were ambiguous as regards their bias towards the agent or patient of the preceding clause. Other item-related properties were addressed statistically in the models reported below, taking items as a random factor.

¹⁴ A reviewer for FL asked why we chose a Likert scale ranging from 1 to 10. The scale was chosen to facilitate the task for Brazilian participants, who are accustomed to having school work graded on that scale and typically report finding it easier to use. In a cross-cultural study, Lee *et al.* 2002 show that the choice of range for Likert scales has no effect on the results of questionnaires (patterns across conditions are maintained regardless of the range of the scale), but that choosing a range that is culturally well-established can significantly decrease the difficulty of the task for participants (evidenced by a decrease in the number of skipped items and out-of-range responses).

distractors. Each participant was presented with a single condition of each experimental item using a Latin-square design crossing participants and items. Among the items, four perfectly acceptable control sentences were inserted. Four control sentences that violate strong grammatical or pragmatic constraints were inserted at the end of the experiment in order to insure that participants were attentive until the end and to avoid ceiling effects for the experimental items.

6.1.3 Participants

Twenty-seven participants took part in this experiment, all of them highly educated (minimally under-graduate students) living in the southern region of Brazil (Rio Grande do Sul and Santa Catarina). They were invited to participate via email and social networks. Before starting the experiment, the paradigm was explained to the participants and they filled in a basic information form that included a declaration of informed consent. Their age averaged 38,5 years (± 7 years). In the analysis, the results of participants who either scored below 80% in the interpretation task or rated ungrammatical control sentences above eight were discarded (three participants). Only acceptability judgments for which a correct answer was given to the control question were taken into account (leading to the exclusion of four data points).

6.1.4 Empirical predictions

The empirical predictions are: (i) if the participants principally rely on verbal marking, an ambiguous Tense Type along with a null subject should be judged worse than the other three conditions; (ii) if the participants take overt subjects to be redundant with verbal exclusive marking, the overt subject should be judged worse than the other three conditions for being redundant (over-informative) with the exclusive marking; (iii) if participants principally care to minimize redundancy while avoiding ambiguity, we should expect an interaction with overt subjects being judged more acceptable with ambiguous Tense Type and null subjects judged more acceptable with exclusive Tense Type; and (iv) if the participants take the system as a whole to be impoverished and thus structurally and informatively deficient, overt subjects must be preferred across the board, but no interaction with Factor TT would be expected.

6.1.5 Results

As shown in Figure 6 below, the combination of an ambiguous Tense Type with a null Subject reduces the acceptability of the sentence (averaging 6.7) when compared to all the other conditions (ambiguous Tense Type with overt subject, mean 7.5; exclusive Tense Type with overt subject, mean 7.6; and exclusive Tense Type with null subject, mean 7.7)¹⁵

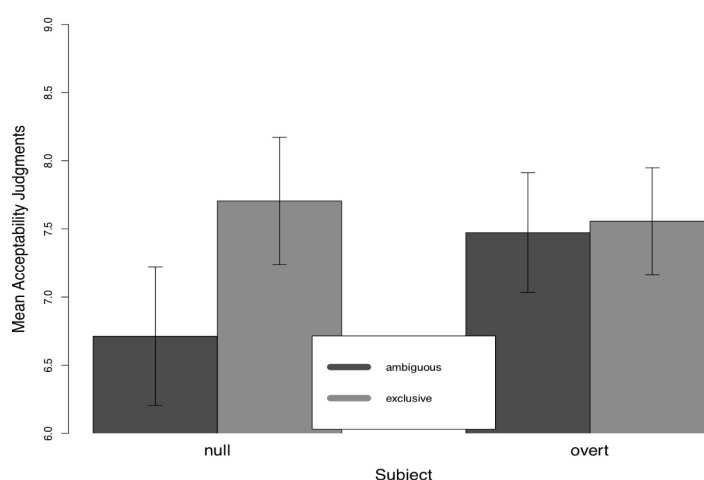


Figure 6: Experiment 1 – Mean Acceptability Judgments according to Tense Type and Subject Factors

Source: adapted from Soares (2017, p. 64)

¹⁵ In Figure 6 and all the following graphs, error bars represent 95% confidence intervals.

For the inferential statistical analysis, raw acceptability judgments were centered and re-scaled in a by-subject analysis (z-score transformation). They were entered into a log-linear mixed-effects model analysis containing two Factors (Tense Type and Subject) with two levels and random effects (Participants and Items), including random slopes (BARR *et al.*, 2013). The outcome of the model using z-scores instead of the raw data, which showed the best distribution of residuals, is summarized in Table 3 below.

Factor	Estimate	Std. Error	T-value	Pr(> t)
(Intercept)	-0.3176	0.1181	-2.690	0.01245 *
Subject	0.3435	0.1459	2.354	0.02699 *
TT	0.4692	0.1422	3.300	0.00294 **
Subject:TT	-0.3641	0.1782	-2.043	0.04548 *

Table 3: Log-linear mixed-effects model for judgments in Experiment 1 (z-score transformation)

The model shows a significant effect of the interaction and of both main Factors. These results show that null subjects with ambiguous TTs are significantly less acceptable than other conditions.

6.1.6 Discussion

The results of Experiment 1 confirm the results of the corpus analysis in one sense: BP speakers tend to dislike the ambiguity generated by an ambiguous verbal marking preceded by a null subject. This claim is supported by the higher number of overt subjects found in the corpus in the 1st person singular in the ambiguous Tense Type and by the drop in acceptability in Experiment 1 when the verb was neither exclusively marked nor preceded by an overt subject. It appears that BP speakers have no dispreference for redundant marking but that ambiguity is clearly dispreferred. These results thus suggest that BP speakers have paradigmatic knowledge that the ambiguously marked construction with a null subject is not optimal for comprehension and that the most informative and efficient form, in this case, is the overt subject. However, the particularly low acceptability of null subjects with ambiguous verb forms may have another reason. All our target items had two animate referents, which were potential antecedents of the null subject. Although participants interpreted the items as intended in the items we included in our data set, this ambiguity may have resulted in reduced acceptability. We ran a second experiment to shed light on this possibility.

6.2 Experiment 2 — The relevance of Verbal Marking without competing antecedents

Taking into consideration the results obtained in Experiment 1 and the observations from the corpus, Experiment 2 is a follow-up study with slightly different materials. Instead of having two potential antecedents for the null and overt subjects, items were set up with inanimate direct objects in the main clause, so that only the subject of the main clause could be reasonably interpreted as the antecedent of the subject in the temporal subordinate clause. With this set-up, it is expected that no effect of competition could show up so that only the effect of the verbal paradigm and the use of null or overt subjects is at stake. The same two experimental Factors were tested. The hypotheses about the interaction between Tense Type and null and overt subjects were the same.

6.2.1 Materials

Twenty-four items were created based on those of Experiment 1. The same context sentences were provided. After this context sentence, a temporal question introduces the answers in (3), which display the four experimental conditions. As in Experiment 1, the verb was either preceded by a null or overt subject (Factor Subject) and the verbs were in a tense that either was exclusive for the first-person singular or ambiguous between first and third-person singular (Factor Tense Type). The only difference between Experiment 1 and 2 is that in the latter direct objects were always inanimate, and thus were implausible candidates as antecedents for the subjects in the temporal clause. After judging the short dialogue composed of these two turns, participants answered an interpretation task, identical to that in Experiment 1.

(3) **Context:**

A – A Maria estava muito nervosa. Você sabe quando ela ficou mais calma?

“Mary was very nervous. Do you know when she’s got calmer?”

Conditions (a) and (b)

B – Eu₁ resolvi o problema quando eu₁/__₁ divulguei os resultados do exame.

I solve.PST.1SG the problem when I publish.PST.1SG the results of.the exam.

“I solved the problem when I published the results of the exam.”

Conditions (c) and (d)

B – Eu₁ resolvi o problema quando eu₁/__₁ ia divulgar os resultados do exame.

I solve.PST.1SG the problem when I was.going. to publish.INF the results of.the exam.

“I solved the problem when I was going to publish the results of the exam.”

6.3.2 Participants and methods

Twenty-four subjects, different from those in Experiment 1, took part in this experiment. They were on average 37.1 years old (± 7 years). In the analysis, two participants were discarded because they scored the ungrammatical control sentences above 8. Otherwise, the procedure was the same as in the previous experiment.

6.3.3. Empirical predictions

These are the same as in Experiment 1, see section 6.1.4 above.

6.3.3 Results

The only relevant significant effect was an overall dispreference for overt pronouns.¹⁶ The interaction between the two factors was not significant. (Numerical means for the conditions were as follows: ambiguous Tense Type and null subject: 7.2; ambiguous Tense Type and overt subject: 6.7; exclusive Tense Type and null subject: 7.6; exclusive Tense Type and overt subject: 7.4.)

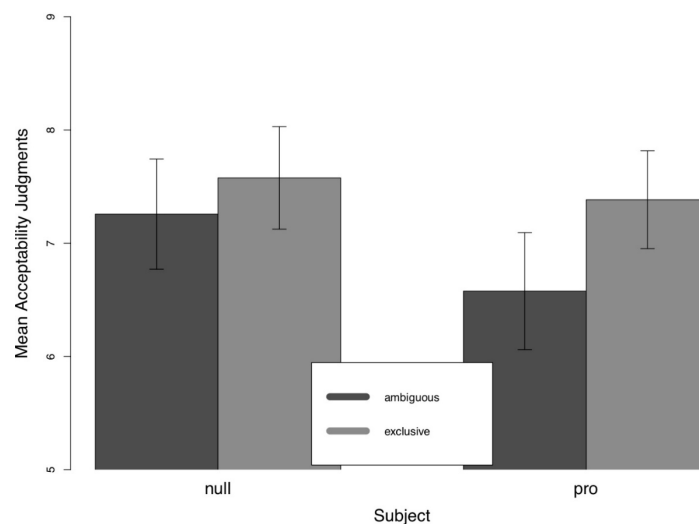


Figure 7: Experiment 2 – Mean Acceptability Judgments according to Tense Type and Subject Factors

¹⁶ There is also an overall dispreference for the ambiguous Tense Type, but this is clearly an orthogonal property of the materials, which were constructed with the past tense in the main clause. Thus, choosing the unambiguous Tense Type in the subordinate clause leads to maintaining the same tense (past) in both clauses, whereas choosing the ambiguous Tense Type leads to switching from past in the main clause to the periphrastic conditional or a compound form with the verb *ter* “have” in the subordinate clause, which is clearly dispreferred.

As for the inferential statistical analysis, as in Experiment 1, the z-score transformed judgments were entered in a linear mixed-effects model. The main Factors were Subject and Tense Type, and the random Factors were Participants and Items, including random slopes. The maximal model is summarized in Table 5 below.

Factor	Estimate	Std. Error	T-value	Pr(> t)
(Intercept)	0.00341	0.09956	0.034	0.9728
Subject	-0.24239	0.10856	-2.233	0.0260 *
TT	0.20679	0.11021	1.876	0.0611 .
Subject:TT	0.06613	0.15436	0.428	0.6685

Table 4: Log-linear mixed-effects model for Judgments in Experiment 2 (z-score transformation)

As can be seen in Table 4, the main Factor Subject is significant and the main Factor TT is marginally significant. Crucially, the interaction between the main Factors does not reach significance.

6.3.4 Discussion

The results of Experiment 2 show a main effect of the Factor Subject, but it is not modulated by the Factor Tense Type: in contexts where there is only one possible antecedent for an anaphoric subject, null pronouns are preferred, regardless of verbal inflection. As was the case for Experiment 1, these results argue against the idea that avoiding redundancy and referential ambiguity is the central explanatory factor, since this would predict an interaction (null would be expected to be more acceptable with exclusive Tense Type and overt would be expected to be more acceptable with ambiguous Tense Type). Note that we find a general preference for null pronouns here, a result that is not predicted at all if Brazilian speakers take the whole system as impoverished. Such impoverishment would have predicted a preference for overt pronouns. What we see here is that in a situation where the subject antecedent is highly accessible, the null pronoun is preferred. It thus seems that accessibility is a better predictor of the choice between overt and null pronouns than any prediction that can be made on the basis of the verbal markings as such.

The results of this experiment also suggest a somewhat different explanation for the effect of ambiguous Tense Type (namely, an increase in overt subjects) found both in the corpus research and in Experiment 1. Specifically, we suggest that it is a by-product of the presence of competing potential antecedents for the anaphoric subject. This might be a topic for future experimental research¹⁷.

7 GENERAL DISCUSSION

Since the 80s, the relation between the impoverishment of verbal morphology and the availability of referential null subjects in a given language has been observed and often assumed to be quite direct (TARALDSEN, 1980; CHOMSKY, 1981; RIZZI 1980, 1982, 1986; ROHRBACHER, 1994; *inter alia*). BP has been considered a key piece of evidence to support such claims (DUARTE, 1993, 1995, 2000, among many others).

In this paper, further corpus and experimental evidence that challenges the correlation between the impoverishment of verbal morphology and the use of null subjects in BP has been presented. An effect of verbal inflection is observed: when first-person singular verbs are ambiguous (syncretic), there is a decrease in the relative number of null subjects in corpora and a parallel decrease in the acceptability of the sentences without overt subjects in Experiment 1. However, as shown by Experiment 2, this effect seems to be a by-product of the competition between potential antecedents for the null subject in contexts where the verb is ambiguous between first and third persons.

¹⁷ Though it might be tempting to consider analyzing the corpus data in terms of the competition between potential antecedents, this turns out to be a methodologically highly complex problem, since it requires access to the background assumptions of the speakers, which are not available. Experiments on the other hand, allow full control of these factors.

In the Generative frameworks assumed by previous literature, these results might be approached in two different ways: (i) the first-person singular exclusive agreement marker is a trace of the previous organization of the BP system and, for this reason, the higher number and the higher acceptability of null subjects with these verbal markings are also a trace of the previous system (DUARTE, 1993, 1995, 2000); or (ii) in the current system of BP, not all null subjects are the same (NEGRÃO; MÜLLER, 1996; FIGUEIREDO-SILVA, 2000; HOLMBERG *et al.*, 2009), and specific verbal inflections can license the null subject (BARBOSA, 2011; NUNES, 2015).

This paper does not aim to analyze the research based on assumption (i) in detail. It seems that Duarte (1995) is right about the deactivation of the APP in BP (to the extent that it ever was active). As mentioned before, the results of the experiments suggest that redundancy in the expression of first-person singular subjects is not dispreferred as such by BP speakers.

On the other hand, the authors who assume (ii) usually claim that the distribution of third-person null subjects depends on whether they are analyzed as, e.g., pronominal anaphors (BARBOSA *et al.*, 2005), bound variables (NEGRÃO; MÜLLER, 1996), silent variables (MODESTO, 2000, 2008a,b) or even traces of movement (FERREIRA, 2004), but none of them has considered the effect of the first-person exclusive vs. ambiguous agreement on the choice between overt and null subjects. Of course, this effect does not constitute an obvious counter-example for these theories, yet there is no obvious way to account for it within their systems.

There are two authors who might possibly offer an account based on (ii) for the facts observed in the present paper. The first possible explanation based on (ii) is Barbosa (2011), building on Modesto (2008a,b) and Holmberg *et al.* (2009). Her account is based on the fact that null subjects are minimally specified NPs (much like a bare noun), whose definite reading must be triggered compositionally by checking a D-feature. Mentioning data from Hebrew and Russian (languages that also have exclusive inflectional markings for some tenses but not for others), she suggests that a type-shifting operation takes place when the D-feature is checked. In a brief outline of future work, she cites Ritter (1995), who proposed that verbal agreement in Hebrew has a D feature only in Past and Futures tenses, and Shlonsky (2009), who claims that first and second-person agreement morphemes in Hebrew are incorporated subject clitics while third-person agreement enters an underspecified person slot. Such proposals seem, *mutatis mutandis*, to provide a possible account for the data on different verbal markings but not for the effect of competitors. Moreover, following Barbosa's reasoning, type-shifting in BP, which is assumed to be necessary to get the null subject, is triggered by movement to a topic position rather than by the specific tense-agreement combinations found to be relevant in the corpus study and experiments. Furthermore, in the corpus data, the effect of Tense Type is not limited to topic pronouns. The second possible explanation is the approach proposed by Nunes (2015). He suggests that the basic value for person in BP is the value default (i.e. what is usually thought of as inflectional third person, corresponding the third and second discourse persons), whereas first-person singular is more complex. In the exclusive forms, it has a complete set of Φ -features [P:1,N:SG] in the T[ense] head, while in ambiguous forms, it has an incomplete set of Φ -features [N:SG].¹⁸ One might attempt to correlate this difference with a preference for null or overt subjects with each set of Φ -features. This would make them avoid first-person singular overt subjects with exclusively marked verbs. But, this is not what was found in Experiment 1, in which a preference for overt subjects with non-syncretic forms was found and, especially, this proposal cannot account for the preference for null subjects regardless of Tense Type evidenced in Experiment 2.

Based on Gilligan (1987) and the evident typological discrepancies across languages, Newmeyer (2004, 2005) claims that the parametric correlation between the richness of agreement morphology and the null realization of subjects (among other parametric correlations) cannot be sustained. Roberts and Holmberg (2010) agree with some of the observations made by Newmeyer (2004, 2005) but simply suggest that the data is rather inconclusive. In an attempt to integrate these various divergent patterns into the framework of the parametric theory, Biberauer *et al.* (2010), Roberts and Holmberg (2010) posit a more complex notion of pro-drop, according to which languages are assumed to be distributed into several subgroups. The notion of "partial" pro-drop emerges from this proposal: Finnish, Russian and BP are hypothesized to be "partial" pro-drop languages. However, if this is the defining feature of a "partial" pro-drop language, BP may not be required to fall under this classification, since the morphosyntactic constraints proposed in the literature are better explained in terms of general anaphora resolution constraints on the interpretation

¹⁸ Nunes (2015)'s proposal is in a way more complex because it aims at accounting for hyperraising facts in some specific dialects of Brazilian Portuguese. According to him, at least some speakers (including himself) have a full set of Φ -features for exclusive forms while others do not. Our interpretation of his proposal might offer some insights into the interpretation of our findings in the corpus but not for the experimental data. The facts about hyperraising are far beyond the scope of this paper (see more details in NUNES, 2015).

of anaphoric subjects. These claims fit in well with what is proposed by Newmeyer (2004, 2005, 2006), according to whom the parsing-based theory of Hawkins (2004, 2014) accounts neatly for many of the generalizations that, in the past, had been attributed to differences in parameter settings: “[M]any patterns of interaction, even in grammars, can be explained when viewed from an efficiency and ease of processing perspective” (HAWKINS, 2014, p. 202). It is not the main aim of this paper to discuss the plausibility and the coverage of the theory of parameters. However, it is clear that the data presented here provide challenging evidence.

The data at stake here can be accounted for in terms of a general theory of anaphora resolution. It is necessary, however, to stress two points of this theory, one concerning the levels of complexity of null subjects in BP and the other related to the accessibility of antecedents in the experimental contexts. Let us start with the different levels in Ariel (1990)’s scale of complexity. In her scale, null anaphors and inflectional markings are not at the same level of Complexity: null subjects that are related to agreement markers, such as those of other pro-drop Romance languages, are higher on the scale (more complex and explicit) than actual “zero expressions”, such as those of pro-drop languages that lack agreement markers altogether (Mandarin Chinese, for instance) (ARNOLD, 1998; DE LA FUENTE, 2015; *inter alia*). It is assumed here that BP has a mixed system, which explicitly and exclusively marks some first persons (these are, thus, higher in Ariel 1990’s scale), while the other null subjects are, as in Chinese Mandarin, real “zero expressions”. This explains the effect of exclusive marking found in the present paper in both Experiment 1a and in the corpus data. As for the Accessibility of the antecedents, based on Givón (1976, 1983), Ariel (1990) points out that many factors must be taken into account when calculating their salience. Givón (1983)’s approach establishes a scale according to which the harder it is to identify the referent (because it is surprising or confusing, or involves some kind of textual discontinuity), the larger the quantity of information encoded in the anaphoric form will need to be. It partially predicts the data in Experiments 1 and 2, but further refinements are possibly necessary. It is worth noticing that Ariel (1990, 1994, 2001) incorporates this very same factor (“competition”), along with others, as a predictor in her Accessibility Scale.

Almor (1996, 1999, 2000) also incorporates these ideas (in a more complex and refined fashion) when proposing the Information Load Hypothesis [ILH]. The ILH broadly establishes that increased processing cost has to be justified by additional discourse functions. For the ILH, the cost is a product of the conceptual representation (based on the “semantic” distance between the anaphor and the representation of the antecedent) and of the anaphoric form. The discourse function is related to both identifying the referent and adding new information. The mapping process is given by a direct relation between cost and discourse function: the less specific the representation of the anaphor is with respect to the representation of the antecedent, the less costly the anaphor is to process. The acceptability of a given anaphor in a certain context is not a consequence of its formal class but rather of the relation between its cost and its discourse function. This approach makes perfect sense with respect to our experimental and corpus data. What seems to govern the distribution and interpretation of null and overt subjects is a “local specialization”: speakers try to optimize contrast taking into account not only *in presentia* elements but also the paradigmatic possible structures that are available in the language yet not used in a given context (following Baumann *et al.*, 2014; de la Fuente *et al.*, 2016; among others). Given the higher cost of the relation between the easily accessible antecedents and the overt subjects in Experiment 2, null subjects are preferred. In Experiment 1, the competition between the antecedents justifies the use of an overt subject, a costly solution, to avoid the ambiguity in the context. Recently, Almor *et al.* (2017) also show the effect of the ILH in the use of third-person anaphora in BP. Future research will be necessary to investigate up to which point the level of Complexity in the use of first-person singular overt and null subjects associated to explicitly marked verb forms is a function of the reversed mapping with the cost of identifying the referent.

REFERENCES

ALMOR, A. *Noun-phrase anaphora and focus: the informational Load Hypothesis*. 1996. Thesis (PhD in Cognitive Science) – Brown University, Los Angeles, CA, USA, 1996.

- ALMOR, A. Noun-phrase anaphora and focus: the informational Load Hypothesis. *Psychological Review*, v. 106, n. 4, p. 748–765, 1999.
- _____. Constraints and mechanisms in theories of anaphor processing. In: CROCKER, M. W.; PICKERING, M.; CLIFTON, C. (ed.). *Architectures and mechanisms for language processing*. Cambridge University Press, 2000. p. 341–354.
- ALMOR, A.; DE CARVALHO MAIA, J.; CUNHA LIMA, M.; VERNICE, M.; GELORMINI-LEZAMA, C. Language processing, acceptability, and statistical distribution: a study of null and overt subjects in Brazilian Portuguese. *Journal of Memory and Language*, v. 92, 98–113, 2017.
- ARIEL, M. *Accessing noun-phrase antecedents*. Routledge, London, UK, 1990.
- _____. Interpreting anaphoric expressions: a cognitive versus a pragmatic approach. *Journal of Linguistics*, v. 30, p. 3–42, 1994.
- _____. Accessibility theory: an overview, In: SANDERS, T.; SCHLIPEROORD, J.; SPOOREN, W. (ed.) *Text representation*, Springer Verlag, 2001. p. 29–87.
- ARNOLD, J. E. *Reference form and discourse patterns*. 1998. Thesis (PhD in Linguistics) – Stanford University, Stanford, CA, USA, 1998.
- BAAAYEN, R. H.; DAVIDSON, D. J.; BATES, D. M. Mixed-effects modeling with crossed random effects for subjects and items. *Journal of Memory and Language* 59, p. 390–412, 2008.
- BARBOSA, M. d. P. P. *Partial pro drop as Null NP Anaphora*. Ms., University of Lisbon, 2011.
- BARBOSA, M. D. P. P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. null subjects in European and Brazilian Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 11–52, 2005.
- BARR, D. J.; LEVY, R.; SCHEEPERS, C.; TILY, H. J. Random effects structure for confirmatory hypothesis testing: keep it maximal, *Journal of Memory and Language*. v. 68, n. 3, p. 255–278, 2013.
- BATES, D.; MAECHLER, M. *Lme4: linear mixed-effects models using S4 classes*, R package version 0.999375-27, 2009.
- BATES, D.; MAECHLER, M.; BOLKER, B.; WALKER, S. Fitting linear mixed-effects models using lme4, *Journal of Statistical Software*, v. 67, n. 1, 1–48, 2015.
- BAUMANN, P.; KONIECZNY, L.; HEMFORTH, B. Conversational implicatures in anaphora resolution: alternative constructions and referring expressions. In: HEMFORTH, B.; MERTINS, B.; FABRICIUS-HANSEN, C. (ed.). *Psycholinguistic Approaches to Meaning and Understanding Across Languages*, Springer Verlag, 2014. p. 197–212.

BIBERAUER, T., HOLMBERG, A., ROBERTS, I.; SHEEHAN, M. *Parametric variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge University Press, Cambridge, MA, USA, 2010.

BICK, E. *The parsing system “Palavras”: Automatic grammatical analysis of Portuguese in a constraint grammar framework*, University of Oklahoma Press, Aarhus, Denmark, 2000.

CARMINATI, M. N. *The processing of Italian subject pronouns*. 2002. Thesis (PhD in Linguistics) – University of Massachusetts, Cambridge, MA, USA, 2002.

CHOMSKY, N. *Lectures in government and binding*. Foris, Dordrecht: The Netherlands, 1981.

DE LA FUENTE, I. *Putting pronoun resolution in context: The role of syntax, semantics, and pragmatics in pronoun interpretation*. 2015. Thesis (PhD in Theoretical, Computational and Descriptive Linguistics) – University Sorbonne Paris City, Paris, France, 2015.

DE LA FUENTE, I., HEMFORTH, B., COLONNA, S.; SCHIMKE, S. The role of syntax, semantics, and pragmatics in pronoun resolution: a cross-linguistic overview, *In: HOLLER, A.; SUCKOW, K. (ed.). Empirical perspectives on anaphora resolution: information structural evidence in the race for salience*. Mouton de Gruyter, 2016. p. 11-32

DRUMMOND, A. *Ibex farm*. Online server: <http://spellout.net/ibexfarm>. 2014.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (ed.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Editora da Unicamp, Campinas, Brazil, 1993. p. 107–129.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brazil, 1995.

DUARTE, M. E. L. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. *In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (ed.). Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 17–36.*

DUARTE, M. E. L. Avanço no estudo da mudança sintática associando a teoria da variação e mudança e a teoria de Princípios e Parâmetros. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 57, n. 1, p. 85-111, 2015.

FERNANDES, E. G.; LUEGI, P.; CORREA SOARES, E.; DE LA FUENTE, I.; HEMFORTH, B. Adaptation in pronoun resolution: evidence from Brazilian and European Portuguese. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 44, n. 12, p. 1986-2008, 2018.

FERNANDEZ-SORIANO, O. Strong pronouns in null subject languages and the Avoid Pronoun Principle. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 11, p. 228–240, 1989.

FERREIRA, M. B. Hyperraising and Null Subjects in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics: Collected Papers on Romance Syntax*, v. 47, p. 57–85, 2004.

FIGUEIREDO-SILVA, M. C. Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. *In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (ed.). Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 17–36.*

- GILLIGAN, G. M. *A cross-linguistic approach to the pro-drop parameter*. 1987. PhD (PhD thesis) – University of Southern California, San Diego, CA, USA, 1987.
- GIVÓN, T. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI, C. N. (ed.). *Subject and Topic*, v. 6, Academic Press, New York, USA, 1976. p. 151-188.
- GIVÓN, T. *Topic continuity in discourse - a quantitative cross language study*. John Benjamins, Amsterdam, The Netherlands, Philadelphia, USA, 1983.
- GRIES, S. T. The most under-used statistical method in corpus linguistics: Multi-level (and mixed-effects) models. *Corpora*, v. 10, n. 1, 2015. p. 95-125.
- GUNDEL, J.; HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. Cognitive status and the form of referring expressions in discourse. *Language and Cognitive Processes*, v. 69, p. 274–307, 1993.
- HAWKINS, J. A. *Efficiency and complexity in grammars*. Oxford University Press, Oxford, UK, 2004.
- HAWKINS, J. A. *Cross-linguistic variation and efficiency*. Oxford University Press, Oxford, UK, 2014.
- HOLMBERG, A., NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish, and Marathi. *Studia Linguistica*, p. 59–97, 2009.
- JAEGGLI, O.; SAFIR, K. *The null subject parameter*. Kluwer, Dordrecht, The Netherlands, 1989.
- KATO, M. A. Strong and weak pronominals in the null subject Parameter. *Probus*, v. 11, n. 1, p. 1–37, 1999.
- KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Vervuert-Iberoamericana, Frankfurt, Germany, 2000.
- LEE, J. W.; JONES, P. S.; MINEYAMA, Y.; ZHANG, X. E. Cultural differences in responses to a likert scales. *Research in Nursing & Health*, p. 295-306, 2002.
- MODESTO, M. Null Subjects without “rich” agreement. In: M. A. KATO; E. V. NEGRÃO. (ed.). Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana. 2000. p. 147–174.
- MODESTO, M. Null Subjects in Brazilian Portuguese and Finnish: They are not derived by movement. In: DAVIES, W. D.; DUBINSKY, S. (ed.). *New horizons in the analysis of control and raising, studies in natural language and linguistic theory*. v. 71, Springer, Amsterdam, The Netherlands, 2008a. p. 231–248.
- MODESTO, M. Topic prominence and null subjects. In: BIBERAUER, T. (ed.). *The limits of syntactic variation, linguistics today*. Vol. 132, Amsterdam: John Benjamins, 2008b. p. 375–409.
- NEGRÃO, E. V. *A distribuição e a interpretação de pronomes na fala de crianças da escola pública*. Ms., University of São Paulo, São Paulo, 1990.

NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. D. P. As mudanças no sistema pronominal do português do brasil: substituição ou especialização de formas?, *DELTA*, v. 12, p. 125–152, 1996.

NEWMAYER, F. J. Against a parameter-setting approach to language variation. *Linguistic Variation Yearbook*, v. 4, p. 181–234, 2004.

_____. *Possible and probable languages: a generative perspective on linguistic typology*. Oxford University Press, Oxford, UK, 2005.

_____. *A rejoinder to 'On the role of parameters in Universal Grammar: a reply to Newmeyer's by Ian Roberts and Anders Holmberg'*. Ms., revised version, February, 2006.

NUNES, J. Subespecificação de traços-f e hiperalçamento em português brasileiro. In: FIGUEIREDO, C.; ARAÚJO, E. (org.). *Diálogos com Ribeiro: Sobre gramática e história da língua portuguesa*. Salvador: Edufba, 2015. p. 121-148.

PERLMUTTER, D. *Deep and surface structure constraints in syntax*. Holt, Reinhart and Winston, New York, NJ, 1971.

RITTER, E. On the syntactic category of pronouns and agreement. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 13, n. 3, p. 405–443. 1995.

RIZZI, L. *Wh-movement, negation and the pro-drop parameter*. Ms., Scuola Normale Superiore, Pisa, Italy, 1980.

_____. *Issues in Italian syntax*. Foris, Dordrecht: The Netherlands, 1982.

_____. Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*, v. 17, p. 501–557, 1986.

_____. *On the grammatical basis of language development: a case study*. Ms., Siena University, Siena, Italy, 2002.

ROBERTS, I. Taraldsen's Generalization and language change: two ways to lose null subjects. In: SVENONIUS, P. (ed.). *Functional structure from top to toe: the cartography of syntactic structures*. v. 9, Oxford University Press, Oxford: UK, 2014. p. 115-148.

ROBERTS, I. *The null subject parameter in the 21st century*, Ms. Downing College, University of Cambridge, Cambridge, UK, 2016.

ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction. In: BIBERAUER, T.; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; SHEEHAN, M. (ed.). Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 1–56.

ROHRBACHER, B. *The Germanic VO Languages and the Full Paradigm: A Theory of V to I Raising*. PhD thesis, University of Massachusetts, Cambridge, MA, USA, 1994.

SOARES, E. C. *Anaphors in discourse: null subjects in Brazilian Portuguese*. 2017. Thesis (PhD in Theoretical, Computational and Descriptive Linguistics)– University Sorbonne Paris City, Paris, France, 2017.

SHLONSKY, U. Hebrew as a partial null-subject language. *Studia Linguistica*, v. 63, n. 1, p. 133–157, 2009.

SIMONENKO, A.; CRABBÉ, B.; PRÉVOST, S. Taraldsen's generalization in diachrony: evidence from a diachronic corpus. In: KAPLAN, A. (ed.). *Proceedings of the 34th West Coast Conference on Formal Linguistics*, CSLI Publications, Somerville, MA, USA, 2017. p. 462–469.

TARALDSEN, K. T. *On the NIC, vacuous application and the that-trace filter*. Indiana University Linguistics Club, 1980.

TARALLO, F. *Relativization strategies in brazilian portuguese*. 1983. Thesis (PhD in Linguistics), University of Pennsylvania, 1983.

Acknowledgements

Research reported in this paper was mostly carried out while the first author was a PhD student at the University of Paris VII Denis Diderot supervised by the other two authors and Sergio Menuzzi. Over this period, this study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 (trial number: 0628/14-0). Some parts of the text first appeared in Soares (2017); the conclusions and crucial evidence (Experiment 2) presented in this paper had not been published before. The final version of the paper was written while the first author was holding a post-doc position in the Federal University of Santa Catarina in the National Program of Post-Doctorate (PNPD) of the CAPES (trial number: 88882.316438/2019-01). We are thankful to the labs where this study was developed (the CLILLAC-ARP and the LLF at University of Paris VII Denis Diderot), to the LabLing at UFSC, and to their members for their support. We are also thankful to the researchers who made comments on preliminary versions of this paper: Jeffrey Runner, Scott Schwenter, Sergio Menuzzi and Anne Abeillé, the audience in the National Meeting of the Working Group of Grammatical Theory (GT-TG – Anpoll) and two anonymous reviewers for FL. Finally, we are thankful to the participants who answered the online questionnaires.



Received in October 28, 2018. Approved in February 25, 2019.

A REALIZAÇÃO DE SUJEITOS E OBJETOS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS URUGUAIO

LA REALIZACIÓN DE SUJETOS Y OBJETOS PRONOMINALES EN PORTUGUÉS URUGUAYO

THE REALIZATION OF PRONOMINAL SUBJECTS AND OBJECTS IN URUGUAYAN PORTUGUESE

Leonor Simioni*

Universidade Federal do Pampa

RESUMO: O objetivo do trabalho é descrever a realização de sujeitos e objetos pronominais no português uruguaio (PU) a partir de um corpus de dados orais. Enquanto o português brasileiro (PB) apresenta em torno de 80% de sujeitos pronominais preenchidos, no PU há 50% de sujeitos referenciais nulos, com preferência de preenchimento para a 1ª pessoa do singular e predominância de nulos especialmente na 1ª pessoa do plural. Os objetos podem ser realizados como clíticos (incluindo a 3ª pessoa) ou como pronomes retos. A colocação dos clíticos apresenta próclise categórica aos verbos flexionados e gerúndio e ênclise com infinitivos e imperativos, além de subidas de clítico e redobro de clíticos. Objetos anafóricos podem ser retomados por nulos, clíticos ou pronomes retos, estando a retomada condicionada a traços semânticos do antecedente. Tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto, pronomes retos de 3ª pessoa ocorrem somente com referentes humanos. Os dados confirmam a existência de diferenças sintáticas significativas entre PU e PB.

PALAVRAS-CHAVE: Português uruguaio. Sujeito pronominal. Objeto pronominal.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es describir la realización de sujetos y objetos pronominales en el portugués uruguayo a partir de un corpus de datos orales. Mientras que el portugués brasileiro presenta alrededor de un 80% de sujetos pronominales expresos, en PU hay un 50% de sujetos referenciales nulos, cuya expresión es favorecida por la primera persona del singular y desfavorecida por la primera persona del plural. Los objetos pueden realizarse como clíticos (incluyendo los de tercera persona) o como pronombres sujetos. La colocación de los clíticos es siempre proclítica con verbos flexionados y gerundio, y enclítica con infinitivos e imperativos. Además, hay subida de clíticos y doblado de clíticos. Objetos anafóricos pueden ser retomados por nulos, clíticos o pronombres sujetos, dependiendo de los rasgos semánticos de los elementos antecedentes. Tanto en la posición de sujeto como en la posición de objeto, los pronombres sujetos de tercera persona ocurren únicamente con referentes humanos. Los datos confirman la existencia de importantes diferencias sintácticas entre PU y PB.

PALABRAS CLAVE: Portugués uruguayo. Sujetos pronominales. Objetos pronominales.

ABSTRACT: The aim of the paper is to describe the realization of pronominal subjects and objects in Uruguayan Portuguese (UP) in an oral corpus. While Brazilian Portuguese (BP) has around 80% of overt pronominal subjects, UP has only 50%. The 1st person singular is mostly overt, while the 1st person plural is mostly null. Objects can be clitics (including 3rd person), null or strong pronouns. Clitic placement involves clitics categorically preceding inflected and gerund verbs and following infinitives and imperatives, as well as clitic climbing and clitic doubling. Anaphoric objects can be null or resumed by clitics or strong pronouns,

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. Professora adjunta da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão. E-mail: simionileonor@gmail.com.

depending on the semantic features of the antecedent. Both in subject and object positions, strong 3rd person pronouns can occur only with human antecedents. Data confirm the existence of significant syntactic differences between UP and BP.

KEYWORDS: Uruguayan Portuguese. Pronominal subjects. Pronominal objects.

1 INTRODUÇÃO

O português uruguaio (PU), falado ao norte do Uruguai como língua materna, foi, por muito tempo, tratado como uma “mistura” entre português e espanhol, originada do contato entre essas línguas propiciado pelas condições históricas de povoamento da região, em vista da ocupação portuguesa e da fixação de muitas famílias portuguesas no território uruguaio (ELIZAINCÍN, 1979, p. 13). Ainda que a partir da segunda metade do século XIX tenha havido um esforço por parte do governo uruguaio para deter o avanço do português, originando uma situação de diglossia (BEHARES, 2007), o português permanece presente no território uruguaio, nas faixas próximas à fronteira com o Brasil.

Elizaincín, Behares e Barrios (1987), pioneiros na descrição gramatical dessa variedade, reconhecem a presença de características próprias no português uruguaio,¹ mas analisam-no em termos de traços morfossintáticos classificados como *tendência ao português* e *tendência ao espanhol*, evidenciando a concepção de “mescla”. Mais recentemente, Carvalho (2003, p. 133) rejeita esse tratamento e define o PU como “[...] um dialeto do português de características rurais que sofre influências do espanhol”, cuja variabilidade deve-se ao fato de que qualquer sistema linguístico está sujeito a variação, condicionada por fatores linguísticos, sociais e estilísticos. Para Carvalho (2003), o português falado no Uruguai oscila em um contínuo entre o português brasileiro urbano e o português uruguaio rural.² Além disso, a maioria dos falantes são bilíngues português/espanhol (CARVALHO, 2003; PACHECO, 2013).

A existência de uma variedade do português falada como língua materna por uruguaios bilíngues tem fomentado pesquisas em que se investiga a presença de características sintáticas do português brasileiro no português uruguaio, bem como as possíveis influências da pressão do espanhol sobre a gramática do PU. Os resultados dessas investigações (BOTTARO, 2009; MUNIZ, 2017; GASQUE DE SOUZA; CHAVES; SIMIONI, 2018) têm evidenciado diferenças consideráveis entre PU e PB no que diz respeito à sintaxe, que apontam para línguas-I distintas. Ao mesmo tempo, trabalhos como o de Carvalho e Bessett (2015), que analisa a expressão do sujeito pronominal na fala de bilíngues PU/espanhol, mostram que, contrariando as expectativas, não parece haver convergência entre as gramáticas dessas duas línguas. Esses resultados, tomados em conjunto, levam à conclusão de que o PU é um sistema independente.

Nesse cenário, este artigo discute a realização de sujeitos e objetos pronominais no PU. A seleção desses tópicos dá-se em função de serem pontos em que as gramáticas do PB e do espanhol se distanciam. Interessa-nos descrever a gramática do PU, oferecendo pontos de comparação com o PB e, na medida do possível, com o espanhol.³ Além disso, esperamos, com os resultados desta investigação, corroborar os achados mencionados acima, contribuindo para a caracterização do PU como uma língua-I com características próprias, distinta tanto do PB quanto do espanhol.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa, analisamos os dados do *corpus* do projeto *Rumo a uma gramática do português uruguaio*, desenvolvido na Universidade Federal do Pampa (campus Jaguarão). O *corpus*, em fase de constituição, está composto atualmente por entrevistas realizadas com quatro informantes residentes em Rio Branco e oriundos de Poblado Uruguay, um pequeno povoado rural

¹ Os autores referem-se a essa variedade como *Dialectos portugueses en Uruguay* (DPU), terminologia que reflete o reconhecimento de sua base portuguesa.

² De modo geral, falantes de zonas mais urbanas tendem ao português brasileiro urbano, enquanto falantes de zonas rurais tendem ao português uruguaio rural.

³ A comparação com o espanhol será feita a partir da literatura. Buscar-se-ão dados do espanhol uruguaio; na ausência destes, consideraremos também dados do espanhol rio-platense.

localizado no departamento de Cerro Largo, a 76km de Melo (capital do departamento) e 30km de Jaguarão/RS. Segundo dados do último Censo, Poblado Uruguay conta com aproximadamente 100 habitantes (URUGUAY, 2011).

Os informantes têm entre 37 e 83 anos, cresceram no meio rural, têm escolaridade entre o 1º ano incompleto e o 6º ano e são bilíngues. As entrevistas envolvem diálogo entre informante e documentador e são semiestruturadas, versando tipicamente sobre aspectos da vida dos informantes, como lembranças da infância, vida no campo e na fronteira, experiências de escolarização, rotina familiar. Também são tema da entrevista a língua falada no seio da família e na comunidade, de modo a garantir que todos os informantes tenham o português como língua materna e avaliar suas atitudes em relação ao *brasileiro* e ao *uruguayo*. Os resultados são apresentados a seguir.

3 SUJEITOS PRONOMINAIS

Talvez uma das diferenças mais significativas entre PB e espanhol diga respeito ao preenchimento de sujeitos pronominais: enquanto as diferentes variedades diatópicas do espanhol apresentam um índice de sujeitos pronominais preenchidos em torno de 30%,⁴ no PB os resultados das pesquisas giram em torno da casa dos 70%.⁵ Não há muitos dados em relação ao preenchimento de sujeitos pronominais no espanhol uruguaio; Carvalho e Bessett (2015), investigando o espanhol falado por bilíngues na cidade fronteira de Rivera, encontraram uma taxa de 25% de sujeitos preenchidos; Muniz (2017), em levantamento feito com monolíngues da cidade fronteira de Rio Branco, encontrou 32% de preenchimento.

Bottaro (2009) e Carvalho e Bessett (2015), analisando o PU falado em Rivera, encontraram, respectivamente, 47% e 46% de sujeitos preenchidos. No *corpus* sob análise, encontramos taxas semelhantes: 50% de sujeitos nulos referenciais.⁶ À luz desses resultados, Chaves, Souza e Simioni (2018) mostram que o PU tem propriedades compatíveis com línguas de sujeito nulo e não conta com estruturas inovadoras do PB cujo surgimento tem sido atribuído à mudança em direção a um sistema não *pro-drop* por autores como Kato e Duarte (2017), como o preenchimento de sujeitos não referenciais via alçamento de constituintes e estruturas de redobro pronominal do sujeito.

O rol dos pronomes sujeito do PU apresenta seis formas, como ilustra o Quadro 1:

	singular	plural
1ª	eu	nós
2ª	tu	vocês
3ª	ele/ela	eles/elas

Quadro 1: Pronomes sujeito no PU

Fonte: elaboração própria

⁴ Dados apresentados por Duarte e Silva (2016) apontam 76% de sujeitos pronominais nulos no espanhol europeu e 68% no espanhol argentino, enquanto Carvalho e Bessett (2015) apontam 21% de sujeitos preenchidos no espanhol de Madrid e 29% no espanhol argentino. Carvalho (2016) indica taxas de preenchimento para as diferentes variedades diatópicas do espanhol entre 19% e 45%.

⁵ 78% em Berlinck, Duarte e Oliveira (2015), 71% em Duarte e Silva (2016).

⁶ Foram excluídas da análise ocorrências de sujeitos nulos com verbos no imperativo e em orações coordenadas com sujeitos correferenciais, bem como expressões cristalizadas e/ou formas verbais que funcionam como marcadores discursivos, como *viste?*.

Os pronomes de terceira pessoa manifestam-se exclusivamente nas formas portuguesas, e também não foram encontradas as formas *vos*, *ustedes* e *nosotros*, do espanhol. Por outro lado, não foram encontradas nos dados do PU as formas pronominais brasileiras *você* e *a gente*,⁷ cujo surgimento tem sido apontado como a causa da mudança do PB de uma língua *pro-drop* em direção a uma língua não *pro-drop*, devido à consequente redução no paradigma flexional (ver Quadro 2).

A esse quadro pronominal associa-se um paradigma flexional rico, com cinco distinções, explicitado no Quadro 2, abaixo, em que também se apresentam os paradigmas do PB e do espanhol uruguaio, para comparação:

		PU	PB	EU
singular	1ª	canto	canto	canto
	2ª	cantas	canta	cantás
	3ª	canta	canta	canta
plural	1ª	cantamo/-emo	canta	cantamos
	2ª	cantam	canta(m)	cantan
	3ª	cantam	canta(m)	cantan

Quadro 2: Paradigma flexional: português uruguaio, português brasileiro e espanhol uruguaio

Fonte: elaboração própria

O quadro mostra que os paradigmas do português uruguaio e do espanhol uruguaio se assemelham, por apresentarem apenas um sincretismo cada um, enquanto o paradigma do PB apresenta três ou até mesmo duas distinções (COSTA; FIGUEIREDO SILVA, 2006; DUARTE; SILVA, 2016).⁸ Mas, se a presença de múltiplos sincretismos no paradigma do PB, fruto das mudanças no paradigma pronominal, vem sendo relacionada à passagem de um sistema *pro-drop* para um sistema não *pro-drop*, a comparação entre os paradigmas de PU e espanhol não é suficiente para explicar a diferença quantitativa de sujeitos nulos numa e noutra língua.

Cabe salientar, a esse respeito, que a concordância entre sujeito e verbo no PU é variável, como ilustra o exemplo (1).

- (1) Nós **ia, voltávamo**, quando **quiria volvia** pras casa e depois **terminamo** que nos **casemo**.

Ainda sobre o paradigma flexional, chama a atenção a presença produtiva de infinitivos flexionados nos dados do *corpus*, contrariando os resultados apontados por Elizaincín, Behares e Barrios (1987):

- (2) a. Quando vem o carnaval que vem as escolas de samba **dançarem** aqui...
b. Digo: "mãe, vai, escarva e arranca uma de cada pé" pa **irmo** comendo porque às vez não havia as cosa, viste?

Os dados confirmam a tendência detectada em Muniz (2017) de uma preferência de preenchimento para a 1ª pessoa do singular e predominância de nulos especialmente na 1ª pessoa do plural, como mostram os exemplos a seguir. Essa tendência difere do PB, em que, embora haja altos índices de preenchimento pronominal para todas as pessoas (acima de 70%), a primeira pessoa, especialmente

⁷ A forma *a gente* é empregada, mas apenas com sentido impessoal/genérico, como veremos adiante.

⁸ Um parecerista anônimo questiona a exclusão da desinência de 1ª pessoa do plural *-mos* no PB, que ainda continuaria sendo usada em algumas regiões. Enquanto é possível que haja alguma manutenção do pronome *nós* e do paradigma verbal a ele associado, especialmente através da escolarização, seguimos aqui diversos estudos, como os mencionados, que apontam uma grande preferência pela forma *a gente* associada à 3ª pessoa do singular, assim como também o emprego de *nós* com o paradigma verbal da 3ª pessoa do singular.

do singular, é a que mais favorece o uso de nulos (BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2015; DUARTE; SILVA, 2016).

- (3) **Eu** plantava, **eu** fazia tudo isso, **eu** arava, **eu** plantava, **eu** recoía boniato...
- (4) ___ Brincávamo com materias que ___ construía em casa, com tampinhas de botella, de plástico... Esses plástico ___ formávamo nossos brinquedo.

O exemplo (3) mostra que o preenchimento da 1ª pessoa do singular ocorre mesmo num contexto sintático de coordenação de orações com sujeitos correferenciais, que favoreceria o aparecimento de sujeitos nulos. Já o exemplo (4) permite perceber que o PU apresenta sujeitos nulos em contextos sintáticos que favorecem fortemente o preenchimento no PB, como relativas e estruturas com tópico marcado (GASQUE DE SOUZA; CHAVES; SIMIONI, 2018).

3.1 SUJEITOS REFERENCIAIS

Interessa particularmente o comportamento dos sujeitos pronominais de terceira pessoa: no PU, diferente do PB, apenas referentes [+humanos] podem ser retomados por um pronome (embora, como ilustra (5b), possam ser retomados também por nulos); referentes [+animados, -humanos] (6a) e referentes [-animados] (6b) são retomados sistematicamente por sujeito nulo:

- (5) a. **Ela** era minha professora. **Ela** sempre foi muito amiga minha. [...] E do meu irmão maior também, que o dia que **ele** saiu da escola... O dia da festa **ela** chorava como uma loca.
b. Um dia ___ me deu uma paliza de vara porque ___ me mandô carpí a cebola.
- (6) a. Tempo de crescente, que as vaca se iam po mato, viste? As velha se agarravam com os animal, *os ternero* berrando, aí ___ se atiravam a nado.
b. [...] aquela pezunhinha lá de vaca se dimanchava em *vários pedazo de osso*. Entonci ___ era as vaca.
c. *Uma carroça com cavalo*. Entonci ___ vinha e levavam os surtidos pra um mês.

Esse traço separa claramente o PB, de um lado, do PU e do espanhol, pois enquanto nos últimos os sujeitos inanimados são categoricamente nulos,⁹ no PB podem ser retomados tanto por nulos quanto por pronomes. Segundo Duarte e Silva (2016), o PB mostra preferência pelo preenchimento de sujeitos [+humanos] em todos os contextos sintáticos, quer o antecedente esteja sintaticamente acessível ou não; além disso, quanto mais referencial for o sujeito ([+humano, +específico]), maior a probabilidade de preenchimento. Ainda assim, Berlinck, Duarte e Oliveira (2015) encontram 54% de preenchimento com sujeitos [-humanos, -animados].

Digno de nota, também, é o fato de serem raras no PU ocorrências como (7), com preenchimento de sujeitos correferenciais:

- (7) Depois que **eu** embrabava com ele **eu** les dava uns tapa.

Novamente, tem-se uma diferença importante entre PU e PB. Duarte e Silva (2016) mostram que no PB há uma leve preferência pelo uso de nulos em sujeitos de orações encaixadas cujo antecedente é o sujeito da matriz, ou seja, quando há uma relação de c-comando. Também Berlinck, Duarte e Oliveira (2015) encontram, nesses casos, uma taxa de 68% de sujeitos preenchidos.

3.2 SUJEITOS DE REFERÊNCIA ARBITRÁRIA

Os sujeitos de referência indeterminada são expressos preferencialmente pela 3ª pessoa do plural com sujeito nulo (8), como no PB, mas é frequente também a forma *um* impessoal (9), usada no espanhol:

⁹ Conforme Duarte e Silva (2016) para o espanhol peninsular, porto-riquenho e argentino, Muniz (2017) para o espanhol uruguaio e Carvalho (2016) para o espanhol uruguaio falado por bilíngues PU/espanhol.

- (8) Não existia essas coisa que ___ botam agora, não.
- (9) a. **Um** sentava pra jantar na mesa e deus nos livre que **um** fosse dar uma palavra.
 b. Os estranho são muito melhor que muitos da gente **dum**. Porque as vez **um** diz "ah, tudo bom, tudo", pero os estranho, bah! É muito meió.

Usam-se também, em menor proporção, a 3ª pessoa do singular acompanhada de *se*, a forma *a gente*, o pronome *tu* e, muito raramente, o verbo na 3ª pessoa do singular:

- (10) Desse feijão miúdo que não **se** vê mais agora?
- (11) Tem que sê, não hay que dá pelota como **a gente** hoje dá pelota pa isso, paquilo, não.
- (12) Esse tempo era... **tu** tinha uma maestra só.
- (13) O que ___ **usava** era uma tal de... Uma fazenda que se chamava pelúcia.

Especificamente em relação às formas *a gente* e *nós*, nota-se uma especialização nos dados do *corpus*: *nós* é a forma pronominal de 1ª pessoa do plural (eu + outrem), enquanto *a gente* emprega-se com valor indeterminado/genérico, observação que corrobora os achados de Elizaincín (1992) e Bottaro (2009). Pacheco (2014) reporta a presença de *a gente* com referência à 1ª pessoa do plural no português uruguaio de Aceguá, mas em menor proporção do que *nós*; segundo a autora, trata-se de uma forma inovadora, favorecida por falantes mais jovens.

Vê-se, portanto, que o comportamento dos sujeitos pronominais no PU guarda diferenças consideráveis com o PB e, ao mesmo tempo, não reflete um sistema igual ao do espanhol. Na próxima seção, veremos que esse é o caso também em relação ao preenchimento dos objetos pronominais.

4 OBJETOS PRONOMINAIS

Os dados do *corpus* revelam que os objetos podem ser realizados como clíticos (55%), como nulos (37%) ou, ainda, como pronomes retos (8%):

- (14) *A galleta dura que chamavam de campaña*, **la** comíamos um mês igual.
- (15) Os que iam a *cavalo* soltavam ___ no piquetezinho.
- (16) *A minha mãe* primero fui casada cum um matrimônio [...] e depois ele dexô **ela**.

Observa-se no PU um uso produtivo do clítico de 1ª pessoa do plural, tanto em função acusativa quanto dativa:

- (17) a. Quando era criança que tinha treis ano o meu pai **nos** abandonô
 b. ele foi quem **nos** conseguiu todo esse trabaio

Por outro lado, como evidenciam os números, são pouquíssimas as ocorrências de pronomes retos em posição de objeto. Além disso, em todos os casos observados no *corpus*, trata-se de pronomes de 3ª pessoa cujos referentes são [+humanos]; como veremos na seção 4.1, esse é mais um traço que diferencia PU e PB:

- (18) a. Eu entrevero **elas**. [= duas irmãs]
 b. E os uruguayos também tratam muito bem **eles** quando eles vierem aqui. [= os brasileiros]

Também, ao contrário do PB, em que os clíticos de 3ª pessoa foram majoritariamente substituídos pelas formas retas ou por nulos

(NUNES, 1996; PAGOTTO, 1996), no PU esses clíticos ainda são produtivos.¹⁰ Cumpre observar que as formas acusativas encontradas no *corpus* são exclusivamente as espanholas (*lo(s)*, *la(s)*),¹¹ enquanto os clíticos dativos alternam as formas brasileira *lhe(s)* e espanhola *le(s)*:

- (19) a. E ali a mamãe **les** deixava a farinha, **la** ensinava, ela fazia massa
 b. **Lhe** fazia tudo, tudo nas mão
 c. A carretel de linha **lo** partia ao meio e fazia o recado

A presença de formas espanholas para os clíticos acusativos, assim como a presença de formas brasileiras e espanholas para os clíticos dativos, pode remeter à concepção do português uruguaio como uma “mescla”. Em relação a isso, é preciso considerar que a presença de empréstimos do espanhol é esperada devido à situação de contato. Nesse sentido, Carvalho (2003, p. 126) argumenta que a interferência do espanhol sobre o PU se dá “[...] sobretudo a nível lexical”, afirmando que, como em “[...] outras situações de contato de línguas, a sintaxe, a morfologia, e a fonologia do português uruguaio também são mais resistentes à influência do espanhol, enquanto seu léxico é mais permeável” (CARVALHO, 2003, p. 131). A autora mostra que há vários tipos de transferências lexicais; entre eles estão os chamados empréstimos esporádicos, ou seja, empréstimos mais generalizados e menos frequentes, em relação aos quais pode-se, por vezes, detectar instabilidade (como ocorre com os clíticos dativos de 3ª pessoa) – ainda que, como aponta Carvalho (2003), palavras gramaticais sejam emprestadas com menos frequência.

Além disso, essa tendência à manutenção da sintaxe, morfologia e fonologia das línguas em situação de contato fornece uma hipótese sobre a presença dos clíticos acusativos de 3ª pessoa no português uruguaio. Nunes (1996) defende que o desaparecimento dos clíticos acusativos de 3ª pessoa no português brasileiro se deve à mudança na direção de cliticização do PB (de enclítico para proclítico) na passagem do século XIX para o século XX, com a qual, segundo o autor, os clíticos acusativos de 3ª pessoa ficam sem licenciamento do *onset* silábico.¹² A partir disso, pode-se imaginar que as formas clíticas espanholas sejam emprestadas por terem características fonológicas que se adequam à pauta do português. Desse modo, o PU seguiria empregando clíticos acusativos de 3ª pessoa, diferentemente do PB.

4.1 RETOMADA ANAFÓRICA

A retomada de objetos anafóricos no PU é determinada pelo antecedente: antecedentes inanimados podem ser retomados por clíticos ou nulos, mas não por pronomes retos, ao passo que antecedentes humanos podem ser retomados por clíticos ou pronomes retos, mas não por nulos:

- (20) a. De antes me lembro quando nós éramo soltera, loca por uma diversão, por *um baile*, que sempre faziam ____ no fim de ano.
 b. E **le** viu uma ropinha como bombacha [= no boneco]
- (21) a. e foi lá perto de Melo trazê-**la** nessa carroça. Reoiê **ela** com os fio pa trazê-**la**. [= a mãe]
 b. porque depois que eu embrabava com ele eu **les** dava uns tapa, **les** botava de castigo, chamava **eles** tudo “plata, vayan a comprar algo al almacén!” [= os netos]

No PB, objetos nulos são favorecidos por antecedentes indefinidos/não específicos ou inanimados, mas com antecedentes animados, a tendência é de preenchimento – por clíticos, na fala culta mais monitorada, e por pronomes retos, na fala mais coloquial (CYRINO; NUNES; PAGOTTO, 2015). Crucialmente, no caso do PB, trata-se de uma tendência, ou seja, pode haver objetos nulos

¹⁰ Uma hipótese a ser confirmada mediante ampliação do *corpus* diz respeito ao uso de clíticos de terceira pessoa por falantes mais velhos, uma vez que a informante mais jovem (37 anos) não os emprega, preferindo retomadas anafóricas com nulos.

¹¹ Nossos dados vão de encontro a Elizaincín, Behares e Barrios (1987), que não encontram clíticos acusativos de 3ª pessoa (nem formas espanholas, nem formas portuguesas) em seu *corpus*.

¹² Para mais detalhes, ver Nunes (1996).

com antecedentes animados e definidos/específicos, assim como pode haver retomada por pronome reto com antecedentes inanimados. No caso do PU, os dados evidenciam uma especialização de formas relacionada ao traço [+/-humano] do referente, de modo que antecedentes [+humanos] não são retomados por nulos, e antecedentes [-animados] não são retomados por pronomes retos. No espanhol, de modo geral, o uso de pronomes retos em posição de objeto não ocorre,¹³ e a possibilidade de objetos nulos é bem mais restrita do que no PB (CYRINO, 2016).

4.2 COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS

É sabido que a posição dos clíticos no PB é predominantemente proclítica com verbos simples e proclítica ao verbo principal em locuções verbais (PAGOTTO, 1996; PETROLINI JUNIOR., 2014). No espanhol, a colocação pronominal responde à forma verbal: com verbos simples, ocorre próclise com verbos no indicativo, subjuntivo e imperativo negativo e ênclise com gerúndio, particípio e imperativos afirmativos (PETROLINI JUNIOR., 2014; RAE, 2014).

A colocação com formas verbais simples nos dados do PU apresenta próclise categórica a verbos flexionados,¹⁴ como mostram os exemplos (14), (17) e (19) acima, ou seja, comportamento análogo ao do PB. Contudo, a observação dos padrões de colocação com as demais formas verbais evidencia um sistema distinto tanto do PB quanto do espanhol: embora haja poucas ocorrências no *corpus*, tem-se ênclise categórica com imperativos (22) e próclise categórica com gerúndios (23). Já os clíticos que acompanham infinitivos podem variar de posição, com leve predomínio de ênclise (24, 25):

- (22) a. Imaginate **te**.
b. Vaite daqui.
- (23) Tudo mundo **me** abraçando, **me** beijando.
- (24) a. [um tio meu] foi lá perto de Melo trazê-**la** nessa carroça.
b. Ai, como é o nome, eu tenho que dizerte o nome!
- (25) a. E se vinha um moço **te** convidá pa dançá e tu dizia que não, deus nos livre e guarde!
b. Não sei nem **te** explicá.

Em sequências verbais, a colocação dos clíticos no PB é sistematicamente em próclise ao verbo principal (PAGOTTO, 1996; PETROLINI JUNIOR., 2014). No caso do espanhol, com perífrases verbais o clítico pode permanecer enclítico ao verbo principal infinitivo ou gerúndio, bem como anteceder o verbo principal; com sequências verbais não perifrásticas, o clítico tende a acompanhar o verbo que o seleciona (PETROLINI JUNIOR., 2014), mas pode ocorrer subida de clíticos com verbos de reestruturação (ZAGONA, 2002; RAE, 2014).

Nos dados do *corpus*, a subida de clíticos é categórica com locuções verbais (26),¹⁵ ocorrendo também com clíticos em função de sujeito com verbos causativos (27), como no PB:¹⁶

- (26) a. pero todo mundo **me** vem saludá porque me conhecem
b. porque **me** tenho relacionado com gente que tá bem
c. foi e falou o meu pai que **le** tinham dito que eu criava todo meus irmão e que eu fazia tudo
d. Nós brincávamo assim ó, eu **te** vô dizê

¹³ Muniz (2017), em seu levantamento com dados do espanhol de Rio Branco, não encontra ocorrências desse tipo com nenhuma pessoa gramatical.

¹⁴ Há apenas duas exceções em todo o *corpus*:

(i) faziale tudo, pero não sei por que era assim.
(ii) Eu não sei como não quebrele a mão.

¹⁵ Madeira (2018) mostra que também ocorre subida de clítico nesses contextos nos dados de Bottaro (2009).

¹⁶ A subida do clítico, nesses casos, é obrigatória no português (RAPOSO, 2013).

- e. Agora quem **se** vai animá a entrá no mato?
 (27) a. A minha mãe não **me** deixava ir
 b. Se **me** mandam planchá ropa o **me** mandam fazê algo, que faço eu?

Há também um único caso de subida de clítico em sequências não perifrásticas:¹⁷

- (28) Então pedimo aí na junta si **le** mandavam acomodá.

Por fim, o PU apresenta redobro de clíticos, fenômeno característico da língua espanhola (FANJUL, 2014). No entanto, assim como a subida de clíticos, o redobro parece ser mais restrito do que no espanhol: na maioria dos casos, o elemento dobrado é um pronome reto, mas também ocorrem no *corpus* casos de redobro de SNs.

- (29) a. Entonci **nos** favorece **a nós**.
 b. **Me** dá a impressão **a mi** que a gente brasileira é mais [amável].
 c. Um dia houve um baile na escola e **le** disseram **pra ela** assim: “Cinchá la cisterna, cinchá la cisterna!”
 (30) [a maestra] veio e **le** pediu **o meu pai**, foi e falou o meu pai que le tinham dito que eu criava todo meus irmão

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados evidenciam que a gramática do PU e a gramática do PB são distintas, ao menos no que diz respeito ao preenchimento do sujeito e do objeto pronominais. Em relação ao preenchimento de sujeito, o PU parece estar no meio do caminho entre o espanhol, língua de sujeito nulo, e o PB, que apresenta clara tendência não *pro-drop*. Ainda que os paradigmas flexionais de PU e espanhol uruguaio sejam muito semelhantes, apresentando apenas um sincretismo, entre 2ª e 3ª pessoas do plural, e que o PU apresente características compatíveis com línguas de sujeito nulo, as taxas de preenchimento pronominal dos sujeitos são consideravelmente mais elevadas no PU do que nessas línguas.

Em relação à posição de objeto, chamam a atenção o fato de o PU contar com um sistema produtivo de clíticos de 3ª pessoa e as “restrições de humanidade” que regulam a retomada anafórica – outro ponto de divergência em relação ao PB. É digno de nota o fato de que tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto os pronomes retos de 3ª pessoa são empregados apenas com referentes [+humanos]; trata-se, portanto, de um sistema de pronomes fortes, diferente do PB, que tem um sistema de pronomes fracos homófonos (cf. Kato, 1999). Na posição de objeto, referentes inanimados são retomados preferencialmente com nulos, enquanto sujeitos de referência arbitrária são sempre nulos. Os clíticos parecem ter uma maior flexibilidade quanto à referência, podendo retomar tanto referentes animados quanto inanimados. Também a sintaxe da colocação não corresponde à do PB, tampouco à do espanhol, ainda que ocorram construções tipicamente associadas ao espanhol, como a subida e o redobro de clíticos.

Conclui-se, portanto, que há diferenças significativas entre as gramáticas de PU e PB, corroborando a hipótese de que o PU constitui um sistema gramatical independente, diferente tanto do PB quanto do espanhol. Nesse sentido, faz-se necessário investigar os fatores condicionantes da realização do sujeito como nulo ou pronome, bem como os fatores condicionantes da escolha entre clítico e pronome reto, no caso dos referentes [+humanos], e entre clítico e nulo, no caso dos referentes [-humanos], além da própria natureza do objeto nulo. Esses serão os próximos passos de nossa investigação.

REFERÊNCIAS

BEHARES, L. Portugués del Uruguay y educación fronteriza. In: BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (org.) *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: ANEP, 2007. p. 99-171.

¹⁷ Note-se que, embora o verbo matriz seja causativo, o clítico *le* não é sujeito, mas sim objeto de *acomodar*.

- BERLINCK, R.; DUARTE, M. E.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (org.). *A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 81-149.
- BOTTARO, S. *O sujeito pronominal no português uruguaio da região fronteira Brasil-Uruguai*. 2009. 217 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Línguas Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CARVALHO, A. M. Rumo a uma definição do português uruguaio. *RILL*, v. 1, n. 2, p. 125-149, 2003.
- CARVALHO, A.; BESSETT, R. Subject pronoun expression in Spanish in contact with Portuguese. In: CARVALHO, A.; OROZCO, R.; SHIN, N. (org.). *Subject pronoun expression in Spanish*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2015. p. 143-166.
- COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. In: _____. (org.). *Studies on agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 25-46.
- CYRINO, S. The null object in Romania Nova. In: KATO, M.; ORDÓÑEZ, F. (org.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. New York: Oxford University Press, 2016. p. 177-203.
- CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (org.). *A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 37-80.
- DUARTE, M. E.; SILVA, H. S. Microparametric variation in Spanish and Portuguese. In: KATO, M.; ORDÓÑEZ, F. (org.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. New York: Oxford University Press, 2016. p. 1-26.
- ELIZAINCÍN, A. *Algunas precisiones sobre los dialectos portugueses en el Uruguay*. Montevideo: Udelar, 1979.
- _____. Análisis de la variabilidad de los DPU. In: _____. *Dialectos en contacto*. Montevideo: Arca, 1992. p. 95-156.
- ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. *Nos falemo brasileiro: Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.
- FANJUL, A. P. Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (org.). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola, 2014. p. 29-50.
- GASQUE DE SOUZA, K.; CHAVES, L.; SIMIONI, L. Sujeitos nulos no português uruguaio. *PAPIA*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 7-24, 2018.
- KATO, M. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS*, v. 11, n. 1, p. 1-37, 1999.
- KATO, M.; DUARTE, M. E. O sujeito no português brasileiro e sua tipologia. In: PILATI, E.; SALLES, H.; NAVES, R. (org.). *Novos olhares para a gramática do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2017. p. 13-42.
- MADEIRA, M. "Eu te vou dizê" como é a colocação dos clíticos no português uruguaio. 2018. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e suas respectivas Literaturas) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2018.
- MUNIZ, S. "Nas casa sempre em brasileiro": o preenchimento de sujeitos e objetos no PU de Poblado Uruguay. 2017. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e suas respectivas Literaturas) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017.

NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 207-222.

PACHECO, C. Primeiras reflexões sobre o português fronteiriço de Aceguá. In: CARDOSO, C. R. et al. (org.). *Variação linguística: contato de línguas e educação*. Campinas: Pontes, 2013. p.187-207.

PAGOTTO, E. G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 223-261.

PETROLINI JUNIOR, C. D. Colocação dos pronomes clíticos. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (org.). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola, 2014. p. 51-71.

RAE. *Nueva gramática de la lengua española. Manual*. 4. ed. Buenos Aires: Espasa, 2014.

RAPOSO, E. P. *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

URUGUAY. Instituto Nacional de Estadística. *Censo Demográfico*. 2011. Disponível em: <http://www.inecub.uy/censos-2011>. Acesso em: 24 mar. 2018.

ZAGONA, K. *The syntax of Spanish*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.



Recebido em 21/09/2018. Aceito em 18/12/2018.